

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – TEORIA LITERÁRIA**

**ARRABALDE E UNIVERSO: PERCURSOS DA NOÇÃO DE  
LINGUAGEM EM JORGE LUIS BORGES**

**SANTO GABRIEL VACCARO**

Florianópolis, março de 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – TEORIA LITERÁRIA**

**ARRABALDE E UNIVERSO: PERCURSOS DA NOÇÃO DE  
LINGUAGEM EM JORGE LUIS BORGES**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de **Mestre em Literatura**, área de concentração, Teoria Literária.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Liliana Reales

**SANTO GABRIEL VACCARO**

Florianópolis, março de 2009

A minha família e amigos

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

A Lorenzo e a Cristina pelo amor e amizade.

A meus pais pelo carinho e apoio incondicional.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliana Reales pela orientação desta pesquisa e pelos bons conselhos.

Aos amigos do curso, e aos que desde muito longe no mapa e desde muito perto no coração acreditaram em mim.

Aos professores e funcionários do curso de Pós-Graduação em Letras.

Aos funcionários da Biblioteca de la Universidad Nacional de La Plata.

Aos estudantes de La Plata

Ao CNPq por viabilizar esta pesquisa.

*¿Qué tipo de sentencia (me pregunté) construirá una mente absoluta? Consideré que aun en los lenguajes humanos no hay proposición que no implique el universo entero; decir el tigre es decir los tigres que lo engendraron, los ciervos y tortugas que devoró, el pasto de que se alimentaron los ciervos, la tierra que fue madre del pasto, el cielo que dio luz a la tierra. Consideré que en el lenguaje de un dios toda palabra enunciaría esa infinita concatenación de los hechos, y no de un modo implícito, sino explícito, y no de un modo progresivo, sino inmediato. Con el tiempo, la noción de una sentencia divina parecióme pueril o blasfematoria. Un dios, reflexioné, sólo debe decir una palabra y en esa palabra la plenitud. Ninguna voz articulada por él puede ser inferior al universo o menos que la suma del tiempo. Sombras o simulacros de esa voz que equivale a un lenguaje y a cuanto puede comprender un lenguaje son las ambiciosas y pobres voces humanas, todo, mundo, universo.*

(JLB, “La escritura del dios”, 1949)

## SUMÁRIO

Resumo .....	7
Resumen .....	8
Abstract.....	9
 <b>INTRODUÇÃO</b> .....	 10
 <b>CAPÍTULO I - BORGES E SEUS TEXTOS INAUGURAIS</b> .....	 14
1.1 Os primeiros passos na escrita borgeana .....	14
1.2 Primeiros e últimos passos vanguardistas na Argentina.....	24
1.3 O <i>criollismo</i> borgeano: vanguardista e ortodoxo .....	32
1.4 A construção de uma mitologia marginal.....	43
 <b>CAPÍTULO II - A PRIMEIRA FASE DA ESCRITA DE JORGE LUIS BORGES</b> .....	 53
2.1 A linguagem na primeira etapa da escrita borgeana.....	54
2.2 O <i>criollismo</i> universal borgeano dos anos de 1925 a 1928 .....	64
2.3 Aproximações entre as duas etapas da escrita borgeana .....	89
 <b>CAPÍTULO III - OS ESCRITOS BORGEANOS POSTERIORES A 1930</b> .....	 93
3.1 Uma breve introdução ao estudo da linguagem.....	93
3.2 Borges: entre o lingüista e o filósofo.....	102
3.3 Borges e o olhar universal .....	112
3.4 A linguagem e a desconfiança borgeana .....	135
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	 150
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	 157

## **RESUMO:**

Neste trabalho se explora a visão sobre a linguagem em alguns textos de Jorge Luis Borges em três períodos de escrita, os textos iniciais (1918-1925), os textos da sua primeira etapa (1925-1928) e os da segunda etapa (posteriores a 1930). Nestas etapas são identificados e comparados os elementos que caracterizam a tematização da linguagem. Assim, a escrita borgeana é analisada na sua profunda reflexão sobre as diversas temáticas lingüísticas e filosóficas que envolvem o estudo da linguagem, desde a análise da língua espanhola e de uma postura regionalista até as considerações universalistas que abordam a relação entre linguagem e realidade, bem como a partir de óticas convencionalistas e naturalistas que vêem na linguagem um sistema de signos arbitrários ou relacionados com as coisas às quais as palavras se referem.

## **RESUMEN**

En este trabajo se explora la visión sobre el lenguaje en algunos textos de Jorge Luis Borges en tres períodos de escritura, los textos iniciales (1918-1925), los textos de su primera etapa (1925-1928) y los de la segunda etapa (posteriores a 1930). En estas etapas son identificados y comparados los elementos que caracterizan la temática del lenguaje. Así, la escritura borgeana es analizada en su profunda reflexión sobre las diversas temáticas lingüísticas y filosóficas que conciernen al estudio del lenguaje, desde el análisis de la lengua española y de una postura regionalista hasta las consideraciones universalistas que abordan la relación entre lenguaje y realidad, así como a partir de ópticas convencionalistas y naturalistas que ven en el lenguaje un sistema de signos arbitrarios o relacionados con las cosas a las cuales las palabras se refieren.



## **ABSTRAC**

This dissertation explores Jorge Luis Borges' view on language in his texts produced in three periods; beginning texts (1918-1925), texts from the first period (1925-1928) and texts from the second period (after 1930). Identification and comparison of elements that characterize the language theme during these periods are carried out. Thus, Borgean writings are analyzed considering the deep reflection on several linguistic and philosophical themes that encompass language studies. The analysis starts with a Spanish language analysis from a regional point of view, then moves to more universal considerations which deal with the relation between language and reality. Finally, conventional and naturalist points of view which see language as an arbitrary sign system related to things referred by words are explored.

## INTRODUÇÃO

A singularidade na escrita de Jorge Luis Borges pode ser entendida como o produto de um processo que se inicia nas primeiras décadas de 1900, quando o autor tem contato, em sua estadia em Genebra, com os pensamentos de, entre outros filósofos, Fritz Mauthner e sua crítica da linguagem, na sua fugaz passagem pelo “ultraísmo” espanhol e nas suas primeiras experiências no campo literário portenho, já na década de 20, onde procura um espaço próprio no âmbito das letras argentinas.

Nos primeiros anos de escrita do autor argentino, de 1918 a 1928, podem ser observados estilos muito diversos, desde textos claramente regionalistas e localistas até escritos filosóficos e de caráter universal que se identificariam com a textualidade do Borges maduro das décadas seguintes ao ano de 1930.

Neste sentido, o presente estudo divide a textualidade do autor argentino em três períodos de produção escrita: os textos iniciais, dos anos 1918-1925; a primeira etapa de escrita borgeana, dos anos 1925-1928; e a segunda etapa de escrita, que abarca os textos posteriores ao ano de 1930.

De modo geral, este trabalho pretende exhibir uma reflexão sobre a gestação e o desenvolvimento ou evolução da reflexão sobre a linguagem nesses três períodos de escrita em Jorge Luis Borges. Assim, as diversas particularidades que repousam nessa reflexão conformam uma base de conhecimentos que permitirão, em um momento posterior ao presente trabalho, realizar um estudo em forma de tese no qual o enfoque sobre a temática da linguagem em Borges já não é um panorama do assunto abordado, como na presente dissertação, mas um estudo aprofundado sobre o caráter filosófico e ontológico da visão borgeana sobre a linguagem.

A partir de uma abordagem mais específica e sobre os três períodos podem ser indicados os seguintes objetivos traçados nesta dissertação.

Os textos iniciais (1918 a 1925) são estudados com a finalidade de verificar em que medida podem ser localizadas, na escrita borgeana do período, referências específicas ao tratamento ficcional da problemática da análise da linguagem.

A primeira fase da escrita borgeana (1925 a 1928) é estudada como o objetivo de identificar traços, na produção escrita do autor argentino, que se vinculem à produção de textos caracterizados por elementos regionalistas, mas também pela reflexão filosófica e

lingüística sobre a linguagem, peculiaridade que acompanhará a textualidade borgeana das décadas posteriores.

Finalmente, os textos produzidos a partir de 1930 até os últimos escritos de Borges, enquadrados na segunda fase da escrita do autor argentino, são aqui enfocados com o objetivo de explicitar a forma como Borges concebe a “linguagem” neste período: sua identificação com os caracteres universais das línguas, seus argumentos filosóficos, sua descrença na linguagem como meio representativo da realidade.

Sobre estes períodos menciona-se que os mesmos, embora divididos em capítulos para efeitos metodológicos da pesquisa, são abordados de forma conjunta para compreender e exhibir como as particularidades de cada um deles se deslocam de um período a outro. Cada capítulo apresenta, na sua relação com a visão borgeana sobre a linguagem, uma série de particularidades que não são privativas do período de escrita analisado de forma particular. Assim, a reflexão sobre a linguagem, por exemplo, pode ser observada, na primeira etapa do autor argentino, como uma “firme promessa” de uma enfática abordagem filosófico-lingüística para sua segunda etapa de escrita, embora a temática seja fortemente tratada em alguns ensaios desse primeiro período.

E neste sentido, baseando o estudo na inter-relação de fases, chegamos a evidenciar que, entre outros aspectos, o regionalismo dos escritos iniciais continua sendo observado nos escritos posteriores, da mesma forma que a reflexão filosófico-lingüística sobre a linguagem da segunda fase está já presente nos primeiros passos do jovem Borges pelas letras argentinas.

Desse modo, no primeiro capítulo desta dissertação estudamos os textos do autor argentino produzidos na Europa e nos primeiros anos após seu retorno a Argentina (1918-1925), procurando observar o tratamento da temática da linguagem, mas também, como objetivo adjunto, tendo a finalidade de expor algumas estratégias que o jovem Borges desenvolve para ingressar no âmbito das letras argentinas dos primeiros anos de 1920.

Nesses textos iniciais, observamos a quase inexistente referência aos pensamentos que visam o estudo das problemáticas que acarretam a reflexão sobre a linguagem, privilegiando-se, por sua vez, temas vinculados à vanguarda européia e às primeiras tentativas de construção poética de uma nova Buenos Aires que colidisse com a moderna metrópole que o autor argentino encontra em seu retorno da Europa.

No segundo capítulo analisamos os textos escritos entre os anos de 1925 e 1928, ou seja, *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928). Deste período, marcamos como peculiaridade os esforços do escritor argentino para

produzir seus textos em *criollo*, tentando aproximar e levar a oralidade portenha e gauchesca até sua escrita, a ênfase no tratamento de temas regionais e a particular visão da Buenos Aires moderna que é transformada em sua textualidade numa verdadeira cidade mitológica. Também neste capítulo, salientamos as primeiras aproximações borgeanas ao estudo da problemática existente na relação linguagem e realidade, e os primeiros posicionamentos filosóficos de Borges na discutida relação entre as palavras e as coisas.

No terceiro capítulo realizamos uma leitura panorâmica dos textos borgeanos em prosa das décadas posteriores a 1930: *Evaristo Carriego* (1930), *Discusión* (1932), *Historia universal de la infamia* (1935), *Historia de la eternidad* (1936), *Ficciones* (1944), *El Aleph* (1949), *Otras inquisiciones* (1952), *El hacedor* (1960), *El informe de Brodie* (1970), *El libro de arena* (1975), *Siete noches* (1980), *Nueve ensayos dantescos* (1982) e *La memoria de Shakespeare* (1983). Esses textos pertencentes à segunda fase da escrita borgeana se caracterizam, basicamente, pela abordagem de aspectos universais que rodeiam o âmbito da linguagem. A linguagem, na ficção borgeana desta segunda fase, já não é um problema lingüístico regional, mas uma figura que deve ser pensada e explorada a partir de um ponto de vista filosófico e reflexivo. Nesse sentido, o autor argentino adota uma postura crítica no que diz respeito à atividade intelectual das correntes filosóficas que tratam do tema.

Esta segunda fase também se caracteriza por uma escrita vinculada com o mundo das idéias e dos argumentos ontológicos, pelo ceticismo na possibilidade humana de conhecer a “realidade” através da linguagem, pelo caráter impraticável da classificação da realidade e de acesso ao conhecimento pleno do “universo” e pela descrença nas especulações metafísicas ou científicas que apóiam seus argumentos em um mero sistema de símbolos arbitrários e convencionais. Neste sentido, e de forma introdutória a futuros estudos mais aprofundados, refletimos algumas idéias básicas de filósofos como Friedrich Nietzsche e Fritz Mauthner.

Também referimos que do estudo da primeira e da segunda fase, e de acordo com alguns críticos borgeanos que abordam a temática da linguagem, deveria depreender-se que a primeira fase se caracteriza por uma linguagem regional e sensitiva (pela linguagem se experimentam as sensações) enquanto que a segunda fase está marcada por uma linguagem universal e idealista.

E é justamente a linearidade dessa transição que se pretende questionar, buscando evidenciar que temáticas *criollas* e regionais acompanham a escrita de Jorge Luis Borges durante a produção dos textos posteriores a 1930, da mesma forma que o caráter reflexivo

filosófico-lingüístico da segunda etapa possui suas raízes ou confirma os pensamentos ensaiados nos escritos borgeanos da etapa precedente.

Para finalizar e sobre a presente dissertação, reafirmamos que a mesma traça uma visão panorâmica ou resumo das diversas preocupações que, quanto à reflexão sobre os limites e as possibilidades da linguagem, são expostas em muitos escritos de Jorge Luis Borges. Visão que conforma uma base de conhecimento relativa à formação da noção ou idéia de linguagem em Borges e configura uma plataforma de conhecimentos necessária para refletir, em um momento ulterior, as diversas inquietações que, em um plano ontológico, se desprendem da escrita do autor argentino quando o assunto abordado ficcionalmente é a linguagem.

## CAPÍTULO I

El paisaje - como todas las cosas en sí - no es absolutamente nada. La palabra *paisaje* es la condecoración verbal que otorgamos a la visualidad que nos rodea.  
(JLB, “Crítica del paisaje”, 1921)

### 1 BORGES E SEUS TEXTOS INAUGURAIS

Neste capítulo inicial são explanadas algumas questões vinculadas às tendências literárias que influenciam a produção borgeana antes do período que nesta dissertação se considera a primeira fase de escrita (1925 e 1928). Assim, fazemos referência a temas como o ultraísmo espanhol, o vanguardismo, o criollismo ou o nacionalismo literário argentino, buscando evidenciar algumas características próprias de tais movimentos e analisar como essas particularidades modelam e servem de base para esses textos do primeiro período do escritor argentino. Os textos produzidos por Jorge Luis Borges entre os anos 1918 e 1925 são aqui chamados *textos iniciais* ou *inaugurais*.

#### 1.1 Os primeiros passos na escrita borgeana

Em 1914, aos 15 anos de idade, Jorge Luis Borges (1899-1986) se instala na Europa junto a sua família. No velho continente, o autor argentino mora sucessivamente em cidades como Genebra, Malhorca, Sevilha e Madri, sendo esta última a cidade que lhe possibilita a aproximação às correntes vanguardistas que, nesse momento, dão forma a uma nova estética europeia<sup>1</sup>. Em 1920, aos 21 anos, Borges conhece dois personagens que representam as idéias da vanguarda espanhola: Rafael Cansinos-Asséns (1882-1964), considerado o fundador do *ultraísmo*<sup>2</sup> e Guillermo de Torre (1900-1971) um dos mais conhecidos membros do

---

<sup>1</sup> Todas as datas mencionadas neste primeiro capítulo vinculadas a aspectos biográficos de Jorge Luis Borges são retiradas de *Jorge Luis Borges. Textos recobrados (1919-1929)*. 1ª Ed. Buenos Aires: Emecé, 2007, p 13 - 14.

<sup>2</sup> O *ultraísmo*, segundo Herbert Greiner-Mai (2006, p. 377), pode ser definido como a versão vanguardista dos “ismos” literários que aparecem na Europa durante as duas primeiras décadas do século XX. Este movimento, acrescenta o autor, caracteriza-se por sua forte resistência à literatura do momento, especialmente ao

movimento. Tanto Cansinos-Asséns como Guillermo de Torre alimentam os ideais inovadores do jovem escritor argentino<sup>3</sup>, fato que resulta na concretização de alguns poemas de pleno estilo vanguardista elaborados nesse ano e nos posteriores na Argentina<sup>4</sup>.

### 1.1.1 Borges e a promessa “ultraísta”

Basicamente, o ultraísmo, do qual participa Borges nos seus primeiros anos na Europa, é uma corrente literária espanhola - logo vem a ser hispano-americana<sup>5</sup> - de vanguarda, iniciada em 1918 e que chega até a última publicação da revista *Ultra*, em 1922. Entre alguns de seus seguidores na Espanha podem ser mencionados Gerardo Diego, Pedro Garfias e Juan Chabás, e na Argentina González Lanuza e Oliverio Gironde.

Outros dois escritores que podem ser pensados como centrais na história do movimento vanguardista espanhol são o chileno Vicente Huidobro (1893-1947) e Raúl Gómez de la Serna (1888-1963). O poeta chileno influi notoriamente nos grupos literários madrilenhos na segunda década de 1900, trazendo de Paris alguns textos sobre a nova estética vanguardista. Já no caso de Gómez de la Serna deve-se mencionar que é justamente numa tertúlia por ele organizada no *Café de Pombo*, em Madri, onde o “pai” do movimento, Cansinos Asséns, começa a elaborar seus parâmetros ultraístas. As idéias vanguardistas de Asséns vão se modelando nas suas próprias tertúlias desenvolvidas no, também madrilenho, *Café Colonial* até chegar à elaboração do manifesto ultraísta.

O manifesto conhecido como *Ultra* (do latim, além) contém as idéias principais do novo movimento e que basicamente podem resumir-se em criar uma arte nova para abandonar

---

*modernismo*, e pelas reuniões poéticas onde são recitados poemas vanguardistas que causam a ira e o desprezo do público presente. Suas figuras mais importantes são Cansinos-Assens e Guillermo de Torre na Espanha e Jorge Luis Borges e Vicente Huidobro na Hispano-América.

<sup>3</sup> Segundo Rufinelli (1988, p. 155), o ultraísmo se desenvolve em duas épocas sucessivas em dois países: na Espanha, entre 1918 e 1922, e na Argentina, entre 1921 e 1927. O nexo entre os dois ultraísmos, acrescenta o autor, é Jorge Luis Borges (1899-1986), quem se imbuí da nova poética e ajuda a dar-lhe forma e difundi-la durante o tempo que vive em Mallorca e Madri (1920), levando-a consigo ao seu país natal.

<sup>4</sup> Citamos como exemplo o poema “mañana”, publicado na revista *Ultra* de Madri em 1921: Las banderas cantaron sus colores/y el viento es una vara de bambú entre las manos/El mundo crece como un árbol claro/Ebrio como una hélice/el sol toca la diana sobre las azoteas/el sol con sus espuelas desgarrar los espejos/Como un naipe mi sombra/ha caído de bruces sobre la carretera/ arriba el cielo vuela/y lo surcan los pájaros como noches errantes/La mañana viene a osarse fresca en mi espalda (BORGES, 2007a, p. 101).

<sup>5</sup> “Una vez asistí al café de Pombo, donde estaba la tertulia de Ramón Gómez de la Serna, pero me sentí un traidor, un leve traidor, pues me encontraba mejor en la tertulia de Cansinos” dijo Borges, que recordó también aquellos paseos hasta la calle de la Morería (donde vivía Cansinos-Assens), sus largas conversaciones en la tertulia sobre la metáfora, la rima, el adjetivo o la puntuación o los poemas ultraístas que hacían, aclarando que los suyos “eran especialmente malos”. Reportagem de Pedro Montoliu a Borges em *El País* de Madrid de 09/06/1985.

as técnicas poéticas de um *modernismo*<sup>6</sup> já considerado decadente e introduzir-se nos parâmetros ditados pelas vanguardas europeias do momento. Este começo no *Café Colonial* continua afirmando-se com a publicação das revistas *Grecia* e *Cervantes*, sendo esta última dirigida por Cansinos Asséns entre 1919 e 1920.

Sobre este movimento pode acrescentar-se que, além de lutar contra as idéias modernistas<sup>7</sup> e tentar engajarem-se nos parâmetros vanguardistas europeus, seus membros perseguem os seguintes objetivos no âmbito referente aos gêneros literários: predileção pela poesia lírica, culto à imagem e redução da lírica ao elemento considerado primordial, a metáfora. A poesia é entendida como uma síntese ou fusão entre imagens e estados anímicos. No âmbito teórico, visam à supressão de elementos morais, sentimentais e eróticos, dando preferência ao uso de temas da vida moderna e à busca das essências das realidades do mundo. No campo sintático almejam a supressão de adjetivos, de nexos e de construções comparativas (igual a, como, semelhante a) buscando a descontinuidade do discurso e a exaltação da percepção fragmentária. Por último, no que diz respeito ao aspecto formal, procuram a supressão de elementos ornamentais, da rima, de valores retóricos e musicais, buscando colocar a centralidade da atenção nas particularidades estéticas derivadas do visual e da plástica. Esta característica deve-se a que os ultraístas relacionam a poesia com as idéias cubistas que predominam no âmbito da pintura e da arquitetura.

Para melhor avaliar as características deste movimento que determina, de alguma forma, os primeiros passos na escrita de Jorge Luis Borges, resgatamos a própria descrição do ultraísmo que Borges faz em três textos de sua autoria.

---

<sup>6</sup> O *Modernismo*, segundo Pérez (1995, p. 45), é uma corrente literária hispano-americana que aparece para preencher uma espécie de vazio poético resultante da ausência de uma expressão literária romântica satisfatória que coloque os períodos heróicos da emancipação dos povos americanos numa “justa altura poética”. Greiner-Mai (2006, p. 233-234) afirma que este movimento começa aproximadamente em 1880, é liderado pelo poeta nicaraguense Rubén Darío e se caracteriza pelo rechaço ao *romantismo*, ao *naturalismo* e a tudo o que é considerado norma, modelo ou fonte de inspiração espanhola. Outra das peculiaridades do movimento é a predileção pelas correntes literárias francesas, a inclinação pelos temas relacionados com o continente americano, o excessivo individualismo poético, o exacerbado culto à expressão artística. Alguns poetas, como José Martí, lutaram contra a tendência modernista de “hacer de lo raro y precioso la ley de toda emoción estética” e defenderam os valores positivos do movimento, aqueles que conduziram a linguagem modernista ao campo político e social. Outro personagem que dá um sentido diverso ao modernismo, acrescenta o autor, é Antonio Machado, exemplo de poeta que empreende a tarefa de explorar os espaços interiores do seu ser, dando lugar a uma poesia mais humana.

<sup>7</sup> É importante salientar a diferença existente entre o “modernismo” latino-americano e o brasileiro, assim como a divergência terminológica relativa à referência às vanguardas. A respeito, Monegal (1978, p. 3) explica que “literaturas de vanguarda”, na América hispânica “significa a variedade de ‘ismos’ que aparecem já no começo dos anos vinte, tanto na Espanha como no nosso continente. No Brasil [...] o movimento equivalente se chama Modernismo - palavra que para os hispano-americanos é equivocada porque serve para designar um movimento muito anterior, com características muito distintas e que equivale ao simbolismo europeu”. E o autor acrescenta (1978, p. 18): “O modernismo hispano-americano corresponde, cronologicamente, ao que na literatura brasileira se chama ‘Realismo’ e ‘Simbolismo’”.



O primeiro desses textos aparece na *Revista Baleares* de Palma de Malhorca, Espanha, em 1921, intitula-se “Manifiesto do Ultra” e está assinado, além do próprio Borges, por Jacobo Sureda, Fortunio Bonanova e Juan Alomar. No manifesto é expressa a existência de duas estéticas, uma a passiva dos espelhos e outra a ativa dos prismas, sendo a primeira a que transforma a arte em uma cópia da objetividade do meio ambiente e da história psíquica dos indivíduos, e a segunda a que possibilita que a arte se redima, fazendo do mundo seu instrumento. A segunda estética é a estética do “Ultra”, movimento que deseja criar e impor facetas não imaginadas do universo e que pede ao poeta uma visão nua das coisas, sem condicionamentos passados, para ver de forma absoluta o mundo. A única forma de atingir estas metas, segundo o manifesto, é esquecer tudo o que é anterior - o clássico, o romântico, o naturalista -, tudo o que é ritualista e não deixa, livremente, explicar a criação subjetiva das pessoas. O manifesto também refere que os ultraístas existiram sempre, pois são os que desejam dar ao mundo novos aspectos e expressões (a evolução como “vitalidade das coisas”), são os que têm como credo não ter credo nenhum e que descartam todas as receitas prontas, os que possuem como lema “a criação pela criação” (MANZONI, 2007, p. 23). A comparação da poesia ultraísta com a *secular* é outro ponto tratado no texto. Menciona-se que a poesia ultra possui tanta cadência, visualidade e musicalidade como sua predecessora, mas que tem imaginação superior, e por isso uma nova modalidade estrutural, o que provoca, não uma mudança de sensibilidade ou natureza, mas de meios de expressão:

La poesía ultraica tiene tanta cadencia y musicalidad como la secular. Posee igual ternura. Tiene tanta visualidad, y tiene más imaginación. Pero lo que sí modifica es la modalidad estructural. En ese punto radica una de sus más esenciales renovaciones. La sensibilidad, la sentimentalidad serán eternamente las mismas. No pretendemos rectificar el alma, ni siquiera la naturaleza. Lo que renovamos son los medios de expresión (MANZONI, 2007, p. 24).

O manifesto afirma, nas suas últimas linhas, que “toda afirmação importante necessita de uma negação” e que os esforços do movimento acompanham os realizados pelas revistas *Grecia*, *Cervantes*, *Reflector* e *Ultra* (MANZONI, 2007, p. 24).

O segundo texto aqui citado é o primeiro que o autor argentino publica em Buenos Aires. O título do texto é “Ultraísmo”, e aparece no jornal *El Diario Español* no dia 23 de outubro de 1921. No artigo, Borges refuta alguns comentários negativos sobre o ultraísmo proferidos pelo poeta Manuel Machado (1874-1947). O autor argentino, declarando-se

partidário do movimento vanguardista, defende a idéia de que o ultraísmo não é um movimento *forasteiro* na Espanha (como sugere Machado), pois sua tendência em escrever suscitando a idéia de uma sucessão de imagens já pode ser observada em escritores clássicos como Luis de Góngora ou Calderón de la Barca (BORGES, 2007a, p. 132-133). Outro ponto citado em “Ultraísmo” é o relacionado à utilização, pelos escritores vanguardistas, de metáforas que pretendem sintetizar e sugerir fragmentos da vida mesma. Este poder sintético que a imagem provocada pela metáfora ultraísta produz no leitor, segundo Borges, não tem menos força emocional que as produções dos outros movimentos literários modernistas da época, tampouco utiliza recursos da língua de forma exagerada e desnecessária como tais movimentos:

Los poemas ultraicos constan de una serie de metáforas, cada una de las cuales tiene sugestividad personal y sintetiza algún fragmento de la vida. La semejanza que existe entre la poesía vigente y la nuestra es la que sigue: en la primera, el hallazgo lírico, se magnifica, se agiganta, y se desarrolla; en la segunda, se anota brevemente. (BORGES, 2007a, p. 135).

Como pode ser observado, em “Ultraísmo” não só se realiza uma defesa do movimento de vanguarda e uma descrição de algumas de suas características, senão que se observa uma declaração de Borges sobre sua plena identificação com as idéias do pensamento ultraísta.

O terceiro texto borgeano que descreve as particularidades do movimento vanguardista espanhol também se chama “Ultraísmo” e é publicado na revista argentina *Nosotros* em dezembro de 1921. No artigo, Borges esquematiza o movimento, basicamente, em quatro pontos. O primeiro se refere à redução da lírica a seu elemento essencial, a metáfora; o segundo ponto versa sobre a abolição de nexos e adjetivos desnecessários na escrita; o terceiro aponta a supressão de enfeites e de ambigüidades rebuscadas; e o último se refere à síntese de duas ou mais imagens em uma, com a finalidade de aumentar o poder de sugestão. No texto, a poesia dos ultraístas é mencionada como possuidora de metáforas que por si só sugerem, de forma inédita, fragmentos da vida<sup>8</sup> (BORGES, 2007a, p. 156-157).

---

<sup>8</sup> Note-se, no seguinte fragmento de “Ultraísmo”, de dezembro de 1921, as palavras grifadas que aludem às pequenas variações existentes na comparação desse fragmento com aquele transcrito do texto “Ultraísmo” de outubro de 1921: Los poemas ultraicos constan *pues* de una serie de metáforas, cada una de las cuales tiene sugestividad personal y sintetiza algún fragmento de la vida. La semejanza *raigal* que existe entre la poesía vigente y la nuestra es la que sigue: en la primera, el hallazgo lírico, se magnifica, se agiganta, y se desarrolla; en la segunda, se anota brevemente. (BORGES, 2007a, p. 157, grifo nosso).

Nos três ensaios de Borges, as idéias do autor denotam uma forte tendência à defesa dos postulados ultraístas, o que leva a pensar que os preceitos de tal movimento vanguardista espanhol acompanham a textualidade do jovem escritor argentino nos primeiros anos de sua produção textual.

Mas essa possível relação entre ultraísmo e textualidade em Borges deve ser refletida com mais profundidade nos textos produzidos em sua passagem pela Espanha, e revista ainda mais detidamente após sua chegada à Argentina, em 1921. Neste sentido, e fazendo-se um questionamento das diversas posturas críticas que dão como certa a estreita existência da vinculação entre o ultraísmo e a produção escrita de Jorge Luis Borges, observam-se a seguir alguns ensaios do autor argentino, escritos em Sevilha e Madri, e os primeiros textos produzidos em Buenos Aires nos primeiros anos da segunda década de 1900.

#### 1.1.2 A ambigüidade “ultraísta” e a transição ao esquecimento vanguardista

Uma leitura dos textos iniciais de Jorge Luis Borges (1918-1925) pode sustentar a afirmação de que o autor argentino é um escritor vanguardista ou, especificamente, um ultraísta. Mas uma leitura de sua produção posterior pode indicar que muitas particularidades de seus ensaios, apesar de responderem plenamente aos ideais ultraístas, revelam indicadores de uma possível ambigüidade na postura do autor quando descreve suas idéias sobre as vanguardas européias.

O ultraísmo em Borges denota-se, em geral, através de uma grande preocupação pelo reconhecimento das figuras ultraístas (Asséns, de Torre, Serna), pela propagação dos preceitos da corrente de vanguarda, em uma deliberada postura crítica e, sobretudo, polêmica, sobre a ineficiência e o anacronismo das estéticas literárias dominantes nas primeiras décadas do século passado. Mas essa tendência na sua escrita faz de Borges um escritor concretamente ultraísta na sua passagem pela Espanha e nos primeiros anos após seu retorno a Buenos Aires? É possível sugerir que em seus primeiros ensaios publicados Borges dá a entender que está engajado na corrente vanguardista espanhola. Ou se pode assinalar, como afirma Sergio Pastormerlo (2007, p. 169), que durante 1920 e 1921, o autor argentino escreve sobre as vanguardas como um vanguardista, para logo, a partir de 1922, produzir textos que deixam entrever uma postura contrária à das vanguardas. Pastormerlo acrescenta também que em 1924 Borges começa a referi-se ao ultraísmo usando tempos verbais no pretérito para,

finalmente, criticar ironicamente os novos movimentos, o que tornaria Borges um escritor “antivanguardista”.

Embora Pastormerlo acerte na avaliação do processo de produção borgeana e evidencie um processo de rápido distanciamento de Borges em relação ao vanguardismo, neste trabalho propomos que a postura de Borges obedece, em grande parte, a uma série de fatores estritamente relacionados com o contexto social que ele encontra em Buenos Aires quando retorna ao país. Também propomos que o processo de abandono dos ideais ultraístas, e posteriormente dos vanguardistas, carece da linearidade apontada por Pastormerlo<sup>9</sup>.

Voltando ao passado espanhol vanguardista de Borges, não parece caber demasiadas dúvidas sobre sua pronunciada inclinação pelos princípios do ultraísmo, o que se evidencia em seus escritos produzidos para a revista sevilhana *Grecia*: “Himno del mar”<sup>10</sup> (1919), “Al margen de la moderna estética” (1920), “Lírica expresionista: síntesis” (1920), “Rusia” (1920); em alguns poemas manuscritos correspondentes à coleção Tzara: “Bosquejo crítico” (1920), “Carta colectiva con un texto de escritura automática”<sup>11</sup> (1920); em textos da revista *Cervantes*, “Antología expresionista” (1920), *Ultima hora*, “Réplica” (1920) e “Ultraísmo” (1921), *Reflector*, “Vertical” (1920), *Baleares*, “Manifiesto del ultra” (1921) e *Ultra*, “Tranvías” (1921) e “*Anatomía de mi ‘Ultra’*” (1921). Esta incompleta série de textos possui uma estreita relação com os princípios vanguardistas que percorrem os círculos literários espanhóis do final da década de 20 e começo de 30 do século passado, o que, como já mencionado, não condiz com o rápido distanciamento da produção textual borgeana dos ideais de vanguarda.

A esse respeito pode-se mencionar uma valiosa contribuição de Pastormerlo (2007) baseada na observação de que no ensaio “Al margen de la moderna estética”, de 1920, o autor argentino refere que “El ultraísmo no es otra cosa que la espléndida síntesis de la literatura

---

<sup>9</sup> Este item é retomado na página 15 e 16 desta dissertação, no ponto 1.2.2 - As mutações do estilo na escrita borgeana.

<sup>10</sup> “Himno del mar” foi o primeiro poema publicado por Jorge Luis Borges e nele podem ser lidos os seguintes versos: “Oh mar! oh mito! Oh sol! Oh largo lecho! / y sé por que te amo. Sé que somos muy viejos. / Que ambos nos conocemos desde siglo. / Sé que en tus aguas veneradas y rientes ardió la aurora de La Vida / (En la ceniza de una tarde terciaria vibre por vez primera en tu seno). / Oh protéico, yo he salido de ti. / ¡Ambos encadenados y nómadas; / Ambos con una sed intensa de estrellas; / Ambos con esperanzas y desengaños; / Ambos, aire, luz, fuerza, obscuridades; / Ambos con nuestro vasto deseo y ambos con nuestra grande miseria! Este poema, publicado em 31 de dezembro de 1931, formou parte da revista *Grecia*, e Borges diz a respeito dele: “En Sevilla encontré el grupo literario formado alrededor de *Grecia*. Este grupo cuyos integrantes se llamaban a sí mismos ultraístas se había propuesto renovar la literatura...” (2007a, p. 32-33)

<sup>11</sup> “Carta colectiva con un texto de escritura automática” é um texto produzido pelos integrantes das tertúlias literárias do Café Colonial em 1920. Em um fragmento do mesmo pode-se ler: “mesa de noche, hagan juego señores / YY maldito Charlie rayos X / Whisky sicalíptico 69 / ¡Eh Carballeira! Films Himen / 8 hace 6 peines 06 / A.E.I.O.U. Belmonte con / galletitas sí quiero ponerte / en film 1 hora y 20” (2007a, p. 58-60)

antigua [...]” (BORGES, 2007, p. 39) frase na qual Pastormerlo percebe uma definição do especial ultraísmo de Borges. Este ultraísmo é um movimento que carece do elemento característico de toda vanguarda, da ruptura com os lineamentos tradicionais (PASTORMERLO, 2007, p. 170). O fato de o ensaio de Borges ser um resumo sintético da história literária ou, como diz o próprio Borges, “la última piedra redondeando su milenaria fábrica” (2007, p. 39), deixa entrever que a *idéia ultraísta* borgeana dista bastante de uma possível renovação estética profunda no campo das letras espanholas. E talvez, como acrescenta Pastormerlo (2007, p. 170), a frase acima citada seja um anúncio ou predição do que vai ocorrer posteriormente na produção escrita de Borges.

### 1.1.3 A nova cara da Buenos Aires de 1920

Quando Jorge Luis Borges retorna a Argentina, em 1921, após sua estadia na Europa, encontra uma Buenos Aires submergida em frenéticas transformações modernistas, que dista bastante da cidade deixada na sua viagem ao velho continente. No aspecto arquitetônico, na metrópole portenha pode-se observar a construção de grandes hotéis, casas novas e elegantes, ruas amplas, cuidadas e limpas, setores arborizados e bem iluminados, cartazes e anúncios luminosos, praças e parques desenhados por paisagistas famosos. Quanto às comodidades que os tempos novos trazem, pode-se mencionar os cinemas, os teatros, os bondes, as carruagens e automóveis e uma importante rede de linhas de metrô, que uma década antes da chegada de Borges ao país, e conforme observa Mario O'Donnel (2006, p. 192-193), possui a construção mais espaçosa do mundo - o trajeto Plaza de Mayo-Congreso. Sobre este particular símbolo do progresso argentino, o historiador conta que os primeiros cinquenta trens do metrô vêm da Bélgica e que sua frequência de saída é de um a cada noventa segundos, com uma velocidade de quarenta quilômetros por hora e um funcionamento de vinte horas diárias (O'DONNEL 2006, p. 194).

Se, por um lado a Argentina brilha por seu esplendoroso progresso, por outro sofre as consequências de um processo modernizador caracterizado pela ilimitada chegada de imigrantes europeus ao país. O lema de algumas décadas anteriores ao século XIX é: *governar é povoar*, já prevendo que as grandes massas de estrangeiros habitariam as paragens mais desoladas da extensa república argentina. Contrariamente ao esperado, a maioria dos grupos de imigrantes se instalam na cidade e nas suas margens, chegando a mudar completamente a fisionomia da emergente metrópole. Segundo O'Donnel (2006, p. 194), em

1853 a população argentina não alcança 1.000.000 de pessoas, das quais 300.000 eram estrangeiras. Já no censo de 1910 a população é de 7.000.000, sendo 3.500.000 estrangeiros.

Os imigrantes trazem consigo ideologias européias como o socialismo e o anarquismo, que encontram na Argentina o espaço ideal para fortificar-se e passar da idéia à ação, pois esse país rico e suntuoso é privativo das classes endinheiradas e para os “novos argentinos” só resta morar em cortiços ou migrar para as margens da cidade. Neste ponto também é importante mencionar que a urbanização acelerada da cidade, além da chegada de imensas massas de imigrantes, se dá por uma importante migração interna, que vê na cidade moderna uma oportunidade de crescimento econômico não oferecida pelo interior. Neste último caso, os que não se integram ao círculo citadino acabam relegados e vivendo à margem dos novos e bons tempos. O interior e o exterior do país se encontram, assim, rejeitados pela crescente Buenos Aires, conformando, como lembra Beatriz Sarlo (2003, p. 16), a *nova pobreza* da grande cidade e o foco das novas formas do delito e de marginalidade.

Além da problemática social mencionada, aparece outra mudança importante, fruto da imigração exacerbada: a variação lingüística. A língua<sup>12</sup> de Buenos Aires começa a experimentar algumas alterações profundas como resultado do contato com as novas formas verbais dos imigrantes chegados ao país, e tal motivo não só preocupa as autoridades políticas do momento, senão que chega a se instalar entre os intelectuais o debate sobre qual seria a língua própria dos argentinos<sup>13</sup>.

Todas essas mudanças lingüísticas e sociais ocasionadas pela chegada dos imigrantes durante as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século posterior ocasionam nos governantes nacionalistas algumas preocupações que afetam não só os âmbitos mencionados, mas atingem também o campo econômico e intelectual. O crescimento patrimonial de alguns estrangeiros, os movimentos anárquicos dos marginalizados, as idéias populistas e democráticas que atentam contra os privilégios das oligarquias dominantes, são questões que inquietam e perturbam os políticos burgueses argentinos. Nesse sentido, são sancionadas algumas leis para conter o incremento de greves e manifestações e para deportar os imigrantes acusados de agitadores.

Mas essas mudanças sociais não afetam somente os grupos governamentais. Os intelectuais também se manifestam frente às metamorfoses experimentadas pela cidade que os

---

<sup>12</sup> Na presente dissertação, termos como “fala”, “língua” e “linguagem” são utilizados com frequência pelo que se torna necessário delimitar o campo semântico das expressões assinaladas. Essa delimitação será feita no ponto 3.1.1 do capítulo segundo desta dissertação.

<sup>13</sup> A problemática da língua é observada com mais profundidade no item 1.3 desta dissertação

alberga. A literatura desses tempos é caracterizada por uma intensa atividade cultural nos bairros portenhos, o que se traduz no consumo de jornais, romances e revistas literárias, encontros em clubes e associações de vizinhos, utilização de bibliotecas populares. Deve-se mencionar a existência de um grande número de *escritores marginais*, que se comprometem com as particularidades do processo modernista da cidade de Buenos Aires e que se opõem aos que pensam que a década de 20 na Argentina é um espaço de discussões e fervor nacionalista destinado a formar a identidade nacional (que representa, sobretudo, os cidadãos portenhos).

Assim, nesses extremos do plano das letras e segundo O'Donnel (2006, p. 208), podem ser mencionados dois grupos literários que se destacam na época. Um é de escritores preocupados com os temas sociais, admiradores do realismo social de Gálvez e que formam parte do grupo de *Boedo*, assim chamado, pois se reúnem em uma casa desse bairro. Entre eles estão: Barletta, Castelnovo, González Tuñón, Arlt. O outro grupo forma parte da geração *martinfierrista*, denominada assim pela revista na qual definem suas idéias literárias: *Martín Fierro* (1924-1927). Este último grupo tem como modelo escritores como Macedonio Fernández e Güiraldes e professa, apesar da formação européia, uma forte devoção pelo *criollismo* (Girondo, Marechal, Lange, Bernárdez). Deste grupo, chamado *Os de Florida*, pois freqüentam essa elegante, na época, rua portenha, faz parte Jorge Luis Borges<sup>14</sup>. Nesse grupo, acrescenta O'Donnel (2006, p. 208), pensa-se que os momentos heróicos haviam passado e que era necessário “intentar el rescate del antiguo culto del coraje en largas caminatas por los barrios suburbanos”, pois a cartografia do bairro suburbano e a coragem das suas ruas são elementos quase esquecidos nos tempos modernistas da Buenos Aires metropolitana e cosmopolita da época.

Como se pode observar, nos anos seguintes à sua chegada a Buenos Aires Borges já está engajado num grupo literário que evoca uma cidade portenha pertencente a um passado não muito remoto, onde os problemas modernistas ainda não deixam entrever suas particularidades mais discutidas. Mas a primeira produção borgeana na Argentina não pode resumir-se ao resultado das idéias propostas pelo grupo de Florida, pois Borges, como já indicado, desloca-se por várias correntes literárias e dedica-se a aproximar, fundir e recriar as

---

<sup>14</sup> Borges, em uma entrevista realizada por Mujica Láinez em 1977, disse sobre o grupo Florida: “El grupo de Florida fue una invención de Ernesto Palacio y Roberto Mariani. Ni grupo Florida, ni grupo Boedo. Eso se hizo porque se pensaba que convenía que en Buenos Aires hubiera vida literaria a la manera de París, que hubiera cenáculos. A mí me hablaron de los dos grupos y yo dije que prefería ser de Boedo, pero los organizadores me dijeron que ya me habían puesto en el de Florida. Total no tenía importancia porque era una broma. Hubo escritores, como Arlt y Olivari, que pertenecían a los dos [...]” (VÁZQUEZ, 2007, p. 300).

particularidades que tais correntes têm, para finalmente aceder a um estilo *sui generis* na sua produção escrita. Esta última particularidade do jovem Borges, a de trabalhar as estéticas literárias presentes e passadas como ferramentas de experimentação para aceder a um estilo próprio, assim como a observação das estratégias que utiliza para ingressar no campo das letras portenhas, são pontos tratados mais detalhadamente no item que segue.

## **1.2 Primeiros e últimos passos vanguardistas na Argentina**

O modernismo, por um lado, pode propiciar um campo fértil para a aplicação de noções vanguardistas, mas as suas consequências negativas podem também barrar essas tentativas. Se o moderno e o novo aceitam uma nova estética, o espírito nacionalista fortalecido pelos aspectos negativos do processo de modernização (migração externa e interna desmesurada, proliferação de variantes lingüísticas, patriotismo extremo) repele qualquer linha de pensamento que não se ajuste aos fortes ideais nacionais. E é neste âmbito duplo, conformado pela modernidade (o novo e o europeu) e pelo nacionalismo (a pátria e sua tradição histórica), que se situa o jovem Borges, tentando conciliar ambos aspectos, a priori confrontados, em uma única escrita.

### **1.2.1 A poesia vanguardista e a prosa clássica em Borges**

A produção textual de Jorge Luis Borges do período 1918-1925 se caracteriza, basicamente, pela busca de um estilo próprio que utiliza elementos de diversas correntes literárias. Os textos do autor argentino possuem por esses anos traços vanguardistas, *criollistas*, de cor local e, ao mesmo tempo, clássicos em sua prosa o que, em um primeiro momento, parece propor uma idéia de escrita contraditória e heterogênea, que pode ser explicada pela necessidade de Borges de inserir-se no âmbito das letras portenhas após seu retorno a Buenos Aires. Assim, a respeito da convivência de estilos na produção textual de Borges, Pastormerlo afirma (2007, p. 170) que o autor argentino se *desdobra* e continua vinculado aos poetas vanguardistas na sua poesia, enquanto que, na prosa, *sua escrita de sintaxe clássica e frases complexas* dista bastante das idéias apresentadas em seus ensaios sobre as particularidades do ultraísmo.



Sobre esta separação entre poesia e prosa, deve-se observar que, embora a diferenciação do crítico seja pertinente ao mencionar uma poesia ultraísta e uma prosa pouco vanguardista, tal diferenciação resulta parcial, pois nesses primeiros anos a escrita de Borges sofre várias mutações em um curto período de tempo. Assim pode ser observado, por exemplo, em seu livro de poemas *Fervor de Buenos Aires* (1923), onde Borges exclui de suas composições os traços ultraístas e centra seu trabalho em questões regionais. Esta última peculiaridade se traduz, inclusive, nos títulos dos poemas: “Las calles”, “La Recoleta”, “El sur”, “El truco”, “Un patio”.

É no prólogo de *Fervor de Buenos Aires* (excluído das reedições posteriores a 1923) onde se observam as palavras de Borges a respeito:

De propósito pues, he rechazado los vehementes reclamos de quienes en Buenos Aires no advierten sino lo extranjerizo: La vocinglera energía de algunas calles centrales y la universal chusma dolorosa que hay en los puertos, acontecimientos ambos que rubrican con inquietud inusitada la dejadez de una población criolla. Sin miras a lo venidero ni añoranzas de lo que fue, mis versos quieren ensalzar la actual visión porteña, la sorpresa y la maravilla de los lugares que asumen mis caminatas. (BORGES, 2007a, p. 197-198)

Por outro lado, basta deter-se em alguns ensaios desses primeiros anos para reparar como também neste gênero existe um forte interesse do autor pelos assuntos *criollos* e regionais. Assim em “Buenos Aires”, ensaio de outubro de 1921, Borges diz:

Para apresar íntegramente el alma – imaginaria - del paisaje, hay que elegir una de aquellas horas huérfanas que viven como asustadas por las demás y en las cuales nadie se fija. Por ejemplo: las dos y pico p.m. El cielo asume entonces cualquier color. Ningún director de orquesta nos impone su pauta. La cenestesia fluye por los ojos pueriles y la ciudad se adentra en nosotros. Así nos hemos empapado de Buenos Aires. (BORGES, 2007a, p. 127)

A antítese moderno/nacional que se instala na Buenos Aires dos anos 20 não é uma preocupação exclusiva do jovem Borges. Toda a comunidade literária está atravessada por uma profunda divisão entre os que trabalham com a nova imagem da cidade portenha e os que procuram nos heróis do passado a identidade nacional da Argentina. Mas esta divisão não é tão clara no caso do jovem Borges.

Nos textos borgeanos do período 1918-1925, observa-se paralelamente uma grande preocupação em trabalhar com as idéias provindas da vanguarda, emitir juízos sobre a escrita dos literatos de gerações anteriores, enunciar críticas sobre os consagrados e os contemporâneos das letras argentinas, atacar as correntes literárias consideradas obsoletas ou anacrônicas e, paralelamente, engajar-se nas fortes correntes de nacionalismo literário da Buenos Aires da época.

Passados os anos de fervente ultraísmo na Espanha (1918-1920), Borges adota uma postura mais moderada em relação ao mencionado movimento vanguardista em Buenos Aires. Assim, em seu artigo “Ultraísmo” (1921) tenta definir um ultraísmo que possa adequar-se à realidade experimentada na Argentina desses anos. É justamente nesse artigo que se observa a semente das futuras produções borgeanas no âmbito ensaístico. Em “Ultraísmo”, Borges define as duas correntes literárias que devem ser alvo das oposições e críticas dos ultraístas: o *rubenianismo* e o *sencillismo*.

Borges escreve a respeito do movimento literário liderado por Rubén Dario que “La belleza rubeniana es ya una cosa madurada y colmada, semejante a la belleza de un lienzo antiguo, cumplida y eficaz en la limitación de sus métodos” (2007a, p. 155) deixando entrever que a crítica à estética modernista inspirada em Ruben Dario embasa suas considerações no anacronismo do movimento em tempos em que se faz necessária uma nova estética: a ultraísta. Claro que a necessidade de uma estética ultraísta é, como veremos a seguir, uma idéia efêmera se observada a escrita borgeana do período.

Os *sencillistas* também são alvo de críticas no artigo de Borges. Sobre este movimento argentino, encabeçado por Baldomero Fernández Moreno, Borges afirma que tende a procurar poesia em coisas comuns, retirando de seu vocabulário qualquer palavra que possua um certo prestígio, fato que, na opinião de Borges (2007a, p. 155), é visto como um proceder poético equivocado: “Desplazar el lenguaje cotidiano hacia la literatura es un error. Sabido es que en la conversación hilvanamos de cualquier modo los vocablos y distribuimos los guarismos verbales con generosa vaguedad...”. Segundo o escritor argentino, este medo à retórica tem como resultado outra retórica, tão arbitrária e postiça como os estilos exageradamente acadêmicos ou deliberadamente variacionistas como o *lunfardo*.

Dos dois movimentos que Borges ataca em seu artigo, o que maior espaço ocupa em seus textos é o modernismo. Esta conduta deve-se à importância do movimento modernista, que se espalha por todo o continente americano, enquanto o *sencillismo* é um movimento que se limita à Republica Argentina.

O modernismo, embora seja no fim do século XIX um movimento revolucionário na América Hispânica que muda completamente as letras e as artes daquele período, é a corrente considerada canônica nas décadas de 20 e 30 do século XX. Este caráter canônico da corrente modernista é o alvo principal das críticas vanguardistas e, portanto, da textualidade borgeana dos primeiros tempos em Buenos Aires. Mas o escritor argentino é só mais um alistado nos diversos grupos de escritores que consideram como passado o tempo da estética modernista.

Rafael Olea Franco (1993, p. 119) explica que o sentimento antimodernista é compartilhado em toda América Hispânica, mas são bastante diversos os pontos de vista sobre os quais o movimento é julgado:

Para algunos, la tendencia a un lenguaje “rebuscado”, el gusto por lo “ornamental”, por lo “exótico”, resultaban reprensibles porque alejaban al escritor de su “realidad social”, lo sumergían en un mundo de ensueño poblado de sedas, flores, crepúsculos; en otras palabras, lo encerraban en su torre de marfil. En cambio, en el particular caso de Borges, la crítica se efectúa desde una perspectiva estética: acusa al modernismo de ser algo ya gastado, acabado e ineficaz.

Como pode ser observado, a crítica borgeana não se dirige tanto aos conteúdos do modernismo quanto à sua falta de capacidade para produzir, como acrescenta Olea Franco (1993, p. 120), o fato estético.

Este fato estético ausente que Borges observa no âmbito literário e poético modernista é o primeiro vazio que o jovem escritor argentino tem a preencher, e a ferramenta a ser utilizada para alcançar tal objetivo é a estética contida nos princípios ultraístas. Assim se depreende claramente do conteúdo do artigo “Ultraísmo” (1921) da revista *Nosotros*, onde se postula como solução à problemática do anacronismo do modernismo a entrada dos fundamentos do movimento ultraísta na cena literária argentina:

¿Qué hacer entonces? El prestigio literario está en baja; los intelectuales temen que los socialíen con palabras bonitas e inhiben su emotividad ante el menor alarde oratorio, las enumeraciones de Withman y su compañerismo vehemente nos parecen lejanos, legendarios; los más acérrimos partidarios del susto vocean en balde derrumbamientos y apoteosis. ¿Hacia que norte emproar la lírica? El ultraísmo es una de tantas respuestas a la interrogación anterior (BORGES, 2007a, p. 156)

Este movimento literário, que só se observa fugazmente em alguns poemas de Borges, rapidamente desaparece de sua textualidade, deixando lugar a outros estilos que podem ser entendidos como vanguardistas mais pela novidade da escrita borgeana que pela proximidade ao ultraísmo.

Mas note-se que desde os primeiros anos de escrita em Buenos Aires Borges diferencia os fundamentos do ultraísmo espanhol do movimento que quer ser colocado por ele como uma espécie de ultraísmo argentino. Uma dessas diferenças é a “territorialidade” do movimento. Esta diferenciação espacial não radica na aplicação das idéias ultraístas em diversos continentes, senão no deslocamento físico do centro da cidade até sua margem, lugar onde Borges trabalha sua poética e a partir do qual prepara o campo para a prosa posterior. Sarlo (2003, p. 114) afirma que Borges, no número inicial da revista portenha *Proa* (1924), já se preocupa em fazer uma diferenciação entre o ultraísmo espanhol e a nova poética argentina, sendo esta última caracterizada por repousar sobre outras leituras e pela diferença do lugar em que essas leituras são realizadas: “bajo ‘las estrellas del suburbio’” (SARLO, 2003, p. 114).

Se já em 1924 existe no jovem Borges a necessidade de diferenciar claramente os movimentos, em 1925, em seu texto “Carta en la defunción de *Proa*”, ele esclarece sua posição de abandonar a antiga estética para ingressar numa nova etapa onde as margens da cidade são fundamentais na sua escrita: “Quiero decirles que me descarto de *Proa*, que mi corona de papel la dejo en la percha. Más de cien calles orilleras me aguardan, con su luna y la soledá (sic) y alguna caña dulce” (BORGES, 1993, p. 82).

Sarlo (2003, p. 113) observa como nesse texto a “metáfora do mar” é substituída pela “metáfora de terra firme”. Segundo a crítica argentina, Borges deixa o barco e o mar que o ligam fortemente ao ultraísmo e ingressa num âmbito que pode ser definido como o “*criollismo* da vanguarda”, pois na escrita borgeana do período podem ser observadas ferramentas estilísticas das duas correntes, ou como bem afirma a crítica “con elementos premodernos pero con los dispositivos estéticos y teóricos de la renovación” (SARLO, 2003, p. 103).

É a partir deste momento, no qual Borges abandona o ultraísmo e começa a percorrer o espaço das margens da cidade com uma visão estética renovadora, que se observa como vão se modelando vários dos elementos característicos da escrita considerada nesta dissertação como a primeira fase da escrita borgeana.

### 1.2.2 As mutações de estilo na escrita borgeana

Em 1924, o âmbito intelectual argentino se torna um espaço onde convivem as tradições literárias e a ruptura estética proposta pela vanguarda<sup>15</sup>. Neste sentido, escritores tradicionalistas e vanguardistas dividem um espaço que em anos anteriores estava relativamente unificado (SARLO, 1997, p. 217). Esta passagem do campo das letras argentinas de um estado homogêneo para um heterogêneo pode ser observada na progressão das revistas literárias da época (e, paralelamente, nas publicações de Jorge Luis Borges). Assim, expõe Sarlo, no começo de 1920 o campo intelectual argentino gira em torno da revista *Nosotros*, incluindo não só escritores tradicionalistas, mas também os que posteriormente defendem os ideais estéticos das vanguardas argentinas.

Apóia o comentário anterior o fato de serem publicados em *Nosotros* textos que antecipam o conteúdo das revistas vanguardistas (*Prisma*, *Proa*, *Inicial*, *Martín Fierro*) da época. Alguns exemplos de tais textos são “Ultraísmo”, no número 151 de março de 1921, “La encrucijada de Berkeley”, no número 164 de janeiro de 1923 e “Acerca de Unamuno poeta”, no número 175 de dezembro de 1923 (SARLO, 1997, p. 217).

Note-se que os três textos citados como vanguardistas dentro de uma revista canônica e institucionalizada pertencem ao jovem Borges. E é justamente o autor argentino que participa não só da criação do movimento vanguardista dentro de *Nosotros*, mas também da aparição de outras revistas que darão força inusitada às vanguardas. Um caso específico é a aparição da revista *Proa*, em cujo número inaugural, de agosto de 1924, Borges participa na declaração preliminar, publicando uma tradução (“Cubismo, expresionismo, futurismo” de Herwarth Walden) e publicando os poemas “Jactancia de quietud”, “Singladura” e “A Rafael Cansinos Assens” reunidos sob o título “Salmos”.

---

<sup>15</sup> Esta ruptura estética está intimamente vinculada à noção de *vanguardia*, já que a mesma é entendida nesta dissertação como os “diversos ejercicios argumentativos: persuasivos, polémicos, dialogales o informativos [que] confluyen en el autocuestionamiento estético y ético de la sociedad promoviendo una actualización de las retóricas interpretativas de la historia, de la poética, de la política y de la ideología” (MANZONI, 2007, p. 7). Neste sentido, Alberto Pérez (1995, p. 114) afirma: “Las Vanguardias, que se presentaron en Hispanoamérica más o menos simultáneamente con características y variaciones locales (pensemos en el Creacionismo, el Ultraísmo, etcétera), implicaron, según sabemos, una ruptura con respecto a la tradición poética que las precedía: el Modernismo. Los poetas vanguardistas rechazaron la preceptiva tradicional, sus leyes rítmicas y estróficas; evitaron la música verbal impuesta por Darío y sus seguidores; no respetaron las estructuras formales empleadas por los modernistas; subestimaron el empleo de la rima y adoptaron el verso libre. Esta ruptura interrumpió toda una tradición poética que, a partir del Romanticismo, había evolucionado a lo largo del siglo XIX, con diversas reformas, pero sin alterar radicalmente sus cánones”.

Neste momento cabe lembrar que anteriormente<sup>16</sup>, comentando as idéias do crítico argentino Pastormerlo, mencionamos que Borges, em seus primeiros ensaios em Buenos Aires, parece ser um forte devoto do movimento ultraísta. Posteriormente, e também seguindo os comentários de Pastormerlo, afirmamos que durante 1920 e 1921 Borges escreve sobre as vanguardas como um vanguardista, que a partir de 1922 seus textos parecem contrariar os princípios das vanguardas e que, no ano 1924 Borges começa a se referir ao ultraísmo usando tempos verbais no pretérito. Finalmente, por volta de 1930, Borges começa a criticar ironicamente os novos movimentos, tornando-se um escritor *antivanguardista*.

Sarlo e Pastormerlo parecem não coincidir quanto ao fato de existir uma *linearidade* no abandono do ultraísmo pelo jovem Borges. Mas essa possível divergência entre os críticos pode ser questionada, pois a produção textual do argentino não está tão claramente dividida em *prosa clássica* e *poesia de vanguarda* e, além disso, suas publicações podem situar-se em diversas correntes quase nos mesmos períodos de tempo. Como exemplo são citados os comentários de Olea Franco sobre as características da poesia de Borges em *Fervor de Buenos Aires* (1923) e os de Sarlo sobre alguns trabalhos publicados pelo autor argentino em diversas revistas portenhas entre 1921 e 1923.

Olea Franco (1993, p. 127) explica que em *Fervor de Buenos Aires* são excluídas quase todas as composições ultraístas publicadas na Espanha e que, além disso, o jovem Borges adota no texto um tom contrário àquele que pode ter a poesia ultraísta, dedicando-se a questões de tipo intimista. Um claro exemplo de tal peculiaridade borgeana na criação poética pode ser encontrado nas palavras de um dos pilares do ultraísmo espanhol, Guillermo de Torre, que, citado por Olea Franco (1993, p. 127), afirma:

A la continuación de una “manera” había preferido el descubrimiento de un “tono”. Al “entusiasmo” de tipo whitmaniano, ante la pluralidad del universo, sustituye el “fervor” por el espacio acotado de una ciudad; más exactamente, de unos barrios y un momento retrospectivo. Vuelve a su infancia, y casi a la de su país, idealizando nostálgicamente lo entrevisto.

O intimismo a que Olea Franco se refere e que Guillermo de Torre assenta no aspecto sentimental e até nostálgico de uma Buenos Aires pretérita, deposita o jovem Borges num âmbito poético que dista do ultraísmo, corrente que determina sua produção poética na Espanha, mas não o distancia do vanguardismo nem da idéia de renovação. Tal renovação é

---

<sup>16</sup> No ponto 1.1.2.

praticada em seus primeiros livros mediante a criação de uma estética nova, essa estética que Sarlo chama de *criollismo urbano de vanguardia*<sup>17</sup>. Portanto, conclui-se que no livro posterior a *Fervor de Buenos Aires*, *Luna de enfrente* (1925), sua poesia, e como afirmam Franco e Pastormerlo, sofre uma profunda mudança: não só deixa de ser ultraísta como também acentua seu caráter sentimental. Sobre este último livro, e mencionando as diferenças existentes entre ele e *Fervor de Buenos Aires*, Olea Franco (1993, p. 173) afirma que em *Luna de enfrente* a poesia borgeana já não versa só sobre a cidade, mas chega até o pampa, vinda do subúrbio, e começa a construir um espaço ambíguo entre o pampa e a margem da cidade<sup>18</sup>.

No entanto, se na poesia borgeana o citado processo de abandono do ultraísmo e o aparecimento de um *criollismo* de vanguardia podem suscitar algumas dúvidas, os ensaios do escritor argentino dificultam ainda mais traçar um caminho que possa definir a quais correntes literárias responde a produção escrita do jovem Borges. Note-se também que os dados expostos a seguir, vinculados à prosa borgeana, se sucedem paralelamente aos já mencionados na produção poética do autor, fato que diagrama um complexo tecido de textos de diversa índole no mesmo período.

Como bem lembra Sarlo (1997, p. 217), em 1921 aparecem os artigos “Ultraísmo” e “La encrucijada de Berkeley” na revista *Nosotros*, deixando entrever, desde um primeiro momento, o caráter diversificado da escrita borgeana: um artigo ultraísta e outro que, segundo acrescenta Sarlo (1997, p. 255), *no corresponde a nenhuma vanguardia da época* e que é a ante-sala de uma estética que aparece algumas décadas mais tarde na escrita de Borges. Deve assinalar-se também que a disparidade dos artigos dá-se dentro de uma revista que não responde a nenhuma das idéias postuladas nos trabalhos do jovem escritor argentino. Esta série de ambigüidades que afeta os lineamentos norteadores da escrita do autor pode ser observada também nas publicações em diversas revistas portenhas de 1923 e 1924. Nesses anos, segundo Sarlo (1997, p. 217), Borges continua publicando artigos na revista *Nosotros* e, paralelamente, publica artigos na revista *Proa*. Esta última revista, que exhibe um caráter marcadamente marginal, critica o setor intelectual consagrado que, justamente, é o centro das

---

<sup>17</sup> Este *criollismo* de Borges, explica-se por seus traços regionais e universais que em forma paralela tentam conformar uma nova estética dentro das linhas literárias argentinas do momento. Segundo Sarlo (1997, p. 241), Borges escolhe o suburbano (e não o rural) e o urbaniza conformando um *criollismo* novo e pessoal. E essa novidade está dada, entre outras coisas, pela ruptura com a idéia do gaúcho mau ou do gaúcho perseguido (estereótipos do campo) e pela aparição de um *criollismo* que “converse” com as letras de ocidente.

<sup>18</sup> Neste sentido, é transcrito um fragmento de “Calle con almacén rosado”: Aquí otra vez la seguridad de la llanura / en el horizonte / y el terreno baldío que se deshace en yuyos y alambres / y el almacén tan claro como la luna nueva de ayer tarde. / Es familiar como un recuerdo la esquina / con esos largos zócalos y la promesa de un patio. / ¡Qué lindo atestiguarle, calle de siempre, ya que miraron / tan pocas cosas mis días! (BORGES, 2004a, p.

atenções das críticas da revista *Nosotros*<sup>19</sup>. Sarlo (1997, p. 218) também menciona que desde a aparição da revista *Prisma*, passando por *Inicial* e até a criação da revista *Martín Fierro*, os escritores vanguardistas dedicam-se à crítica de *Nosotros*, revista que dá certo prestígio a vários deles, inclusive ao jovem Borges, por possibilitar a publicação de seus trabalhos.

Desta forma, estes anos na produção de Borges deixam entrever uma tendência ao ultraísmo nos primeiros escritos, mas com a produção paralela de textos de estilo tradicional em revistas mais conservadoras e com alguns escritos que antecipam o estilo que o consagrará algumas décadas depois. Sem esquecer as diversas características mencionadas sobre os escritos borgeanos do começo de 1920, deve-se dizer que a peculiaridade da escrita do jovem Borges que mais se destaca nestes anos é a vinculação de sua produção com a vertente *criollista*.

### 1.3 O *criollismo* borgeano: vanguardista e ortodoxo

A poesia de Borges, que na Espanha caracteriza-se por suas arestas *ultraístas*, sofre um processo de mudança no qual as formas *ultraístas* ganham um forte caráter sentimental em *Fervor de Buenos Aires* (1923) e peculiaridades *criollistas*, com algumas notas de *vanguarda* em *Luna de enfrente* (1925). Já nos ensaios, os primeiros textos do jovem Borges transitam por diversas correntes literárias até chegar ao seu *criollismo de vanguarda*.

#### 1.3.1 O nacionalismo dos *Centenários* e o gaúcho mítico de Leopoldo Lugones

Nas primeiras décadas de 1900, as idéias européias sobre a construção da sociedade civilizada começam a ser questionadas, e entre alguns intelectuais proliferam críticas contra os avanços da modernidade, sobretudo no concernente ao exagerado crescimento da massa imigratória no país. Esta postura crítica da elite intelectual e o fervor patriótico que as festas

---

57). Este espaço fronteiriço entre a cidade e o pampa é explicado com mais profundidade no ponto 1.3.3 desta dissertação.

<sup>19</sup> Sérgio Miceli (2007, p. 175) explica que: “Ao contrário do que postula certa literatura promocional da vanguarda literária argentina, o jovem Borges nunca esteve confinado às revistas de vanguarda, e desde os primeiros tempos do retorno a Buenos Aires, fora convidado a colaborar em diversos espaços controlados pelo establishment literário portenho. A maturação desse relacionamento culminou com o convite para assumir uma coluna mensal no diário *La Prensa*. A intensa circulação no interior do campo intelectual e jornalístico argentino contribuiu decisivamente para realçar o impacto de seus escritos, divulgados, quando calhava, em jornais e periódicos vinculados aos grupos dirigentes”.



do centenário da revolução argentina provocam nos cidadãos portenhos alimentam ainda mais as tendências nacionalistas já existentes devido ao fracasso do modelo econômico liberal. Tal modelo não só impossibilita a fusão dos diversos grupos sociais no âmbito econômico (o campo pobre e o dono de terras, o imigrante próspero e o marginal, o cidadão tradicional e o recém chegado), como também obstaculiza a idéia da criação de uma nação argentina, pois a sociedade argentina se perfila como um grupo social cada vez menos homogêneo.

Neste contexto, a busca de novos meios para evitar a dissolução das características pátrias entre tanta diversidade social começa a ser relacionada com a possibilidade de criação de algum elemento comum, que possa homogeneizar a diferença, que consiga unificar os cidadãos do território nacional. Olea Franco assinala que neste período de carência de “identificação” nacional, “los discursos nacionalistas pretendían ‘redefinir’ a la nación y crear un conjunto de identificaciones colectivas que pudieran simbolizar y englobar a todos bajo el mismo concepto de ‘nación argentina’” (1993, p. 27). Este período que o autor situa nos anos próximos a 1920 é conhecido como “primer nacionalismo” e é, justamente, o movimento com o qual Borges se depara na sua chegada ao país em 1921.

O primeiro nacionalismo argentino tem como foco a busca de uma identidade nacional, a busca do *ser argentino*, e tais preocupações são entendidas pelos escritores nacionalistas da época como matéria a ser construída e não a ser encontrada em um passado não comum a todos os cidadãos. Segundo Olea Franco, os escritores nacionalistas possibilitam, com suas textualidades, a construção imaginária da tão almejada identidade nacional:

En general, los nacionalistas utilizan la reescritura y reinterpretación de la historia argentina como método de redefinición de la nacionalidad. La serie de “hechos” o “eventos” históricos es esencialmente la misma usada por sus predecesores; sin embargo, los escritores nacionalistas realizan una selección distinta y organizan estos hechos dentro de una nueva estructura que les imprime otro sentido y que funda nuevas legitimidades. (1993, p. 28-29)

Entre estes escritores nacionalistas, o mais destacado é Leopoldo Lugones (1874-1938), que com *El payador* (1916) consegue erguer na figura do gaúcho Martín Fierro (protagonista do poema do mesmo nome escrito por José Hernández em 1872) um novo mito argentino. O gaúcho ganha com Lugones o status perdido após as guerras pela independência

argentina, quando grupos de gaúchos, como o liderado por Martín Miguel de Güemes (1785-1821), lutam junto aos patriotas *criollos* pela liberação das amarras do colonialismo espanhol.

Destacamos a afirmação de Olea Franco (1993, p. 47) assinalando dois detalhes chamativos que rodeiam a aparição de *El payador*. Um desses detalhes é a busca de temas “particularmente” argentinos, outro é a data de aparição da obra, que coincide com a comemoração do centenário da independência da Republica Argentina (9 de julho de 1916). Neste sentido, Olea Franco observa nas particularidades da aparição do livro um desejo declarado de Lugones de influir nos grupos culturais do momento e de legitimar o caráter nacionalista de seu texto.

É preciso advertir que o autor de *El payador*, enfatizando o caráter épico do poema de Hernández, tenta contribuir ao fortalecimento de uma identidade nacional que repousa na dicotomia civilização/barbárie, típica dos escritores liberais de meados do século XIX. O caráter bárbaro é associado ao índio, modelando-se um protótipo de gaúcho heróico e agente de civilização dos vastos territórios que conformam o pampa (OLEA FRANCO, 1993, p. 50). O gaúcho é, nas letras de Lugones, uma verdadeira criação lendária, que pouco tem a ver com essa imagem histórica do personagem do pampa. No texto de Lugones o gaúcho é apresentado, por um lado, como um ser distanciado dos problemas sócio-econômicos que atravessam seu cotidiano e, por outro, como depositário de um mundo que Lugones tenta descrever como um paraíso perdido.

Mas o gaúcho, além de uma função literária com caráter nacionalista, possui, no momento em que *El Martín Fierro* se erige como o poema épico argentino que dá um passado comum aos argentinos, uma função econômica. Como o afirma Olea Franco (1993, p. 59), o gaúcho, personagem sem utilidade econômica para os grupos oligárquicos do século XX, possui, no início de 1900, uma força inusitada como ferramenta de oposição às grandes massas imigratórias que carregam consigo ideais democráticos pouco agradáveis aos setores dominantes.

Como se pode observar, o projeto de Lugones, por um lado, tende à criação de um passado comum e mitológico onde assentar a identidade argentina, mas, por outro, dá espaço a projetos oligárquicos que visam preservar seus privilégios econômicos e políticos e que distam bastante de qualquer ideal de unidade nacional.

Esta sociedade dividida entre fervores nacionalistas e o crescimento das massas excluídas, e entre um projeto gauchesco legitimando interesses dos grupos oligárquicos e ao mesmo tempo reforçando as esperanças de uma Argentina unida é o contexto que dá a Borges

a possibilidade de pensar uma estratégia que lhe permita ingressar rapidamente na discussão letrada sobre os rumos do país. Borges, em seu afã de se sobressair no âmbito literário de Buenos Aires, percorre dois caminhos que lhe possibilitam a criação de um espaço próprio. Um desses caminhos é o ataque a quem, justamente em seu retorno a Buenos Aires, é o máximo expoente da poesia argentina: Leopoldo Lugones. O outro tem relação com a criação de um espaço argentino pretérito, retomado pelo jovem Borges para alcançar um novo conceito na escrita desses anos: *a estética das margens*.

### 1.3.2 O *antilugonismo*: a busca de um lugar *criollo* e próprio nas letras argentinas

Nos primeiros meses de Borges na Argentina, após seu retorno da Europa, o jovem escritor publica em diversas revistas portenhas uma série de críticas contra o *sencillismo* de Oliverio Girondo e contra o modernismo de Rubén Darío. Esses ataques podem ser explicados pelas diferenças notórias existentes entre os princípios de ambos os movimentos e os resquícios do ultraísmo que Borges proclama. Também nos anos posteriores a 1921, com um Borges menos ultraísta, embora de forte perfil vanguardista, as críticas contra as correntes literárias *sencillistas* e *modernistas* continuam, mas de um modo menos enfático, pois o foco da crítica borgeana é dirigido a quem é tido como o máximo poeta modernista argentino do momento: Leopoldo Lugones.

Segundo Sarlo (2007, p. 156) Borges condena os procedimentos poéticos modernistas por considerá-los ridículos e desnecessariamente complexos. Os meios que Borges utiliza para colocar suas idéias a respeito do modernismo, acrescenta a crítica argentina, são a paródia e a agressão direta. O modernismo e a poesia de Lugones têm em comum uma grandiloquência definitivamente vazia, pois a língua forçada dos modernistas é estranha na sua sonoridade e incongruente em seus sentidos (SARLO, 2007, p. 157).

O ensaio *Acotaciones*, que critica o *Romancero*, de Lugones, exhibe claramente como a crítica borgeana à figura pública e reconhecida de Lugones se realiza de forma direta e agressiva e mediante a utilização da paródia. Nesse texto Borges alerta sobre os perigos da rima demasiadamente fácil, como a dos poetas que se limitam a utilizar terminações lexicais como “-ía” ou “-aba”, nas quais existem inúmeras possibilidades de remate de uma estrofe e acrescenta que tal procedimento “envergonha” a quem o utiliza. Em relação ao *Romancero*, de Lugones, Borges afirma, ironicamente, que a vergonha é maior porque quando a rima

termina em -ul o poeta deve mudar a cor de algo para que seja azul ou deve inventar uma viagem para que possa utilizar um *baúl* (baú) (BORGES apud SARLO, 2007, p. 157).

Beatriz Sarlo afirma que este tipo de “brincadeira literária” teve muito eco nas revistas vanguardistas da época e que refletiu não só as idéias de alguns grupos literários sobre a exagerada grandeza literária de Leopoldo Lugones, como também a convicção da necessidade de deslocar do centro das atenções poéticas o máximo estandarte do movimento modernista argentino. Criticar Lugones, acrescenta Sarlo, é uma forma de se posicionar num campo literário muito disputado (2007, p. 157).

Mas no nosso entendimento, ver a crítica borgeana a Lugones como uma brincadeira resulta parcial e talvez inadequado em certos escritos do autor argentino. Neste sentido entendemos que o jovem Borges faz um ataque direto e agressivo à estética lugoniana<sup>20</sup>. Assim, no mesmo ensaio, “Acotaciones”, pode ser lido sobre o *Romancero* de Lugones que:

El pecado de este libro está en el no ser: en el ser casi libro en blanco, molestamente espolvoreado de lirios, moños, sedas, rosas y fuentes y otras consecuencias vistosas de la jardinería y la sastrería. De los talleres de corte y confección, mejor dicho [...] La tribu de Rubén aún está vivita y coleando como luna nueva en pileta y este *Romancero* es la prueba de ello. Prueba irreparable y penosa. (BORGES, 1993, p. 96-97)

Outro exemplo de crítica borgeana a Lugones que supera os limites da “brincadeira literária” pode ser lido na seguinte estrofe do poema “Romancillo, cuase romance del ‘Roman-cero’ a la izquierda”:

Se hundieron los cielorrasos,  
Creparon los bandoneones;  
El azar jugó a la taba;  
Zarathustra y los mormones  
Trocaron el astrolabio  
En un casal de sifones;  
Y todos: el Caballero,  
El ermitaño, sus leones,  
Los trenqueláunquens asados

---

<sup>20</sup> Entendemos que o Borges maduro quer apagar de seu passado estes textos iniciais, não só por ser uma etapa de ensaio e erro na sua escrita, senão também porque este tipo de excesso crítico não condiz, por exemplo, com as loas que Borges propiciará sobre Lugones algumas décadas depois no prólogo ao livro “El hacedor” (1960): “Si no me engaño, usted no me malquería, Lugones, y le hubiera gustado que le gustara algún trabajo mío. Ello no ocurrió nunca, pero esta vez usted vuelve las páginas y lee con aprobación algún verso, acaso porque en él ha reconocido su propia voz” (BORGES, 2002, p. 157).

Y el reloj de Plaza Once,  
Oyeron que en su agonía  
Dijo el caballero a Borges:  
- Qué malo es el “Román-Cero”  
De Don Leogoldo Lupones! (BORGES, 2007a, p. 302)

Voltando ao campo literário argentino, este sofre transformações virulentas desde a primeira década do século, pois como explica Sarlo (1997, p. 205), a idéia de imigração como agente de prosperidade desaparece, deixando em seu lugar a sensação de que o imigrante é um fator anárquico e atenta contra a convivência social pacífica. Essa idéia preocupa as elites constituídas por *criollos* antigos, e essa preocupação rapidamente começa a ser percebida nas letras. Assim, acrescenta Sarlo, inicia um movimento dirigido a dotar a figura do gaúcho de uma nova função cultural: um personagem que possui um mesmo território e um passado comum, que utiliza a mesma língua, e que em seu esforço é forjada a verdadeira unidade nacional. O gauchesco é, praticamente, a base sobre a qual repousa uma consciência coletiva que serve de patamar para a literatura argentina.

Mas a disputa no campo literário não se reduz ao aspecto gauchesco e *criollista*. Existe uma vanguarda que se diferencia da “boa sociedade” e conta com escritores que não pertencem às classes oligárquicas da Argentina do início do século XIX. Sarlo (1997, p. 215) enumera alguns desses escritores e enfatiza a figura do boêmio, do perdido, da jovem promessa, e este último protótipo parece ser o que mais se aproxima de Jorge Luis Borges. Uma jovem promessa que abre caminho nas letras argentinas, diferenciando-se dos vanguardistas por seu “novo criollismo” e distanciando-se rapidamente de seus antecessores modernistas mediante suas exacerbadas críticas.

### 1.3.3 Borges, as anticorrentes literárias e o novo *criollismo*

Poderíamos afirmar que Borges consegue elaborar sua estética com fragmentos de cada movimento literário. A sua escrita não é criolla, nem gauchesca, nem de vanguarda, mas se identifica em alguns pontos com cada uma delas. Talvez essa identificação, que pode catalogar a escrita borgeana do começo do século como pertencente a alguns grupos que cultuam os movimentos literários citados, seja um dos primeiros obstáculos a ser vencido pelo jovem Borges. O passo inicial para não ser identificado como *criollista*, *gauchista* ou *vanguardista* é deixar claro que está longe de tais estilos.

Neste sentido observa-se que o *antigauchismo* de Borges repousa na escolha do suburbano frente ao rural (SARLO, 1997, p. 241), o *anti-vanguardismo* na negação da existência de uma possível ruptura com a tradição literária e na visão de que os ideais das vanguardas são as normas da tradição do futuro (PASTORMERLO, 2007, p. 173-174) e seu *anti-criollismo* no que respeita ao seu rechaço aos estilos literários *criollos* do começo do século passado, que propõem estéticas baseadas na cor local ou em tons nostálgicos (OLEA FRANCO, 1993, p. 109-113).

Estes posicionamentos contrários frente ao *gauchismo*, *vanguardismo* e *criollismo* parecem ser uma estratégia literária para *delimitar* um território próprio nas letras argentinas, pois o autor argentino utiliza e mistura elementos das três correntes. Exemplo desta afirmação é a dificuldade de sustentar um *anti-criollismo* em Borges devido à abundância de elementos *criollos* na prosa e na poesia de alguns dos seus primeiros textos: “Villa Urquiza”<sup>21</sup> (1923), “Montevideo”<sup>22</sup> (1924) ou “Telarañas”<sup>23</sup> (1925).

O que em princípio Olea Franco considera como *anti-criollismo* parece tratar-se de uma postura do jovem Borges, que não se identifica com o tipo de *criollismo* do começo de 1900, mas que trabalha com um *novo criollismo* que soma aos traços localistas os universais. Neste sentido, acrescenta Olea Franco, um dos questionamentos que se delineia nessa época é se a arte *criolla* deve ser reduzida ao local ou se deve transcender suas fronteiras para atingir um âmbito universal (1997, p. 110). E é justamente a mistura dos elementos *criollismo* e universalidade a que mais se aproxima do *criollismo de vanguardia* borgeano.

O *criollismo* de Borges, assim como seu *vanguardismo*, possui algumas características que o colocam em uma corrente literária *sui generis* dentro dos escritores das primeiras décadas do século passado, e tal peculiaridade dá margem a algumas divergências entre os críticos do autor argentino. Assim, os trabalhos de Borges de meados de 1920 são considerados pelos críticos, embora sem unanimidade, um *criollismo de vanguardia*.

Pastormerlo afirma que é precisamente o *criollismo* o elemento que possibilita a Borges completar seu “divorcio das aventuras vanguardistas” e que esta situação pode ser observada no artigo “Interpretación de Silva Valdés” (1924). Para Pastormerlo, no *criollismo*

---

<sup>21</sup> “[...] la calle Pampa larga como un beso, / las alambradas que son afrentas del campo / y la dichosa resignación de unos sauces. / Paraje que arraigó una tradición de amor en el alma / no ha menester vanaglorioso renombre, / ayer fue campo, hoy es incertidumbre / de la ciudad que el despoblado se adueña: bástale para conseguir las laúdes del verso / ser el sitio implorado de una pena” (BORGES, 2007a, p. 204).

<sup>22</sup> “Eres el Buenos Aires que tuvimos, el que en los años se alejó / quietamente. / Eres remansada y clara en La tarde como el recuerdo de una lisa / amistad. / El cariño brota en tus piedras como un pastito humilde. / Eres festiva y nuestra, como la estrella que duplica un bañado” (BORGES, 2007a, p. 241).

borgeano “la identificación del efecto estético con lo nuevo se perdió y acabó por invertirse: lo nuevo cedió su lugar a la tradición, la costumbre, los sentimientos comunes y la confluencia de voces” (2007, p. 176).

Coincidimos em parte nas apreciações do crítico argentino. É verdade que em “Interpretación de Silva Valdés” pode ser lida uma ruptura com a vanguarda pelos elementos *criollos* do ensaio, mas esse dado não é suficiente para determinar o desaparecimento da índole vanguardista borgeana na escrita do período. Este comentário apóia-se nas peculiaridades dos ensaios que conformam o livro *Inquisiciones* e que apontam essa novidade que Borges deixa entrever na sua forma de abordar o *criollismo*. Assim, em “Interpretación de Silva Valdés” se afirma:

En cuanto a mí, en este apuntamiento sobre Silva Valdés no quiero dictar normas, sino inscribir observaciones. De las poesías más degustadoras y perfectas que hay en su libro –*El poncho, El mate amargo, El buey, El payador, El rancho*– elegiré la última para desentrañarla. En su decurso admirable de continencia espiritual, de gesto criollo y de ritmo de zarandeo, el poeta equipara el rancho a un pajarraco huraño y a un gaucho viejo y memorioso. (BORGES, 1994, p. 68)

Nesse ensaio, num primeiro momento se observa o tratamento da temática criolla sob um ponto de vista eminentemente gauchesco, pois a análise do texto de Valdés, *Agua del tiempo*, assim o requer. Mas posteriormente podem ser observados alguns traços da leitura borgeana dos versos do autor montevidiano que denotam o particular *criollismo* vanguardista borgeano. Assim, Borges trabalha a figura do rancho no autor uruguaio, citando Schopenhauer:

A un sentimiento nuevo no le conviene la línea curva de la imagen y sí la derecha del cotidiano decir. En cambio, ¡qué grato es entretejer guirnalda de imágenes alrededor de un tema ya adentrado en la intimidad de las letras! Basta cualquier comparación perezosa para desgajar del cielo la luna y hacerla resbalar a nuestras manos, trémula y alorada. Cabe rememorar aquí lo que Schopenhauer dijo de las alusiones eróticas. Todos las desentrañan en seguida, pues la materia suya es vivaz en toda conciencia. De idéntico modo, si *El rancho* de Fernán Silva Valdés es bello y no asombroso meramente, ello se debe a que generaciones de payadores han poetizado acerca de ese sujeto, acostumbrándonos a pensarlo con devoción. (BORGES, 1994, p. 69)

---

<sup>23</sup> “Los otros barrios suburbanos de nuestra capital son entrevero de la gran llanura y las casas.; Belgrano es maridaje, no de la ciudad con la pampa, sino de la ciudad [sic] con los árboles” (BORGES, 2007, p. 283).

Outro exemplo deste *criollismo* borgeano pode ser lido em outro ensaio de *Inquisiciones*, “Después de las imágenes”. Neste texto, Borges alude ao poeta inglês John Milton e ao italiano Giuseppe Rossetti conjuntamente com Leopoldo Lugones:

La imagen es hechicería. Transformar una hoguera en tempestad, según hizo Milton, es operación de hechicero: Trastrócar la luna en un pez, en una burbuja, en una cometa - como Rossetti lo hizo, equivocándose antes que Lugones - es menor travesura. Hay alguien superior al travieso y al hechicero. Hablo del semidiós, del ángel, por cuyas obras cambia el mundo. Añadir provincias al Ser, alucinar ciudades y espacios de la conjunta realidad, es aventura heroica. Buenos Aires no ha recabado su inmortalización poética. En la pampa, un gaucho y el diablo payaron juntos; en Buenos Aires no ha sucedido aún nada y no acredita su grandeza ni un símbolo ni una asombrosa fábula ni siquiera un destino individual equiparable al *Martín Fierro*. (BORGES, 1994, p. 31)

Mas sem entrar no mérito da afirmação de Pastormerlo, e acreditando em um *criollismo* borgeano que perdura na sua escrita da década de vinte de 1900, podemos assinalar que o “novo” do *criollismo* borgeano repousa, além de em seus traços universais, em outras duas particularidades: a criação literária de um espaço e os personagens que o preenchem. Ambos os elementos, desde os primeiros anos de 1900 remetem a um passado pouco trabalhado fora da ótica do gauchismo nas letras argentinas e também configuram a estética borgeana de seus primeiros escritos.

A postura que vê, em alguns dos textos iniciais de Borges, a construção de um lugar marginal e fronteiriço, constituinte do germe de sua original “estética de las orillas” (OLEA FRANCO, 1993, p. 217), ou que observa uma novidade literária nos textos borgeanos que entrecruzam o *criollismo* portenho e o vanguardismo (SARLO, 1993, p. 47) é a que parece corresponder mais aos postulados apresentados nesta dissertação.

É nesta última tendência que se enquadram os comentários de Beatriz Sarlo quando afirma que a novidade em Borges reside no cruzamento de duas correntes, a ultraísta (a renovação estética) e a *criollista* (a memória), fenômeno no qual o bairro é convertido em margem da planície e em um pedaço de pampa dentro do traçado urbano ainda incompleto (1993, p. 47). Nesse sentido, acrescenta a autora, Borges trabalha com o *criollismo* que considera aceitável e que é capaz de trazer às letras argentinas a novidade apregoada pelas vanguardas. Assim, o autor, segundo Sarlo, “discute muchas veces cuál es el *criollismo* acceptable y el inacceptable, de qué modo uno, inclinado al color local, es tributario del pasado,



mientras que otro, al rechazar las marcas conocidas del localismo, es una invención formal-estética portadora de lo nuevo” (1993, p. 98).

O novo *criollismo*, o *criollismo* da margem da cidade de Buenos Aires, é a carta diferenciadora nos textos de Borges deste período, assim como no período que nesta dissertação se assinala como primeira etapa da escrita borgeana. Essa margem que contamina o centro e os bairros mais respeitáveis da cidade é o resultado de um processo que começa na última década do século XIX e que se acelera e potencializa nos contatos heterogêneos entre universos tão diversos como o imigratório e o urbano marginal, somatória de diferentes elementos culturais (SARLO, 1993, p. 179). Nesses elementos culturais estão os cidadãos excluídos, os do interior, os delinquentes.

Nas décadas iniciais de 1900 existe uma grande preocupação literária pelas margens, e no campo intelectual surgem escritores de origens migratórias que colocam as letras argentinas em um período de transição se comparada com a homogeneidade literária de períodos anteriores. Borges não escapa às preocupações da época e, entre estas últimas, enfatiza a idéia de que quando se escreve sobre margens já não se escreve sobre os outros, pois como bem lembra Sarlo (1993, p. 180), esses outros podem configurar um “nós” junto ao eu literário, e pela proximidade das relações com os habitantes das margens o escritor pode ser um deles.

A existência e a proximidade do cidadão da margem não estão isoladas na textualidade borgeana da época. A forma como é abordado esse espaço, essa linha cinza que divide (e que também une) a cidade e o pampa e que nucleia os novos personagens, também inquieta o autor argentino. Nesse sentido, os textos que referem as margens são referências a um passado portenho que, como já foi mencionado, querem ser lembranças de um tempo pretérito argentino de valentia e de coragem. Como exemplo da idéia exposta são transcritas duas estrofes de “La aureola con almuerzo y otras erratas” (1925), poema que Borges improvisa num almoço que os integrantes da revista *Martín Fierro* organizam para homenagear o escritor argentino pela publicação de seu livro *Luna de enfrente*.

Les agradezco en nombre de los ponientes machos  
Color baraja criolla que he verseado en Urquiza.  
Les agradezco en nombre de la luz de mi patria  
Y de mis almacenes color pollera y china.

¿Quién pensó que los criollos iban derecho al muere  
En la ciudá bendita de Rosas y El Peludo?  
Digámosle al destino, mucho verso ferviente.

Respiren compañeros, se me acabó el discurso.  
(BORGES, 2007a, p. 285-286)

Observe-se, nestas estrofes, a condensação da valentia-machismo dos *criollos* que habitam a cidade da margem, do baralho e do armazém, na referência a um tempo passado, o tempo de Rosas e Irigoyen (“El Peludo”). Passado e margens se unem na composição borgeana e conformam o ponto mais alto de uma ideologia que aparecerá em plenitude nos seus ensaios da segunda parte da década de 20 de 1900.

E sobre essa “margem portenha” abordada por Borges na sua escrita inicial, sobre a existência desse subúrbio (e a forma de trabalhar este espaço marginal nas letras argentinas das primeiras décadas do século passado) Sarlo diz que:

Las orillas, el suburbio son espacios efectivamente existentes en la topografía real de la ciudad y al mismo tiempo sólo pueden interesar a la literatura cuando se los piensa como espacios culturales, cuando se les impone una forma a partir de cualidades no sólo estéticas sino también ideológicas. Se realiza, entonces, un triple movimiento reconocer una referencia urbana, vincularla con valores, construirla como referencia literaria. En estas operaciones no sólo se compromete una visión “realista” del suburbio, sino una perspectiva de donde mirarlo; también una opción temporal respecto del escenario construido, que define si se escribirá el suburbio en tiempo presente o en pasado: si será el espacio de la nostalgia o el de la experiencia contemporánea a la enunciación de los textos. (SARLO, 2003, p. 179)

Assim, alinhado aos padrões assinalados, centralidade da margem e olhar no passado argentino, o jovem Borges constrói sua textualidade. E para isso utiliza, segundo acrescenta Sarlo (1993, p. 180-181), invenções suburbanas extraídas de sua primeira poesia e citações que evidenciam o conhecimento da literatura mundial para alcançar o objetivo de tornar *criollo* o universal e dar um caráter universalista a esse “espaço indeciso” entre a cidade e o campo, a margem.

O olhar no passado para recuperar uma outra Buenos Aires, a pré-imigratória e suburbana, e a criação de um personagem que preenche seu espaço construído conformam, no jovem Borges, o patamar que contém a sua *estética das margens*, a sua cidade e o seu *criollo* míticos.

## 1.4 A construção de uma mitologia marginal

Na primeira etapa da sua escrita, Borges entrecruza a tradição argentina com a universal para criar um espaço mitológico depositário do passado argentino, espaço que em seus textos iniciais (1921-1925) já funciona como base ou fundamento de uma Buenos Aires de arrabaldes e de *criollos* que nela habitam. Assim Borges constrói sua estética, entendida como aquilo que diferencia sua textualidade das produções dos outros escritores e que lhe confere ‘propriedade literária’ (SARLO, 2007, p. 162). Desta forma, entre a cidade que rememora estando na Europa e a cidade que encontra ao chegar a Argentina em 1921, Borges desenha, como afirma Sarlo (2007, p. 149), um espaço literário que origina a primeira grande invenção borgeana: o *criollismo urbano de vanguarda*.

Tal *criollismo* urbano e vanguardista repousa em duas particularidades de alguns de seus textos iniciais<sup>24</sup>, abordados a seguir: a criação de um novo passado mitológico para a moderna cidade de Buenos Aires e a posterior invenção de um personagem<sup>25</sup> que preenche este novo espaço.

### 1.4.1 Um novo passado mítico para a Buenos Aires moderna

A Buenos Aires moderna dos anos 20 carece, para alguns escritores, de identidade e história. Nesse sentido, ao buscar a fundação de um passado mítico para Buenos Aires, Borges tenta suprir essa carência e fundamentar ou justificar, de certo modo, a sensação de vazio histórico de seu presente portenho. O *criollo*, o *autenticamente* argentino, o espaço comum aos cidadãos da modernidade, são buscados e recriados nos sentimentos nacionais pretéritos dos argentinos e numa imagem própria da cidade que está perto da Buenos Aires que Borges lembra da sua infância e dos anos anteriores à saída do país com sua família. E é em uma fase anterior da cidade, antes de ser uma metrópole moderna caracterizada pelos

---

<sup>24</sup> Alguns exemplos são “Buenos Aires” de 1921: “Casas de Buenos Aires con azoteas de baldosa o de cinc [...] En una de ellas murió Evaristo Carriego [...] Y en otra de ellas ha de nacer nuestro Mesías” (2007a, p. 128) – texto que alude a um espaço mítico em construção e anuncia o futuro personagem *criollo* da Buenos Aires borgeana–; “A quien leyere” de 1923: “Aquí [Buenos Aires] se oculta la divinidad, habla mi verso para declarar el asombro de las calles endiosadas por la esperanza o el recuerdo. Sitio por donde discurrió nuestra vida, se introduce poco a poco en santuario” (BORGES, 2007a, p. 198); ‘Nydia Lamarque’ de 1925: “Nydia Lamarque vive en Belgrano, que es algo así como vivir en las vacaciones de la ciudad, en su merecido y firme domingo. Los otros barrios suburbanos de nuestra capital son entrevero de la gran llanura y las casas” (BORGES, 2007a, p. 283).

<sup>25</sup> Sobre este personagem *criollo*, deve ser mencionado que aparece na Buenos Aires mítica borgeana a partir de alguns ensaios de *El tamaño de mi esperanza*, texto pertencente à primeira etapa de escrita do autor argentino.

progressos universalistas e o aspecto dissolvente da imigração das primeiras décadas do século XX, onde o jovem Borges busca seu verdadeiro povo argentino. Esta fase preliminar está em um passado não tão distante, mas livre dos efeitos da modernidade considerados nocivos. Livre da heterogeneidade do povo que impede uma nacionalidade argentina. Esse período que Borges relembra está em um passado pouco distante, onde os bairros e as ruas do arrabalde são importantes, onde podem ser encontrados elementos em parte retirados da produção textual de outro escritor das margens, Evaristo Carriego e em parte inspirados na memória de Borges, que vão dando forma à Buenos Aires que pode ser comum aos diversos tipos de habitantes da cidade moderna:

Mi patria - Buenos Aires - no es el dilatado mito geográfico que estas dos palabras señalan; es mi casa, los barrios amigables, y juntamente con esas calles y retiros, que son querida devoción de mi tiempo, lo que en ellas, supe de amor, de pena y de dudas (BORGES, 2007a, p. 197)

A invenção borgeana de uma cidade fundada em suas margens é exposta com clareza por Sarlo (1995, p. 54-55) que, referido-se a este espaço, explica: “Lejos de considerarlas un límite después del cual sólo puede saltarse al mundo rural de *Don Segundo Sombra*, Borges se detiene precisamente allí y hace del límite un espacio literario. En ‘las orillas’ define un territorio original, que le permite implantar su propia diferencia respecto del resto de la literatura”.

O limite, a fronteira entre pampa e cidade, é o espaço que o autor argentino encontra no seu próprio passado para recriar a Buenos Aires como um espaço e um passado comum para a diversidade cidadã da modernidade. Mas, como se pode observar, não se trata, na escrita inicial de Borges, de referenciar uma cidade histórica, senão uma cidade nova, fruto da criação ou imaginação literária:

En ti, villa de antaño, hoy se lamenta mi soledad pordiosera.  
Arduo silencio brota donde yo puse generosidad de esperar.  
Son forasteros en mi carne los besos y único el viento es  
abrazador de mi tronco.  
Ya no sabe amor de mi sombra.  
Yo te rezé mis palabras todas, mi patria, y me ves tan  
aislado como el viento.  
Acaso todos me dejaron para que te quisiese sólo a vos:  
*Visión de calles doloridas: mi Buenos Aires, mi contemplación,*  
mi vagancia. (BORGES, 2007a, p. 271, grifo nosso)<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Este poema foi excluído de *Luna de enfrente* (1925) em 1943 quando dito livro foi reeditado por Borges.

Este tema da criação de um espaço novo, quiçá inexistente, espaço mitológico que acompanha o personagem mitológico de Borges, é tratado por Julio Pimentel em “Borges, una poética de la memoria” (2000). Este texto que trabalha a idéia da existência de uma mitologia borgeana que ganha força no fato de não existir um correlato preciso entre os acontecimentos históricos da Argentina do começo do século XIX e a produção do autor argentino. Nesse sentido, afirma o crítico, embora existam, nas últimas décadas, grandes esforços para traçar alguns paralelos entre a produção escrita do autor argentino e a história, não se pode criar uma imagem de escritor com uma relação sólida entre os fatos históricos e as realidades da sua vida. O que se pode afirmar é que a produção de um Borges historicamente contextualizado responde a uma atividade escrita relacionada a processos vinculados à memória do escritor, sugerindo que existe um Borges mais próximo de um escritor que trabalha com sua memória que de um historiador, ainda que necessite circular pelo âmbito histórico para trabalhar a sua memória (PIMENTEL, 2000, p. 155).

Compartilhando os comentários de Pimentel transcrevemos um fragmento de “Arrabal”, poema borgeano publicado na Revista Cosmópolis de Madri em 1921. Neste texto já se pode observar o germe da Buenos Aires que posteriormente constituirá a cidade mítica de Borges:

El arrabal es el reflejo  
de la fatiga del viandante.  
Mis pasos claudicaron  
cuando iban a pisar el horizonte  
y caí entre las casas  
miedosas y humilladas  
juiciosas como ovejas en manadas  
encarceladas en manzanas  
diferentes e iguales  
como si fuesen todas ellas  
recuerdos superpuestos barajados  
de una sola manzana.  
El pastito precario  
desesperadamente esperanzado  
gesticulante y vano  
el cartel del poniente  
en su fracaso cotidiano.  
Y sentí *Buenos Aires*.  
y literaturicé en el fondo del alma  
la vía crucis inmóvil  
de la calle sufrida  
y el caserío sosegado.  
(BORGES, 2007a, p. 122)

A criação de uma cidade *própria*, de uma memória mitológica, parece depreender-se tanto da invenção de uma defesa contra as mudanças argentinas das primeiras décadas de 1900, como da necessidade de procurar no passado (visitado, recriado e inventado metaforicamente na sua escrita) algum tipo de resposta às incertezas que aquele tempo moderno, em parte não desejado, trazia. Neste sentido, a memória possui um peso essencial no processo criativo, pois, e concordando com as afirmações de Pimentel, a mesma pode ser entendida como um espaço especial para a preservação de tudo o que pode ser considerado perdido no presente. Dessa forma, segundo o autor, Borges *inscreve lugares no passado* e esses lugares, por exemplo, trazem noções vinculadas ao coletivo, às raízes, à delimitação de fronteiras ou territórios (PIMENTEL, 2000, p. 156).

Algumas das particularidades da criação borgeana e dos procedimentos que Borges utiliza para moldar sua invenção podem ser lidas nas seguintes palavras de Pimentel:

En la definición de esos lugares de inscripción de los sentidos de lo colectivo -el argentino, el bonaerense, el pasado-, Borges constituye territorialidades, inventa tradiciones, construye memoria histórica, redetermina espacio y, tiempo, permitiendo, por ejemplo, localizar al argentino en los alrededores de Buenos Aires, en un mundo de márgenes, de orillas, en un tiempo pasado que no necesariamente ha ocurrido.

Mundo tejido tal vez imaginariamente, en que circunstancias y personajes son producidos o recurriendo a una memoria que articula lo conocido en los textos leídos en la infancia con las historias oídas de cuchillos en los suburbios, de peleas, duelos, venganzas. La Argentina y el argentino históricamente aludidos se van determinando gradualmente en un juego de influencias sufridas por el lugar, por el presente y el pasado, por el autor de la memoria. (2000, p. 156)

Pode-se observar como a memória é essencial na construção de uma *identidade argentina* refletida em personagens e espaços quase desaparecidos da lembrança portenha, que se transformam em tradição mediante um processo de recuperação de fatos ficcionais, hipotéticos, que se caracterizam por justificar um presente. Presente que, mediante a ficção, cria imagens que versam sobre eventos que Borges *oferece ao passado*, dando um sentido àquilo que não necessariamente o tinha no momento em que aconteceu (PIMENTEL, 2000, p. 156).

Note-se que, embora a memória crie e mostre um caminho em Borges, a história não é desconsiderada pelo autor argentino. Assim, pode-se observar, como sugere Pimentel, que

Borges consegue passar do historiador ao *memorioso* (quem memoriza), rememorando fatos antigos, mas também utilizando a crítica histórica, para com ambos elementos redefinir os limites entre a história e a ficção. O novo espaço intermediário e vago que Borges cria (e o novo personagem que repousa nesse espaço) é um lugar possível para a memória, que é também memória de textos e de proceder poético, ou como conclui Pimentel, uma *poética da memória* em que Borges recorre à memória como mecanismo para apresentar a Argentina (2000, p. 157).

Já no caso de Roberto Ferro, a ênfase na construção da Buenos Aires borgeana não repousa na memória de uma cidade pretérita vivida pelo autor, mas na criação idealizada de tal espaço. Nesse sentido, o crítico afirma:

No hay en esta escritura borgeana una repetición de la búsqueda de una ciudad pretérita, de una ciudad anterior, que se ha trasmutado a la mirada del escritor como en [...] Lucio V. Mansilla a quien el Buenos Aires de 1904 se le aparecía como un *maremagnum* descomunal y buscaba el recoleto interior de su pasado, donde puede recuperar las calles anteriores, el cuadro personal, el reparo seguro de la vorágine contemporánea. (FERRO, 1998a, p. 36)

Assim o método ou o ardil borgeano está na concretização de idéias sobre a cidade que estão na sua imaginação e que vão além de um resgate de memórias. E se alguma dessas idéias é recuperada pela memória, está baseada em lembranças da infância, quando o autor argentino escutava as histórias narradas em reuniões organizadas por seu pai na casa de sua família, e não em experiências pessoais<sup>27</sup>. Sobre o particular, Ferro (1998a, p. 36-37) afirma o seguinte:

Borges no pretende recuperar una ciudad pretéritamente vivida, añorada y ya perdida; la marca autobiográfica es un artificio en su escritura, la fundación poética de Buenos Aires es una invención idealizada, situada más o menos a fines del siglo XIX, que no se corresponde con su experiencia personal.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Williamson (2006, p. 64) explica que quando criança Borges não gostava das reuniões dominicais que seu pai organizava com seus amigos, atitude que mudou radicalmente quando escutou pela primeira vez um poema de Alfonsina Stirling recitado por um jovem chamado Evaristo Carriego. A partir desse momento, Borges começou a permanecer nos encontros e a se interessar pela “magia das palavras” da poesia do jovem amigo de seu pai.

<sup>28</sup> A idéia apresentada por Ferro é apoiada pelo crítico no seguinte parágrafo de “Historia de la eternidad” em *Historia de la eternidad*: “Con todo, una suerte de gravitación familiar me alejó hacia unos barrios, de cuyo nombre quiero siempre acordarme y que dictan reverencia a mi pecho. No quiero significar así el barrio mío, el preciso ámbito de la infancia, sino sus todavía misteriosas inmediaciones: confín que he poseído entero en palabras y poco en realidad, vecino y mitológico a un tiempo” (BORGES apud FERRO, 1998a, p. 37). Sobre este fragmento de *Historia de la eternidad* (2004a, p. 365), pode ser assinalado, como fato chamativo, que é um parágrafo de “Sentirse en muerte”, em *El idioma de los argentinos* (2002, p. 130), relato que também se encontra

Sobre essa *criação idealizada* ou sobre essa *poética da memória* que pensa e gera uma cidade borgeana, transcrevem-se as seguintes estrofes de diversos poemas excluídos por Borges do livro *Luna de enfrente* (1925) em 1943, com motivo da sua reedição. Assim, em “A la calle serrano” pode ser lido “Antes / Había un corazón en cada casa: / El corazón del patio. / Me acuerdo de una luna grande desde la acera. / (No sé si era Carriego el que le daba cuerda.)”(BORGES, 2007a, p. 272); em “Patrias”: “Quiero la casa baja. / La casa que en seguida llega al cielo, / la casa que no aguante otros altos que el aire. / Quiero la casa grande, / La orillada de un patio” (BORGES, 2007a, p. 273); em “En Villa Alvear”: “Mis pasos haraganes comprenden bien la calle. / Yo fui de este suburbio criollero del oeste: / sé que en los corazones hay la ternura grave / De los tangos antiguos y las tapias celestes” (BORGES, 2007a, p. 280).

Assim, a Buenos Aires de ontem, resgatada pela escrita borgeana, é descrita em detalhes e oferecida abertamente para preencher um vazio portenho ocasionado pelo lado negativo de uma modernidade efervescente. Cabe perguntar-se que Buenos Aires é essa, fruto da reconstituição ficcional de um escritor que pode esquecer ou imaginar fatos para mitificar um espaço que está se diluindo nas heterogêneas águas do processo civilizatório de começos do século XX.

Não existe uma resposta para tal questão. Não importa a distância entre a Buenos Aires que foi e a que Borges criou. Nesta dissertação apontamos a criação de uma outra cidade, a cidade ficcional borgeana, que só pode ser construída a partir da elaboração de uma prévia inexistência, a de uma Buenos Aires que não era ao momento de ser escrita. Só assim podemos entender as palavras de Borges (2007a, p. 295) quando diz: “A mi se me hace cuento que empezó Buenos Aires”<sup>29</sup>.

#### 1.4.2 A figura do novo *criollo*

Assim como as produções iniciais borgeanas procuram um espaço idealizado que sirva de marco à sua textualidade, também procuram personagens que nesse espaço exibam um caráter heróico e patriótico, supostamente ausente na cidade moderna, e que possibilitem o fortalecimento do caráter mítico da sua estética das margens. O espaço da cidade mítica que

---

em “Nueva refutación del tiempo”, em *Otras inquisiciones* (2004b, p.142). Assim, o texto de 1928 pode ser relido na íntegra dentro de outros dos textos de 1936 e 1952.

<sup>29</sup> Este verso pertence ao poema “Fundación mitológica de Buenos Aires” de 1926. Em 1929, dita composição será publicada com alterações em *Cuaderno San Martín* com o título “Fundación mítica de Buenos Aires”.



Borges cria deve ser preenchido por um personagem que possua o mesmo caráter mítico e que exiba o mesmo caráter inédito que a sua invenção cidadina.

Borges, para elaborar esse personagem representativo do novo espaço, não reedita um símbolo que já existe no campo, o gaúcho, mas que, como já observamos, tenta construir um protótipo nascido dos bairros periféricos de Buenos Aires. Assim começa a ser delineada a estética borgeana das margens no que respeita aos personagens que se situam nas fronteiras da cidade. Assim, estes personagens se situam (a partir dos primeiros ensaios posteriores à sua escritura inicial) na cidade mítica que a ficção borgeana constrói entre 1921 e 1925:

EN UNA CALLE de Palermo de cuyo nombre sí quiero acordarme y es la de Honduras, vivió allá por los años enfáticos del centenario un entrerriano tuberculoso [Carriego] y casi genial que miró al barrio con mirada eternizadora. Ese anteayer de Palermo no era precisamente idéntico a su hoy. Casi no había casas de alto y detrás de los zaguanes enladrillados y de las balaustraditas parejas, los patios abundaban en cielo; en parras y en muchachas. Había baldíos que hospedaban al cielo y en los atardeceres parecía más sola la luna y una luz con olor a caña fuerte salía de las trastiendas. El barrio era peleador en ese anteayer: se enorgullecía que lo llamaran Tierra del Fuego y el punzó mitológico del Palermo de San Benito aún perduraba en los cuchillos de los compadres. Había compadritos entonces: hombres de boca soez que se pasaban las horas detrás de un silbido o de un cigarrillo y cuyos distintivos eran la melena escarpada y el pañuelo de seda y los zapatos empinados y el caminar quebrándose y la mirada atropelladora. (BORGES, 1993, p. 27)

Segundo Borges, entre outras particularidades, seus personagens devem ser *criollos* e não possuir afinidade com a Europa (Borges, 1993, p. 11). Esta característica do personagem que Borges recria, o *compadrito*, é difícil de ser pensada fora da textualidade borgeana. Primeiramente porque a palavra *criollo* já remete à idéia de um descendente europeu nascido em terras da coroa espanhola na América. Depois, porque geralmente os heróis e *próceres criollos* que participam dos grandes acontecimentos da história argentina têm fortes laços afetivos com a Europa apesar de alimentarem intelectualmente a vocação de independência do país (O DONNEL, 2006, p. 62). Cabe perguntar-se se o *criollo borgeano* pode ser equiparado com alguma das concepções elaboradas durante o curso da história argentina.

A palavra *criollo* tem, como afirma Olea Franco, várias mudanças semânticas na história argentina. No século XVIII o termo identificava a nobreza americana descendente de espanhóis; na primeira metade do século posterior, quando metrópole e colônia se separaram, ser *criollo* significou pertencer à elite ilustrada que participou dos movimentos pela

independência argentina. Com o passar das décadas apareceram novos *criollos*, como o gaúcho (que não é nem espanhol nem índio), e este fenômeno faz com que o termo já não represente só *o sangue*, mas uma forma de “ser nacional”. É procedente recordar aqui a ativa intervenção dos gaúchos nas guerras pela independência nacional (OLEA FRANCO, 1993, p. 78-82).

Porém, a segunda metade do século XIX, segundo o autor acima citado, traz algumas mudanças na visão do termo. *Criollo* (o nacional, o autóctone) passa a ser visto justamente como a trava mais evidente de um projeto nacional para modernizar o país. Os pensadores liberais se inclinam pela cultura européia, o que deixa em segundo plano qualquer elemento representante do aspecto regional. Porém, o imigrante<sup>30</sup>, com suas greves e manifestações sociais e marginais, deixa de ser bem visto, devendo-se apelar a uma nova definição de *criollo* (OLEA FRANCO, 1993, p. 83-84).

Evidentemente, o jovem Borges não ignora esses dados, expondo-os de maneira polêmica em seus escritos iniciais com o objetivo de alcançar uma figura *criolla* que possa ser apresentada como possível modelo de valor e de *argentinidad*. Esse modelo, evidentemente, carece de auto-suficiência, já que *argentinidad* é uma noção complexa devido à heterogeneidade dos habitantes do país durante as primeiras décadas do século XX. Além da chegada das grandes correntes imigratórias de vários países da Europa, as diversas particularidades do interior do país e das cidades capitais também aprofundam as grandes diferenças entre os argentinos.

Esse personagem ou figura que se pretende reescrever, o *compadrito*, não é nitidamente um personagem do centro da moderna cidade, tampouco é um arquétipo do campo. O *compadrito*, figura que o jovem Borges vê como o possível depositário de um passado portenho perdido, não deixa de ser uma figura urbana, mas está unido à cidade pelo

---

<sup>30</sup> Sobre as mudanças que Buenos Aires experimentava em número de habitantes nas últimas décadas do século XIX e XX, Norberto Ferreras (2006, p. 174) assinala que: “A população [argentina] passou de aproximadamente 1,77 milhões em 1869 para 7,48 em 1914. Mas o número isolado mais significativo foi o do crescimento da cidade de Buenos Aires, que passou de 187 mil habitantes em 1869 para 664 mil em 1895, alcançando os 1,575 milhões em 1914. Ou seja, a população de Buenos Aires cresceu mais de 8 vezes em pouco mais de 40 anos, sendo que na última década tinha mais que duplicado”. Já sobre as manifestações (2006, p. 175): “Ao longo dos primeiros vinte anos do século XX os trabalhadores expuseram suas necessidades por meio de protestos nas ruas de Buenos Aires. Nestes anos se sucedeu uma série de conflitos que acabaram em conflitos entre as autoridades e os trabalhadores, com grandes prejuízos materiais e humanos para estes últimos. Só para mencionar os confrontos mais importantes, temos a Greve geral de 1902, a Greve de Inquilinos de 1907, a Semana Vermelha de 1909, a Repressão do ano do Centenário (1910), as eleições gerais de 1916 e a Semana Trágica de 1919. Isso para mencionar somente os conflitos na cidade de Buenos Aires, deixando de lado conflitos menores, como greves, boicotes e outras formas de luta e resistência desenvolvidas durante todo o período”.

extremo da mesma. É uma nova figura típica dos arrabaldes e das margens da moderna Buenos Aires:

Somos unos dejados de la mano de Dios, nuestro corazón no confirma ninguna fe, pero en cuatro cosas sí creemos: en que la pampa es un sagrario, en que el primer paisano es muy hombre, en la reciedumbre de los malevos, en la dulzura generosa del arrabal. Son cuatro puntos cardinales los que señalo, no unas luces perdidas. El *Martín Fierro*, el *Santos Vega* el otro *Santos Vega*, el *Facundo*, miran a los primeros que dije; las obras duraderas de esta centuria miraran los últimos. [...] De la riqueza infatigable del mundo, sólo nos pertenecen el arrabal y la pampa. (BORGES, 1993, p. 25)

Da leitura do fragmento, desse personagem que será parte das “obras duradouras” e que Borges tenta inserir no seu projeto mitológico, cabe questionar novamente se esse “malevo recente” das lembranças/afirmações do narrador pode ser tomado como parâmetro no protótipo de *argentinidad* ou de recuperação da identidade nacional. Assim como o gaúcho, em pleno auge do nacionalismo argentino, tenta ser símbolo nacional através do *Martín Fierro* no âmbito espacial conhecido como o pampa, este *criollo* borgeano também é criado miticamente para consolidar-se como outra figura que pode ser um protótipo de coragem numa Argentina do passado. É claro que nenhum desses personagens pode atingir essa representatividade devido à heterogeneidade do povo argentino, embora alguns setores do interior do país se sintam espelhados em *Martín Fierro* e parte dos imigrantes que habitam as margens da cidade possuam uma atração especial pelo *compadrito*.

No *criollo borgeano* se apresentam algumas variações em relação aos textos da época que versam sobre os homens do campo ou das margens urbanas. O jovem Borges exibe uma postura diversa daquela sustentada por outros autores nostálgicos que escrevem sobre os *criollos* com parâmetros europeus. Os textos de Borges que versam sobre *criollismo* estão dirigidos a preencher futuramente esse âmbito espacial que recria os subúrbios com *criollos* diversos dos apresentados na literatura do momento, o *criollo* do campo. O pampa e o gaúcho, mesmo sendo lendas e ocupando as páginas da literatura rural argentina, carecem de caráter universal para o jovem Borges, e por isso é necessário um novo espaço e um novo personagem que possa ser *criollo* e universal e que seja portador de uma sólida imagem mítica no país que lhes dá origem<sup>31</sup>. Assim o jovem Borges instala a polêmica valendo-se de um

---

<sup>31</sup> Nesse sentido, uma vez mais se assinala que dificilmente uma Buenos Aires marginal ou um *criollo* das margens pode alcançar universalidade, o que leva a pensar que a postura de Borges pode ter conotações irônicas, polêmicas ou experimentais. Menciona-se o tom polêmico ou irônico quando se pensa nos projetos nacionalistas que outros escritores da época, como Lugones, idealizavam em torno à figura do gaúcho, ou no caso de Manuel

protótipo mítico pessoal (já ensaiado por Evaristo Carriego e sua poesia) que pretende apresentar como a nova cara literária do bairro popular, espaço desconsiderado na moderna Buenos Aires, e estabelecê-lo como duradouro e reconhecido nas letras e na sociedade argentina.

A busca de uma identidade nacional na cidade moderna e heterogênea é tema usual entre os literatos das primeiras décadas de 1900, e os primeiros textos do autor argentino não escapam a essa regra. Mas criar uma Buenos Aires e uma mitologia pátria com *tangueros*, homens de faca e vida marginal, é realmente uma exceção que parece responder, como já mencionamos, mais à ironia ou à crítica que a um projeto identitário de um povo que necessita ser definido.

Ironia ou crítica, é provável que o jovem Borges tenha pensado em se afirmar nas letras argentinas implantando uma discussão literária fundada em um espaço e em um personagem característicos de um pretérito arrabalde portenho. Esta postura dura alguns poucos anos, suficientes para entender que o verdadeiro projeto estético da sua escrita não esta só nas margens da cidade, como também na possibilidade de transformar essas zonas fronteiriças em espaços regionais e também universais. Justamente, a crítica ao europeísmo do *criollo* e à falta de identidade nacional rapidamente começam a conviver, na escrita borgeana, com um novo conceito: o criollismo universal. Este tópico, sua relação direta com a linguagem e as reflexões que sobre esta última Borges realiza na primeira etapa de sua escrita formam parte das indagações do seguinte capítulo desta dissertação.

---

Gálvez com seu retorno ao hispanismo, ou de Ricardo Rojas com os filhos de imigrantes (OLEA FRANCO, 1993). Já no plano experimental, lembrem-se os comentários do próprio Borges a respeito da opinião negativa que esta escrita, temerária e insensata (nas suas palavras), lhe merecia.

## CAPÍTULO II

La definición que daré de palabra es – como las otras - verbal, es decir también de palabras, es sodecir palabrería. Quedamos en que lo determinante de la palabra es su función de unidad representativa y en lo tornadizo y contingente de esa función.  
(JLB, “Indagación de la palabra”, 1928)

### 2. A PRIMEIRA FASE DA ESCRITA DE JORGE LUIS BORGES

Nos escritos de Jorge Luis Borges prévios<sup>32</sup> ao período considerado nesta dissertação como a primeira fase da sua escrita, se observa uma preocupação escassa com a temática da linguagem como matéria de reflexão. Embora o ultraísmo vise uma reformulação ampla dos conceitos que embasam a estética modernista e a revisão das figuras de linguagem configure uma dessas reformulações, o problema da linguagem como tema de reflexão não está no centro das preocupações borgeanas dos primeiros anos da década de 1920<sup>33</sup>. Um dos poucos exemplos que abordam o tema da linguagem é o texto “Ultraísmo” de 1921.

Em “Ultraísmo” o jovem Borges refere-se a um grupo do movimento ultraísta espanhol que tem como único objetivo “rimar anedotas” e menciona a tendência dos integrantes deste grupo à busca de poesia na simplicidade e no comum da vida e a ignorar no seu vocabulário qualquer palavra que resulte “prestigiosa”. Nessa forma de fazer poesia, o jovem Borges analisa a utilização da linguagem cotidiana no âmbito poético. Segundo o autor argentino (2007a, p. 155), deslocar a “linguagem do cotidiano” para a literatura é um erro, pois na conversa os vocábulos são unidos sem nenhuma ordem e as palavras são distribuídas com uma ambigüidade exagerada. Além disso, acrescenta Borges (2007a, p. 155), o medo à retórica é outro inconveniente dos “sensillistas” devido a que tal temor resulta em uma outra retórica tão deliberada e artificial como a “acadêmica”. “Linguagem adequada”, “palavras

---

<sup>32</sup> Estes escritos pertencem à etapa 1918-1925 e foram referidos no capítulo anterior desta dissertação.

<sup>33</sup> Em 1921 Jorge Luis Borges, com 22 anos de idade, volta a Buenos Aires, após sete anos de permanência na Europa, onde teve contato com grupos vanguardistas do ultraísmo, na Espanha, e expressionistas, na Suíça. Embora estes contatos tivessem influído profundamente no autor argentino no que se refere à procura de uma arte renovada que contasse o novo mundo longe das formas e dos temas tradicionais herdados do passado, a temática da linguagem parece, embora não se leia nos seus primeiros textos, estar intimamente ligada ao período que Borges passa especificamente em Genebra e que lhe possibilita a leitura de Mauthner e Schopenhauer.

simples”, “termos acadêmicos”, são elementos que, nos escritos iniciais de Borges, constituem as bases onde repousa a produção textual da sua primeira etapa de escrita<sup>34</sup>.

## 2.1 A linguagem na primeira etapa da escrita borgeana

A primeira etapa na escrita borgeana, período que abarca a produção textual do autor argentino entre os anos 1925 e 1928, denota uma profunda preocupação com a problemática da linguagem.

Em linhas gerais pode-se afirmar que este período reflete uma visão borgeana relacionada a uma idéia de linguagem com caráter regional e marcada pelas possibilidades sensitivas<sup>35</sup> (ou seja, de experimentar o mundo) que proporciona. Neste primeiro período também se nota na produção escrita do autor a busca de uma linguagem de caráter universal de acordo com uma Buenos Aires em pleno processo modernizador das primeiras décadas de 1900<sup>36</sup>.

### 2.1.1 A problemática lingüística da Buenos Aires de 1920 e 1930

---

<sup>34</sup> Jorge Luis Borges, como partícipe do movimento ultraísta, já compartilhava com os vanguardistas algumas preocupações com a linguagem. Uma destas preocupações radicava na utilização da metáfora. Os ultraístas procuravam, junto aos temas que consideravam de atualidade - o avião, a antena -, a configuração de metáforas que alcançassem o caráter de insólitas quando comparadas com as metáforas modernistas e com as imagens que estas últimas provocavam.

<sup>35</sup> A linguagem deve estar em consonância com o mundo particular, com o universo sentido pelo falante, com as sensações que ela provoca. Em “Profesión de fe literária” (BORGES, 1993, p. 132) podemos ler “ya he reconocido, entre miles, las nueve o diez palabras que se llevan bien con mi corazón” notando a comunhão existente entre a linguagem e os sentimentos nestes primeiros escritos borgeanos. A relação da linguagem a as sensações também é notada em outro fragmento do mesmo texto “Que nadie se anime a escribir suburbio sin haber caminoteado largamente por sus veredas altas; sin haberlo deseado y padecido como a una novia; sin haber sentido sus tapias, sus campitos, sus lunas a la vuelta de un almacén, como una generosidad...” (BORGES, 1993, p. 132).

<sup>36</sup> A Buenos Aires que Borges encontra quando volta à Argentina é determinante do rumo que o autor tomará ao colocar em seus escritos alguns princípios vanguardistas apreendidos na Europa. Seus escritos continuaram procurando metáforas novas que substituíssem as legadas pelo modernismo de Rubén Darío, e portanto abraçando os princípios do vanguardismo espanhol. Em *Profesión de fe literaria* podemos ler: “Cualquier metáfora, por maravilladora que sea, es una experiencia posible y la dificultad no está en su invención (cosa llanísima, pues basta ser barajador de palabras prestigiosas para obtenerla), sino en causalizarla de manera que logre alucinar al que lee” (BORGES, 1993, p. 128). Mas por outro lado, a temática do novo, do futuro, pregoada pelo ultraísmo, dará lugar a um tema inovador nos textos de Jorge Luis Borges: o culto ao subúrbio. Ante as rápidas mudanças do espaço portenho, provocadas pelo afã modernista dos grupos dirigentes, pela exacerbada imigração e pelo espírito nacionalista ressuscitado nos anos do centenário da revolução de maio e da independência do país, Borges centra sua escrita nas margens da cidade, nos bairros periféricos da metrópole. Escrita que tematicamente não é nova, mas que possui esta qualidade na forma como o olhar borgeano constitui sua Buenos Aires marginal, forma que será explorada nas páginas do presente capítulo.

Borges, desde seu retorno ao país, tenta modelar em sua escrita o tratamento de uma série de problemáticas que lhe possibilitam, por um lado, afirmar-se no campo das letras portenhas e, por outro, obter prestígio e reconhecimento entre seus pares.

Em linhas gerais essas problemáticas que o autor argentino converte em temas literários versam sobre o contexto histórico-social da Argentina nas primeiras décadas do século passado. Esse contexto está conformado, basicamente, por dois extremos muito diversos. Um está relacionado com a saída abrupta de um passado rural onde a força do campo é determinante para a construção de uma identidade nacional (os gaúchos, os fazendeiros); o outro se vincula à efervescência moderna que a capital do país atravessa nesses primeiros anos de 1900.

Assim, esse trabalhar entre dois extremos, o antigo e o novo, é o que possibilita ao jovem Borges abordar os temas da sua escrita a partir de uma dupla perspectiva: a que lembra um passado “já perdido” e que alguns escritores, sobretudo os do grupo Florida, consideram a época de ouro da valentia argentina (o gaúcho como protótipo de coragem) e a que vê no futuro de Buenos Aires uma cidade grande e moderna onde a mistura de povos é o elemento que fortalece a união, e não um elemento dissolvente. É preciso lembrar a grande preocupação que causam, nos intelectuais e nos políticos da época, as idéias anarquistas e revolucionárias que algumas facções estrangeiras trazem da Europa.

Mas retomando essa particular relação campo-cidade que caracteriza a escrita literária da época, Ana María Barrenechea (2000, p. 218) lembra que: “Los escritores argentinos, en busca de un arte que reflejara más fielmente a América, fueron elaborando dos grandes temas: la pampa y Buenos Aires. Primero surgió la llanura, creación del paisajismo romántico, y, más tardíamente, Buenos Aires”.

E a linguagem, entre outros temas da escrita borgeana, também se situa nesse âmbito bilateral que confronta os tempos pretéritos e futuros da nação argentina. Desta forma, o jovem Borges dirige sua produção literária à busca de uma escrita que construa, ao mesmo tempo, uma linguagem regional, que se vincule à história recente de seu país, e uma linguagem universal, que possa ser o ponto de contato entre os argentinos “velhos” (de famílias portenhas tradicionais) e a imensa massa de imigrantes que desde as últimas décadas do século XIX chega ao país.

Sobre o contexto histórico da capital argentina, é preciso lembrar que as massas migratórias chegadas a Buenos Aires a princípio de 1900 não só geram modificações no

âmbito político e social do país como atingem quase todas as instâncias da sociedade argentina (religião, economia, literatura), especialmente, a língua. Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do XX, observa-se uma pronunciada tensão entre várias línguas dentro de um mesmo âmbito territorial. Esta luta/coexistência entre línguas gera, por um lado, modificações nas falas preexistentes ou originárias e, por outro, a aparição de novas características lingüísticas na sociedade da época.

Para aprofundar o entendimento do contexto lingüístico-literário portenho nos anos posteriores ao retorno de Borges ao seu país, transcrevemos as seguintes afirmações de Pérez (1986, p. 141):

Borges vive en un momento histórico de la sociedad argentina en que puede detectarse una particular tensión de tendencias discursivas divergentes a consecuencia de la activa inmigración, las situaciones de bilingüismo, la movilidad social creada por el crecimiento económico capitalista, que si bien es desigual y con todas las deformaciones propias del subdesarrollo, transforma a Buenos Aires en una gran metrópolis que se beneficia cada vez más del desarrollo industrial y tecnológico. Esto crea una renovación del lenguaje y las formas de expresión, así como el surgimiento de nuevas formas literarias, tanto cultas como populares. En el terreno de la literatura culta el Modernismo lleva adelante la renovación del lenguaje poético, y en la literatura popular, vemos una gran renovación de los géneros bajos a partir de la literatura «gauchesca» del siglo XIX, continuada en el siglo XX por el sainete y, el tango.

Observe-se como nas afirmações de Perez o social, traduzido na chegada e assentamento dos imigrantes, o econômico, representado pelo capitalismo florescente, o ambiente cultural e as tensões dos discursos decorrentes da fusão de idéias conformam o contexto ideal para a proliferação de novas línguas. Na Buenos Aires das primeiras décadas de 1900 existem diversas manifestações lingüísticas e, conseqüentemente, novas formas de expressão textual.

E é uma dessas formas a que funda a linguagem borgeana dessa primeira etapa, linguagem representada na defesa de um novo *criollismo* que considera como tradição o regional, mas que não esquece o universal. A respeito, Borges (2004a, p. 272) afirma no seu texto “El escritor argentino y la tradición”:

¿Cuál es la tradición argentina? Creo que podemos contestar fácilmente y que no hay problemas con esa pregunta. Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental, y creo también que tenemos derecho a esta tradición,



mayor que el que pueden tener los habitantes de una u otra nación occidental.

É notável a referência à “universalidade” da tradição argentina. O autor argentino não limita a tradição de seu país a um âmbito local, mas a estende à totalidade da cultura ocidental. Este ponto, o aspecto universal da escrita do jovem Borges, evidencia uma preocupação já existente nos albores da sua escrita, o que não permite pensar o autor argentino como um escritor apenas regionalista na sua produção textual entre os anos 1925 e 1928:

A escrita com traços regionais e universais compreende, no escritor argentino, uma estratégia literária utilizada para diagramar uma linguagem especial, diferenciadora, única, que vai além da gauchesca e que renova, com suas reformulações, a literatura naturalista-*criollista* do momento. Literatura que procura, basicamente, um “idioma nacional” que caracterize uma “argentinidade” até o momento não encontrada unanimemente pela divergência entre a língua dos *criollos* antigos e dos imigrantes.

Claro que tal afirmação não significa que Borges não tente configurar “o nacional” com a sua escrita, senão que seu caminho centra-se em outras visões (o *criollismo*, o universalismo, o vanguardismo) no momento de procurar a identidade argentina.

Borges, na textualidade do período 1925-1928, deixa entrever traços *criollistas* que repousam nas margens da cidade e nos limites do campo. A *argentinidade* em Borges não é uma *argentinidade* de gaúchos, senão de um novo tipo de *criollo* que mora nas fronteiras existentes entre o campo e a cidade; não é uma argentinidade do pampa, senão do arrabalde. A potencial nova literatura argentina, e os eventos essencialmente importantes que conformam a identidade argentina estão presentes, para o jovem Borges, nesse contexto que permite uma releitura de tudo o que até aquele momento é escrito e dito sobre o país que o autor encontra após seu retorno da Espanha.

E esse *criollismo* particular borgeano pode ser explicado, em parte, como o resultado de uma postura irônica do autor argentino, que tenta exibir na sua escrita a impossibilidade de criar uma identidade argentina<sup>37</sup>, e em parte como uma tomada de posição frente aos fenômenos lingüísticos que, marcados pela heterogeneidade, convertem a Buenos Aires em uma espécie de *Babel* americana. Sobre estes fenômenos lingüísticos que atravessam a Buenos Aires das primeiras décadas do século passado, referimos um texto de José Clemente

que, descrevendo os diversos extremos geográficos da cidade de Buenos Aires no princípio de século XIX, possibilita uma cartografia lingüística de imenso valor para a presente dissertação. Este texto se intitula “Mapa idiomático de Buenos Aires” e forma parte do livro *El lenguaje de Buenos Aires* (1963).

Nos primeiros parágrafos de “Mapa idiomático de Buenos Aires”, e como caráter introdutório, se observa uma proposta do autor que sugere pensar a cidade de Buenos Aires como um “chegar sem interrupções”. Um chegar de imigrantes e de argentinos do interior à cidade dos edifícios modernos, o lugar onde as ruas modificam seus nomes e onde aparecem sem cessar monumentos de próceres desconhecidos (CLEMENTE, 1963, p. 117-118); um chegar ao espaço onde a clássica mesa de café, a paixão pelas cores do clube favorito e o tango são mito quase universal (CLEMENTE, 1963, p. 118-119).

Clemente também cita que a linguagem das cidades cosmopolitas possui um viés sentimental misturado com um especial cuidado acadêmico, e que ambas as expressões, o sentimento e o academicismo, são igualmente válidas no campo literário. O que muda, continua explicando o autor, é a preferência ou afeto do povo (CLEMENTE, 1963, p. 120). No caso do cidadão portenho, ele vive a intimidade de Buenos Aires e também participa dos modismos suburbanos. Mas onde estaria localizado esse morador da cidade de Buenos Aires? Segundo Clemente, pode demarcar-se um mapa com limites imprecisos dessa Buenos Aires moderna. Assim, nas palavras do autor, ao sul da cidade está a Avenida de Mayo, onde as antigas e as novas vozes estão misturadas, onde alguns provincianos moram com espanhóis e onde ainda é representado o drama da colonização. Neste espaço de Buenos Aires se encontram “Las palabras que vienen de España a continuar la hegemonía magistral y, las originarias del interior, que llegan con igual pureza de sangre, pero con la piel de un sol diferente (CLEMENTE, 1963, p. 122); ao norte está a avenida Santa Fé, que é como dizer Paris, e algumas vezes Roma ou Londres; resumindo, a avenida Santa Fé é como dizer Europa e ali se encontram as vozes estrangeiras; na metade dos extremos anteriores está a avenida Corrientes, rua dos bairros. A linguagem dos bairros chega a Corrientes e se transforma na linguagem de Buenos Aires, sendo esta avenida uma espécie de mapa idiomático de Buenos Aires. “Las palabras, nacidas en los sitios apartados, empiezan a repetirse con inocente orgullo argentino, bajo la luna eléctrica y andariega de Corrientes” (CLEMENTE, 1963, p. 124). Por último, existe um espaço especial que se conhece como “el bajo”, onde os barcos

---

<sup>37</sup> Se Leopoldo Lugones pode erigir um símbolo argentino com o *Martín Fierro*, Borges pode fazer algo similar com personagens das periferias. Esta é uma forma de entender o aspecto irônico e paródico que Borges deixa entrever quando quer depositar na figura de *compadritos* e arrabaldes a história e a identidade argentina.

trazem outros vocábulos que ampliam o idioma dos portenhos e levam para a Espanha o que no dicionário da Real Academia aparece como argentinismos (CLEMENTE, 1963, p. 124).

Nas idéias cartográficas de Clemente e nas explicações dos fenômenos lingüísticos de Pérez observam-se ao menos dois pontos de contato que explícita ou implicitamente perpassam os comentários realizados em seus textos. Um desses pontos, o explícito, está na confluência de diversas línguas que resultam em um idioma *sui generis* que contamina e influi sobre a língua natural do lugar onde tais fenômenos se produzem. O outro ponto, o solapado, radica nas entrelinhas das descrições dos autores e se vincula à preocupação existente com a problemática lingüística de um país que, através da transformação de sua língua, vê afetada o que poderia ser considerada como sua própria identidade.

Esta última preocupação, a que aponta os fenômenos de variações lingüísticas vinculados às reflexões que alcançam a problemática da “identidade nacional”, encontrava-se presente em outros textos borgeanos da época. Esse é o caso do ensaio “El idioma de los argentinos” (1928) que se analisa a seguir.

## 2.1.2 A questão idiomática nos ensaios borgeanos das primeiras décadas de 1900

A questão idiomática, ponto que preocupa, entre outros grupos sociais, os intelectuais das primeiras décadas de 1900, pode ser lida no ensaio de Jorge Luis Borges, “El idioma de los argentinos”. Este ensaio, que em 1927 já se encontra nos anais do Instituto Popular de Conferencias em Buenos Aires (BORGES, 2007, p. 558), é publicado no livro que leva seu mesmo nome em 1928, e reeditado em *El lenguaje de Buenos Aires*, texto que Borges publica junto com José Luis Clemente em 1963. Este último texto, além do ensaio citado, reúne uma série de trabalhos que tendem a descrever as transformações lingüísticas sofridas pelo idioma espanhol na Argentina no período acima citado.

Em “El idioma de los argentinos” se percebem as redarguições de Borges à posição lingüística adotada por Capdevile em relação à existência de um possível *idioma nacional argentino* pensado com independência do espanhol peninsular. Assim, o autor argentino se refere às particularidades do idioma espanhol falado na Argentina, indica os especiais tons que algumas palavras ganham no país, diferencia esta variante espanhola do “arrabalero”<sup>38</sup> e

---

<sup>38</sup> Neste ensaio e no entendimento de Borges, o “arrabalero” não é mais que um desprendimento do “lunfardo”, forma de falar oculta e codificada dos ladrões e delinquentes, que seria só um vocabulário técnico de um grêmio específico e que não representa nenhum perigo para a língua, pois pensar de outra forma seria como pensar que a

defende o possível espanhol argentino do pensamento ortodoxo que propõe a imutabilidade da língua peninsular na América.

Borges, em seu ensaio, afirma que *o idioma dos argentinos* deve enfrentar, basicamente, dois problemas: a existência de pessoas que acreditam que o idioma argentino é a fala que se conhece como “arrabalero” nos sainetes (peça teatral curta e independente que se caracteriza por exibir de forma humorística costumes da vida popular) e os pensamentos dos defensores de um idioma espanhol que não deve sofrer alteração nenhuma para se manter *puro e casto* (2002, p. 145).

Quanto ao “arrabalero”, o autor refere que existe a crença de que pertence às margens, aos arrabaldes, sendo tal idéia falsa, pois a palavra “arrabalde” não seria geográfica, mas um termo amplo que define situações e não lugares:

“Arrabal es todo conventillo del centro. Arrabal es la esquina última de Uriburu, con el paredón final de la Recoleta y los compadritos amargos en un portón y ese desvalido almacén y la blanqueada hilera de casas bajas, en calmosa esperanza, ignoro si de la revolución social o de un organito. Arrabal son esos huecos barrios vacíos en que suele desordenarse Buenos Aires [...]. Arrabal es el rencor obrero [...] y la casita que no se anima a la calle y que detrás de un portón de madera oscura nos resplandece, orillada de un corredor y un patio con plantas. Arrabal es el arrinconado bajo de Núñez con las habitaciones de zinc, y con los puentecitos de tablas sobre el agua delezrada de los zanjones, y con el carro de las varas al aire en el callejón. Arrabal es demasiado contraste para que su voz no cambie nunca (BORGES, 2002, p. 145-146)

No entendimento do autor, não só não existe esse território onde se utiliza o suposto dialeto, como não existe dialeto das classes pobres. O “arrabalero” não é usado pelos “criollos”, nem comumente pelos “compadritos”, que só o utilizam de forma exagerada, nas suas brigas, para demonstrar coragem:

No hay dilecto general de nuestras clases pobres: el arrabalero no lo es, el criollo no lo usa, la mujer lo habla sin ninguna frecuencia, el propio compadrito lo exhibe con evidente y descarada farolería, parra gallear. El vocabulario es misérrimo: una veintena de representaciones o informa y una viciosa turbamulta de sinónimos lo complica. (BORGES, 2002, p. 146)

---

linguagem das matemáticas pode passar a ser um idioma ou língua independente ou que o calão dos ciganos pode atentar contra a língua espanhola (BORGES, 1984, p.19).

Também sobre este “pseudo-dialeto” que possui um vocabulário limitado, o autor argentino acrescenta que nos “sainetes” devem inventar-se alguns termos para poder utilizá-lo. Por estas particularidades, as obras literárias clássicas dos arrabaldes, assim como a música da cidade (por exemplo, os versos de Evaristo Carriego), ignoraram este dialeto, apesar de ser conhecido pelos seus autores, “esquecimento” que não causa estranheza, pois os textos literários e as milongas e os primeiros tangos<sup>39</sup>, tratam de “compadres” de bairro (operários, açougueiros) e não de foragidos ou delinquentes (2002, p. 146-147). A pobreza do dialeto citado, o fato de ser ignorado pela literatura clássica e pela música popular, a negação de seu uso pelos moradores de Buenos Aires, são motivos para não dar ao “arrabalero” a categoria de idioma e para desmistificar a comparação de tal dialeto com um possível idioma dos argentinos. Assim, nem o “arrabalero”, nem o “lunfardo”,<sup>40</sup> poderiam alcançar a categoria lingüística de idioma.

Note-se que as preocupações do autor radicam em uma problemática que abrange a linguagem com uma ótica eminentemente comunicativa, ou seja, que coloca a ênfase de sua reflexão na possibilidade que a linguagem outorga ao homem de poder comunicar suas idéias. Por isso, a primeira noção de linguagem que propõe Borges vincula tal conceito com uma acepção que define a linguagem como uma “ferramenta de comunicação”, como um sistema de signos arbitrários que permitem comunicar idéias entre indivíduos<sup>41</sup>.

Mas definir a linguagem somente como comunicação entre indivíduos ou como mero meio informativo destinado a estabelecer diálogos entre as pessoas é um exercício que pode ser declarado incompleto ao ser estudada a noção de linguagem em Borges. Esta noção parcial de linguagem ignora a dimensão que abrange, entre outras, problemáticas como a relação entre linguagem e pensamento ou a vinculação existente entre a linguagem e a realidade.

---

<sup>39</sup> No ensaio “El idioma de los argentinos”, Borges refere que os tangos novos foram alcançados pelo “lunfardo” por uma necessidade de alguns escritores simuladores de colocar cor local onde não é necessário. Assim o narrador postula um enfrentamento entre a milonga como possuidora da alma dos arrabaldes e de um vocabulário popular e os novos tangos como resultado de uma futilidade internacional de quem os escreve e possuidores de uma terminologia criminal desnecessária (1984, p. 21).

<sup>40</sup> O “lunfardo” é definido pelo “Diccionario del habla de los argentinos” como o jargão originariamente utilizado em Buenos Aires e seus arrabaldes por imigrantes, marginais e delinquentes (2004, p. 373).

<sup>41</sup> Neste sentido podem ser transcritas as palavras de Diamond (1974, p. 11), que postula uma noção de linguagem eminentemente comunicativa: “El lenguaje es un don del hombre. Ningún animal lo posee y no tenemos conocimiento en el pasado o en la actualidad de sociedades humanas tan simples o primitivas que no hayan desarrollado un lenguaje elaborado y complejo. El lenguaje es la comunicación entre individuos por medio de sonidos producidos por la vibración de una columna de aire que pasa por la laringe, boca y nariz y entra en contacto con las zonas contiguas de la garganta, paladar, lengua, mejillas, dientes y labios. La capacidad del hombre para producir tales sonidos, y para reconocerlos e imitarlos cuando otros los producen es la materia prima de la que se fabrica el lenguaje”.

Para entender a língua em seu aspecto “comunicativo” e “representativo”, recorremos ao ensaio “Lenguaje y acción” de Oswald Ducrot. Neste ensaio o autor explica que parte dos gramáticos, por exemplo, os de Port Royal, entendem a língua como inventada para permitir aos homens comunicar-se. Mas também existem correntes de pensamento, como as de Arnauld e Lancelot, que afirmam que essa comunicação deve constituir em uma imagem, uma espécie de cópia das estruturas intelectuais (2005, p. 381). Desta forma, entende-se que em termos de linguagem a comunicação e a representação são funções evidentes ao momento de refletir sobre o tema.

Para compreender melhor esta última função da linguagem, a representação, referimos os pensamentos de Humboldt sobre a essencialidade da função representativa na história da humanidade: “La lengua no es un simple medio de comunicación [...], sino la expresión del espíritu y la concepción del mundo de los sujetos hablantes (HUMBOLDT apud DUCROT, 2005, p. 381)<sup>42</sup>”.

E esta função representativa da linguagem também é abordada por Borges em “El idioma de los argentinos”, quando postula a problemática da falsa noção de um idioma perfeito no qual qualquer modificação é inútil. Assim, referindo-se ao caso do idioma espanhol, Borges tenta expor a idéia falaz de considerar que uma língua resulta perfeita ou superior a outras pelo acervo de palavras com as quais conta. Neste sentido, menciona o extenso número de termos que compõem o dicionário espanhol, sessenta mil, e que não significam muito, pois, por exemplo, as matemáticas com somente uma dúzia de signos conseguem montar um idioma infinito (BORGES, 2002, p. 149).

Assim observamos que o aspecto quantitativo de um idioma não determina sua importância, resultando sim, relevante, sua capacidade para criar representações: Sobre o tema, Borges (2002, p. 149-150) explana:

La numerosidad de representaciones es lo que importa, no la de signos. Ésta es superstición aritmética, pedantería, afán de coleccionista y de filatero. Es sabido que el obispo anglicano John Wilkins, el más inteligente utopista en trances de idioma que pensó nunca, planeó un sistema de escritura

---

<sup>42</sup> Neste mesmo sentido, Ferro (1998b, p.17) afirma, sobre essa relação linguagem-mundo, que: "La crítica a la concepción tradicional del lenguaje como un 'instrumento' para la designación de entidades independientes del lenguaje o para la comunicación de pensamientos pre lingüísticos aparece como el común denominador del 'giro lingüístico', lo que implica el reconocimiento de que el lenguaje tiene un papel constitutivo en nuestra relación con el mundo". E sobre o “giro lingüístico” citado pelo crítico argentino e as idéias de Von Humboldt acrescentamos que este último filósofo, já no século XIX, anunciava as idéias inovadoras do começo do século XX que, como afirmam Estupiñán e Villena (2007, p. 125), denotam uma evidente ênfase da filosofia na análise lingüística e em temas como a natureza do significado, a verdade ou a referência.

internacional o simbología que con sólo dos mil cuarenta signos sobre papel pentagramado, sabía inventariar cualquier realidad.

Outra das razões do autor argentino para asseverar que a “riqueza” do espanhol é uma falsidade está vinculada ao fato de que o “extenso” número de entradas do dicionário só representa longas listas de vozes arcaicas e forâneas que não são utilizadas pelos falantes: “El conjunto es un espectáculo necrológico deliberado y constituye nuestro envidiado tesoro de voces pintorescas, felices y expresivas, según en la Gramática de la Academia se puede leer” (2002, p. 150-151). Note-se que, para o escritor, a plenitude de um idioma está na qualidade de seu pensamento ou seu sentir e por isso, essa busca de superioridade pelo número de entradas de um dicionário não passa de um colecionar termos sem sentido. Desta forma, acrescenta Borges (2002, p. 154), se a quantidade de palavras fosse medida de qualidade, o idioma francês, com suas trinta e uma mil acepções, teria vinte e nove mil representações da realidade a menos que o idioma espanhol.

Nestes últimos comentários do autor pode-se observar uma postura que antepõe a noção de linguagem representativa à comunicativa. E essa preponderância da representação se desprende do fato de se privilegiar as imagens mentais que a linguagem possibilita e do fato de se negar a noção da riqueza de um idioma medido pelo número dos termos que o compõem.

Mas o aspecto representativo da linguagem, neste ensaio borgeano, é complementado pelo comunicativo, como se vê na análise comparativa que Borges (2002, p. 157) entre o espanhol dos espanhóis e o dos argentinos:

No hemos variado el sentido intrínseco de las palabras, pero sí su connotación. Esa divergencia, nula en la prosa argumentativa o en la didáctica, es grande en lo que mira a las emociones. Nuestra discusión será hispana, pero nuestro verso, nuestro humorismo, ya son de aquí. Lo emotivo - desolador o alegrador - es asunto de ellas y lo rige la atmósfera de las palabras, no su significado.

Segundo Borges, não existe nenhuma distância quando se trata do entendimento da língua espanhola geral, mas existe um matiz que as diferencia e que, sem deteriorar o aspecto comunicativo, é suficientemente forte, na língua nacional, para representar a pátria argentina.

Os aspectos comunicativos e representativos da linguagem também são tratados no ensaio quando ao referir que um “idioma próprio” não significa que existam palavras usadas na Argentina e que não são entendidas na Espanha, mas sim na “temperatura” do termo, no

seu ambiente, na sua valoração irônica ou carinhosa, no seu aspecto sentimental, no seu aspecto representativo. Assim se explica como um termo pode gerar representações diversas das esperadas em um plano eminentemente comunicativo. Borges (2002, p. 157-158) assinala como exemplos palavras possuidoras de uma outra “atmosfera” especial na Argentina: “súbdito” e “gozar”, que carregam uma significação positiva na Espanha e negativa na Argentina; palavras como “linda”, “arrabal” e “pampa” são vozes que não podem ser entendidas em toda sua dimensão pelos peninsulares; palavras como “llovizna” ou “garua” que, sendo espanholas, não são menos argentinas que os termos gauchescos que designam as mesmas coisas; palavras como “pozo” (poça de água), que sendo espanhola é mais conhecida que o termo do campo, “jagüel”, e o supera em argentinidade.

Os parágrafos finais do ensaio trazem à tona algumas reflexões sobre o que o autor espera da linguagem dos argentinos e alerta, de certa forma, sobre um elemento que já se analisa no ensaio, mas que o próprio Borges desenvolverá com mais profundidade em sua escrita posterior: o aspecto *ambíguo* da linguagem.

Assim, o texto borgeano deixa entrever nas últimas linhas a idéia de um futuro promissor para sua língua, que se traduz em um porvir com uma especial *entoação argentina* do castelhano. E a exposição dessa confiança em uma língua nacional é seguida, curiosamente, por algumas idéias que se referem a uma noção de linguagem que extrapola as referências ao âmbito lingüístico descritivo ou representativo do escrito e se instala no âmbito da desconfiança na linguagem:

Nosotros, los que procuramos la paradoja de comunicarnos con los demás por solas palabras -y esas acostadas en un papel- sabemos bien las vergüenzas de nuestro idioma. Nosotros, los renunciadores a ese gran diálogo auxiliar de miradas, de ademanes y de sonrisas, que es la mitad de la conversación y más de la mitad de su encanto, hemos padecido en pobreza propia lo balbuciente que es. Sabemos que no el desocupado jardinero Adán, sino el diablo -esa pifiadora culebra, ese inventor de la equivocación y de la ventura, ese carozo del azar, ese eclipse de ángel- fue el que bautizó las cosas del mundo. Sabemos que el lenguaje es como la luna y tiene su hemisferio de sombra. (BORGES, 2002, p. 159)

Nestas últimas metáforas, a ótica do texto se distancia da esperança do narrador sobre a existência de um possível idioma argentino ou da constituição de uma identidade nacional através da língua, para entrar em reflexões sobre o caráter dos idiomas em geral, que vai além do aspecto representativo da língua. A linguagem já não é pensada só como comunicação ou



representação, a linguagem também é pensada como paradoxo, balbúcio, escuridão, enfim, como algo que se presta à desconfiança e à crítica.

Quando Borges exhibe suas idéias sobre essa condição inevitável da linguagem, sobre essa sombra que deixa mais interrogações do que respostas à hora de transmitir alguma coisa usando como meio as palavras, se instala uma polêmica que se desenvolve nas décadas posteriores, mas que já pode observar-se com clareza nos escritos de sua primeira fase.

## **2.2 O *criollismo* universal borgeano dos anos de 1925 a 1928**

No período que abrange os anos de 1925 a 1928 observa-se em alguns dos escritos de Jorge Luis Borges uma tendência a vincular a linguagem às sensações que ela provoca e à possibilidade de, mediante sua utilização, apreender os objetos que compõem a realidade. A particular visão sobre as peculiaridades que a linguagem borgeana apresenta nesses anos possibilita à crítica do autor argentino a separação de uma primeira etapa de escrita ao pensar a relação Borges-Linguagem.

Em linhas gerais, além dessa estreita vinculação com as sensações e com a apreensão dos objetos, a linguagem borgeana do período se caracteriza por um marcado caráter regional (com forte ênfase no *criollismo*) relacionado com personagens e falas que o autor tenta resgatar das margens da cidade de Buenos Aires.

Mas também existe na produção borgeana do primeiro período outra visão da linguagem, traduzida em uma verdadeira reflexão sobre a entidade mesma da linguagem. Os escritos do período inicial na produção borgeana deixam entrever o que pode ser considerado o patamar da *segunda fase* da escrita de Borges. Nesse segundo período, do ano de 1932 até suas últimas publicações, seus escritos exploram uma noção de linguagem a partir de um ponto de vista filosófico-reflexivo e adotam uma postura polêmica no campo das correntes filosóficas que tratam do tema<sup>43</sup>.

### **2.2.1 O *criollismo* universal de Jorge Luis Borges**

---

<sup>43</sup> Os textos considerados como o germe dos escritos da segunda fase de escrita borgeana, no que concerne à linguagem, são estudados no ponto 2.3 desta dissertação. A segunda fase propriamente dita é abordada no terceiro capítulo.

Os livros *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928) integram a primeira fase de escrita de Jorge Luis Borges. Estes textos deixam entrever uma preocupação com a linguagem vinculada ao novo contexto urbano e lingüístico da cidade de Buenos Aires da década de 20, espaço onde as elites letradas procuram definir a literatura representativa de uma “argentinidade”.

Assim em “Queja de todo criollo”, ensaio do livro *Inquisiciones*, pode-se ler:

La índole española se nos muestra como vehemencia pura; diríase que al asentarse en la pampa, se desparramó y se perdió. El habla se hizo más arrastrada, la igualdad de horizontes sucesivos chasqueó las ambiciones y el obligatorio rigor de sujetar un mundo montaraz se resarcíó en las dulces lentitudes de la payada de contrapunto, del truco dicharachero y del mate. (BORGES, 1994, p. 141)

Em “El tamaño de mi esperanza”, no ensaio “El idioma infinito”, observa-se:

DOS CONDUCTAS DE IDIOMA (igualmente tilingas e inhábiles) se dan en esta tierra: una, la de los haraganes galicistas que a la rutina castellana quieren anteponer otra rutina y que solicitan para ello una libertad que apenas ejercen; otra, la de los casticistas, que creen en la Academia como quien cree en la Santa Federación y a cuyo juicio ya es perfecto el lenguaje. (Esto es, ya todo está pensado y ojalá fuera así.) Los primeros invocan la independencia y legalizan la dicción *ocuparse de algo*; los otros quieren que se diga *ocuparse con algo* y por los ruiditos del *con* y el *de* -faltos aquí de toda eficacia ideológica, ya que no aparejan al verbo sus dos matices de acompañamiento y de posesión- se arma una maravillosa pelea. Ese entrevero no me importa: oigo el *ocuparse de algo* en boca de todos, leo en la gramática que ello equivale a *desconocer la exquisita filosofía y, el genio e índole del castellano* y me parece una zonzera el asunto. Lo grandioso es amillonar el idioma, es instigar una política del idioma. (BORGES, 1993, p. 39)

De “El idioma de los argentinos”, por exemplo, transcreve-se o seguinte fragmento do ensaio que leva o mesmo nome do texto citado:

Quiero resumir lo antedicho. Dos conductas de idioma veo en los idiomas de aquí: una, la de los saineteros que escriben un lenguaje que ninguno habla y que si a veces gusta, es por sus aire exagerativo y caricatural, por lo forastero que suena; otra, la de los cultos, que mueren de la muerte prestada del español. Ambos divergen del idioma corriente: los unos remedan la

dicción de la fechoría; los otros, la del memorioso y problemático español de los diccionarios. Equidistante de sus copias, el no escrito idioma argentino sigue diciéndonos, el de nuestra pasión, el de nuestra casa, el de la confianza, el de la conversada amistad. (BORGES, 2002, p. 152-153)

A identidade nacional (e as particularidades lingüísticas que a conformam) é um tema polêmico nos anos posteriores ao retorno de Borges à Argentina, pois quase a metade da população de Buenos Aires é de origem imigrante<sup>44</sup> e a cidade está em pleno processo de modernização e florescimento cultural. As características modificadoras do perfil da antiga Buenos Aires solicitam uma nova visão da cidade, que consiga homogeneizar as mudanças na população portenha e na cartografia urbana para alcançar um conceito de “argentinidade” que integre a massa heterogênea de cidadãos e o aspecto moderno da cidade com a respectiva tradição de seus bairros.

Já fracassado o projeto de uma Buenos Aires moderna com imigrantes europeus (pelas tendências anárquicas e desestabilizadoras dos “novos” argentinos<sup>45</sup>) e questionada a idéia de uma Argentina que deposite suas raízes no gaúcho (protótipo rural quase extinto) e na grandeza do pampa (elemento muito discutido em épocas de progresso e modernização), achamos que Borges encontra, na Argentina de 1920, um campo fértil para desenvolver sua particular escrita.

A presente dissertação postula a idéia de que Borges possui como objetivo afirmar-se e destacar-se no âmbito literário portenho, apoiando sua escrita em um passado recente (o tempo das histórias escutadas na sua infância), em um espaço mítico e em uma nova figura/lenda na sociedade argentina para alcançar traços universais (comuns a quase todas as literaturas). Tais criações, uma Buenos Aires mítica e uma personagem portenha lendária, locais mas com traços universais, caracterizam-se por responder às exigências de um momento histórico argentino que, no âmbito literário, continua dividindo-se entre a universalidade do moderno e o regionalismo do autóctone.

---

<sup>44</sup> O'Donnell explica que, em 1853, a população argentina não alcança um milhão de pessoas, sendo três mil estrangeiras. Já em 1910, dos sete milhões de habitantes, a metade são estrangeiros (2006, p. 186).

<sup>45</sup> Segundo O'Donnell (2006, p. 186): “Los inmigrantes del siglo XIX trajeron de Europa la diversidad ideológica que agitaban los movimientos obreros de allende los mares: el anarquismo prosperará en los gremios sometidos a las peores condiciones de trabajo, el socialismo en los trabajadores [...] y en los artesanos”.

Marcos Mayer (2006, p. 20-21) explica sobre esta particularidade das letras argentinas, afirmando que na época do retorno de Borges existem duas tendências literárias muito fortes, o modernismo e o *sencillismo*:

[...] por un lado, el modernismo –con su exotismo temático y las exuberancias de su lenguaje cuya gran figura había sido Rubén Darío y que en cierta etapa de su carrera poética continuaría Leopoldo Lugones, y, por el otro, el sencillismo, cuyos exponentes principales son Evaristo Carriego y Baldomero Fernández Moreno, que llevan las temáticas al barrio y los personajes comunes y, como su nombre lo indica, despoja a la lengua de todo adorno y exceso.

Uma linguagem “exótica”, que responda ao caráter universal, e uma simples, que seja regional e autóctone: essa é a problemática que se apresenta ante o recém chegado escritor argentino. E não é na escolha de um desses extremos que Borges se apóia, senão na busca de uma linguagem que, ao mesmo tempo, possua ambas as peculiaridades. É nesse sentido que Borges, como acrescenta Meyer, “participó de una serie de aventuras y proyectos literarios” (2006, p. 22) na década de 20 do século passado. Estas “aventuras”, estes “experimentos”, são os que permitem ao escritor argentino desenhar uma cidade mítica *fundacional*, que funcione como berço da *Buenos Aires Babel* do começo do século passado e que não responda à Buenos Aires gaúcha representativa de poucos setores sociais. Também permite a criação de um personagem *criollo*, símbolo de coragem, que ocupa um passado comum na diversidade populacional portenha<sup>46</sup>.

Este *criollo* e este espaço que Borges recria em sua escrita estão localizados nas margens da cidade de Buenos Aires<sup>47</sup>, nos arrabaldes, nos espaços fronteiriços que não são

---

<sup>46</sup> Reiteram-se sobre esta última reflexão os comentários realizados anteriormente nesta dissertação sobre a impossibilidade de estabelecer um protótipo ou modelo de argentino onde descansa a grande heterogeneidade desse povo nas primeiras décadas de 1900. Este *criollo* borgeano, assim como o tempo (os anos da infância do escritor argentino) e o espaço (a Buenos Aires pré-moderna dos bairros) onde circula o personagem, respondem, na visão deste trabalho, à procura de uma temática original de escrita que possibilite a Borges um rápido lugar nas letras argentinas e a uma visão crítica e irônica da busca exacerbada de um protótipo de argentino no campo das letras. Este último comentário possibilita a não coincidência com as idéias de Vitor Farias quem em seu trabalho “El tamaño de mi esperanza y el telos del criollismo” vê no ensaio borgeano “un llamado a una misión histórica fundamental” (1992, p. 37). Sim concordamos com a idéia de que o nome do ensaio coincide com o nome do livro de Borges que o contém, porque ele resume uma espécie de “declaración de principios en los que se basa su opción y variante criollista” (1992, p. 37), opção que vai além dos interlocutores (os *criollos*) que em uma camada superficial da leitura do ensaio parecem ser os únicos a quem o ensaísta dirige seus comentários.

<sup>47</sup> Referido-se a este espaço Sarlo (1995, p. 54-55) explica que “Lejos de considerarlas un límite después del cual sólo puede saltarse al mundo rural [...], Borges se detiene precisamente allí y hace del límite un espacio literario.

campo nem cidade, mas que estão fundidos em uma única área suburbana na especial visão de Borges.

O'Donnel assinala alguns pontos de vista que caracterizam o grupo literário “Florida” (do qual Borges faz parte) referindo que seus integrantes pensam os momentos heróicos argentinos como fatos já passados, daí a necessidade de “intentar el rescate del antiguo culto del coraje en largas caminatas por los barrios suburbanos” (O'DONNEL, 2006, p. 208). Assim, “subúrbio” e “coragem” aparecem como elementos preponderantes na escrita da primeira etapa de produção literária borgeana. Um exemplo claro de tal afirmação é o conteúdo do ensaio “El tamaño de mi esperanza”, escrito por Borges em 1926.

### 2.2.2 “El tamaño de mi esperanza” e a noção de *criollismo* universal

A noção borgeana de *criollismo* universal<sup>48</sup> pode ser lida na análise do ensaio “El tamaño de mi esperanza”.

Este ensaio começa com uma pergunta referente à dúvida do narrador em relação ao passado do povo argentino: “¿Qué hemos hecho los argentinos?” (BORGES, 1993, p. 11) e continua com a indicação sobre os destinatários dessa interrogação: “A los criollos les quiero hablar” (BORGES, 1993, p. 11), permitindo deduzir que tais frases apontam à ausência de um passado importante da nação argentina e à provocação dirigida a um setor especial da população do país.

Esta petição está dirigida a certo tipo de *criollo*, depositário de um valor argentino supostamente perdido, que já existe no campo (o gaúcho), mas não na moderna cidade<sup>49</sup>. Este

---

En ‘las orillas’ define un territorio original, que le permite implantar su propia diferencia respecto del resto de la literatura [...]”.

<sup>48</sup> Sarlo afirma que: “Borges dibujó uno de los paradigmas de la literatura argentina: una literatura construida (como la nación misma) en el cruce de la cultura europea con la inflexión rioplatense del castellano en el escenario de un país marginal” (1995, p. 51). Este comentário, que pode definir a estratégia literária do *criollismo* universal borgeano, é completado por Sarlo com algumas referências biográficas de Borges, talvez determinantes para pensar em seu *criollismo* universal. Assim, Sarlo (1995, p.84) manifesta que: “Como argentino, Borges formaba parte de una tradición que se juzgaba amenazada. No importa cuán tenue fuera la presencia de esa tradición, sintió que pertenecía a ella tanto como ella le pertenecía. Borges había perdido el sabor de sus antepasados criollos y también como argentino, una ligazón ‘natural’ con Europa. Experimentó el problema de una cultura que se definía como europea pero no lo era del todo, porque se había implantado en un país periférico y mezclado con el mundo criollo”.

<sup>49</sup> Note-se a respeito, que no ensaio borgeano se procura um tipo especial de *criollo*, que resulta ser um personagem não da cidade, senão das margens da cidade, o que contraria a idéia de criação de um personagem mitológico que funcione como base representativa da ampla heterogeneidade da população argentina de começos do século passado. Este tema da contradição na criação mitológica de um espaço e de um personagem borgeano

novo personagem urbano é caracterizado pelo narrador como um *criollo* sem afinidade com o velho continente: “hombres que en esta tierra se sienten vivir y morir, no a los que creen que el sol y la luna están en Europa” (BORGES, 1993, p. 11).

Neste ponto do ensaio aparece uma problemática nova, a de definir o âmbito lexical da palavra *criollo* na escrita borgeana. Neste sentido, citamos os comentários de Arturo Echavarría (2006) sobre a forma como o escritor argentino consegue atribuir ao um termo - *criollo*- um sentido determinado; os de Sylvia Molloy (1999) sobre o processo de leitura e escrita afetando os termos borgeanos; e os de Olea Franco (1993) sobre as mudanças que a palavra *criollo* sofre historicamente.

Echavarría indica a afirmação de Borges, em seu texto “El idioma infinito”, sobre a existência de palavras cujos sentidos dependem do escritor que as utiliza (BORGES apud ECHAVARRÍA, 2006, p. 80) e esta asseveração, na visão de Echavarría, alude a um complexo procedimento intertextual muito utilizado pelo escritor argentino na sua maturidade<sup>50</sup>: as redes de alusões externas e internas.

Por “alusão externa”, Echavarría entende que se trata de alusões borgeanas a textos de outros autores e épocas e por “alusão interna” ao modo como Borges *cifra* e enriquece sua própria linguagem, não através de vinculações com textos alheios, senão com escritos de sua autoria, e em ocasiões com o mesmo escrito que está sendo lido. Este cifrar a linguagem, este dar um novo sentido a um termo, acrescenta Echavarría (2006, p. 80), obriga o leitor a decifrar o que lê, pois as palavras adquirem novos referentes ou, como menciona Rodriguez Monegal (apud ECHAVARRÍA, 2006, p. 81), completando a idéia: “Por medio de alusiones, permutaciones o confrontaciones con otros símbolos, [Borges] termina por imponer a esos símbolos fatigados por la tradición, su marco propio”.

Sobre o fato de modificar o sentido das palavras usando alusões e de confeccionar uma linguagem privada dando um marco especial aos *símbolos fatigados*, originadas das afirmações de Echavarría e Monegal, citamos algumas noções de Molloy (1999) que abordam a temática do sentido do léxico borgeano utilizando como ponto de referência a leitura.

Molloy, em seu ensaio “Jorge Luis Borges, confabulador (1899-1986)” exhibe algumas precisões sobre os primeiros textos do autor argentino. Assim, de forma introdutória, a autora

---

na sua primeira época de escrita não será explanado nesta dissertação, mas pode vir a ser um tema de estudo em trabalhos posteriores.

<sup>50</sup> Neste trabalho nos inclinamos a pensar que o procedimento intertextual citado, se bem pode ser utilizado sistematicamente na etapa madura da produção escrita de Borges, já é uma ferramenta textual nos escritos iniciais do autor argentino. Tal afirmação se desprende, por exemplo, do ensaio que Echavarría alude, “El idioma

relata que ao voltar da Espanha Borges supera sua etapa ultraísta, embora conserve algumas características do movimento como, por exemplo, a insolência e a busca da novidade e que, diferentemente dos outros vanguardistas, Borges é inovador olhando o passado, tentando ver na escrita um meio para recuperar, não realidades, mas relatos. Diz Molloy sobre Borges:

Recordar y leer (más que inventar y escribir) fueron sus primeros gestos: recordar un Buenos Aires desaparecido que le habían contado sus mayores - los escritores del Ochenta, Carriego, su madre- y con ese relato fragmentario, desparramado por la memoria como por las orillas de la ciudad, armar un Buenos Aires anacrónico [...] para reemplazar al otro, el que se mira y no se reconoce. (1999, p. 210).

Esse lembrar e esse ler borgeanos que a autora argentina indica estão intimamente ligados aos *objetos verbais* -às palavras-<sup>51</sup>. Neste sentido Molloy entende a leitura como um *convocar um objeto verbal* que é sempre o mesmo e ao mesmo tempo é sempre diferente, porque o leitor experimenta um lembrar sem fidelidade que, desviando e transformando algumas lembranças, trazem outras lembranças (1999, p. 211), e no caso de Borges são parte da escrita que configura sua Buenos Aires das margens.

Molloy afirma neste ponto que é importante lembrar que a escrita não recupera realidades, mas relatos. Neste sentido, acrescenta a autora, Borges encarrega-se de transmitir esta noção ao leitor desde seus primeiros escritos (1999, p. 211). Analisando a prosa narrativa de Borges e sobre o mesmo ponto tratado por Molloy, Jaime Alazraki (1983, p. 140) opina que a literatura, entre outras coisas pelo uso do símbolo, da alegoria ou da parábola, não tenta criar uma nova realidade, mas passar uma visão da realidade que tem a capacidade de revelar o que é “invisível” em um plano histórico. Também a esse respeito, Davi Arrigucci afirma que em Borges pode ser observada uma *poética da leitura*, pois seu modo de conceber o texto pressupõe sempre um modo de ler a tradição literária. O autor acrescenta que Borges parece

---

infinito”, ou do ensaio que se está indicando nesta dissertação como pauta para entender a figura do *criollo* borgeano, ambos os textos de *El tamaño de mi esperanza* que data do ano de 1926.

<sup>51</sup> Molloy também acrescenta, a respeito de nomes e palavras, que Borges vê nos nomes um “perigo iminente”, pois nomear seria deter-se, fixar um segmento textual para ter uma fé cega nele, esquecendo que um nome pode ser só uma mera repetição. Para Borges, segundo a autora, toda letra agrega e multiplica, pois quando nomeia transgredir, desobedece e perverte, subvertendo o que o leitor de ficção espera (1999, p.127). Explica Molloy a respeito: “Si se nombra, en la obra de Borges, se nombra siempre con cautela y con desvío, también con resignación: procurando no crear sino aludir, con plena conciencia de que la alusión es otra forma -sin duda más humilde- del nombre” (1997, p.127).

estar dizendo, nos seus textos, que a obra “nunca deriva da experiência direta da realidade, mas da convenção apreendida de outros textos” (1987, p. 196)<sup>52</sup>.

A “repetição da memória” e o “desvio da escrita” exibem em Borges, segundo Molloy (1999, p. 211), um texto em trânsito, um *referir uma conversa de textos*, como se vê nos narradores borgeanos que herdaram relatos já contados e recriados para serem narrados novamente. E é justamente essa “referência intertextual”, acrescenta a autora, a que se realiza por meios de palavras e que, além de *expressar* em palavras, também se vincula a um *referir/dirigir*, permitindo representações novas (1999, p. 211-212).

Note-se que a visão de Molloy sobre o sentido da palavra borgeana completa a de Echavarría e permite pensar que além do fato de cifrar um termo ou de criar um símbolo novo, como afirma Monegal citado por Echavarría, existe a possibilidade de voltar ao sentido original da palavra sem cair, na leitura borgeana, em contradições sem solução. A resposta dada pela autora argentina permite entender o sentido da palavra *criollo* dentro do ensaio “El tamaño de mi esperanza”.

Quando o termo *criollo*, no ensaio borgeano, se refere a quem não tem a Espanha como referência, se instala uma polêmica que repousa em uma das acepções originais da palavra mencionada: ser descendente de europeu e ter nascido na América.

As afirmações do ensaio parecem indicar que em “El tamaño de mi esperanza” está operando-se um novo sentido que vai acompanhar a figura central do ensaio: o *criollo* borgeano. Este *criollo* especial ou “gaúcho na sua versão urbana”, como definido por Cruz (2006, p. 147), não deixa de ser uma figura urbana, mas está unido à cidade pelo extremo da mesma, o campo. Esse setor geográfico de difícil definição, aludido na crítica borgeana como o arrabalde, é o espaço que possibilita configurar a estética borgeana das margens.

Estética que, como explica Beatriz Sarlo, possibilita ao autor argentino inventar imagens de uma Buenos Aires que está desaparecendo; fazer uma leitura do “passado rural” do país; percorrer o século XIX e a cidade *criolla* com seus bairros; construir uma paisagem que a modernidade agressiva, a principio, não pode alcançar:

---

<sup>52</sup> Escreve Borges no prólogo de seu livro *Evaristo Carriego*: Yo creí, durante años, haberme criado en un suburbio de Buenos Aires, un suburbio de calles aventuradas y de ocasos visibles. Lo cierto es que me crié en un jardín, detrás de una verja con lanzas, y en una ilimitada biblioteca de libros ingleses. Palermo del cuchillo y de la guitarra andaba (me aseguran) por las esquinas, pero quienes poblaron mis mañanas y dieron agradable horror a mis noches fueron el bucanero ciego de Stevenson, agonizando bajo las patas de los caballos, y el traidor que abandonó a su amigo en la luna, y el viajero del tiempo, que trajo del porvenir una flor marchita, y el genio encarcelado durante siglos en el cántaro salomónico, y el profeta velado del Jorasán, que detrás de las piedras y de la seda ocultaba la lepra (BORGES, 2004a, p. 101).



“Borges construye un paisaje intocado por la modernidad más agresiva, donde todavía quedan vestigios del campo, y lo busca en los barrios donde descubrirlo es una operación guiada por el azar y la deliberada renuncia a los espacios donde la ciudad moderna ya había implantado sus hitos” (SARLO, 1995, p. 36).

As características deste espaço borgeano nas margens da cidade podem ser observadas no seguinte fragmento de “Hombres pelearon”:

Salió de la otra punta de una noche húmeda. Atravesó la vía en Centro América y entró en un país de calles sin luz. Agarró la vereda; vio luna infame que atoraba en un hueco, vio casas de decente dormir. Fue por cuadras de cuadras. Ladrados tirantes se le abalanzaron para detenerlo desde unas quintas. Dobló hacia el norte. Silbidos ralos y sin cara rondaron los tapiales negros; siguió. Pisó ladrillo y barro, orilló la Penitenciaría de muros tristes. Cien hamacados pasos más y arribó a una esquina embanderada de taitas y con su mucha luz de almacén, como si empezara a incendiarse por una punta. Era la de Cabello y Coronel Díaz: una parecita, el fracaso criollo de un sauce, el viento que mandaba en el callejón. (BORGES, 1998, p. 135)

Desta forma, inventando lugares, relendo os tempos pretéritos e construindo ruas sem luz, casas precárias, cachorros, tijolos, barro e armazéns, Borges recria um espaço. Este espaço contextualiza o acionar de seu *compadrito*<sup>53</sup> em um passado de bairros e ruas de arrabaldes que, em grande parte, está inspirado na memória do narrador e na produção textual de outro escritor das margens, Evaristo Carriego<sup>54</sup>.

E é justamente a partir desse espaço e do personagem que nele habita que Borges tenta universalizar seu projeto literário. Em “El tamaño de mi esperanza” pode-se observar o autor

---

<sup>53</sup> Sobre os bairros periféricos e seus personagens, Sarlo (1995, p. 53) alerta sobre a diferenciação existente entre os *compadritos* e os *orilleros*: “En aquellos años, el término “orillas” designaba a los barrios alejados y pobres, limítrofes con la llanura que rodeaba a la ciudad. El orillero, vecino de esos barrios, con frecuencia trabajador en los mataderos o frigoríficos donde todavía se estimaban las destrezas rurales de a caballo y con el cuchillo, se inscribe en una tradición criolla de manera mucho más plena que el compadrito de barrio (de quien Borges no propone ninguna idealización), cuya vulgaridad denuncia al recién llegado o al imitador de costumbres que no le pertenecen. El orillero arquetípico descende del linaje hispano-criollo, y su origen es anterior a la inmigración, el compadrito arrabalero, en cambio, lleva las marcas de tina cultura baja, y exagera el coraje o el desafío farolero para imitar las cualidades que el orillero tiene como una naturaleza. El compadrito es vistoso, el orillero es discreto y taciturno”. Este fragmento de Sarlo, afirmando que Borges não idealiza o compadrito, contradiz a idéia apresentada nesta dissertação, e deve ser articulado com a referência da autora à fusão de ambos os personagens na escrita borgeana: “Cuando Borges está comenzando a escribir, compadritos y orilleros perdían sus rasgos más agresivos para incorporarse como tipos a la nueva síntesis del barrio popular” (1995, p. 54).

<sup>54</sup> Borges escreve sobre Carriego em “Un posible resumen”: “Creo que fue el primer espectador de nuestros barrios pobres y que para la historia de nuestra poesía, eso importa. El primero, es decir el descubridor, el inventor” (2004a, p. 142). E em “Carriego y el sentido del arrabal”: “Tanto es así que las palabras arrabal y Carriego son ya sinónimos de una misma visión” (1993, p. 28).

referir que a pampa e o gaúcho carecem de caráter universal, e que por isso é necessário um novo espaço e um novo personagem que possam *pactuar com o universo*<sup>55</sup>.

A universalidade procurada nesse novo espaço portenho e nesse novo personagem também é tratada no ensaio quando o narrador se pergunta sobre que coisas têm feito verdadeiramente os argentinos até 1920. Neste sentido, enumera uma série de fatos históricos e de alguns autores que não representam algo efetivamente *importante* ou *fundamental para a humanidade*. Assim, no plano histórico existe uma menção às invasões inglesas, às guerras pela independência e à *Santa Federación*, e no âmbito literário a Sarmiento, Hernández, Carriego, Güiraldes, Lugones e Ingenieros (BORGES, 1993, p. 11-12). Note-se que, nesse afã de polemizar, cita-se uma suposta *pobreza do fazer nacional* e degrada ou minimiza os atos heróicos e os homens-referência nas letras argentinas, com o objetivo de apresentar uma idéia de ausência de eventos de real importância na história argentina e a suposta falta de lendas *caminhando* pelas ruas da nova e moderna Buenos Aires. Esta falta de lendas, este vazio<sup>56</sup>, esta ausência, poderia, segundo o narrador, completar-se com o *compadrito*, figura não muito trabalhada literariamente nesse espaço que tampouco foi suficientemente explorado: as margens da cidade.

Assim o autor afirma que: “No hay leyendas en esta tierra y ni un solo fantasma camina por nuestras calles” (BORGES, 1993, p. 13), sugerindo que, do passado, será difícil a construção de um espaço ou de um personagem essencial que desde a sua pátria alcance caráter universal<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> Além da polêmica que instala Borges ao criar um personagem argentino universal, deve ser mencionado outro ponto indicativo da impossibilidade de elaborar um protótipo portenho que abarque a heterogeneidade do povo argentino: os ensaios de *El tamaño de mi esperanza*, assim como os de *Inquisiciones* (1925) e de *El idioma de los argentinos* (1928) parecem pertencer, segundo Mayer (2006, p. 20), a uma época “de ensaio e de erro” na escrita borgeana. E é provável que assim seja, pois estes textos não só não formam parte das obras completas do autor, senão que são praticamente desconhecidos para os leitores, devido à rejeição que Borges sente pelos mesmos (e aos reiterados esforços para retirá-los de circulação). Borges diz: “Este período, de 1921 a 1930, fue de gran actividad, pero buena parte de ésta era quizás temeraria y hasta insensata. Escribí y publiqué siete libros: cuatro de ensayos y tres de poesía. También fundé tres revistas y colaboré bastante asiduamente con otra docena de publicaciones, entre ellas: *La Prensa*, *Nosotros*, *Inicial*, *Criterio* y *Síntesis*. Esta productividad me asombra ahora, así como el hecho de que siento sólo una remota relación con la obra de aquellos años” (BORGES apud MAYER, 2006, p. 20).

<sup>56</sup> Sobre este espaço a ser preenchido, diz Borges em “La pampa y el suburbio son dioses”: “Al cabal símbolo pampeano, cuya figuración humana es el gaúcho, va añadiéndose con el tiempo el de las orillas: símbolo a medio hacer” (1993, p.23). Também em “El *Ulises* de Joyce” Borges escreve: “Buenos Aires no ha acabado su inmortalización poética. En la pampa un gaúcho y el diablo payaron juntos; en Buenos Aires no ha sucedido aún nada y no acredita su grandeza ni un símbolo ni una asombrosa fábula ni siquiera un destino individual equiparable al *Martín Fierro*” (1994, p. 31).

<sup>57</sup> Nesse mesmo jogo de implantar um mito entre o progressismo (marcado por seu aspecto cosmopolita) e o gauchismo (sinônimo de um localismo que reflete a solitária vida do gaúcho na enorme pampa), o narrador tenta, ironicamente, explicar o *tamanho de uma esperança*. E essa expectativa não nasce nos pólos, senão nas margens, nas zonas intermediárias, e se projeta para o futuro, onde o país tem uma realidade *vital e grandiosa*, pois a

Novamente se observa como o ensaio borgeano vai modelando sua textualidade afim de criar um espaço vago, pronto para ser preenchido, e a ausência de uma figura essencial, símbolo de nacionalidade, buscando ocupar esses dois vazios com o arrabalde e o *compadrito*. A margem e o *compadrito* são mais uma mostra (evidentemente irônica) de um tema visível e preocupante nos intelectuais da época: a falta de identidade, refletida, entre outras coisas (como imigração, falta de identidade entre o campo e a cidade), nesse olhar argentino colocado na Europa.

Mas para o autor é possível desenvolver algo autenticamente pátrio (o *nosso*) sem que o olhar para o exterior seja um inconveniente, sem que seja impedida a dualidade entre o local e o universal. Essa universalidade está, para o jovem Borges, no futuro, em sua esperança. O Buenos Aires país (“também bairro e universo”) tem, assim, a história no amanhã, a grandeza no depois, na crença de uma *argentinidad* instalada nas páginas da história ainda não construída. Neste projeto universalizante não bastam o progresso europeizante e o *criollismo* vinculado a *Marín Fierro* para alcançar uma pátria *criolla* grande, que seja referência universal. Necessitam-se lendas, personagens mitológicos, que dêem a Buenos Aires sua própria metafísica, que para o narrador é uma metafísica do arrabalde criada com um *criollismo* urbano/universal capaz de aproximar os termos local e cosmopolita:

No quiero ni progresismo ni criollismo en la acepción corriente de esas palabras. El primero es un sometemos a ser casi norteamericanos o casi europeos, un tesonero ser casi otros; el segundo, que antes fue palabra de acción [...] hoy es palabra de nostalgia [...]. No cabe gran fervor en ninguno de ellos y lo siento por el criollismo. Es verdad que de encharlarle la significación a esa voz -hoy suele equivaler a un mero gauchismo sería tal vez la más ajustada a mi empresa. Criollismo, pues, pero un criollismo que sea conversador del mundo y del yo, de Dios y de la muerte (BORGES, 1993, p. 14).

A universalidade e a busca de uma identidade nacional na cidade moderna e heterogênea são temas usuais entre os literatos das primeiras décadas de 1900 e “El tamaño de mi esperanza” não escapa a essa tendência. Mas criar, crítica ou ironicamente, uma cidade fundindo o moderno e o simples dos bairros e personagens comuns do passado suburbano, com o objetivo de torná-los universais em uma lenda *criolla* (o *compadrito*) e em um espaço

---

realidade do momento e do passado argentino é *mendiga*. A mendicidade radica na ignorância dos fatos transcendentais da história argentina, que (e lançando outra idéia desafiadora), desconsidera os verdadeiros protagonistas da história do país (Juan Manuel de Rosas, o general San Martín e Irigoyen).

mitológico (o arrabalde portenho) não significa que Borges careça de sentimento de nacionalidade. E este ponto é explicado por Alazraki quando afirma que:

[...] convendría aclarar que el argentinismo de Borges no reside precisamente en la idealización del cuchillero. En este sentido se ha confundido el interés que artísticamente tiene el compadrito como portador de una virtud históricamente cara a los argentinos y su valor como ideal humano y nacional (1983, p. 132).

O *compadrito* borgeano parece ser, para Alazraki, um personagem estereotipado carregando o valor que toda sociedade necessita para criar uma imagem nacional forte e inexistente na cidade, pois esse protótipo nacional repousa no gaúcho, figura típica do campo. No entanto, além de postular o valor do *criollo*, Borges tenta, essencialmente, interligar a margem de uma cidade moderna, mas ainda periférica no âmbito das letras, com o resto da tradição da literatura ocidental<sup>58</sup>.

Neste sentido, Sarlo (1995, p. 119) vê na produção borgeana um “paradoxo” conformado pelos elementos local/universal e centro/periferia, não como pólos contraditórios, mas como tensão produtiva nos limites que separam, definitivamente, o *nacional* do *cosmopolita*. A mesma autora assinala ainda que a biblioteca<sup>59</sup> é fator determinante nesse juntar extremos considerados opostos, permitindo unir o cenário da Buenos Aires da época com o exotismo de todas as literaturas: “En la medida en que Borges es un extranjero a la literatura universal puede entregarse a los placeres de los desvíos y los malentendidos que le proporcionan la lectura de traducciones, la lectura de versiones originales en idiomas extranjeros, los ejercicios de la traducción propia” (SARLO, 1995, p. 119).

---

<sup>58</sup> A temática da literatura e da língua argentina é fundamental na idéia borgeana de construir um *criollismo* universal que funcione como renovação estética dos postulados modernistas reinantes e como caminho que permita reconhecimento no âmbito literário de seu país. Mas também, como afirma Ronaldo Assunção, pensar a língua no caso dos escritores argentinos das primeiras décadas do século passado é aproximar-se a uma identidade nacional em crise pela onda imigratória e a modernização acelerada da cidade de Buenos Aires. E pensar a língua, especificamente em Borges, acrescenta Assunção, é “repensar a tradição literária e a sua identidade cultural, cujo mito fundacional está centrado no gênero ‘gauchesco’” (2002).

<sup>59</sup> Sobre a importância da biblioteca na vida de Borges, Alan Pauls (2007, p. 88) explica que: “La primera biblioteca es la del padre [...]. Allí se emplazan y se despliegan todos los sentidos y funciones de una institución que será como el cuartel central de la vida (y la obra) de Borges”. Sobre o particular, Edwin Williamson (2006, p. 63) afirma que “el doctor [Jorge] Borges acordó a su hijo el privilegio del acceso ilimitado a su biblioteca personal de más de mil volúmenes. Esta colección de libros sobre todo ingleses y franceses estaba dispuesta en estanterías con frente de vidrio y guardada en un cuarto propio, y aquí Georgie [Jorge Luis] se convertiría en un lector voraz, deleitándose en la libertad que los libros le otorgaban de aventurarse en tierras lejanas y extrañas: Inglaterra, Escocia, India, África, China, Arabia”.

Também sobre as bibliotecas e sua importância na consecução de uma literatura local e universal, Sarlo atenta para o fato de que uma biblioteca é um espaço de hierarquias que se formam e reformam, que propiciam, ao serem transitadas do centro até a margem, encontros inusitados de escritores e gêneros menores que “desorganizan la jerarquia de los ‘mayores’” (1995, p.121). Convém destacar a importância da biblioteca pelo fato de aludir à possibilidade de “fundir o local com o universal”, mas também pelo fato de ser um espaço desorganizador das hierarquias vinculadas a escritores e gêneros (o leitor escolhe a ordem nas leituras). Este aporte está relacionado com os comentários vertidos nesta dissertação sobre a possível tematização da Buenos Aires pré-moderna, *criolla* e universal, e com a busca de Borges por um espaço original nas letras argentinas. Desta forma, a eleição do tema *criollo* e universal, em parte ironiza ou critica a posição privilegiada de autores como Leopoldo Lugones, que postulam as raízes argentinas no autóctone e no localismo.

Já sobre os passos para a criação do *criollismo* universal borgeano são assinalados os comentários de Sarlo (2007, p. 150) vinculados a uma das problemáticas que Borges deve trabalhar em seus escritos iniciais: o fato de que o *criollismo*, geralmente, refere-se à literatura rural. Para a autora, Borges, desde um primeiro momento, desenha um mapa cidadão *criollo* e faz uma releitura da literatura gauchesca, criando assim um vínculo com a tradição argentina.

Nesta afirmação se observa o primeiro passo na construção do *criollismo universal*. A relação com a tradição argentina, tradição que descansa em uma Buenos Aires pré-moderna onde o bairro periférico e as adjacências da cidade aludem ao que Sarlo (2007, p. 150) denomina “la ciudad criolla que persiste en la moderna”.

A partir deste patamar, e solucionado o problema do gaúcho prototípico e da moderna cidade que debilitam a originalidade dos escritores que procuram seu espaço nas letras argentinas, Borges dá seu segundo passo, um movimento apoiado nas literaturas periféricas, que aponta a toda a tradição literária do ocidente<sup>60</sup> e que *conversa com o mundo, com Deus e com a morte*<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> Neste ponto, é pertinente assinalar as afirmações de Jorge Panesi (2000, p. 153-154) que descreve Borges como um *francófono* que prefere esquecer os escritores franceses que seus contemporâneos reverenciam, para apoiar suas preferências no latim, no alemão e, principalmente, no idioma inglês.

<sup>61</sup> Essa conversação, como lembra Sarlo (2007, p. 157), pode ser observada claramente no índice do livro “El tamaño de mi esperanza” onde vários ensaios versam sobre temas localistas e universais de forma intercalada: “un artículo del *Ulyses* de Joyce seguido por otro donde se discute la posibilidad de inventar nuevas imágenes para Buenos Aires; un artículo sobre Quevedo y otro sobre el poeta gauchesco Ascasubi; una reflexión sobre Berkeley a la que le siguen notas sobre Maples Arce, Omar Jayyam y la poesía gauchesca”. A crítica argentina acrescenta sobre o jovem Borges e sobre seus trabalhos posteriores: “La mezcla indica no sólo un lector original, sino también un explorador audaz del espacio literario que, por convención, llamamos literatura occidental y versiones occidentales de oriente. [...] Inventa un repertorio de autores y arma una biblioteca a partir de la que

### 2.2.3 Sobre a linguagem no *criollismo* universal

O *criollismo universal* pode ser explicado através de suas variadas particularidades. Pode ser entendido como a tentativa de aproximação de uma literatura regional, diferente da gauchesca, com as literaturas ocidentais, baseado numa relação intertextual entre a produção escrita de autores argentinos com autores europeus; pode ser explicado como tratamento textual especial, na sua escrita regional, de questões de índole comum a todos os homens que tornam suas temáticas literárias locais/universais; pode ser visto como a criação de um estilo novo de escrita que tenta, a partir do local, diferenciar-se do gauchismo e tornar-se universal partindo de um espaço especial, que se desloca e descansa nas margens da Buenos Aires pré-moderna.

Mas uma das peculiaridades que se observa com mais intensidade na relação local-universal é a força da forma da língua no primeiro dos extremos dessa vinculação. Não se trata, especificamente, das noções de Borges sobre a linguagem, senão da linguagem que o autor argentino utiliza ao momento de escrever seus textos.

Como já mencionado, a língua é um problema identitário nas primeiras décadas de 1900. A massa imigratória e as mudanças no idioma espanhol que os vários idiomas presentes em Buenos Aires nesses anos acarretam determinam uma rápida redefinição do idioma para proteger e re-fundar uma língua *nacional* em violenta transformação.

Sobre esta problemática no âmbito político e social Olea Franco (1993, p. 179), relembando as exigências nacionais de caráter lingüístico que experimenta Buenos Aires no começo do século XX, afirma que um dos fatos que postula a preocupação de manter a tradição nacional da língua é a fundação da *Academia Argentina de la Lengua* no ano de 1910.

Mas no âmbito literário esta preocupação não está generalizada e, como acrescenta Olea Franco (1993, p. 181), existem duas posturas sobre o tema: uma que abrange os escritores defensores da língua nacional, que postulam um espanhol sem modificações lingüísticas decorrentes do contato com o idioma dos imigrantes; outra que subscreve os que

---

establecerá las conexiones más originales. Su criollismo es un capítulo del internacionalismo estético: desde esa inflexión menor del español rioplatense, que ha consolidado en sus primeros libros, leerá, traducirá, y reescribirá las tradiciones literarias extranjeras” (SARLO, 2007, p. 157-158).

consideram que na literatura devem aparecer as temáticas referentes às línguas vivas de Buenos Aires sem nenhum tipo de discriminação<sup>62</sup>.

E qual é o lugar de Jorge Luis Borges na postura destes escritores? Identificar o autor argentino definitivamente com alguma destas formas de ver a problemática da língua resulta dificultoso. Esta problemática reside no programa literário<sup>63</sup> que o autor argentino pretende desenvolver nos primeiros anos na Argentina após seu retorno da Europa. A construção de um *criollismo* universal deve ser acompanhada de uma língua de similares características, e é no âmbito *criollo* onde se vê com maior clareza a fase local da escrita borgeana.

A escrita borgeana da primeira etapa propõe um diálogo de linguagens -o regional e o universal- mas também exhibe alguns elementos ideológicos evidentes. Primeiro, uma tendência à aproximação da linguagem oral à escrita e segundo, a alusão ao caráter transformacional das línguas através da história de um país. Deste último ponto cabe lembrar que a língua pré-imigratória não é um problema, posto que a dificuldade resulta da diversidade lingüística em Buenos Aires pós-imigração, o que postula uma nova modificação na linguagem dos argentinos, equivalendo a um retorno a tempos em que a língua e a *nação* descansam em equilíbrio. A proposta Borgeana, neste sentido, realiza um duplo movimento cronológico-ideológico. Por um lado estimula a mudança idiomática por parte dos escritores, procurando ir da língua atual do período até a língua pré-imigratória (caminho inverso ao processo histórico); por outro, Borges volta no tempo e recupera o que pode ser entendido como a essencialidade da língua *criolla* para chegar até o momento em que a língua é um problema (caminho paralelo ao processo que modifica a língua em Buenos Aires).

Um exemplo da incitação borgeana à mudança idiomática direcionada à produção dos escritores da época pode ser observado no seguinte fragmento:

Un puñadito de gramatiquerías claro está no basta para engendrar vocablos  
que alcancen vida de inmortalidad en las mentes. Lo que persigo es

---

<sup>62</sup> Mesmo dentro da literatura argentina tradicional, este cuidado da língua nacional já se observa em alguns autores do começo do século passado. Assim, como assinala Olea Franco (1993, p. 185), alguns autores, como o caso de Leopoldo Lugones em *El payador* ou Ricardo Güiraldes em *Don Segundo Sombra*, propõem a criação de um mito argentino baseado no gaúcho renunciando claramente à língua gauchesca.

<sup>63</sup> Sobre este programa literário de Borges nos anos vinte, Sarlo (2007, p. 149) afirma que o autor argentino tem como objetivo “construir una lengua literaria para Buenos Aires y darle, al mismo tiempo, una dimensión mítica a la ciudad”. Sobre este mesmo programa borgeano, Sarlo (2007, p. 149-150) acrescenta que: “Se trata de una reinterpretación de las dimensiones culturales rioplatenses, anteriores al gran cambio traído por la inmigración, procesadas según las poéticas de la vanguardia europea, especialmente en el ultraísmo. También podría definírsele como una renovación literaria del español del Río de La Plata; y de una articulación novedosa de autores de la tradición local (los de la literatura y el folletín gauchesco) con una selección muy original de las literaturas europeas”.

despertarle a cada escritor la conciencia de que es gloria y deber suyo (nuestro y de todos) el multiplicarlo y variarlo. Toda conciente generación literaria lo ha entendido así. (BORGES, 1993, p.43)

O pedido do autor argentino, multiplicar e variar o idioma, exhibe uma ideologia político-lingüística que pretende uma língua mais acorde à tradição nacional idiomática na Argentina.

No mesmo entendimento, pode ser lido o seguinte fragmento:

Pero nosotros quisiéramos un español dócil y venturoso, que se llevara bien con la apasionada condición de nuestros ponientes y con la infinitud de dulzura de nuestros barrios y con el poderío de nuestros veranos y nuestras lluvias y con nuestra pública fe. Sustancia de las cosas que se esperan, demostración de cosas no vistas, definió San Pablo la fe. Recuerdo que nos viene del porvenir, traduciría yo. La esperanza es amiga nuestra y esa plena entonación argentina del castellano es una de las confirmaciones de que nos habla. Escriba cada uno su intimidad y ya la tendremos. Digan el pecho y la imaginación lo que en ellos hay, que no otra astucia filológica se precisa. (BORGES, 1993, p. 160-161)

O futuro e a esperança a que o autor se refere estão vinculados a esse idioma que não é a língua estrangeira problemática, mas uma língua próxima daquela dos *velhos criollos*. E é justamente esses *criollos* tradicionais que Borges rememora para recriar, num sentido inverso ao anterior (dos tempos pretéritos até a atualidade do ensaísta), uma linguagem que, na sua oralidade e na sua escrita, representa o *verdadero criollo*, o ser nacional.

Em outro tempo e em um espaço diverso da moderna cidade, Borges evoca o idioma dos argentinos. Um idioma que ainda está por ser escrito (e aqui coincide com o apelo aos escritores), “el de nuestra pasión, el de nuestra casa, el de la confianza, el de la conversada amistad” (2002, p. 155). O idioma “del tiempo anchísimo que nunca planearon los relojes y que midieron despacio los mates” (BORGES, 1993, p. 34), que o autor encontra nas histórias escutadas na sua infância e nas lembranças dos tempos pretéritos de uma argentina *criolla*, em que os escritores de renome falam e escrevem uma língua nacional (BORGES, 2002, p. 155):

Mejor lo hicieron nuestros mayores. El tono de su escritura fue el de su voz; su boca no fue la contradicción de su mano. Fueron argentinos con dignidad: su decirse criollos no fue una arrogancia orillera ni un mal humor. Escribieron el dialecto usual de sus días: ni recaer en españoles ni degenerar en malevos fue su apetencia. Pienso en Esteban Echeverría, en Domingo



Faustino Sarmiento, en Vicente Fidel López, en Lucio V. Mansilla, en Eduardo Wilde. Dijeron bien en argentino: cosa en desuso.

A voz e a escrita dos maiores é a voz e a escrita do Borges empreendedor de uma nova estética, a estética das margens, onde ele consegue recuperar seu idioma e sua Buenos Aires mitológica.

Segundo Olea Franco (1993, p. 195), a política do idioma do Borges deste período está dada por três características: oralidade, urbanismo e *criollismo*. As três peculiaridades podem ser reduzidas a uma, já que a palavra *criollismo* borgeano absorve, em seu especial sentido, as duas restantes. O urbanismo *criollo* e a oralidade *criolla* estão presentes de forma indissolúvel na escrita de Borges.

A oralidade<sup>64</sup> na primeira etapa de escrita Borgeana é oralidade *criolla*. Assim pode observar-se, por exemplo, no seguinte fragmento de “Queja de todo criollo”:

El criollo, a mi entender, es burlón, suspicaz, desengañado de antemano de todo y tan mal sufridor de la grandiosidad verbal que en poquísimos la perdona y en ninguno la ensalza. El silencio arrimado al fatalismo tiene eficaz encarnación en los dos caudillos mayores que abrazaron el alma de Buenos Aires: en Rosas e Yrigoyen. Don Juan Manuel, pese a sus fechorías e inútil sangre derramada, fue queridísimo del pueblo. Yrigoyen, pese a las mojangas oficiales, nos está siempre gobernando. La significación que el pueblo apreció en Rosas, entendió en Roca y admira en Yrigoyen, es el escarnio de la teatralidad, o el ejercerla con sentido burlesco. En pueblos con mayor avidez en el vivir, los caudillos famosos se muestran botarates y gesteros, mientras aquí son taciturnos y casi desganados. Les restaría fama provechosa el impudor verbal. (BORGES, 1994, p. 140)

Neste fragmento do ensaio “Queja de todo criollo” interessa destacar a importância do fator oral como parte da essência *criolla*<sup>65</sup>. O mesmo se aplica ao fator urbano, que só pode ser pensado sob a ótica *criolla* borgeana em seu primeiro período de escrita.

Assim, no seguinte fragmento de “Sentirse en muerte” é possível observar como a presença da estrutura urbana está intimamente ligada a esse *criollismo* borgeano identificado pelas margens e por uma cidade alheia à cidade moderna de princípios de 1900:

---

<sup>64</sup> Destacamos a oralidade em Borges não só como matéria prima de sua textualidade nas primeiras décadas de 1900, mas como estratégia para a auto-criação de sua figura como escritor. Panesi (2000, p. 264) afirma que Borges, contando, uma e outra vez, a sua autobiografia a jornalistas, entrevistadores e curiosos, consegue criar uma sólida imagem de si mesmo.

<sup>65</sup> Barrenechea (2000, p. 224) assinala que Borges, no prefácio a *Luna de enfrente*, explica que os poemas estão escritos em *criollo* “no en gauchesco o arrabalero, sino en la heterogénea lengua vernácula de la charla porteña”.

Realice en la mala medida de lo posible, eso que llaman caminar al azar; acepté, sin otro conciente prejuicio que el de soslayar las avenidas o calles anchas, las más oscuras intimaciones de la casualidad. Con todo, una suerte de gravitación familiar me alejó hacia unos barrios, de cuyo nombre quiero siempre acordarme y que dictan reverencia en mi pecho. No quiero significar así el barrio mío, el preciso ámbito de la infancia, sino sus todavía misteriosas inmediaciones: confín que he poseído entero en palabras y poco en realidad, vecino y mitológico a un tiempo. El revés de lo conocido, su espalda, son para mí las calles penúltimas, casi tan efectivamente ignoradas como el soterrado cimiento de nuestra casa o nuestro invisible esqueleto. (BORGES, 1998, p. 130)

E é possível ver esse fator urbano mais intimamente ligado ao *criollismo* borgeano nos seguintes fragmentos de “Buenos Aires”:

A despecho de la humillación transitoria que logran infligirnos algunos edificios, la visión total de Buenos Aires nada tiene de hiniesta. No es Buenos Aires una ciudad izada y ascendente que inquieta la divina limpidez con éxtasis de asiduas torres o con chusma brumosa de chimeneas atareadas. Es más bien un trasunto de la planicie que la ciñe, cuya derechura rendida tiene continuación en la rectitud de calles y de casas. (BORGES, 1994, p. 88)

Também sobre a visão dessa Buenos Aires à margem da moderna cidade Borges descreve as casas e as ruas como um espaço *criollo*:

Casas de Buenos Aires con azoteas de baldosas o de cinc, desprovistas de torres excepcionales y de briosos aleros, comparables a pájaros mansos con las alas cortadas. Calles de Buenos Aires profundizadas por el transitorio organillo que es la vehemente publicidad de las almas, calles deleitables y dulces en la gustación del recuerdo, largas como la espera, calles donde camina la esperanza que es la memoria de lo que vendrá, calles enclavadas y firmes tan para siempre en mi querer. Calles que silenciosamente se avienen con la noble tristeza de ser criollo. Calles y casas de la patria. Ojalá que en su ancha intimidad vivan mis días venideros. (BORGES, 1994, p. 91)

Esta imagem da Buenos Aires pretérita, marginal e mitológica e da Buenos Aires *criolla* que Borges prepara, especialmente nos escritos da sua primeira fase, para albergar seu idioma, sua linguagem universal e “conversadora com o mundo”, se apóia numa oralidade/escrita eminentemente regional. Assim, o *criollismo* urbano das casas baixas, das ruas tranqüilas, dos *criollos* velhos, tem seu correlato lingüístico numa escrita que está muito

próxima da oralidade e que se diferencia de outras oralidades regionais<sup>66</sup> pelo afã universalista dos temas que trata.

Assim, na escrita do seu primeiro período, o autor argentino tenta recuperar e recriar a fala de Buenos Aires nos textos da década de 20 do século passado. Como afirma Barrenechea (2000, p. 226-227), na textualidade borgeana inicial observam-se alguns fenômenos lingüísticos que derivam da oralidade, como a elisão da letra *d* final (“soledá” em vez de “soledad”) ou da *d* intervocálica em algumas palavras (“rosao” em vez de “rosado”), ou ainda a utilização de alguns termos do argot ou do *lunfardo* (“farra” em vez de “fiesta”). Também Olea Franco (1993, p. 187) assinala que Borges soma à escrita as particularidades das inflexões fonéticas portenhas e dá como exemplo as “grafías especiales que imitan la fonética de alguna palabra” (“güellas” por “huellas”) ou a utilização do *voseo* alternado com o *tuteo*<sup>67</sup>.

Além dos exemplos dos fenômenos lingüísticos clássicos citados pelos críticos de Borges<sup>68</sup>, a seguir são transcritos outros, tirados do estudo de *El tamaño de mi esperanza*, onde se apreciam alguns fragmentos dignos de serem comentados pela ambigüidade no uso de um mesmo fenômeno lingüístico. Note-se que, nos exemplos a seguir, a mesma palavra possui variações diversas ou são mezclados registros de tratamento nos mesmos textos:

Assim, em “El Fausto Criollo” o ensaísta escreve:

“Hace ya más de medio siglo que un paisano porteño, jinete de un caballo color de aurora y como engrandecido por el brillo de su apero *chapiao*, se apeo contra una de las toscas del bajo y vio salir de las leoninas aguas (la adjetivación es *tuya* Lugones) a un oscuro jinete llamado solamente Anastasio el Pollo y que fue tal vez su vecino en el *antiayer* de ese ayer”. (BORGES, 1993, p. 15, grifo nosso)

Deste fragmento se resgata a elisão da *d* intervocálica em “chapiao” [chapiado], o caso de grafias que imitam a fonética de algum termo em “antiayer” [anteayer] e o uso do possessivo “tuya” (tua) que está indicando um tratamento informal da segunda pessoa do

<sup>66</sup> Barrenechea (2000, p. 221) afirma que Borges “repudia lo gauchesco que se ampara solo en un hablar postizo buscador del color local, en algunos trastos criollo o en las lástimas de los proverbios”.

<sup>67</sup> Tanto o *tuteo* como o *voseo* são as formas de tratamento informal para a segunda pessoa singular no discurso. O *voseo* refere-se à utilização de *vos* e o *tuteo* à utilização do *tú*.

<sup>68</sup> Por exemplo, a elisão da -d final no ensaio “El tamaño de mi esperanza”: “Nuestra realidá[d] vital es grandiosa y nuestra realidá[d] es mendiga” (Borges, 1993, p. 13). Este fenômeno, segundo Barrenechea (2000, p. 226), possui oscilações no mesmo falante dependendo da palavra e das circunstâncias onde se produz.

singular “tú”. No mesmo ensaio são utilizados o “tú” e o outro registro de tratamento informal da segunda pessoa do singular, “vos”, típico do país do escritor argentino:

Lo sé muy bien y sin embargo sigue pareciéndome que la dicha es más poetizable que el infortunio y que ser feliz no es cualidad menos pausable que la de ser genial. La razón racionante –vos y él y yo, lector amigo- puede ligar imágenes y dar asombro a una palabra mediante un adjetivo irregular y frecuentar otras destrezas que hace dóciles la costumbre [...]. (BORGES, 1993, p. 17, grifo nosso)

Já no caso da grafia que imita a fonética de um termo, o uso do termo “antiayer” carece de uniformidade, como pode ser observado no seguinte fragmento de “Carriego y el sentido del arrabal” onde se utiliza “anteayer”:

Casi no había casa de alto y detrás de los zaguanes enladrillados y de las balastraditas parejas, los patios abundaban en cielo; en parras y en muchachas. Había baldíos que hospedaban al cielo y en los atardeceres parecía más sola la luna y una luz con olor a caña fuerte salía de la trastienda. El barrio era peleador en ese *anteayer* [...]. (BORGES, 1993, p. 17, grifo nosso)

Para finalizar esta análise lingüística do *criollismo* borgeano, que permite ver a aproximação entre oralidade e escrita, são apontados outros fenômenos da linguagem, como a criação de verbos: “Lo grandioso es *amillonar* el idioma” [...] (BORGES, 1993, p. 39, grifo nosso); a adjetivação de substantivos: “Por ejemplo, la *forasteridad* de Lugones -hombre de sierras y de bosques- en nuestro corazón” (BORGES, 1993, p. 61, grifo nosso); a criação de substantivos derivados de adjetivos: “¿Por qué no recibir que nuestro conocimiento empírico de la *espaciosidá* de la pampa le juega una *falsiada* a nuestra visión y la crece con sus recuerdos?” (BORGES, 1993, p. 23, grifo nosso) <sup>69</sup>.

Para concluir é preciso dizer que nos outros textos em prosa da primeira fase de Borges se observa um decréscimo da utilização de termos *criollos* tomando como referência

---

<sup>69</sup> Observe-se como em este último exemplo existe uma dupla variação do termo. A palavra “espaciosidá”, inexistente nos dicionários de espanhol, deriva de “espaciosidad” também inexistente. Também chama a atenção a adequação do termo às regras gramaticais de acentuação no espanhol (as palavras oxítonas terminadas em vogal levam acento gráfico).

*El tamaño de mi esperanza*, o que não representa, de forma alguma, uma diminuição no tratamento dos temas vinculados ao *criollismo*<sup>70</sup>.

#### 2.2.4 A sensibilidade e as possibilidades da linguagem

Os críticos observam que a noção de linguagem borgeana, no primeiro período de escrita do autor argentino, caracteriza-se pelo perfil descritivo e sensitivo que permite capturar e experimentar a realidade, bem como por sua possibilidade criadora.

Sobre a primeira característica, Cristina Bulacio (1998, p.28) afirma que nos escritos do jovem Borges ainda não se observa essa relação entre realidade como imagem especular - típica dos textos posteriores-, e sim uma idéia de realidade experimentável e sensível: “la realidad no es un acertijo lejano, huraño y trabajosamente descifrable sino una cercanía íntima, fácil y de todos lados abierta” (BORGES apud BULACIO, 1998, p. 28). Desta frase e da que se transcreve a seguir é possível desprender, segundo Bulacio, a idéia de que a variedade e a riqueza do mundo aparecem sem véus à compreensão humana:

La realidad no ha menester que la apunten otras realidades. No hay en los árboles divinidades ocultas, ni una inagarrable cosa en sí detrás de las apariencias, ni un yo mitológico que ordena nuestras acciones. La vida es apariencia verdadera. No engañan los sentidos, engaña el entendimiento. (BORGES apud BULACIO, 1998, p. 28)

Tratando-se de um mundo de “aparência ou não”, a forma de apreensão borgeana sempre se processa através da linguagem<sup>71</sup>. E quando Borges deixa entrever esta possibilidade de aceder à realidade pelas sensações, também sugere que a linguagem, o meio de comunicar, não é uma ferramenta de tradução nem de representação de sensações em palavras<sup>72</sup>. Contudo, esta possibilidade de expressar sensações, segundo Bulacio (1998, p. 35), é observada no

<sup>70</sup> Assim podem citar-se “La criolledad en Ipuche”, “Queja de todo criollo” e “Buenos Aires” em *Inquisiciones*; “El truco”, “Ascendencias del tango” e “Dos esquinas” em *El idioma de los argentinos*; e “Palermo de Buenos Aires”, “El puñal” e “La canción del barrio” em *Evaristo Carriego*.

<sup>71</sup> Cesar Juárez (2004, p. 51) menciona sobre o tema que “solamente desde un espacio nominal, vale decir desde el lenguaje, que podemos hacer frente a ese modo de la intemperie que es el mundo”.

<sup>72</sup> Este tema será abordado sucintamente no ultimo ponto deste capítulo e com maior amplitude no capítulo III desta dissertação.

caráter descritivo de alguns textos de Borges. A crítica vê no jovem Borges a preeminência da língua dos sentidos, essencialmente descritiva, sobre a língua das idéias de seus textos posteriores. Assim, os escritos da primeira fase de Borges possuem “una lengua tejida con puras sensaciones, con olores y sabores, con madrugadas pampeanas, patios y esquinas rosadas. Un lenguaje que, cuando es leído, transmite vívidamente experiencias que tienen que ver con la inmediatez de lo corpóreo” (BULACIO, 1998, p. 35). Essa língua borgeana, também refere a autora (BULACIO, 2003, p. 82), “cuenta con palabras vivaces, luminosas, decididoras, con las que describe su mundo inmediato: las callecitas de barro elemental, tapias rosadas, madre selvas, suburbios y atardeceres”.

Estas idéias explanadas sobre a linguagem sensitiva de Borges em seu primeiro período podem ser exibidas no seguinte trecho de “Examen de metáforas”:

El mundo aparental es un tropel de percepciones barautadas. Una visión de cielo agreste, ese olor como de resignación que alientan los campos, la gustosa acrimonia del tabaco enardeciendo la garganta, el viento largo flagelando nuestro camino y la sumisa rectitud de un bastón ofreciéndose a nuestros dedos, caben aunados en cualquier conciencia, casi de golpe. El idioma es un ordenamiento eficaz de esa enigmática abundancia del mundo. Lo que nombramos sustantivo no es sino abreviatura de adjetivos y su falaz probabilidad, muchas veces. En lugar de contar frío, filoso, hiriente, inquebrantable, brillador, puntiagudo, enunciamos puñal; en sustitución de ausencia de sol y progresión de sombra, decimos que anochece. Nadie negará que esa nomenclatura es un grandioso alivio de nuestra cotidianidad. Pero su fin es tercamente práctico: es un prolijo mapa que nos orienta por las apariencias, es un santo y seña utilísimo que nuestra fantasía merecerá olvidar alguna vez. Para una consideración pensativa, nuestro lenguaje - quiero incluir en esta palabra todos los idiomas hablados- no es más que la realización de uno de tantos arreglamentos posibles. (BORGES, 1994, p. 71-72)

O fragmento de “Examen de metáforas” exhibe essa particularidade “sensitiva” e “descritiva” da linguagem borgeana, mas também deixa entrever algumas preocupações do jovem Borges a respeito da linguagem já em seus primeiros textos. Para o escritor argentino a linguagem ordena o mundo, mas não deixa de ser uma forma a mais de dispor o caudal de sensações percebidas pelo homem.

Neste sentido, Bulacio (1998, p. 37) alerta sobre a complexidade existente na relação linguagem-realidade, pois o homem está feito de linguagem, imagina e cria utilizando a

linguagem, e Borges, consciente dessa realidade, sugere a necessidade da linguagem na produção de um mundo organizado e com sentido.

E é justamente essa possibilidade da linguagem que permite organizar e criar o mundo onde descansa a esperança borgeana, que permite equilibrar a convivência pacífica de extremos tão contraditórios: um mundo organizado pela linguagem e a desconfiança da mesma como meio eficaz para realizar tal tarefa.

Sobre a esperança borgeana, Echavarría (2006, p. 78) afirma que os primeiros ensaios do autor argentino caracterizam-se por um marcado otimismo no que se refere às possibilidades criadoras da linguagem e este processo criativo se dá, não pela utilização do léxico, senão pela invenção de palavras novas.

A visão de Echavarría é extremamente importante, o que não impede de questionar se o enriquecimento idiomático borgeano se dá somente no âmbito da invenção de novos termos. Aceitar tal postulação implica entrar em contradição com as noções já explicadas sobre a mudança de sentidos das palavras como meio para ampliar seu campo semântico<sup>73</sup>.

Convém resgatar que as afirmações de Echavarría e Bulacio proporcionam conjuntamente um panorama claro sobre a visão de linguagem de Borges no que concerne às suas “possibilidades criadoras”. Dessa forma, das leituras dos textos borgeanos do primeiro período podem ser constatados vários fragmentos que amparam esta idéia de criar e estender o idioma e, portanto, de abranger de forma mais completa o mundo, ou ao menos de organizá-lo em palavras.

E essas noções de língua criativa podem ser observadas em “El tamaño de mi esperanza”, em vários de seus ensaios. Assim, em “El idioma infinito”, o ensaísta afirma que na discussão sobre o idioma espanhol o importante é instigar uma política lingüística em que a língua se multiplique: “Lo importante es amillonar el idioma” (BORGES, 1993, p. 39). No mesmo ensaio menciona a possibilidade de alargar infinitamente o número de palavras (1993, p.40) e seu desejo de “despertarle a cada escritor la conciencia de que el idioma apenas si está bosquejado y de que es gloria y deber suyo (nuestro y de todos) el multiplicarlo y variarlo (BORGES, 1993, p. 43).

Outro dos ensaios de “El tamaño de mi esperanza” que denota essa postura otimista sobre a possibilidade de inventar termos para captar mais eficientemente a realidade é “Palabrería para versos”. Neste texto lê-se que a linguagem é “un ordenamiento eficaz de esa

---

<sup>73</sup> Neste sentido se aclara que ao momento de estudar o campo semântico da palavra *criollo* em Borges, utilizaram-se contribuições de Echavarría (2006).

enigmática abundancia del mundo [...]. Dicho con otras palabras: los sustantivos se los inventamos a la realidad” (BORGES, 1993, p. 46) e se observa a insistência do autor sobre o caráter inventivo da língua, sobre a possibilidade da mesma de edificar realidades e sobre a idéia de que as “diversas disciplinas de la inteligencia han agenciado mundos propios y poseen un vocabulário privativo para detallarlos” (BORGES, 1993, p. 48). Sobre a possibilidade de inventar palavras para descrever a *realidade* escreve Borges (BORGES, 1993, p. 49):

El mundo aparential es complicadísimo y, el idioma sólo ha efectuado una parte muy chica de las combinaciones infatigables que podrían llevarse a cabo con él. ¿Por qué no crear una palabra, una sola, para la percepción conjunta de los cencerros insistiendo en la tarde y de la puesta de sol en la lejanía? ¿Por qué no inventar otra para el ruinoso y amenazador ademán que muestran en la madrugada las calles? ¿Y otra para la buena voluntad, conmovedora de puro ineficaz, del primer farol en el atardecer aún claro? ¿Y otra para la inconfidencia con nosotros mismos después de una vileza?

Embora este último fragmento sintetize as idéias apresentadas (a possibilidade criativa da linguagem, a língua como meio descritivo em Borges, a possibilidade de invenção de novos termos), nele também se observa a desconfiança borgeana sobre a possibilidade de apreender o mundo “aparential” mediante palavras.

Será que já Borges deposita a semente da dúvida nesta relação palavra-realidade? A resposta parece ser afirmativa, pois seguido ao fragmento do ensaio acima transcrito se lê: “Sé lo que hay de utópico en mis ideas y la lejanía de una posibilidad intelectual y una real” (BORGES, 1993, p. 49).

Também em “El tamaño de mi esperanza” se encontram outras referências do autor argentino que aludem à impossibilidade de apreensão da realidade mediante palavras:

Palpamos un redondel, vemos un montoncito de luz, un cosquilleo nos alegra la boca, y mentimos que esas tres cosas heterogéneas son una sola y que se llama naranja. La luna misma es una ficción. Fuera de conveniencias astronómicas que no deben atarearnos aquí, no hay semejanza alguna entre el redondel amarillo que ahora está alzándose con claridad sobre el paredón de la recoleta, y la tajadita rosada que vi en el cielo de la plaza de Mayo, hace muchas noches. Todo sustantivo es abreviatura. En lugar de contar frío, filoso, hiriente, inquebrantable, brillador, puntiagudo, enunciamos puñal; en sustitución de alejamiento del sol y profesión de sombra, decimos atardecer (BORGES, 1998, p. 47).



Este fragmento parece exhibir de forma sucinta as idéias apresentadas por Echavarría e por Bulacio sobre a invenção de um léxico que “organize o mundo”, sobre a criação de termos para nomear a realidade e sobre o aspecto descritivo e sensitivo da linguagem borgeana nos seus primeiros escritos. Mas também é evidente que o germe da desconfiança direcionada ao meio lingüístico que o homem possui para dizer o mundo aparece já nos primeiros ensaios de Jorge Luis Borges<sup>74</sup>.

Resumindo, pode ser mencionado que, como indicado no capítulo anterior sobre o “paralelismo borgeano” entre uma produção escrita vanguardista e uma tradicional no mesmo período de tempo, a idéia de linguagem na prosa de 1920 caracteriza-se pela mesma peculiaridade: a coexistência de noções que a princípio podem ser definidas como contraditórias. Assim, são identificados aspectos da escrita borgeana que caracterizam a linguagem como meio adequado para expressar sensações e para descrever o mundo, e como meio eficaz para organizar este último (possibilidades da linguagem), não ignorando as peculiaridades que rodeiam a noção de linguagem como limite ou insuficiência para traduzir em palavras o mencionado mundo.

### 2.3 Aproximações entre as duas etapas da escrita borgeana

De acordo com as idéias desenvolvidas até aqui é possível concluir que não existe uma oposição clara entre a visão da linguagem borgeana regional e universal da primeira fase e de seus escritos posteriores, nem um abandono temático das questões autóctones ou *criollas* em favor de temáticas cosmopolitas. Parece sim existir uma diminuição do tratamento dos temas *criollos* ao longo das diversas etapas e um estado germinal da desconfiança na linguagem como *meio de dizer o mundo* em seus primeiros textos, germe este desenvolvido sistematicamente nos escritos posteriores.

Sobre a linguagem *criolla* e os temas regionais, observa-se que no trânsito da primeira à segunda etapa da escrita borgeana se opera uma modificação acentuada na língua utilizada

---

<sup>74</sup> Também no primeiro livro de ensaios de Jorge Luis Borges, *Inquisiciones* (1925), já podem observar-se algumas reflexões do autor argentino sobre a possibilidade criadora da língua convivendo com algumas dúvidas sobre essa mesma faculdade. Neste sentido, em “Examen de metáforas”, o autor refere que, segundo Luis de Granada “el origen de la metáfora fue la indigencia del idioma. La traslación de los vocablos se inventó por pobreza y se frecuentó por gusto”; no mesmo sentido e citando a Bernard Lamy refere que: “La lengua más abundante se manifiesta alguna vez infructuosa y necesita de metáforas” (BORGES, 1994, p. 71).

para a produção textual do autor argentino, e não nas temáticas tratadas. Para entender mais claramente a idéia, são citadas as palavras de Daniel Link quando afirma que:

[...] si en un primer momento el joven Borges trabaja sobre (hacia) la lengua coloquial rioplatense (*Fervor de Buenos Aires*, etc.) progresivamente va inscribiendo su trabajo en relación con una lengua cada vez más universal y neutra. Y así, Borges funda un "idioma". Habría una dialéctica (que en Borges es histórica) entre lo particular (el dialecto: [...]) y lo universal (el idioma). (2003, p. 234-235)

Nas palavras do crítico, pode-se entender que a mudança borgeana radica na utilização da língua *criolla* (o dialeto *criollo*) e do espanhol padrão (o idioma) e não nos temas argentinos vinculados ao *criollismo*. Esta forma de ver a questão permite entender que os temas *criollos* continuam na escrita borgeana e, como afirma Sarlo (1995, p. 15) “el problema de la cultura argentina vuelve a las ficciones de Borges hasta sus últimos libros, especialmente en algunos cuentos de *El informe de Brodie*, escritos a mediados de la década del sesenta”.

Mas as afirmações de Link também podem ser refletidas como parciais no que se refere a assinalar uma segunda etapa borgeana caracterizada por uma língua universal. Esta idéia se desprende, por exemplo, do texto “La cautiva” em *El informe de Brodie* onde se lê: “Después nos ayudarán los caranchos. Hoy la maté. Que se quede aquí con sus *pilchas*<sup>75</sup>” (BORGES, 2002, p. 404, grifo nosso). É possível objetar que a fala de um personagem, e portanto este personagem, se torna descaracterizada se a sentença é construída com um espanhol padrão. A esse respeito é transcrito um fragmento do espanhol utilizado pelo narrador em “El indigno”, texto também pertencente ao livro *El informe de Brodie*:

Al rato aparecieron los *vigilantes* y un oficial. Vinieron caminando; para no llamar la atención habían dejado los caballos en un terreno. Ferrari había forzado la puerta y pudieron entrar sin hacer ruido. Me aturdieron cuatro descargas. Yo pensé que adentro, en la oscuridad, estaban matándose. En eso vi salir a la policía con los muchachos esposados. Después salieron dos agentes, con Francisco Ferrari y don Eliseo Amaro a la rastra. Los habían *ardido a balazos*. (BORGES, 2002, p. 409, grifo nosso)

Neste fragmento o narrador explica que aparecem os “vigilantes” (e não os “agentes de policía”) e que alguém “fue ardido a tiros” (e não “fue asesinado”). Em ambos os casos a

língua de Buenos Aires se faz presente para desmistificar a idéia de uma *estrita* divisão entre um período de uso coloquial/*criollo* do idioma e um uso padronizado do espanhol que assinala Link (2003, p. 234 - 235) quando refere uma dialética entre o particular -dialeto- e o universal -idioma-.

Já no âmbito da reflexão *sobre* a linguagem, embora a crítica também sugira uma divisão de períodos na escrita do autor argentino, deve-se ler tais idéias com uma ótica diferenciada, que permita subentender a existência de algumas temáticas solapadas em um período de escrita que enfatiza idéias contrapostas. Assim, por exemplo, na primeira etapa, onde a linguagem se apresenta como uma possibilidade de referir o universo mediante a criação de infinitos termos, a desconfiança ou suspeitas que a linguagem provoca também é sugerida<sup>76</sup>.

Neste sentido são citadas as afirmações de Bulacio (1998, p. 27), quem observa, no primeiro período de escrita borgeana, uma linguagem voltada ao aspecto descritivo, concreta, sensitiva e capaz de experimentar e capturar a realidade, idéias que desaparecem quando Borges se distancia dos sentidos e seu idioma se intelectualiza, período no qual a realidade “es vista como incomprensible, extraña y hasta caótica”. Também Bulacio (1998, p. 45), descrevendo alguns dos relatos dos primeiros anos de Borges sobre a linguagem humana, acrescenta que: “Más tarde, nuestro autor toma distancia de esa lengua de los primeros años (vivaz, descriptiva, colorida, tal vez excesiva) para ingresar en una dimensión profunda y misteriosa de lo humano, y juega con la posibilidad de una palabra en la cual pudiera cifrarse el universo”<sup>77</sup>.

Sem discordar, por um lado, com o abandono de Borges dessa idéia de linguagem que captura a realidade, na sua segunda fase escrita, por outro se transcreve um fragmento do ensaio “El idioma de los argentinos”, que já em 1928 evidencia uma visível preocupação pela relação linguagem-realidade: “Es sabido que el obispo anglicano Wilkins, el más inteligente utopista en trances de idioma que pensó nunca, planeó un sistema de escritura internacional o simbología que con sólo dos mil cuarenta signos sobre papel pentagramado, sabía inventariar cualquier realidad” (BORGES, 2002, p. 150).

---

<sup>75</sup> Segundo o Dicionario de la Real Academia (2001, p. 1194) o termo “pilcha”, no contexto textual (dos irmãos estão enterrando o corpo de uma mulher), é um regionalismo que, na Argentina, se utiliza para referir uma roupa em mau estado.

<sup>76</sup> Assim, no prólogo de *El idioma de los argentinos* e mencionando as três direções que regem o texto, Borges (2002, p. 10) refere que: “La primera es un recelo, el lenguaje”.

<sup>77</sup> Bulacio, ainda que nos fragmentos parece sugeri-lo, não refere uma desapareção total dessas características do primeiro período de escrita borgeana. Assim sobre a sensitividade em Borges diz: “Este desasimiento de lo sensible coincidió con su progresiva ceguera; es posible que la privación del sentido de la vista lo hubiera invitado al recogimiento y al puro ejercicio del pensar. Aun así, nunca deja de lado totalmente aquellos matices de la lengua que hablan de las sensaciones” (BULACIO, 1998, p. 35).

A ironia ao momento de mencionar o “mais inteligente” dos utópicos e ao referir a possibilidade de inventariar a realidade através de um *sistema de signos arbitrários* (leia-se linguagem) deixa entrever uma postura desconfiada sobre as possibilidades que a língua oferece como meio de apreensão da realidade<sup>78</sup>.

Também em vários fragmentos de *El tamaño de mi esperanza* podem ser observados elementos que funcionam como germe dessa “nova” visão da linguagem característica da segunda fase de escrita de Borges. Assim, no “Idioma infinito” menciona-se que a gramática é uma arte ilusória autorizada pelo costume (BORGES, 1993, p. 40); e em “Palabrerías para versos”, que o ser humano inventa substantivos para a realidade, tomando como exemplo o caso de algo redondo, da cor da madrugada, que possui algo que produz cócegas na boca e que o homem mente dizendo que as três características heterogêneas são uma só e que seu nome é laranja (BORGES, 1993, p. 47).

Concluindo, e pelo exposto até aqui sobre a produção escrita do autor argentino, existe uma “comunicação temática” entre ambas as fases borgeanas. Esta comunicação permite identificar, por um lado, o trânsito do *criollismo* (e, em menor medida, da língua que o reforça) dos primeiros textos aos posteriores e, por outro, a recuperação e a aproximação de temáticas filosóficas e reflexivas em torno à linguagem, características do segundo período, já nos escritos do jovem Jorge Luis Borges.

É neste sentido, nas aproximações e no trânsito existentes entre os textos dos períodos, que deve ser interpretada a textualidade do escritor argentino. Assim, e concordando com Sarlo (2007, p. 159), não é factível pensar os escritos mais universalistas de Borges sem vinculá-los com seus textos iniciais<sup>79</sup>.

Esses textos, os mais universalistas, os que tratam a linguagem sob uma perspectiva filosófica-reflexiva, os que desconfiam plenamente do meio lingüístico com que os homens tentam *dizer o mundo*, os que procuram traçar paralelos entre palavra e realidade, são vistos no próximo capítulo desta dissertação. Tais textos denotam o florescimento das sementes que Borges disseminou sobre sua particular visão de linguagem na textualidade de seus primeiros dez anos de escrita na Argentina.

---

<sup>78</sup> A respeito do Obispo Wilkins, lembra-se que em 1942, no jornal “La Nación”, foi publicado o artigo “El idioma analítico de John Wilkins” em que Borges trata o tema da impossibilidade de classificar a realidade mediante a linguagem. Como se pode observar, o tema já se anunciava em 1928 com menos ênfase mas com a mesma convicção.

### CAPÍTULO III

No hay versificador incipiente que no acometa una definición de la noche, de la tempestad del apetito carnal, de la luna: hechos que no requieren definición porque ya poseen nombre, vale decir, una representación compartida. (JLB, “*Las Misas herejes*”, 1930)

### 3. OS ESCRITOS BORGEANOS POSTERIORES A 1930

Em Jorge Luis Borges, a reflexão sobre a linguagem é a atividade que mais aproxima a sua literatura da filosofia e da lingüística. O autor argentino consegue, na sua escrita, estabelecer uma vinculação profícua entre essas disciplinas e a literatura. Esta vinculação, esta relação férrea entre o âmbito literário e o filosófico acerca da linguagem é a que leva a possíveis confusões no momento de definir o posicionamento de Borges frente às disciplinas aludidas. Borges não pode ser considerado um filósofo nem um lingüista. O argentino é, sobretudo, um escritor que alcança a discernir a possibilidade de desenvolver teorias filosóficas e lingüísticas a partir de uma dimensão literária, que entende a possibilidade de insinuar enigmas sem a necessidade de justificá-los ou de explicá-los. Jorge Luis Borges, sem ser um teórico, faz seus leitores percorrerem os grandes temas lingüísticos e filosóficos da história do pensamento sobre a linguagem. É justamente esta última afirmação a que norteia o conteúdo deste terceiro capítulo<sup>80</sup>.

#### 3.1 Uma breve introdução ao estudo da linguagem

A linguagem, como termo amplo, remete a várias idéias ou sentidos. Assim, além da escrita e da oralidade, pensar na linguagem é pensar na arte, no corpo, na gestualidade e em outras formas de expressão. Neste capítulo, evitaremos a referência a estes últimos campos e

---

<sup>79</sup> Sobre este particular, Sarlo (2007, p. 159) explica que “los libros del Borges joven conservan hasta hoy su potencia de imaginación poética y ficcional. Casi no es posible pensar la obra de Borges, incluso aquella que parece más cosmopolita y menos referencial sin una relación con estos primeros textos”.

<sup>80</sup> Neste capítulo, a reflexão sobre a linguagem na textualidade borgeana abrange alguns dos textos pertencentes a seu segundo período de escrita. Tal período abrange os seguintes livros em prosa: *Evaristo Carriego* (1930), *Discusión* (1932), *Historia universal de la infamia* (1935), *Historia de la eternidad* (1936), *Ficciones* (1944), *El*

centraremos o estudo na linguagem entendida como um sistema de signos tendente a cumprir uma função<sup>81</sup> representativa e/ou comunicativa.

Assim, antes de elaborar uma síntese da história do pensamento sobre a linguagem, é importante diferenciar alguns significados comuns a que o termo linguagem costuma remeter e que, em realidade, respondem à significação de outros termos que costumam ser a ele equiparados. Esta diferenciação conceitual procura, especificamente, a distinção de três termos que se acham estritamente ligados no estudo dos textos de Jorge Luis Borges: fala, língua e linguagem.

### 3.1.1 Fala, língua e linguagem

No decorrer das páginas da presente dissertação, termos como “fala”, “língua” e “linguagem” são utilizados com frequência indistintamente<sup>82</sup>, mas para se ter uma idéia precisa das diferenças entre estas palavras se torna necessário delimitar o campo semântico das expressões assinaladas.

---

*Aleph* (1949), *Otras inquisiciones* (1952), *El hacedor* (1960), *El informe de Brodie* (1970), *El libro de arena* (1975), *Siete noches* (1980), *Nueve ensayos dantescos* (1982), e *La memoria de Shakespeare* (1983).

<sup>81</sup> Maria Colombo (2005, p. 19), referindo-se à capacidade funcional da linguagem, afirma que ao longo da tradição filosófica e das teorias lingüísticas podem ser individualizadas duas funções essenciais da linguagem: representação e comunicação. Na primeira função, a autora lembra que a linguagem tem relação com um conteúdo e esse conteúdo é aquilo que se representa, estando o problema em saber o que é representado pela linguagem e como é representado. Tais afirmações levam à problemática do referente o do significado, pois os signos lingüísticos não refletem diretamente a realidade, mas uma atividade de abstração, generalização e “negociação” dos falantes. Esta razão, esta capacidade de tornar a linguagem um sistema representacional abstrato, geral e convencionado, não permite representar a realidade de maneira direta ou analógica. Contudo, a linguagem, na sua função representativa e com as limitações impostas pela freqüente ambigüidade, pelas falsidades de certas proposições, pelas conotações e mensagens contraditórias, permite analisar e expressar a realidade, embora de uma maneira que está longe das analogias (forma analógica). Como explica Colombo (2005, p. 20) seguindo o raciocínio de Belinchot, Igoa e Rivière (1992), “se puede afirmar que el lenguaje es un sistema analítico de representación”. Já sobre a função comunicativa, a autora explica que se trata da faculdade da linguagem que permite entender e ser entendido por outro com quem se realiza a comunicação. Emissor, receptor, canal, código, codificação, são elementos que acompanham a transmissão de mensagem entre interlocutores. A esta função, que à primeira vista parece evidenciar um certo automatismo, são acrescidos por Colombo (2005, p. 20 - 21) elementos como intencionalidade e interpretação contextual, que completam o panorama de uma situação comunicativa que não aponta a uma relação signo-realidade, mas ao resultado de um processo de generalização e convencionalismo que procuram uma eficiente transmissão e compreensão das mensagens entre os interlocutores.

<sup>82</sup> Segundo Colombo (2005, p. 13), no campo científico o termo linguagem pode ser definido de várias perspectivas. Assim, seguindo a Belinchot, Igoa e Rivière (1992), Colombo explica que a palavra *linguagem* designa um sistema de signos que opera como um código de representação/comunicação; alude a uma faculdade específica dos seres humanos que possibilita comunicar significados mediante sons articulados; faz referência ao produto particular dessa faculdade lingüística, uma língua particular, ou àquilo que todas as línguas têm em comum, uma gramática universal; e também se refere a um modo de utilizar a língua como ato individual de uso, a fala.

Numa rápida e didática definição dos termos em questão e seguindo as enunciações de Ángel Marchese e Joaquín Forradelas, pode-se dizer que a noção de fala remete a um aspecto individual da linguagem que se situa na contra-cara da língua que é um fenômeno eminentemente social. Falar é um ato individual (que se percebe como voluntário, pois depende e parte da pessoa que produz a fala) e também material (pode ser notado pelos sentidos), pois é um fenômeno físico - caminho que começa nos órgãos de fonação de uma pessoa quando produz cadeias de sons, que continua com a percepção pelo ouvido humano dessas ondas sonoras e conclui com a interpretação mental de um receptor - e concreto no qual concorrem órgãos de fonação do indivíduo (MARCHESE & FORRADELAS, 2007, p. 193). Pode-se dizer que a fala denota um ato concreto e individual do ser humano e, portanto, heterogêneo e assistemático (embora o falante se ajuste às regras da sua comunidade de fala), que possui como objetivo comunicar algo, ou seja, a realização da língua.

A língua é definida por Marchesi e Forradelas (2007, p. 230) como um sistema composto por signos vocais que possuem uma articulação dupla (seguramente os autores referem-se à teoria de André Martinet que menciona, na língua, unidades dotadas - morfemas - e não dotadas - fonemas - de significados), que são específicos das comunidades humanas e que, ao serem combinados sob o eixo de regras pré-estabelecidas, possibilitam sua utilização como veículo de comunicação. Aqui se observa um uso social, grupal, diverso da fala que foi definida como individual. Não obstante o uso comum da língua, dentro desta convivem diversos sub-sistemas léxicos (políticos, científicos, esportivos etc.) e modalidades de uso (registros formais e informais). Ainda sobre o mesmo tema, os autores acima citados também alertam sobre “la necesidad de diferenciar la lengua, como sistema o código de signos, de la norma, es decir de la realización estadísticamente dominante o considerada socialmente más prestigiosa del mismo sistema” (MARCHESE & FORRADELAS, 2007, p. 230).

Já a linguagem, na visão de Marchese e Forradelas (2007, p. 232), é definida como uma “capacidade” que caracteriza o ser humano e que lhe possibilita a comunicação com seus semelhantes. Esta comunicação se dá através de sistemas de signos - língua - e é realizada de forma individual - fala - por diversos membros de um grupo social. Embora esta definição de linguagem seja pouco detalhada, quando se pensa na complexidade da figura que se tenta definir, o elemento essencial que se procura ressaltar está presente: a capacidade. Por isso, a linguagem pode ser entendida como uma capacidade ou uma potência.

Muito ilustrativa é a relação que Paolo Virno (2003, p. 90) faz quando explica que não se deve confundir o sistema dos “atos lingüísticos potenciais” (língua) com a capacidade

genérica e potencial da fala (linguagem), nem com as enunciações que materialmente são produzidas (fala). Virno, citando alguns conceitos de Saussure, deixa ver a co-relação de três campos nitidamente diversos, embora participem do mesmo processo sem poder ser divididos: existe um plano da potência, daquilo que pode vir a ser, que está latente e que representa a linguagem; existe um âmbito onde se observa um sistema convencionado e necessário (estruturas) que os grupos utilizam para realizar essa faculdade ou potência e que se refere à língua; e por último há um campo onde aparecem os atos individuais que utilizam as convenções ou estruturas citadas e realizam a potência que está latente no processo: a fala. (VIRNO, 2003, p. 90).

Também Mireya Estupiñán e Omer Villena (2007, p. 17) aportam conceitos esclarecedores a respeito dos três termos em questão. Segundo os autores, seguindo os pensamentos de Areiza, Cisneros e Tabares (2004), a linguagem deve ser entendida como uma construção mental, uma abstração ou capacidade genérica exclusiva dos seres humanos que possibilita nas pessoas processos de apropriação, representação e simbolização da realidade, termo complexo que abrange ao mesmo tempo elementos naturais, sociais, psíquicos e perceptivos. A língua, que é adquirida, é a manifestação da faculdade da linguagem e opera como um sistema abstrato que organiza a produção verbal sob um conjunto de regras e relações que trabalham em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos; na língua se observa o aspecto formal da relação entre os três termos e que se traduz em uma gramática específica. Por último, a fala é um uso individual, é a concretização do sistema formal ou língua.

Assim vemos que nos três autores antes citados, o que caracteriza a linguagem é a peculiaridade de se tratar de uma faculdade mental especificamente humana que possibilita aos homens comunicar e representar a realidade por meio de um sistema de signos. Este sistema, convencionado e social, compõe o que se denomina língua e é justamente a forma em que a linguagem se realiza ou manifesta. Por sua vez, a fala, pessoal ou individual, é o veículo de transmissão da língua, é a maneira como o falante se comunica ou representa algo articulando vocalmente.

### 3.1.2 Os períodos históricos do pensamento sobre a linguagem



Tzvetan Todorov (2005, p. 380) afirma que quase não existe atividade humana que não utilize como parte integrante de suas ações o emprego da linguagem e por esta razão não é estranho que desde os alvares da humanidade o estudo da linguagem seja objeto das mais diversas correntes de pensamento humano.

A esse respeito, e de forma sumariíssima, apresentam-se alguns conceitos sobre os períodos históricos do pensamento da linguagem que estão mais estreitamente vinculados com as visões e idéias que Borges produz sobre a linguagem nos dois períodos de escrita analisados nesta dissertação.

José Ferrater Mora (2006, p. 214) assinala que os pré-socráticos<sup>83</sup> equiparam linguagem e razão devido a que, para refletir sobre o universo, é preciso falar, e a fala é a característica essencial do *animal racional*. Nesse entendimento, a linguagem, desde o início da filosofia, já está intimamente ligada à realidade. Posteriormente, com os sofistas<sup>84</sup>, começam os estudos gramaticais e retóricos da linguagem. A grande preocupação desses pensadores é a questão do aspecto convencional ou não dos nomes e das palavras que conformam a linguagem, problema abordado por Platão<sup>85</sup> em *Crátilo* e que, basicamente, exhibe duas posturas sobre o tema. A primeira dessas posturas aponta que os nomes estão vinculados de forma natural com as coisas. A segunda, que os nomes são convencionais. Os estóicos<sup>86</sup> e Aristóteles<sup>87</sup> continuam estudando a linguagem vinculada à realidade e

---

<sup>83</sup> Segundo Mauricio Beuchot (2005, p. 11), entre os pré-socráticos ganham relevância os pensamentos dos pitagóricos, ou seja, os seguidores de Pitágoras de Samos (570-497) que iniciam o debate sobre o caráter natural ou artificial da linguagem, decidindo que entre as palavras e as coisas existe uma relação ou vínculo natural. Entre os naturalistas pode ser mencionado Heráclito de Efeso (536-470) que, segundo Beuchot (2005, p. 11), estuda as palavras (epéa) e os fatos (erga) com base na sua natureza (kata phsin) sendo um dos iniciadores do estudo da etimologia. Já entre os pensadores inclinados pela tese da arbitrariedade ou artificialidade do signo, devem ser mencionados Parmênides de Eléia (530-444), quem assinala que aquilo que outorga o significado às palavras é a lei, e Demócrito de Abdera (460 - 370), quem pensa que o homem reflete a lei natural do ser na lei arbitrada do logos ou palavra (BEUCHOT, 2005, p. 12).

<sup>84</sup> Os sofistas, segundo Beuchot (2005, p. 12-13), adotam o ponto de vista convencionalista e também refletem com profundidade a natureza e a finalidade da linguagem, além de realizar estudos sobre a gramática e a retórica. Dois dos sofistas mais reconhecidos são Protágoras de Abdera (480-410) e Georgias de Leontini (484-375). Sobre a posição convencionalista do primeiro dos pensadores podemos assinalar a seguinte frase: “Los nombres no son, en relación con la cosa que designan, a modo de imagen o copia; ni tampoco existe entre ellos una afinidad de naturaleza” (PROTÁGORAS, 1980, p. 26). Já no caso do segundo pensador, podemos observar a negação da relação natural entre palavra e coisa nas seguintes linhas que versam sobre a impossibilidade de comunicar o pensamento por meio da linguagem: “Por tanto, nada existe; y si existiera, no sería cognoscible; y si fuera cognoscible, nadie podría comunicarlo a otro, ya que las cosas no son las palabras y que nadie puede pensar lo mismo que otro” (GEORGAS, 1980, p. 114).

<sup>85</sup> Platão, segundo Beuchot (2005, p. 14), é o filósofo clássico que mais impulsiona a reflexão sobre a linguagem, e o desenvolvimento das suas idéias sobre o tema pode ser observado em *Crátilo*, texto que aborda com profundidade as características do naturalismo e do convencionalismo na relação entre as palavras e as coisas.

<sup>86</sup> Os estóicos, no entendimento de Beuchot (2005, p. 36-37), tentam uma síntese das idéias de Platão e de Aristóteles obtendo como resultado uma nova teoria sobre a linguagem em que predomina o naturalismo e que proclama que a linguagem é uma capacidade natural do homem que deve ser aceita com suas irregularidades. Zenão (336/335 - 264/263) e Crísipo de Soli (280-205) são duas das figuras principais do estoicismo e os

introduzem novos conceitos que aprofundam o entendimento sobre o tema. Assim aparecem reflexões sobre a relação entre a expressão verbal e seu conceito formal (e a união de ambos ao serem expressos lingüisticamente) e sua relação com a realidade. Estes pensamentos acarretam em um novo tipo de inconveniente, além do gramatical: aparecem os problemas lógicos que apontam à descrição formal da linguagem natural (FERRATER MORA, 2006, p. 215).

Assim vemos que o aspecto gramático e o lógico são os dois eixos que vão dominar as reflexões sobre a linguagem posteriores à época antiga. Estas reflexões, além de caracterizar o pensamento da Idade Média<sup>88</sup>, chegam até a Idade Moderna e configuram, segundo Ferrater Mora (2006, p. 215) o surgimento de uma “Filosofia da linguagem”.

A fim de completar os comentários de Ferrater Mora, apresentam-se algumas noções de Ducrot sobre a filosofia da linguagem. Segundo o lingüista francês, ao menos dois sentidos são possíveis para a expressão “filosofia da linguagem”. Um vincula-se a uma filosofia a propósito da linguagem, ou seja, um estudo *externo* à linguagem, considerando-a como seu objeto e comparando-a com outros objetos diversos. O outro se relaciona com a atividade do filósofo que submete a linguagem a um estudo *interno*, considerando-a objeto de investigação (2005, p. 113).

---

precursores de uma doutrina nova sobre o significado. O ato semiótico, segundo estes pensadores, estava composto de três elementos: o signo lingüístico ou significante, que é acústico ou gráfico, o objeto ou referente, que é físico, e o significado ou sentido, que é metafísico.

<sup>87</sup> A principal obra de Aristóteles, no que concerne ao estudo da linguagem, é *Peri hermeneias* ou *De interpretatione*. Aristóteles, nesse texto, opina que nas situações em que a palavra designa uma coisa, tem uma primeira relação com o conceito da coisa (ou coisa em quanto pensada), e uma segunda relação com a coisa real. Neste ponto observamos que em Aristóteles a palavra se relaciona em primeiro lugar com seu sentido e logo com sua referência (BEUCHOT, 2005, p. 23).

<sup>88</sup> Embora Ferrater Mora indique que desde o final da Idade Antiga até a Idade Moderna os problemas lógicos e gramaticais caracterizam o período, na Idade Média encontramos reflexões sobre a linguagem que ao menos sucintamente devem ser explanadas. Assim lembramos os pensadores da patrística e entre eles Santo Agostinho (354-430) para quem, segundo Beuchot (2005, p. 56), a palavra significa primeiro a idéia e através dela a coisa designada e para quem o conceito é a palavra interior, o verbo interno. O que se quer comunicar é o verbo interno, que é igual para todos os homens, e para isso se utilizam os verbos externos (orais ou escritos), diversos nas diferentes línguas. Para Santo Agostinho, acrescenta Beuchot (2005, p. 56), o pensamento é a condição de possibilidade da linguagem e não existe linguagem sem ele. Da Alta Idade Média destaca-se Pedro Abelardo (1079-1142), que pode ser considerado o primeiro pensador que trata a linguagem desde seu aspecto primordial do som. Este pensador, segundo Beuchot (2005, p. 66), diz que as vozes ou palavras são estatuídas por imposição dentro da comunidade de falantes e que a matéria que conforma as vozes são os sons. Também deve ser mencionado, na etapa conhecida como a escolástica, o trabalho de São Tomás de Aquino (1225-1274), que vê o verbo ou conceito como o intermediário entre o signo lingüístico exterior (oral ou escrito) e o objeto, e que afirma que a palavra é signo do conceito, assim como este último o é da coisa. Para São Tomás, a palavra faz compreender o conceito como sendo seu sentido, e este último conduz até o objeto, sua referência (BEUCHOT, 2005, p. 75). Para São Tomás primeiro vem a coisa enquanto pensada ou conhecida, depois enquanto real. Assim, primeiro a palavra significa o conceito, depois o objeto (BEUCHOT, 2005, p. 76). Por último, da Baixa Idade Média destacam-se as idéias de Guilherme de Ockham (1295-1349), quem estuda diversos tipos de termos, como os mentais, orais e escritos, e as propriedades desses termos, significação e suposição (BEUCHOT, 2005, p. 91-92).

Sobre o estudo externo, Ducrot sustenta que neste âmbito se estudam, por exemplo, as relações entre pensamento e linguagem. Assim, o lingüista assinala o caso dos idealistas franceses do início do século XX, que vêem a cristalização de um sentido na palavra como a causa das ilusões que provocam as idéias sobre substância, sobre coisas dadas e sobre a estabilidade dos estados. Outro exemplo de Ducrot é a função da língua na história humana. Assim, mencionando a Hegel e a Scheleicher, Ducrot aponta os lingüistas comparatistas como os que declaram que o homem histórico adota uma postura de usuário frente à língua, e que tal posição lhes permite tanto atuar sobre os demais como perpetuar as lembranças dessas ações (2005, p. 113).

Sobre o segundo estudo, o interno, Ducrot afirma que a filosofia, desde as origens, inclina-se a este tipo de investigação, que se apresenta como uma reflexão onde o filósofo se vê impelido a analisar linguisticamente o sentido das palavras (2005, p. 114). É justamente este estudo interno que menciona Ducrot o que possibilita, através destas breves noções sobre a história da filosofia da linguagem, assinalar duas correntes essenciais ao momento de entender certos escritos borgeanos que tratam o tema: o racionalismo e o empirismo.

Sobre este particular, Ferrater Mora (2006, p. 216) diz que os filósofos racionalistas, basicamente, adotam uma postura de confiança e crença no poder lógico da linguagem. Por sua parte, os empiristas desconfiam, tentam evitar os “abusos” da linguagem e têm como objeto uma série de reflexões para identificar as armadilhas que esse instrumento essencial do pensamento pode apresentar ao momento de ser utilizado.

A razão, segundo Ferrater Mora, possui dois significados predominantes. O primeiro vincula-se a uma faculdade do homem que lhe permite alcançar o conhecimento do universal e o acesso às idéias, seja como valores ou como essências. O segundo está relacionado com o princípio de explicação das realidades e com a possibilidade de fundamentar porque algo é de determinada maneira (2006, p. 302). Neste entendimento, e segundo acrescenta o autor, quando se fala em racionalismo se alude a uma corrente de pensamento na qual a razão, o pensar, é contraposta à emoção e à vontade (racionalismo psicológico); a uma doutrina que vê na razão a única forma adequada e completa para aceder ao conhecimento, o que infere que todo conhecimento tem uma origem racional (racionalismo gnosiológico ou epistemológico); ou a uma teoria que afirma que a realidade, em última instância, possui caráter racional (racionalismo metafísico) (FERRATER MORA, 2006, p. 300).

Do racionalismo e sua relação com o empirismo, a autor menciona que os grandes empiristas, como John Locke e David Hume, não deixam de ser racionalistas se pensados sob

o ponto de vista do método utilizado em suas reflexões: o uso da razão. Por este motivo, e para evitar possíveis equívocos, Ferrater Mora prefere utilizar o termo racionalismo não para designar o simples fato de aludir ao uso da razão, senão para indicar o abuso da mesma (2006, p. 300).

Das correntes racionalistas que interessam a este estudo por estarem intimamente ligadas à análise dos pensamentos borgeanos sobre a linguagem, citam-se com especial cuidado as que se proliferam na Idade Média, período histórico em que a busca de equilíbrio entre a fé e a razão modifica substancialmente os preceitos racionalistas. Segundo Ferrater Mora (2006, p. 300):

Ser racionalista no significó forzosamente durante la Edad Media admitir que toda la realidad fuera racional, en tanto que completamente transparente a la razón humana. Se podía considerar el racionalismo como la actitud de confianza en la razón humana con la ayuda de Dios. Se podía admitir el racionalismo como tendencia susceptible o no de integrarse dentro del sistema de las verdades de la fe. Al mismo tiempo, se podía considerar el racionalismo como una posición en la teoría del conocimiento, en cuyo caso se contraponía al empirismo.

Além disso, Ferrater Mora (2006, p. 301) adverte que existem diferenças entre o racionalismo do século XVII e o racionalismo do XVIII. O primeiro descansa sobre supostos metafísicos e religiosos onde Deus é a garantia das verdades racionais e o patamar onde se apóia o universo concebido como algo inteligível. Já no século XVIII a razão é o instrumento que permite ao homem “dissolver a escuridão que o rodeia” e o reflexo de uma postura epistemológica vinculada à experiência e às normas morais e sociais. Também o autor menciona que é necessário cuidado ao momento de definir o termo “racionalismo”, pois tanto histórica como sistematicamente a falta de univocidade pode levar a um entendimento impróprio do conceito (FERRATER MORA, 2006, p. 302).

Já o empirismo é uma corrente filosófica e gnosiológica na qual o conhecimento se encontra fundado na experiência<sup>89</sup>. Esta corrente, oposta ao racionalismo que se baseia na razão, e ao inatismo que declara que o sujeito cognoscente possui idéias inatas (anteriores a toda aquisição de dados), entende os sujeitos cognoscentes como tábuas rasas onde são depositadas suas impressões do mundo externo (FERRATER MORA, 2006, p. 111).

---

<sup>89</sup> A experiência é definida por Ferrater Mora (2006, p. 136) como a confirmação ou possibilidade de confirmação empírica de dados e também como o fato de vivenciar algo que já foi dado à reflexão ou predicado anteriormente.

A este estudo interessa o que Ferrater Mora define como empirismo moderno, e dentro deste o empirismo inglês. Nesta última corrente encontram-se os autores a que Borges faz referência desde seus escritos iniciais: Bacon, Hobbes, Locke, Berkeley e Hume.

Nos empiristas ingleses a noção de espírito ou de sujeito cognoscente está relacionada à imagem de um recipiente para onde confluem os “dados” (chamados de “idéias” por Locke e Berkeley e de “sensações” por Hume) que chegam do mundo exterior por intermédio dos órgãos dos sentidos. Esses dados que configuram a base de todo conhecimento vão se acumulando no espírito para “serem chamados” a enlaçar-se com outras percepções e possibilitar operações como a lembrança ou o pensamento (FERRATER MORA, 2006, p. 111). A “presença” e o “chamado” das idéias ou das percepções configuram o processo cognoscitivo. Paralelamente a este processo existe outro que vincula as idéias ou sensações primitivas a outras complexas, que permitem alcançar noções referentes a objetos (substâncias) compostos de várias idéias elementares (objetos com qualidades). Esta formação dos objetos compostos deve ser confirmada pela experiência (FERRATER MORA, 2006, p. 112). Também existe um outro processo, nomeado “reflexão”, que possibilita o reconhecimento de conceitos e, em geral, daquilo que se conhece como o “universal”<sup>90</sup>. Mas não se deve entender que a aceitação do “universal” significa ser real, pois os autores que são empiristas e também nominalistas<sup>91</sup> desconfiam de todo tipo de conceitos desprendidos de um processo de “abstração” (FERRATER MORA, 2006, p. 112).

Racionalismo, empirismo e nominalismo são correntes de pensamento muito trabalhadas por Borges na primeira etapa de sua escrita e que deixam entrever que a preocupação filosófica do autor argentino não é exclusiva da escrita pertencente ao período de produção literária que se associa com a maturidade borgeana.

---

<sup>90</sup> Segundo Ferrater Mora (2006, p. 358), os “universais”, também chamados de “noções genéricas”, “idéias” e “entidades abstratas”, estão definidos pela tradição filosófica como o que é abstrato e em oposição ao que é particular ou concreto. A respeito, Ferrater Mora (2006, p. 359) assinala que os principais questionamentos que os universais trazem à tona são a questão do conceito, a questão da verdade e a questão da linguagem. Sobre o primeiro ponto, o autor afirma que o problema radica em definir a natureza e a função do conceito, a natureza do individual e sua relação com o geral; sobre o segundo ponto, alude aos critérios de verdade e à correspondência com os enunciados da *cosa*; e sobre o último ponto, refere-se à natureza dos signos e sua relação com as entidades significadas (FERRATER MORA, 2006, p. 359).

<sup>91</sup> Sobre o nominalismo, Ferrater Mora (2006, p. 258) afirma que esta corrente opina que os “universais” não são realidades anteriores às coisas (como opina o realismo), nem realidades nas coisas (como opina o conceitualismo). Para os nominalistas, os “universais” são nomes, termos ou vocábulos com a função de designar coleções de indivíduos, o que significa que para esta corrente de pensamento só existem as entidades individuais, sendo os “universais” entidades inexistentes que não passam de simples termos da linguagem. Também sobre esta corrente, Ferrater Mora explica que os realistas se opõem a estas idéias, negando a possibilidade de o “universal” ser um vocábulo, um sopro ou um som proferido, pois tal fato permite pensar que o “universal” tem uma realidade física (2006, p. 259).

Embora nos relatos borgeanos possa ser identificado um relevante número de referências às correntes de pensamentos acima citadas<sup>92</sup>, acreditamos que certa reflexão sobre a linguagem nos textos do escritor argentino não estaria tanto enquadrada nas correntes racionalistas, empiristas ou nominalistas como no ceticismo próprio de pensadores como Nietzsche ou Mauthner, filósofos que teriam chegado ao escritor argentino em sua permanência na Europa, e mais precisamente em Genebra, de 1914 a 1919.

Enfatizamos, uma vez mais, que nos primeiros anos da escrita de Borges, embora exista uma noção de linguagem vinculada à capacidade que esta possui para “descrever o mundo” e para possibilitar seu alcance aos sentidos, ao mesmo tempo em que é afirmado esse poder lingüístico descritivo e sensitivo da linguagem também pode ser identificado um acentuado caráter cético quanto às possibilidades da linguagem como meio de “expressão da realidade”.

Já nos escritos posteriores a 1928 são evidentes as idéias que postulam a concepção da linguagem como meio restrito ou insuficiente. Nesta segunda etapa de sua escrita, Borges aprofunda alguns conceitos “sugeridos” até 1928 e evidencia a sua particular visão da linguagem como limite ou confim da experiência, como meio lingüístico que resulta em um método insuficiente ou incompleto para “dizer a realidade”.

### **3.2 Borges: entre o lingüista e o filósofo**

Muitos textos de Borges exigem, para um melhor entendimento, leituras de cunho lingüístico ou filosófico. Assim, contos como “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” podem ser lidos à luz do pensamento idealista ou contos como “El idioma analítico de John Wilkins” podem ter um sentido mais amplo se relacionados com as posturas naturalistas e convencionalistas da linguagem.

Desta forma, observamos a necessidade de uma pré-leitura filosófica ou lingüística para compreender com maior profundidade certos textos borgeanos. Mas será que o fato de alguns textos borgeanos repousarem em diversas teorias faz do escritor um teórico, e neste caso em particular, um teórico da linguagem? Pode ser dito que Borges é um escritor filósofo ou lingüístico? Parece difícil coincidir com uma resposta afirmativa.

---

<sup>92</sup> Por exemplo, o idealismo em “Avatares de La tortuga”, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” e “Nueva refutación del tiempo” e o nominalismo em “El ruiseñor de Keats” e “De las alegorías a las novelas”.

É verdade que no caso particular de nosso estudo, para entender a escrita de Borges é necessário compreender as posturas dos filósofos sobre a linguagem. Nesse sentido, Zulma Mateos (1998, p. 99) alerta sobre a importância, no campo do estudo da linguagem, de saber diferenciar entre duas grandes correntes de pensamento: a primeira, que possuía uma atitude de confiança frente à linguagem, os racionalistas, e que se encontravam nas filas do realismo; e a segunda, que proclamava uma idéia de desconfiança na linguagem, os empiristas, e que pertenciam às correntes nominalistas (Hobbes, Locke, Berkeley, Hume). Estes últimos tentavam submeter a linguagem a permanente crítica, afim de evitar seus “abusos” e de denunciar a impossibilidade da existência de determinado termo que possa designar a realidade. Borges, quem segundo a autora encontra-se próximo desse segundo grupo, foi um constante trabalhador, na sua escrita, das questões relativas à possibilidade de expressar a realidade por meio da utilização da linguagem<sup>93</sup>.

Assim vemos como estes conhecimentos resultam necessários para compreender o texto, o que não significa que ao ler Borges nos encontremos frente a um tratado de filosofia ou de lingüística. A respeito, o próprio autor argentino esclarece a possível confusão que pode surgir entre seus críticos no momento de identificar sua escrita literária com algum campo da ciência: "No soy filósofo ni metafísico; lo que he hecho es explotar, o explorar - es una palabra más noble -, las posibilidades literarias de la filosofía" (VÁZQUEZ, 1977, p. 107).

Bulacio (1998, p. 119) resgata algumas frases de Borges sobre a negação do mesmo em relação a declarar-se como filósofo e reflete sobre a íntima relação entre filosofia, literatura e linguagem:

Como todos sabemos, Borges nunca quiso ser considerado un filósofo y esto lo expresó claramente en declaraciones públicas: "*No profeso ningún sistema filosófico, salvo el de la perplejidad*". [...] Más allá de sus ironías, es posible que no sea tan desatinada esa creencia; basta pensar en la *Fenomenología del Espíritu* de Hegel o en la *Crítica de la razón pura* de Kant o en *El Ser y el Tiempo* de Heidegger, para coincidir con los agudos comentarios borgeanos. Los escritos de Borges ocultan un estilo poético pensante de fuertes rasgos filosóficos [...]; ellos entrañan una concepción coherente y profunda del hombre y del universo. En el centro de la cuestión está el lenguaje.

---

<sup>93</sup> Assim, para apresentar cabalmente este pensamento, Mateos cita um verso do poema “Los dones” que diz: “Le fue dado el lenguaje esa mentira” (BORGES apud MATEOS, 2004, p. 100) e afirma que no pensamento contemporâneo essa postura poderia ser aproximada às de Wittgenstein, Moore, Austin e ao neopositivismo, pois Borges compartilha com eles não só as mesmas influências filosóficas (Occam, Hume, Mill, James) mas também o ceticismo na possibilidade humana de conhecer a realidade utilizando a linguagem. Acrescenta a autora “No hay palabra para cada cosa, ni existe la palabra exacta. No puede existir desde el momento en que las estructuras de estas dos realidades son tan diferentes” (MATEOS, 1998, p. 104).

E não só em declarações e entrevistas<sup>94</sup> o autor argentino afirma tal diferenciação. No Epílogo de seu livro *Otras inquisiciones* (1952), Borges refere como corolário de seu livro a descoberta de sua tendência em apreciar as teorias da religião ou da filosofia pelo valor estético que elas comportam. Neste sentido, o autor argentino afirma sua inclinação a “estimar las ideas religiosas o filosóficas por su valor estético y aun por lo que encierran de singular y maravilloso” (BORGES, 2004b, p. 153).

Embora a diferenciação entre o escritor e o filósofo<sup>95</sup> pareça clara na escrita e nos depoimentos do autor argentino, a reflexão e o conteúdo filosófico e lingüístico são muito fortes em alguns de seus textos<sup>96</sup>. Quando, no segundo período de escrita borgeana, os textos referem-se à linguagem, observa-se uma marcada inclinação pelas posturas filosóficas que se definem como céticas. Em Borges, em textos posteriores a 1928, a linguagem aparece como um sistema de símbolos arbitrários e convencionados que duvidosamente poderiam dar a conhecer uma realidade<sup>97</sup>.

Basta, neste sentido, lembrar algumas linhas de “El idioma analítico de John Wilkins”, texto que postula a impossibilidade da linguagem de realizar uma classificação exaustiva da realidade, tarefa que resulta inalcançável devido ao fato impraticável de obter-se critérios objetivos na construção de tamanho empreendimento. Cada classificador, neste caso John Wilkins (1614 - 1672), utiliza sua subjetividade para determinar a ordem e as prioridades das categorias em que divide a realidade, sem sequer saber o que é a realidade. Neste sentido

---

<sup>94</sup> Também podemos corroborar essa preocupação de Borges em relação a definir seu trabalho de escritor literário nas seguintes afirmações: “Yo no tengo ninguna teoría del mundo. En general, como yo he usado los diversos sistemas metafísicos y teológicos para fines literarios, los lectores han creído que yo profesaba esos sistemas, cuando realmente lo único que he hecho ha sido aprovecharlos para esos fines, nada más” (BORGES apu VÁZQUEZ, 1977, p. 107).

<sup>95</sup> É interessante observar que Borges não somente quer tomar distância da figura filósofo como também, em fragmentos de sua escrita, deixa entrever uma crítica à filosofia como atividade reflexiva. Assim, em “Avatares de la tortuga”, texto onde se encontra uma referência explícita à impossibilidade da linguagem para referir a realidade, podemos ler: “Es aventurado pensar que una coordinación de palabras (otra cosa no son las filosofías) pueda parecerse mucho al universo” (BORGES, 2004a, p.258).

<sup>96</sup> Esta peculiaridade da escrita borgeana explica o posicionamento de críticos como Mateos, que se inclinam pela idéia de que uma compreensão plena de certas obras de Borges só seria possível com uma base filosófica mínima, o que não significa que exista uma verdadeira filosofia nos textos borgeanos, mas que no autor argentino existe uma espécie de recriação ou inquietude metafísica, onde se observa seu pessimismo metafísico radical (MATEOS, 1998, p. 22-23).

<sup>97</sup> Segundo Mateos (1998, p.109), quando se fala em entender o universo ou captar a realidade com a linguagem, deve-se entender não a impossibilidade ou limitação para compreender um fato empírico determinado ou concreto, senão para alcançar um conhecimento último ou essencial de algo, ou seja, o que é realmente algo e qual é seu sentido. A autora também acrescenta que dizer sobre a realidade ou dizer a realidade apresenta outro inconveniente, já que a realidade é captada de forma mediatizada, ou seja, falar sobre a realidade não é um processo direto, pois se fala sobre uma ficção da realidade que é criada pela linguagem, e este fato impede de alcançar “verdadeiramente” o conhecimento.



Borges (2004b, p. 86), no texto citado, escreve que “notoriamente no hay clasificación del universo que no sea arbitraria y conjetural. La razón es muy simple: no sabemos qué cosa es el universo”.

O vínculo entre linguagem e realidade<sup>98</sup> é uma temática fortemente explorada nos textos borgeanos. Neste sentido, Jaime Alazraki (1983, p. 275) tenta explicar essa relação subjacente em vários textos de Borges, aplicando o conceito de *metáfora epistemológica*. Esta definição, que o crítico toma de Eco, tenta analisar as “formas da arte de metáforas” que vão refletir o modo como a ciência ou a cultura de uma determinada época vê a realidade. A ciência é o canal autorizado para conhecer o mundo, pois a arte mais que conhecer o mundo, vai produzir complementos do mundo, formas autônomas que são acrescentadas às existentes, exibindo leis próprias e vida pessoal (ECO apud ALAZRAKI, 1983, p. 275). A metáfora<sup>99</sup> é vista como um procedimento estilístico, como uma ponte que transporta de um lugar para outro e que ao ser cruzada deixa ver em uma geografia nova a presença da anterior, que agora funciona como um patamar para a primeira. A metáfora não seria uma tradução literal do epistemológico, mas uma criação de situações análogas, o que permite ver as mesmas coisas de pontos de vista diversos (ALAZRAKI, 1983, p. 276).

Os conceitos antes observados por Alazraki<sup>100</sup>, sobretudo o aspecto classificatório da ciência e a paráfrase da realidade criada pela linguagem, são essenciais no entendimento de

---

<sup>98</sup> Bulacio (1998, p. 37) lembra que, na relação linguagem-realidade na obra borgeana, deve estar sempre presente a idéia de que o homem é fundamentalmente linguagem e essa condição lhe permite criar um universo de sentidos (metáforas e metonímias) para referir a realidade e para configurá-la de tal forma que possa ser deixada a seu alcance. Neste sentido, a crítica observa que nos textos borgeanos a realidade é vista irremediavelmente além das palavras e estas últimas tentam fazer designações impossíveis, o que, de fato, permite pensar em um matiz alentador na escrita borgeana, que possibilita a criação de universos alternativos através do uso das palavras (BULACIO, 1998, p. 12).

<sup>99</sup> Bulacio (1998, p. 118) afirma que o ponto comum que aproxima e entrelaça a filosofia e a literatura é a metáfora, e sobre esta, lembrando alguns pensamentos de Richard Rorty, diz que: “La ciencia inventa descripciones del mundo para predecir y controlar los fenómenos; la filosofía y la poesía las inventan para comprenderlo. Los fines son distintos pero el vehículo de interpretación es el mismo: la metáfora”. Já sobre a relação entre filosofia e literatura existente na textualidade do autor argentino a autora lembra a dificuldade extrema que implica analisar este tipo de relações, pois estudar essa relação “implica abordar, por un lado, la relación entre ficción y verdad, y por otro [...] indagar la adecuación o inadecuación entre lenguaje y realidad” (BULACIO, 1998, p. 117).

<sup>100</sup> Também para explicar a relação entre linguagem e realidade em Borges, Alazraki (1983, p. 278) cita alguns conceitos de Ernst Cassirer. Assim, por exemplo, menciona que o conhecimento não pode reproduzir a natureza das coisas tal como elas são e que por isso está obrigado a apresentar a essência delas em conceitos. Os esquemas da ciência para classificar, ordenar e resumir os fenômenos do mundo real são esquemas arbitrários ou, como acrescenta Alazraki (1983, p. 283) citando a Cassirer, “vanidosas fabricaciones de la mente que expresan no la naturaleza de las cosas, sino la naturaleza de la mente. El conocimiento ha sido reducido a una suerte de ficción: una ficción recomendable por su utilidad, pero que no debe medirse en estrictos términos de verdad [...]”. Por último, Alazraki (1983, p. 283) afirma que a linguagem pensada como meio de conhecimento passa de tradução à paráfrase e, portanto, do reflexo de uma realidade resulta uma outra realidade independente: “Se ha desecho la profunda pertenencia del lenguaje y del mundo. Se ha terminado el primado de la escritura.

relatos como “La escritura del dios” e “Sobre el Vathek de William Beckford”. Nestes textos, além da relação linguagem e realidade são propostas questões vinculadas às limitações cognoscitivas do homem<sup>101</sup>.

A exemplo desta afirmação, citamos um fragmento de “La escritura del dios” onde pode ser observado como, *a contrario sensu* da interpretação do alcance da voz ou da palavra do deus, a linguagem humana resulta insuficiente para traduzir a realidade ou, como se lê no relato, o todo, o mundo, o universo:

¿Qué tipo de sentencia (me pregunté) construirá una mente absoluta? Consideré que aun en los lenguajes humanos no hay proposición que no implique el universo entero; decir el tigre es decir los tigres que lo engendraron, los ciervos y tortugas que devoró, el pasto de que se alimentaron los ciervos, la tierra que fue madre del pasto, el cielo que dio luz a la tierra. Consideré que en el lenguaje de un dios toda palabra enunciaría esa infinita concatenación de los hechos, y no de un modo implícito, sino explícito, y no de un modo progresivo, sino inmediato. Con el tiempo, la noción de una sentencia divina parecióme pueril o blasfematoria. Un dios, reflexioné, sólo debe decir una palabra, y en esa palabra la plenitud. Ninguna voz articulada por él puede ser inferior al universo o menos que la suma del tiempo. Sombras o simulacros de esa voz que equivale a un lenguaje y a cuanto puede comprender un lenguaje son las ambiciosas y pobres voces humanas, todo, mundo, universo. (BORGES, 2004a, p. 597-598)

Também em “Sobre el Vathek de William Beckford” podemos observar uma referência a essa impossibilidade humana de alcançar a realidade utilizando a linguagem. No caso específico deste relato, assinala-se a tentativa fracassada da linguagem de construir a biografia do autor acima referido:

Tan compleja es la realidad, tan fragmentaria y tan simplificada la historia, que un observador omnisciente podría redactar un número indefinido y casi infinito de biografías de un hombre, que destacan hechos independientes y

---

Desaparece, pues, esta capa uniforme en la que se entrecruzan indefinidamente lo visto y lo leído, lo visible y lo enunciable. Las cosas y las palabras van a separarse”.

<sup>101</sup> Segundo Alazraki (1983, p. 283), em Borges o homem não é visto como um descobridor ou alguém que consegue perceber realidades, mas como alguém que é inventor, que é criador de mitos. Desta forma, os contos de Borges devem ser lidos como “oblicuas alusiones a la situación del hombre frente al mundo, como símbolos que trasuntan su condición de acuñador de ficciones en un mundo que se niega a entregarse en su íntima realidad”. Também o crítico acrescenta que no verso deste paradoxo aparece essa impossibilidade do homem que quer aceder ao mundo e, dentro dessa impossibilidade, Borges descobre as possibilidades e alcances metafísicos da ficção fantástica, fazendo com que aquilo que fica sem resolução na especulação metafísica possa ser resolvido nos espaços e silêncios da literatura fantástica (1983, p. 285).

de los que tendríamos que leer muchas antes de comprender que el protagonista es el mismo [...]. No es inconcebible una historia de los sueños de un hombre; otra, de los órganos de su cuerpo; otra, de las falacias cometidas por él; otra, de todos los momentos en que se imaginó las pirámides; otra, de su comercio con la noche y las auroras. Lo anterior puede parecer meramente quimérico, desgraciadamente no lo es. (BORGES, 2004b, p. 107)

O ditame final do fragmento, a referência ao fato de que desgraciadamente a vida de um homem - a realidade da vida de um homem - possui inumeráveis ramificações impossíveis de serem abarcadas, transmite uma postura cética quanto às possibilidades de transmissão através da linguagem. Este problema que é comum às diversas ciências ganha um caráter especial na filosofia e Borges, enfático neste ponto, diz: "Es aventurero pensar que una coordinación de palabras (otra cosa no son las filosofías) puede parecerse mucho al universo" (BORGES, 2004a, p. 258).

Dessa frase desprende-se o forte ceticismo de Borges acerca da impossibilidade das correntes filosóficas explicarem algo verdadeiramente essencial através da linguagem. Mas tal entendimento não impede, nos textos borgeanos, a apropriação de conteúdos e reflexões filosóficas e sua re-elaboração para dar forma ou servir de base às narrativas, fazendo com que ficção e filosofia se misturem e que sejam indeterminadas as fronteiras existentes entre as mesmas. Um exemplo pode ser observado no seguinte fragmento de "La inmortalidad", conferência ministrada na Universidad de Belgrano em Buenos Aires, em junho de 1978:

Podremos recordar brevemente la filosofía. Locke dijo que lo único existente son percepciones y sensaciones, y recuerdos y percepciones sobre esas sensaciones; que la materia existe y los cinco sentidos nos dan noticias de la materia. Y luego, Berkeley sostiene que la materia es una serie de percepciones y esas percepciones son inconcebibles sin una conciencia que las perciba [...]. Después llega Hume, quien refuta ambas hipótesis, destruye el alma y el cuerpo. ¿Qué es el alma, sino algo que percibe, y qué es la materia, sino algo percibido? (BORGES, 1982, p. 31)

Note-se que a suposta descrença na filosofia, que Borges vê em “Pierre Menard, autor del Quijote” como um esforço intelectual sem sentido<sup>102</sup>, convive com profundos estudos sobre os pensadores e sobre as teorias que conformam o pensamento filosófico. Esta aparente contradição que se apresenta como um paradoxo entre a negação e a apropriação de um mesmo elemento, o pensamento filosófico, na ficção borgeana é explicado por Panesi (2000, p. 131) quando diz:

La literatura y la filosofía se alimentan de paradojas, de esos límites y fronteras a que se someten la reflexión y la autorreflexión: mientras una las amplifica y se solaza en ellas, la otra se afana por despejarlas. Borges ha hecho de los límites entre Literatura y Filosofía una de sus paradojas esenciales.

Embora em alguns textos borgeanos a negação filosófica e metafísica<sup>103</sup> seja explícita, a utilização dos pensamentos de tais atividades intelectuais não resulta invalidada por tal negação. Nesse paradoxo que Borges propõe deve ser reconhecida, como bem afirma Nicolás Zavadvivker (2004, p. 57), a capacidade de Borges para *ressuscitar* idéias filosóficas e *representá-las* literariamente, exibindo o que elas possuem de atraente para apelar, antes que à captação conceitual, à intuição do leitor<sup>104</sup>. Assim, por exemplo, em “Tlön, Uqbar, Orbis

---

<sup>102</sup> “No hay ejercicio intelectual que no sea finalmente inútil. Una doctrina es al principio una descripción verosímil del universo; giran los años y es un mero capítulo -cuando no un párrafo o un nombre- de la historia de la filosofía” (BORGES, 2004a, p. 449).

<sup>103</sup> Em “Tlön, Uqbar, Orbis, Tertius” podemos ler: “[...] la metafísica es una rama de la literatura fantástica. Un sistema no é outra coisa além da subordinação de todos os aspectos do universo a qualquer um deles” (BORGES, 2004a, p. 436). Sobre este particular, Mateos (1998, p. 86) lembra que Borges não aceita a especulação metafísica como algo autêntico, pois esta, por ser considerada um ramo da literatura, possui importância não pelo conteúdo, mas por seu valor estético. A autora acrescenta que, na visão de Borges, os diversos sistemas filosóficos são ineficazes para alcançar seu objetivo, que é compreender a realidade, pois “la realidad y su sentido, si alguno tuviera, son inalcanzables para el hombre. Que el sentido de la realidad sea inalcanzable parece radicar en que no es comprensible y el no ser comprensible reside, por un lado, en que carece de orden y, por otro, en la limitación de nuestra capacidad cognoscitiva” (MATEOS, 1998, p. 87). A respeito, deve ser lembrado que Borges pode questionar ou descreer na possibilidade da filosofia de alcançar seu objetivo central, o conhecimento da realidade última, mas, sem esquecer o problema que a metafísica enfrenta perante a dificuldade do objeto que pretende conhecer, o autor argentino cultiva o que Mateos chama de *ineludível inquietude metafísica*. Esta última pode ser observada em relatos como “Nueva refutación del tiempo” o “El jardín de senderos que se bifurcan”, onde a metafísica descansa nos interstícios que cada conto-ensaio possui. Sobre essa inquietude borgeana Mateos (1998, p. 79) afirma que: “Esta natural inquietud, ineludible por otra parte, lo llevó a incluir en su obra temas filosóficos, sea para hacer un análisis de los mismos, como en algunos de sus ensayos, o para recrearlos literariamente dando cuerpo al argumento, como sucede con algunos de sus cuentos y poemas. Tal es el caso de uno de los mayores problemas cosmológicos de la filosofía y también uno de los mayores enigmas borgeanos: el tiempo”.

<sup>104</sup> Zavadvivker (2004, p. 57) também afirma que a linguagem possui um papel fundamental na relação literatura e filosofia e que ela é a ferramenta que possibilita a Borges dar vitalidade às teorias filosóficas no âmbito da

Tertius”, o *idealismo* é apresentado ao leitor de forma que tal corrente filosófica resulta interessante a quem lê, mesmo sem a compreensão plena de que se está perante conceitos filosóficos. Ou seja, algumas noções do idealismo são apresentadas pelo narrador do conto, permitindo que o leitor entre na doutrina idealista e, dentro de suas possibilidades, a compreenda:

En "Tlön, Uqbar, Orbis, Tertius" [...] Borges nos presenta un mundo creado por una sociedad secreta en el que todos sus habitantes conciben lo real como un producto de la mente. Si hubiese que recomendar un único texto a quien desee comprender la doctrina del idealismo, probablemente este breve cuento sería el mejor candidato. Ello se debe a que en él, Borges no nos habla sobre el idealismo, sino que nos presenta directamente un mundo construido según las premisas idealistas. De esta forma genera una comprensión de estas ideas desde dentro del propio sistema, desde sus posibilidades y sus límites. Sentimos así el idealismo en carne propia o, lo que es lo mismo, somos idealistas, y en el acto de serlo llegamos a captar la inestabilidad de un universo que responde a las leyes de la mente (ZAVADIVKER, 2004, p. 58).

Em “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” podemos ler uma verdadeira reflexão sobre as questões que o idealismo corrente propõe, já que Borges, no seu texto, exhibe as premissas de tal teoria dentro do campo da ficção. Desta forma, a leitura do conto permite demonstrar a irracionalidade da corrente filosófica levada ao campo prático ou cotidiano<sup>105</sup>. Se o idealismo

---

literatura. Para o crítico, os manuais de filosofia “carecem de vitalidade” e a importância do trabalho de Borges radica em que ele ressuscita algumas doutrinas e as apresenta de forma viva e atraente, procurando trabalhar a intuição do leitor como passo prévio a qualquer tipo de captação conceitual. Os contos de Borges, continua Zavadvker (2004, p. 59), para chegar até essa intuição do leitor, não necessariamente apresentam uma complexa estrutura narrativa para deixar entrever uma teoria filosófica, pois às vezes um detalhe do relato abre uma porta que introduz o leitor numa doutrina ou crença profunda. Neste sentido, o crítico afirma que: “En ‘La otra muerte’, por ejemplo, [Borges] ilustra la posición del teólogo medieval Pier Damiani, de acuerdo a la cual la omnipotencia divina es tan irrestricta que permite incluso la modificación del pasado, es decir, la posibilidad de hacer que lo que no fue haya sido. Para ello inventa un atormentado personaje, Pedro Damián, quien logra que la divinidad le conceda la gracia de perecer en la batalla de Masoller - en la que se había acobardado - cuarenta y dos años antes de su muerte en la vejez. La tesis del teólogo, transformada ahora en ‘literatura fantástica’, nos produce sensaciones contradictorias: desde la indefensión por sentirnos enteramente sujetos a un Ser caprichoso y todopoderoso, hasta la secreta esperanza de que nuestros ruegos sean escuchados y nuestros milagros concedidos” (ZAVADIVKER, 2004, p.59).

<sup>105</sup> Além de “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, em outros contos Borges também procura demonstrar a falsidade de uma premissa ou de um pensamento filosófico. Este é o caso, por exemplo, de “Nueva refutación del tiempo” e de “Funes el memorioso”. No primeiro dos contos, o narrador parte de conceitos idealistas, neste caso com Berkeley e sua negação da matéria e com Hume e sua negação do espírito, e chega, baseado em tais pensamentos, a conclusões próprias que lhe permitem refutar conceitos como tempo, matéria e sua própria identidade pessoal (ZAVADIVKER, 2004, p. 61). No caso do segundo texto, também se observa a utilização de uma doutrina filosófica para diagramar uma textualidade que basicamente denota o absurdo de sua aplicação prática, neste caso em particular, do nominalismo. Estamos de acordo com Zavadvker (2004, p. 61) quando afirma que: “La estrategia borgeana para rebatir una tesis, semejante al mecanismo lógico conocido como reducción al absurdo, aparece nuevamente en el cuento ‘Funes el memorioso’. Esta historia constituye la

propõe que o fundamental são as idéias e que o ponto de partida de toda reflexão não está no mundo exterior, mas no “eu”, no “sujeito” ou “consciência”, então a seguinte descrição de Tlön não careceria de lógica:

Las naciones de ese planeta son - congénitamente - idealistas. Su lenguaje y las derivaciones de su lenguaje - la religión, las letras, la metafísica - presuponen el idealismo. El mundo para ellos no es un concurso de objetos en el espacio; es una serie heterogénea de actos independientes. Es sucesivo, temporal, no espacial. No hay sustantivos en el conjetural Ursprache de Tlön, de la que proceden los idiomas “actuales” y los dialectos: hay verbos impersonales, calificados por sufijos (o prefijos) monosilábicos de valor adverbial. Por ejemplo: no hay palabra que corresponda a la palabra luna, pero hay un verbo que sería en español lunecer o lunar. Surgió la luna sobre el río se dice hlör u fang axaxaxas mlö o sea en su orden: hacia arriba (upward) detrás duradero-fluir luneció. (BORGES, 2004a, p. 435)

O tratamento do idealismo em “Tlön” é um claro exemplo desse caráter dual da escrita borgeana, que por um lado descrê nas possibilidades da linguagem para “dizer” a realidade e nas premissas das correntes filosóficas que a estudam, mas por outro utiliza os pensamentos filosóficos para criar universos ficcionais que se apóiam ou repousam nesses pensamentos<sup>106</sup>. O escritor argentino vai além de uma particular abordagem das premissas filosóficas, assinalando identificação com as mesmas. Este é o caso do texto “De las alegorias a las novelas” onde o narrador, além de fazer referência à insuficiência da linguagem para dizer a realidade e às idéias que sobre a linguagem possuem os aristotélicos e os platônicos, sugere a idéia de uma predominância e uma generalização das premissas nominalista entre os homens. Assim, citando Chesterton, o narrador afirma:

Chesterton [...] empieza por negar que el lenguaje agote la expresión de la realidad. "El hombre sabe que hay en el alma tintes más desconcertantes, más innumerables y más anónimos que los colores de una selva otoñal... Cree, sin embargo, que esos tintes, en todas sus fusiones y conversiones, son representables con precisión por un mecanismo arbitrario de gruñidos y de chillidos. Cree que del interior de un bolsista salen realmente ruidos que

---

refutación más memorable legada por Borges, poseedora de un valor filosófico genuino. En este cuento, el escritor argentino lleva al extremo las tesis del nominalismo hasta demostrar su falsedad, al menos como doctrina sobre el modo en que conocemos el mundo”.

<sup>106</sup> A respeito, Bulacio (1998, p. 46) afirma que: “Borges procede con la sabia ambigüedad del auténtico pensador que no ha congelado sus intuiciones en puras formas vacías; por un lado oscila entre la angustia que le genera la imposibilidad de no poder decir, con un decir absoluto, qué es el mundo real... Y por otro, apela a la luminosidad y ligereza de un idioma con el cual tranquiliza al lector haciéndole sentir que la palabra es un sencillo e inequívoco instrumento para la aprehensión del mundo por parte de los hombres”.

significan todos los misterios de la memoria y todas las agonías del anhelo”.  
(BORGES, 2004b, p.123)

Em um momento posterior do relato, citando Coleridge, o narrador assinala que os homens, desde o nascimento, são aristotélicos ou platônicos. Os platônicos pressentindo que as idéias são realidades, enquanto que os aristotélicos as pensam como generalizações. Assim, acrescenta o narrador, para um aristotélico a linguagem seria um simples sistema de símbolos arbitrários enquanto que para um platônico seria o mapa do universo. O platônico vê no universo uma espécie de cosmos ou ordem, que o aristotélico pode ver como um erro ou uma ficção de conhecimento parcial dos homens (BORGES, 2004b, p. 123). Por último, e especificamente sobre o nominalismo<sup>107</sup>, o narrador afirma que: “El nominalismo, antes la novedad de unos pocos, hoy abarca a toda la gente; su victoria es tan vasta y fundamental que su nombre es inútil. Nadie se declara nominalista porque no hay quien sea otra cosa” (BORGES, 2004b, p. 124).

“De las alegorias a las novelas”, sem ser um dos textos mais reconhecidos do autor argentino, exhibe uma grande preocupação com certos raciocínios de pensadores e filósofos.

Mas a relação existente entre a filosofia e a literatura, na textualidade borgeana, vai muito além da possibilidade de uma leitura filosófica dentro da ficção. Na ficção de Borges aparecem claras apresentações de hipóteses filosóficas. Nesse sentido, Sarlo (1995, p. 130) afirma que, assim como em outras ficções se apresentam hipóteses científicas ou psicológicas, em certos textos borgeanos, o autor argentino coloca na cena da ficção perguntas filosóficas não expostas de maneira visível<sup>108</sup>, mas exibidas como ficção no andar de um argumento. Este

---

<sup>107</sup> Segundo Mateos (1998, p. 43), existe um reconhecimento nominalista por parte de Borges neste período, identificação que se dá na mesma linha de pensamento que Berkeley. Lembramos que já na primeira fase da sua escrita, em “La encrucijada de Berkeley” (1925), o autor argentino exhibe uma preocupação com a análise dos pensamentos de Berkeley. No ensaio citado, Borges critica o idealismo do filósofo irlandês, dizendo que Berkeley esconde uma falácia na afirmação de que só podem existir as coisas enquanto a mente é fixada nas mesmas, pois a mente só existe como algo perceptivo e meditador das coisas. O que faz existir a coisa é a mente, diz o filósofo, o que faz existir a mente é a coisa, responde Borges, alertando sobre a confusão que pode ocasionar esta doutrina” (BORGES, 1994, p. 122 -123). Por sua parte, Arturo Astrada (1998, p. 9) explica que o pensamento filosófico floresce quase permanentemente na escrita de Borges e que esse florescer possui, no indiscutível nominalismo borgeano, vestígios do pensador idealista George Berkeley e de suas premissas relacionadas à existência absoluta das coisas e à idéia de que estas, as coisas, desprovidas ou independentes de pensamento, só podem resultar em um absurdo ou em falta de entendimento pela ausência de um sentido. Segundo Astrada (1998, p. 12-13), para Berkeley nada existe fora do pensamento (tese que fundamenta o idealismo) e nessa idéia se ampara ao momento de superar algumas dificuldades de ordem filosófica, diferentemente do nominalismo de Borges que conduz sem remédio ao ceticismo, pois o autor argentino descreve que através da linguagem possa ser ultrapassado o limite que coloca seu próprio uso como um fato estético.

<sup>108</sup> As idéias filosóficas, segundo Sarlo (1995, p. 131), não estão na boca e na mente dos personagens, nem estão fora da trama ficcional, elas são a substância da trama ficcional e se configuram dentro do relato e, por isso, são essenciais para que a ficção apareça. A esse respeito, Sarlo diz: “las formas de las ideas ofrecen la trama del

argumento, que é teórico e narrativo ao mesmo tempo, não procura respostas, mas paradoxos e dilemas com forma de *situação filosófica-narrativa*<sup>109</sup> ou, como afirma a crítica, “una ficción filosófica reduplicada en una filosofía ficcional” (SARLO, 1995, p. 131).

Pelo até aqui exposto e a modo de síntese, podemos afirmar que a textualidade do segundo período de escrita borgeana está marcada por uma estrita relação existente entre a literatura e a filosofia, mas também por uma enfática negação nas possibilidades de entendimento e conhecimento *absolutos* que a filosofia oferece, e até pelo questionamento da mesma como exercício intelectual. Também deve ser assinalado que nos relatos borgeanos desta segunda etapa nota-se a proposição da problemática da linguagem como objeto de pensamento na ficção e a produção de textos cuja trama repousa nas premissas de diversas correntes do pensamento filosófico.

### 3.3 Borges e o olhar universal

Como peculiaridades relevantes do segundo período da escrita de Borges, e como já observado, percebemos o caráter universal da sua escrita, o ponto de vista filosófico-reflexivo e a postura cética do autor no âmbito das correntes filosóficas que tratam da linguagem. No entanto, esse olhar filosófico-reflexivo e essa incredulidade do autor no exercício intelectual humano, que procura seus objetos de estudo com instrumentos lingüísticos, encontram-se

---

argumento. Sus ficciones [de Borges] se fundan en el examen de una posibilidad intelectual mostrada como hipótesis narrativa” (2005, p. 131).

<sup>109</sup> Um exemplo desta situação filosófica-narrativa pode ser observado em “El idioma analítico de John Wilkins” onde existem várias estratégias borgeanas que posicionam o texto no limite existente entre a realidade e a ficção. A obra de John Wilkins se junta à transgressão borgeana de uma classificação que faz com que a organização do mundo se torne logicamente impossível. Sarlo (1995, p. 133) afirma que em Wilkins existe uma utopia classificatória das línguas naturais e que, através de um escândalo lógico, Borges destaca a idéia de que organizar o real, estruturar a linguagem e regular ambas coisas logicamente é uma tarefa incomensurável. A crítica ainda explana que a angústia gerada por essa impossibilidade de captar a realidade usando a linguagem parece ser mitigada por Borges através da necessidade de procurar uma outra ordem, secreta e independente da conhecida pelos homens (SARLO, 1995, p. 133). Por tal motivo, talvez, Wilkins teria proposto essa classificação impossível mas, no fundo, necessária. Sarlo também alerta (1995, p.134) outro tema vinculado às particulares situações filosófico-narrativas que Borges exhibe em “El idioma analítico de John Wilkins”, a existência de uma figura chamada de “estrutura em abismo”. Um exemplo de tal estrutura no referido conto seria a passagem da classificação dentro da classificação, fato que remete novamente à impossibilidade de classificar: “[...] cierta enciclopedia china que se titula *Emporio celestial de conocimientos benévolos*. En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen en (a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas” (BORGES, 2004b, p. 85 - 86). Note-se como o item h) da classificação não permite que se saia da mesma, pois remete à ela traçando um recorrido do qual não existe escapatória possível.



complementados com uma profunda reflexão no âmbito lingüístico. Assim observamos que a literatura, a filosofia e a lingüística se misturam para dar lugar a profundas reflexões sobre a linguagem.

### 3.3.1 *Naturalismo e Convencionalismo* em Borges

Embora os primeiros questionamentos sobre a linguagem apareçam com os pré-socráticos, o pensamento de Platão é uma boa medida para iniciar as nossas reflexões sobre a ficção borgeana vinculada à análise da linguagem. As premissas platônicas estão presentes em alguns dos escritos de Borges do seu segundo período, embora não fazendo referências diretas ao estudo da linguagem. Assim, por exemplo, podem ser mencionados os seguintes textos: “La poesía gauchesca” em *Discusión* (1932), onde se encontra uma clara alusão às premissas idealistas do filósofo grego: “El arte, siempre, opta por lo individual, lo concreto; el arte no es platónico” (BORGES, 2004a, p. 180); “Historia de la eternidad” no livro de mesmo nome de 1936, onde se lê:

[...] formas universales mucho más arduas nos propone Platón. Por ejemplo, la Mesidad, o Mesa Inteligible que está en los cielos: arquetipo cuadrúpedo que persiguen, condenados a ensueño y a frustración, todos los ebanistas del mundo. (No puedo negarla del todo: sin una mesa ideal no hubiéramos llegado a mesas menos concretas.) Por ejemplo, la Triangularidad: eminente polígono de tres lados que no está en el espacio y que no quiere denigrarse a equilátero, escaleno o isósceles. (Tampoco lo repudio; es el de las cartillas de geometría.) Por ejemplo: la Necesidad, la Razón, la Postergación, la Relación, la Consideración, el Tamaño, el Orden, la Lentitud, la Posición, la Declaración, el Desorden. De esas comodidades del pensamiento elevadas a formas ya no sé qué opinar; pienso que ningún hombre las podrá intuir sin el auxilio de la muerte, de la fiebre, o de la locura. Me olvidaba de otro arquetipo que los comprende a todos y los exalta: la eternidad, cuya despedazada copia es el tiempo. (BORGES, 2004a, p. 357)

Diferentemente destes exemplos onde não há uma referência borgeana direta às idéias platônicas sobre a análise da linguagem, em “El ruiseñor de Keats”, de *Otras inquisiciones* (1952) existe uma alusão ao conceito platônico de linguagem:

Observa Coleridge que todos los hombres nacen aristotélicos o platónicos. Los últimos sienten que las clases, los órdenes y los géneros son realidades; los primeros, que son generalizaciones; para éstos, el lenguaje no es otra

cosa que un aproximativo juego de símbolos; para aquellos es el mapa del universo. (BORGES, 2004b, p. 96)

Mas o texto borgeano que mais aproxima a análise da linguagem do filósofo grego não pertence a um ensaio do escritor argentino, mas a uma estrofe de um poema cujo título é “El Golem”<sup>110</sup>. Nesta composição poética Borges faz referência ao *Crátilo*<sup>111</sup>, texto platônico que pode ser considerado o diálogo que mais relação possui com a temática da linguagem e que aborda um dos temas mais profundos da filosofia ocidental: saber se os nomes possuem uma relação natural com o nomeado ou se essa vinculação é arbitrária.

Assim, em “El Golem” podemos ler: “Si (como afirma el griego en el Cratilo) / el nombre es arquetipo de la cosa / en las letras de ‘rosa’ está la rosa / y todo el Nilo en la palabra ‘Nilo’” (BORGES, 2004b, p. 263).

Nessa estrofe pode ser observada a admirável habilidade do autor argentino para condensar em algumas linhas a essência de toda uma corrente de pensamento<sup>112</sup>. Em “El Golem”, em quatro versos pode ser lido o diálogo platônico que propõe pensar sobre a origem mesma da linguagem, ainda que essa origem não seja o tema central da obra e sim a exatidão e a propriedade das palavras.

Em *Crátilo*, Platão discute através das posturas de Hermógenes e Crátilo, mediados por Sócrates, a relação existente entre as palavras/nomes e as coisas. Assim, em duas falas de

---

<sup>110</sup> Nome que tem como antecedente o texto “Der Golem”, escrito em 1915 pelo austríaco Gustav Meyrink. Borges (1996, p. 129), em “El Golem”, conto de *El libro de los seres imaginarios* (1967), citando Meyrink relata: “El origen de la historia remonta al siglo XVII. Según perdidas fórmulas de la Cábala, un rabino construyó un hombre artificial - el llamado Golem - para que éste tañera las campanas en la sinagoga e hiciera los trabajos pesados. No era, sin embargo, un hombre como los otros y apenas lo animaba una vida sorda y vegetativa. Ésta duraba hasta la noche y debía su virtud al flujo de una inscripción mágica, que le ponían detrás de los dientes y que atraía las libres fuerzas siderales del universo. Una tarde, antes de la oración de la noche, el rabino se olvidó de sacar el sello de la boca del Golem y éste cayó en un frenesí, corrió por las calles oscuras y destrozó a quienes se le pusieron delante. El rabino, al fin, lo atajó y rompió el sello que lo animaba. La criatura se desplomó. Solo quedó la raquítica figura de barro, que aún hoy se muestra en la sinagoga de Praga”.

<sup>111</sup> Em *Crátilo*, basicamente, reflete-se sobre a adequação dos nomes aos objetos do mundo. Assim, observamos em um primeiro momento um diálogo entre Sócrates y Hermógenes, onde este último afirma que a exatidão dos nomes é o resultado do consenso, pacto ou convenção (tese convencionalista da linguagem). Num segundo momento, reparamos outro diálogo, entre Sócrates y Crátilo, sendo este último quem afirma que o nome é exato por natureza, ou seja, é uma cópia, mimese ou duplicado da coisa (tese naturalista).

<sup>112</sup> Na mesma linha de “El Golem”, podemos assinalar as premissas filosóficas contidas no poema “La rosa” em *Fervor de Buenos Aires* (1923): La rosa / la inmarcesible rosa que no canto, / la que es peso y fragancia, / la del negro jardín en la alta noche, / la de cualquier jardín y cualquier tarde, / la rosa que resurge de la tenue / ceniza por el arte de la alquimia, / la rosa de los persas y de Ariosto, / la que siempre está sola, / la que siempre es la rosa de las rosas, / la joven flor platónica, / la ardiente y ciega rosa que no canto, / la rosa inalcanzable. (BORGES, 2004a, p. 25)

Hermógenes são apresentadas ambas as posturas. Primeiro Hermógenes apresenta a Sócrates o que se conhece como teoria naturalista e que é defendida por Crátilo:

Crátilo en persona dice, Sócrates, que hay una adecuación del nombre para cada una de las cosas que existe por naturaleza, y que eso no es un nombre que algunos dan, al llegar a una convención para designar, cuando pronuncian una parte de su propio lenguaje, sino que existe naturalmente una cierta adecuación de los nombres y es la misma para todos los griegos y los bárbaros. (PLATON, 2005, p. 83)

A posição antitética é apresentada também por Hermógenes quem profere a teoria de que os nomes também são exatos, mas por convenção ou costume:

En realidad, Sócrates, yo personalmente, después de haber dialogado muchas veces con él [con Crátilo] y con muchos otros, no puedo convencerme de que la adecuación del nombre sea otra cosa que convención y consenso, porque me parece que si alguien le coloca un nombre a algo, ése es el nombre adecuado. Y si de nuevo lo cambia por otro y aquél ya no lo usa para denominar, el segundo no es en nada menos adecuado que el primero, del mismo modo que nosotros cambiamos el nombre a los esclavos, porque no hay por naturaleza ningún nombre para ninguna cosa, sino por costumbre o hábito de los que acostumbran a denominar. (PLATON, 2005, p. 85-86)

Nesses extremos estão situadas algumas das grandes problemáticas da análise realizada pelas correntes de pensamento que estudam a linguagem: a relação palavra e coisa, e a vinculação entre a linguagem e a realidade. Temáticas que podem ser identificadas em vários textos do segundo período borgeano<sup>113</sup> e que resultam relevantes pelo tratamento filosófico ou lingüístico da questão dentro do âmbito da ficção literária.

Do diálogo platônico surgem mais interrogações que respostas ao refletir sobre a relação entre os nomes e as coisas, mas é justamente esse o ponto que dá enorme importância ao texto. Por exemplo, da posição cratílina que afirma que o nome responde à natureza da coisa, surge a idéia de que a linguagem é um signo natural<sup>114</sup>; da reflexão sobre a adequação entre o modelo e sua cópia e a possibilidade de criar duas entidades surge a questão: o

---

<sup>113</sup> É pertinente lembrar que a textualidade borgeana do período 1926-1928 já aborda estes temas. Assim, podem ser assinalados os textos “Examen de metáforas” em *Inquisiciones* (1925), “Palabrerías para versos” em “El tamaño de mi esperanza” (1926), ou “Indagación de la palabra” em *El idioma de los argentinos* (1928).

<sup>114</sup> Beuchot (2005, p. 17) indica que a retidão da palavra ou nome repousa, justamente, no fato de que indique como são as coisas. Segundo Beuchot, Sócrates conjectura que as primeiras palavras foram imitação das coisas e de suas propriedades: “Por lo tanto, el nombre es, segun parece, una imitación por medio del lenguaje de aquello que se imita, y el que imita por medio del lenguaje está nombrando eso que imita” (PLATON, 2005, p. 176).

autêntico está na coisa ou na sua cópia<sup>115</sup>? Da relação estreita entre nomes e coisas nasce a possibilidade de reproduzir ou imitar a realidade. Sem dúvida esta última asseveração traz conseqüências lingüísticas insólitas, pois a linguagem poderia ser entendida como um mecanismo que permite aceder à realidade. O som que produzimos quando materializamos nossa capacidade da linguagem estaria reproduzindo a essência dos objetos, fenômeno que pode ser discutido por acarretar um resultado desalentador: se a relação entre palavra e coisa é tão estreita, existiria possibilidade de mudar uma palavra sem mudar a natureza do nomeado? Haveria lugar para as variedades lingüísticas ou para os diversos idiomas. Claro que no diálogo platônico esta questão está contemplada<sup>116</sup> e assim o observamos quando Sócrates diz: “[...] también si nace prole de un Rey, debe llamársela Rey, y si significa lo mismo en una u otras sílabas, no hay problemas. Ni tampoco si sobra o falta una letra, mientras prevalezca la esencia de la cosa mostrada en el nombre” (PLATON, 2005, p. 108).

É importante mencionar que as posturas apresentadas no *Crátilo* não devem ser entendidas literalmente, pois Platão em seu texto tenta relativizar cada extremo para deixar entrever uma postura negativa sobre a linguagem. Para Platão, segundo Claudia Mársico (2005, p. 58-59), a linguagem não assegura o conhecimento, pode ser muito perigosa e falsa, e pode facilmente ocasionar equívocos e erros<sup>117</sup>.

Por sua parte a teoria convencionalista está apoiada na tese de que a adequação do nome descansa no fato de existir um pacto ou acordo que assim o determine. Nesta postura ganha força um novo elemento na relação palavra-coisa: o nomeador. Este personagem possibilita que a relação entre o nome e o objeto se sustente num caráter meramente circunstancial. Nesta postura o nome pode ser mudado e o significado continua.

---

<sup>115</sup> Segundo Mársico (2005, p. 67), esta discussão ressalta o fato de que a linguagem deve ser um meio de representação com uma natureza diversa daquilo que expressa. A respeito, no diálogo platônico pode ser lido: “Acaso habría dos cosas, por ejemplo Crátilo y la imagen de Crátilo, si uno de los dioses no sólo asemejara tu color y tu figura, como los pintores, sino que hiciera también todas tus partes internas, tal como las tuyas, y les diera no sólo blandura y calor, sino también colocara en ellas movimientos, alma y una inteligencia como la tuya, y, en una palabra, pusiera junto a ti una forma con todo lo que tú tienes? ¿Habría en ese caso Crátilo y la imagen de Crátilo o habría dos Crátilos? (PLATON, 2005, p. 197).

<sup>116</sup> Mársico (2005, p. 108) alerta sobre a ênfase que se coloca na teoria naturalista no fato de que o nome deve exibir a essência da coisa nomeada, ainda que existam algumas variações no plano fônico. A autora também chama a atenção sobre a semelhança da postura apresentada por Sócrates e a definição de *lógos* de Antistenes (484-365/370) que refere que *lógos* é “o que mostra o que era ou o que é”.

<sup>117</sup> Também deve ser apontado que, embora estas posturas do diálogo platônico configurem a grande questão sobre a qual se debruçam as correntes de pensamento lingüístico-filosóficas que estudam a linguagem (se a palavra dá conta da coisa e se a linguagem dá conta da realidade), é importante um esclarecimento. Mársico (2005, p. 25-26) alerta que ao momento de pensar sobre a relação entre linguagem e verdade, deve ser considerado o fato de que seguramente Platão já tinha pensado que a verdade não se manifesta em nomes e sim em enunciados: “[...] los nombres se integran en unidades mayores, los enunciados, que pueden ser tanto verdaderos como falsos, de modo que sus partes, los nombres, pueden ser funcionales tanto a la verdad como al error y solo en esse sentido son verdaderos o falsos, pero no en sí mismos”.

Agora bem, neste último parágrafo, mencionamos além da coisa, do nome e do nomeador, um novo elemento: o significado. É justamente na conjunção destes extremos que radica a base das diversas teorias que podem ser lidas na textualidade borgeana.

Assim, em Platão, quando se pensa em linguagem, devem ser identificado três elementos básicos na relação semiótica<sup>118</sup>: o nome, a coisa, e o significado. O nome, que traduz a essência da coisa, seria o significante; a coisa, ou seja, o objeto da realidade exterior, poderia ser entendida como um referente; e a idéia ou pensamento sobre a coisa seria o significado.

Estes três elementos, que segundo os diversos filósofos ou lingüistas mudam de nome, são fundamentais para entender alguns raciocínios borgeanos vinculadas ao estudo da linguagem. Estamos em condições de adiantar que “El Golem” exhibe uma postura cética sobre a possibilidade de que um nome possa conter a essência da coisa, ao menos isso parece indicar o fato de mencionar que “en las letras de ‘rosa’ está la rosa y todo el Nilo en palabra ‘Nilo’”.

Outro dos pensadores clássicos que aborda o estudo da linguagem desde uma ótica triangular é Aristóteles. Este filósofo também tem seu lugar de destaque na ficção borgeana. Em “Avatares de la tortuga” em *Discusión* (1932) pode ser lido: “El movimiento es imposible (arguye Zenón) pues el móvil debe atravesar el medio para llegar al fin, y antes el medio del medio, y antes el medio del medio del medio y antes [...]. Debemos a la pluma de Aristóteles la comunicación y la refutación de esos argumentos” (BORGES, 2004a, p. 255); em “Historia de la eternidad”, texto pertencente ao livro de 1936 do mesmo nome, existe uma referência a Aristóteles nos seguintes termos:

Generaciones de hombres idolátricos habían habitado la tierra, sin ocasión de rechazar o abrazar la palabra de Dios; era tan insolente imaginar que pudieran salvarse sin ese medio, como negar que algunos de sus varones, de famosa virtud, serían excluidos de la gloria. (Zwingli, 1523, declaró su esperanza personal de compartir el cielo con Hércules, con Teseo, con Sócrates, con Arístides, con Aristóteles y con Séneca.) (BORGES, 2004a, p. 362)

---

<sup>118</sup> Entenda-se como semiótica a alusão ao estudo dos signos (FERRATER MORA, 2006, p. 318) e a estes últimos, dentro das premissas platônicas, como um sinal verbal que representa algo (FERRATER MORA, 2006, p. 329).

E mais especificamente em “El ruiseñor de Keats”, em *Otras inquisiciones* (1952), podemos ler que para os aristotélicos a linguagem é considerada um “aproximativo juego de símbolos” (BORGES, 2004b, p. 96).

Aristóteles, pensador que retoma as reflexões platônicas sobre a linguagem, desenvolve seus pensamentos sobre o tema em *Peri hermeneias* ou *De interpretatione*. Segundo Beuchot (2005, p. 21), em Aristóteles entende-se por interpretação (*hermenéia*) o que se diz do mundo segundo o que as pessoas percebem ou entendem dele, por um lado, e o entendimento das locuções que referem sobre esse mundo (expressões ou textos sobre o mundo), por outro. Também a interpretação pode ser entendida como comunicação, e nesse caso interpretar é uma atividade feita quando algo é comunicado a alguém. A pessoa interpreta no momento em que comunica algo e também quando recebe a informação (recepção e emissão de mensagens). Segundo Beuchot (2005, p. 22) a interpretação, nas idéias gregas, não é só compreensão, mas também expressão. Nos gregos a interpretação do pensamento se dá pela linguagem<sup>119</sup>.

Em Aristóteles também vemos uma relação triangular no seu entendimento sobre a linguagem, mas é interessante assinalar uma particularidade nova em relação a seu antecessor. Além de existir a coisa (*res*) e o conceito (*conceptus*), existe o nome (*onoma*), palavra (*vox*) ou verbo (*rhema*), que é o reflexo das paixões da alma:

Pues bien, los sonidos vocales son símbolos de las afecciones del alma, y las letras lo son de los sonidos vocales. Y así como la escritura no es la misma para todos, tampoco los signos vocales son los mismos. Pero aquello de lo que éstos son primariamente signos, las afecciones del alma, son las mismas para todos, y aquello de lo que estas son imágenes, las cosas reales, también son las mismas. (ARISTOTELES apud DÍAZ, 2004, p. 60)

O fragmento aristotélico<sup>120</sup>, segundo Lourdes Díaz (2004, p. 60), exhibe vários aspectos interessantes para serem assinalados. O primeiro é a idéia de que os signos vocais são símbolos das afecções da alma, o que demonstra que perseguem uma intencionalidade e que

---

<sup>119</sup> Beuchot (2005, p. 25) afirma que, em Aristóteles, existe uma relação estreita entre o pensamento e a linguagem de forma que este último é possível pelo primeiro e sua expressão. Assim, “pela linguagem se vai até a coisa”.

<sup>120</sup> Este fragmento aristotélico, segundo Ferro (1998b, p. 19), remete a uma concepção que vê a linguagem como um mediador entre dois extremos bem definidos: as coisas externas e as impressões da alma. Segundo o crítico, esta polarização, que chega até Kant, explica o funcionamento da linguagem baseado no modelo da designação de objetos mediante o emprego de palavras, restringindo a linguagem à função designativa ou, como acrescenta Ferro, a linguagem “é pensada como um instrumento intramundano representante de objetos existentes com independência de él”.

repousam, assim, em uma postura teleológica (diferentemente da postura causal de Platão); em segundo lugar, os sons vocais e a escrita não são iguais para todos, o que equivale a dizer que o significante é variável e que se reconhece o plurilingüismo; em terceiro lugar, que as afecções da alma e as coisas externas (suas imagens) são sempre as mesmas, e por isso as imagens (conceitos) da realidade são estáveis e idênticas para todos, o que permite que a idéia de realidade seja compartilhada, mas a sua representação multiforme. Destas afirmações, interessam a nosso estudo, não tanto a universalidade dos significados, mas o caráter convencional dos signos lingüísticos, pois essa particularidade é a que possibilita unir as idéias platônicas, aristotélicas e saussureanas com a ficção de Jorge Luis Borges.

Quando Hermógenes em *Crátilo* afirma que: “En realidad, Sócrates, yo personalmente, después de haber dialogado muchas veces con él [con Crátilo] y con muchos otros, no puedo convencerme de que la adecuación del nombre sea otra cosa que convención y consenso, porque me parece que si alguien le coloca un nombre a algo, ése es el nombre adecuado” (PLATON, 2005, p. 85-86); quando Aristóteles (apud DÍAZ, 2004, p. 61) afirma que: “El nombre es sonido según significación según convenio porque ningún nombre lo es por naturaleza, sino sólo cuando se ha convertido en símbolo. Porque también los sonidos inarticulados, como los de los animales, expresan algo, pero ninguno de ellos es un nombre”; e quando Saussure (1977, p. 81) explica que: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo lingüístico é arbitrário*”, estamos sempre ante a teoria convencionalista do signo.

E esta teoria convencionalista da língua, que vê em um pacto ou em uma convenção a negação da naturalidade da relação nome e coisa, que é apresentada no *Crátilo*, reafirmada em *De interpretatione* e referida no *Curso de Lingüística geral* de Ferdinand de Saussure<sup>121</sup> (na sua teoria da arbitrariedade do signo) é a que será discutida em vários textos borgeanos da sua segunda etapa de escrita.

Sobre a relação existente entre o significado e o significante em Saussure, Beuchot (2005, p. 178) afirma que:

Para Saussure, el signo lingüístico tiene dos elementos relacionados: el significante y el significado. Ambos son de naturaleza psíquica, pues lo que el signo lingüístico relaciona es una imagen acústica y una imagen

---

<sup>121</sup> Em Saussure não encontramos a oposição entre palavra e coisa, mas sim entre significante e significado funcionando como um paralelo da problemática da convencionalidade do signo.

conceptual o concepto. En efecto, el significante es la imagen acústica y el significado es la imagen conceptual. Hay dos imágenes, una de cada lado del signo, como dos caras de la misma moneda. Dichos elementos muestran oposición; por eso pueden asociarse como los dos aspectos del signo

Neste sentido, quando se fala de significante e significado, está-se no limite da ciência que Saussure denomina semiologia, que é justamente a ciência geral do signo. Mas o interesse de Saussure pela semiologia está, como indica Beuchot (2005, p. 174), subordinado ao interesse pela lingüística, disciplina que, segundo Saussure, tem como objeto e material de estudo a linguagem, os fatos da linguagem. Beuchot (2005, p. 175) acrescenta que para Saussure a linguagem não é a língua, e a língua tampouco é a fala.

Com a intenção de explicar o triângulo linguagem-língua-fala, Marchese e Forradelas (2007, p. 232) esclarecem que a linguagem é definida como uma “capacidade” que caracteriza o ser humano e que lhe possibilita a comunicação com seus semelhantes. Esta comunicação se dá através de sistemas de signos - língua - e é realizada de forma individual - fala - por diversos membros de um grupo social. Conforme Saussure (1977, p. 16), “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Neste sentido, deve ser esclarecido que para o lingüista suíço o conceito língua representa, simultaneamente, “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (1977, p. 17).

É também muito ilustrativa a relação feita por Virno (2003, p. 89), retomando os preceitos de Saussure, ao explicar que não se deve confundir o sistema dos “atos lingüísticos potenciais” - língua - com a capacidade genérica e potencial da fala - linguagem -, nem com as enunciações que materialmente são produzidas - fala -. Virno (2003, p. 90), citando Saussure, deixa ver a co-relação de três campos nitidamente diversos, embora participantes do mesmo processo sem que sejam fragmentados: existe um plano da potência, o que pode vir a ser, o que está latente, e o que representa a linguagem; existe um âmbito onde se observa um sistema convencionado e necessário (estruturas) que os grupos utilizam para realizar essa faculdade ou potência e que se refere à língua; e por último há um campo onde aparecem os atos individuais que fazem uso das convenções ou estruturas citadas e que realizam a potência que está latente no processo: a fala.

Voltando ao diálogo platônico, e tentando unir seu conteúdo com as idéias de Saussure, nota-se que entre o lingüista suíço e Crátilo existem divergências sobre a relação palavra-coisa. Para Crátilo, basicamente, o nome é a manifestação da coisa, idéia que,



segundo Luis de Diego (2006, p. 62), muda com a intervenção de Sócrates, para alcançar outro conceito de relação entre ambos os extremos: a palavra não é um atributo ou manifestação da coisa, mas mantém com ela uma relação mimética; a coisa é imitada na palavra. Diego (2005, p. 62- 63) permite ver com clareza dois momentos na postura de Crátilo com dois exemplos. Em um primeiro momento, Crátilo vê na palavra e na coisa a mesma relação que existe entre a fumaça e o fogo. No segundo momento, o momento da imitação<sup>122</sup>, o crítico exemplifica a idéia de Crátilo com os gestos que os surdos utilizam para imitar os objetos.

Em *Crátilo* Sócrates nota que o caráter mimético também aproxima língua e arte e que o nomeador das coisas está próximo do artista. Nesse sentido, os problemas para relacionar palavra e coisa já não são especificamente da arte ou da linguagem, mas também da arte e da literatura (DIEGO, 2005, p. 63). O problema vem a ser como relacionar palavra e coisa, língua e realidade<sup>123</sup>.

Também em *De interpretatione* a problemática de relacionar palavras, coisas e realidade dentro do âmbito da linguagem é tratada com profundidade. Para Aristóteles, a palavra ou símbolo (signo lingüístico) tem como objetivo final dizer as coisas, mas tem como objetivo direto e imediato a afecção da mente ou conteúdo mental (conceito), pois, como afirma Beuchot (2005, p. 23-24), no pensamento do filósofo grego primeiro é procurada a realidade enquanto conhecida e depois a realidade enquanto tal<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> Também Walter Benjamin tenta explicar este caráter mimético existente entre as palavras e as coisas. Diego lembra que Benjamin, em seu ensaio “A capacidade mimética”, afirma que toda palavra e toda língua são onomatopéicas e que a língua é o estado supremo do comportamento mimético e o arquivo mais perfeito de semelhanças imateriais (BENJAMIM apud de Diego, 2005, p. 63). Benjamin (1970, p. 50-51), no ensaio assinalado, diz que: “Toda palavra e todo idioma – já se disse – são onomatopaicos. É difícil determinar quanto, embora se trate do programa implícito nesta proposição. O conceito de semelhança intelectual proporciona, contudo, algumas indicações, isto é, ordenando palavras de diversos idiomas que signifiquem a mesma coisa, ao redor deste significado como seu centro, seria necessário indagar como todas elas – que podem, com frequência, não dispor entre si de qualquer semelhança – são similares àquele significado, no seu centro”.

<sup>123</sup> Sobre este particular Benjamin (1970, p. 51) observa que a semelhança existente entre o que se diz e o que se entende está presente também entre o que se escreve e o que se entende, e entre o que se diz e o que se escreve. Neste fragmento, Benjamin amplia a noção de mimese ao campo da literatura e explica seu pensamento com exemplos dessa relação: A grafologia ensinou a descobrir imagens, nas escritas, que nelas esconde o inconsciente de quem escreve. É preciso pensar que o processo mimético, assim se expressando na atividade de quem escreve, era de máxima importância para o ato da escrita, nos remotíssimos tempos em que esta surgiu. A escrita se converteu, deste modo, ao lado do idioma, num arquivo de semelhanças insensíveis, de correlações imateriais. Assim como Platão começa seu diálogo deixando entrever a idéia de que o nome é manifestação da coisa e logo muda a perspectiva e chega ao conceito de mimese, a palavra imita a coisa, Benjamin indica, de forma impessoal, que palavra e linguagem são onomatopéicas e conclui seu raciocínio afirmando, como hipótese pessoal, que existe um paralelo (uma semelhança imaterial) entre a escrita (e a linguagem) e o objeto significado.

<sup>124</sup> A respeito, Beuchot (2005, p. 23) completa a noção aristotélica sobre a relação entre os elementos semióticos dizendo: “Hay que notar que no siempre las palabras significan entes reales, sino también entes de razón, o incluso meros estados de ánimo. Pero en una situación sencilla, en la que una palabra designe una cosa, la palabra tiene una relación primera con el concepto de esa cosa (o la cosa en cuanto pensada) y una segunda

Mas independente do nome manifestar a coisa ou da palavra imitar a coisa, a problemática de relacionar os extremos nome-objeto através da mimese ocasiona fortes resistências devido à dificuldade de aproximar ordens tão diversas como a linguagem/palavra e a realidade/coisa. Neste sentido, Diego (2006, p. 63) escreve que no âmbito literário a temática estudada suscita controvérsias e que entre os defensores da possibilidade de vincular linguagem e realidade pode-se mencionar Roland Barthes, quem sugere que a literatura não se resigna a tal impossibilidade, sendo tal impossibilidade *constitutiva* da literatura.

Em “Aula”, ao explicar a segunda<sup>125</sup> força da literatura, a Mímesis, Barthes (1978, p. 22-23) diz:

A segunda força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de uma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável - mas somente demonstrável - pode ser dito de vários modos: quer o definamos, como o Lacan, como o *impossível*, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir com uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é uma recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura.

Também em *Crítica y verdad*, Barthes alude ao tema, afirmando que quem escreve descrê ou deseja descrer da arbitrariedade do signo e se posiciona diante do pensamento de Crátilo e da relação natural entre coisas e palavras. Nesse sentido, Barthes (1970, p. 214) afirma:

---

relación (a través de él) con la cosa real. Si lo dijéramos en terminología más reciente, podríamos decir que la palabra se relaciona primero con su sentido y después con su referencia”.

<sup>125</sup> Para Barthes, as outras duas forças da literatura são a *Mathesis* e a *Semiosis*. Sobre a primeira das forças, Barthes (1978, p. 18-19) explica que na literatura encontramos vários saberes e que todas as ciências estão presentes no “monumento literário” fazendo com que a mesma seja absolutamente realista, ou talvez, sendo a realidade mesma. Uma das razões que justificam tal afirmação é que na literatura coloca-se em cena a linguagem e não simplesmente seu uso, permitindo-se, assim, que o saber reflita sem cessar sobre o mesmo saber: “as palavras não são mais concebidas como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores”. (BARTHES, 1978, p. 21). Sobre a *Semiosis*, Barthes (1978, p. 28-29) refere que a força semiótica reside na possibilidade de atuar os signos e não de aniquilá-los dentro de um sistema instável como é a linguagem: “Pode-se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas”.

A literatura é exploração do nome: Proust fez sair todo um mundo desses poucos sons: *Guermantes*. No fundo, o escritor tem sempre em si a crença de que os signos não são arbitrários e que o nome é uma propriedade natural da coisa: os escritores estão ao lado de Crátilo, não de Hermógenes.

Para complementar estas idéias sobre a problemática da relação entre palavra e coisa, entre nome e objeto, citamos um fragmento do ensaio “Proust et les noms”, onde Barthes (1972, p. 134), refletindo sobre a problemática do nome próprio, diz:

la fonction poétique, au sens le plus large du terme, se définirait ainsi par une conscience cratyléenne des signes et l'écrivain serait le récitant de ce grand mythe séculaire qui veut que le langage imite les idées et que, contrairement aux précisions de la science linguistique, les signes soient motivés. Cette considération devrait incliner encoré davantage le critique à lire la littérature dans la perspective mythique qui fonde son langage, et à déchiffrer le mot littéraire (qui n'est en rien le mot courant), non comme le dictionnaire l'explicite, mais comme l'écrivain le construit<sup>126</sup>.

Resta saber como Borges trata a temática da relação palavra e coisa, que também é a relação literatura e realidade, e se em seus textos escuta-se o *rumor* de uma linguagem naturalista ou convencionalista que permita dizer que em Borges pode-se achar, além de um literato de excelência, alguém que avançou em noções que encontram eco em certas teorias da linguagem.

Um dos exemplos de textos borgeanos que abordam explicitamente a temática da linguagem é "Examen de la obra de Herbert Quain" em *Ficciones* (1944). Neste texto, o narrador diz, sobre a obra do escritor Herbert Quain:

Previsiblemente, alguno de los nueve relatos es indigno de Quain; el mejor no es el que originariamente ideó, el x 4; es el de naturaleza fantástica, el x 9. Otros están afectados por bromas lánguidas y por pseudoprecisiones inútiles. Quienes los leen en orden cronológico (verbigracia: x 3, y 1, z) pierden el sabor peculiar del extraño libro. Dos relatos — el x 7, el x 8 — carecen de valor individual; la yuxtaposición les presta eficacia... No sé si debo recordar que ya publicado *April March*, Quain se arrepintió del orden ternario y

<sup>126</sup> Neste fragmento de *Le degré zéro de l'écriture* (1972), Barthes observa que a função poética se aproximaria à idéia sobre os signos postulada por Crátilo, na obra de Platão. Para o autor francês, o escritor seria o encarregado de dar forma ao mito de imitação das idéias pela linguagem e pela motivação do signo, típica da ciência lingüística. Esta é a razão pela qual os críticos vejam a palavra literária, que não é a palavra comum, no sentido de ser explicada por um dicionário, mas no sentido que o escritor lhe dá quando a constrói.

predijo que los hombres que lo imitaran optarían por el binario. (BORGES, 2007, p.82)

Estas afirmações são especialmente interessantes no momento de relacionar nosso estudo dos sistemas semióticos de Platão, Aristóteles e Saussure com a referência do narrador do texto borgeano ao arrependimento de Quain acerca da utilização de um sistema ternário e da adoção de um binário. Segundo Diego (2006, p. 64), no sistema binário<sup>127</sup> parte-se do pressuposto de que um código é oposicional e negativo, conceitos já observados por Saussure ao explicar o funcionamento da língua. Com ao menos dois elementos opostos surge um sentido, que para produzir novos sentidos só deve ser combinado novamente. Sem contrariar a lógica das afirmações de Diego, pensamos que, além da relação de códigos binários ou sistemas terciários, nesta parte do relato de Borges a relação íntima se dá com as relações binárias e terciárias das teorias semióticas até aqui analisadas nos pensamentos de Platão, Aristóteles e Saussure, pensadas como relação entre dois e três elementos.

Em Platão e Aristóteles, como já observamos, a relação triangular está dada entre nome, coisa e idéia, no primeiro pensador, e entre palavra, coisa e conceito, no segundo.

Já em Saussure a relação é binária e se dá entre conceito e imagem ou significante e significado. A respeito desta relação, María Colombo (2005, p. 29) explica que:

Saussure considera a la lengua como un sistema, y en tanto que es un sistema tiene una ley fundamental que lo rige: la oposición y la diferencia. Los signos son por lo que otros no son. Si yo digo “verde”, aparece un significante. ¿Cuál es su sentido preciso? Éste emerge al oponerlo a otros signos. [...] Va a quedar precisado el sentido en la medida en que emerja en un contexto de signos a los que se oponga.

Desta forma, observamos o binarismo de Saussure, quando o lingüista desenvolve um conceito de signo como entidade de duas fases que se referem a ordens diferentes: as idéias e os sons. Desta forma, o lingüista suíço postula que o signo é a união do sentido (conceito ou representação mental de um objeto) e da imagem acústica. O primeiro vincula-se ao

---

<sup>127</sup> Neste sistema, onde todas as quantidades são representadas com base em dois números, zero e um, Diego (2006, p. 64) chama a atenção à problemática da alternativa analógico versus digital. Estes termos, muito utilizados na área informática, possuem as seguintes características: quando se fala em sistema analógico, deve entender-se que as operações (aritméticas) realizadas por tal sistema utilizam analogia, ou seja, a representação de fenômenos utilizando pontos de semelhança. Este sistema não trabalha com números ou símbolos que representam os números, mas com analogias diretas entre quantidades, existindo uma “medição” nas quantidades a serem trabalhadas. Assim, existe uma analogia entre os valores a serem trabalhados e os valores internos do

significado (idéias) em oposição ao significante (expressão), que é a parte sensível ou a imagem acústica, imagem que “não é o som material [...], mas a impressão psíquica desse som” (SAUSSURE, 1969, p. 80). E é justamente a importância desses dois elementos na concepção de signo saussureano o que caracteriza a teoria binária<sup>128</sup>.

Colombo (2005, p. 30), discorrendo sobre a incompletude da teoria binária, afirma que na teoria do lingüista suíço falta um terceiro elemento, que pode ser observado, por exemplo, no marco teórico de Charles Pierce. Na semiótica de Pierce, acrescenta Colombo (2005, p. 33), o signo é uma relação que possui três elementos: o primeiro é o que provoca o processo de encadeamento, o segundo é o objeto, e o terceiro é o efeito que o signo produz, ou seja, o interpretante, que é, justamente, o sentido do signo.

E sobre este “interpretante” Todorov (2005, p. 106) acrescenta: “En una acepción vasta, el interpretante es, pues, el sentido del signo; en una acepción más estrecha, es la relación paradigmática entre un signo y otro: así, el interpretante es un signo que tendrá siempre su interpretante”.

Também sobre o interpretante, Paul de Man (1996, p. 23) indica a Charles Pierce como o fundador (junto a Nietzsche e a Saussure) das bases filosóficas da semiologia moderna:

Ele [Pierce] insiste [...] na presença necessária de um terceiro elemento, chamado interpretante, dentro de qualquer relação que o signo mantenha com seu objeto. O signo deve ser interpretado se quisermos entender a idéia que ele deve veicular, e isso é assim porque o signo não é a coisa, mas um significado derivado da coisa através de um processo aqui chamado de representação, é que não é simplesmente gerativo, ou seja, dependente de uma origem unívoca. A interpretação do signo não é para Peirce um significado, mas um outro signo; é uma leitura, não uma decodificação, e essa leitura tem, por sua vez, de ser interpretada em outro signo, e assim por diante *ad infinitum*.

---

sistema. Diferentemente, no sistema digital, trabalha-se diretamente com números. Não existe medição e são operações que trabalham diretamente com os números.

<sup>128</sup> O binarismo Saussureano é criticado por Barthes (2001, p. 172) porque, segundo este último autor, na teoria do lingüista suíço o signo é visto de forma isolada ou fechada, como mônadas que constituem a significação, encerrando no próprio ser um significante e um significado. Neste sentido, Barthes realiza duas críticas ao sistema de Saussure. A primeira refere que se a teoria fosse articulada só em mônadas, a língua seria somente uma coleção morta de signos ou uma nomenclatura. A segunda diz sobre a redução do sentido a uma relação fechada entre significante e significado, relação que não é natural, que tal redução não permitiria uma estabilidade da língua, pois não existe uma língua em que um significante tenha valor sem ajuda de uma convenção humana, por seu significado, para sempre. Para entender a última crítica, Barthes (2001, p. 172) cita o caso da definição de “salário” entendido como o “justo” prêmio do trabalho onde delimitar o sentido de “justo” traz alguns problemas de significação.

Mas voltando ao sistema binário, para que surja um sentido faz-se necessária uma oposição entre dois elementos. Diego (2005, p. 64) alerta sobre a possibilidade de combinar oposições de diversos níveis e de obter novos sentidos ou sentidos ramificados. Para compreender a idéia, o autor dá o exemplo da palavra “rato” que pode ser apresentada como “2152”, onde 2 significa “animal”, 1 “mamífero”, 5 “roedor” e 2 “rato”. Este sistema, que o autor vê como pouco econômico, pois um símbolo de quatro elementos é trocado por outro com o mesmo número de elementos, é importante ser pensado, pois na ficção borgeana é, entre outros sistemas que tentam explicar a linguagem, referido com frequência.

A importância de cada letra que forma uma palavra pode ser observada em “El congreso”, conto de *El libro de arena* (1975), onde pode ser lido:

No descuidé las lenguas universales; me asomé al esperanto - que el Lunario Sentimental califica de “equitativo, simple y económico”- y al Volapük, que quiere explorar todas las posibilidades lingüísticas, declinando los verbos y conjugando los sustantivos. Consideré los argumentos en pro y en contra de resucitar el latín, cuya nostalgia no ha cesado de perdurar a lo largo de los siglos. Me demoré asimismo en el examen del idioma analítico de John Wilkins, donde la definición de cada palabra está en las letras que la forman (BORGES, 2004c, p. 28)

O nome do bispo inglês John Wilkins que aparece na frase final do fragmento é outra das figuras chaves vinculadas ao estudo da temática da linguagem em Borges. Neste sentido, outro texto que aborda a problemática aludida, e que deixa ver com mais clareza o sistema binário e também alguns conceitos sobre língua analítica<sup>129</sup> é justamente um texto que leva o nome do bispo acima citado: “El idioma analítico de John Wilkins”<sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup> As línguas atuais, pela sua estrutura interna, podem ser: isolantes, quando as palavras são unidades não analisáveis e não é possível, por exemplo, distinguir um radical de outros elementos gramaticais; aglutinantes, quando é possível determinar um radical e outros elementos gramaticais, mas não existem regras precisas para a formação da palavra; e flexionais, quando a organização interna da palavra está governada por leis determinadas e precisas: as leis da morfologia (SCHELEICHER apud DUCROT, p. 26). Estes dois últimos casos corresponderiam a uma língua sintética, onde existe uma importância inquestionável do plano morfológico, as palavras estão compostas por morfemas (por exemplo, morfemas de modo, tempo, aspecto, pessoa ou número) aglutinados ou fundidos que exibem um caráter sintático. Já a língua analítica, que é justamente o caso apresentado em “El idioma analítico de John Wilkins”, é aquela em que a maior parte dos morfemas são livres e as palavras tem um significado “próprio”.

<sup>130</sup> Lembramos que o bispo Wilkins já aparece na textualidade borgeana do primeiro período em “El idioma de los argentinos”: “Es sabido que el obispo anglicano Wilkins, el más inteligente utopista en trances de idioma que pensó nunca, planeó un sistema de escritura internacional o simbología que con sólo dos mil cuarenta signos sobre papel pentagramado, sabía inventariar cualquier realidad”. (BORGES, 1998, p. 150)

Nesse conto-ensaio pode-se ler, sobre a metodologia que utilizou Wilkins<sup>131</sup> para construir seu idioma, que:

Dividió el universo en cuarenta categorías o géneros, subdivisibles luego en diferencias, subdivisibles a su vez en especies. Asignó a cada género un monosílabo de dos letras; a cada diferencia, una consonante; a cada especie, una vocal. Por ejemplo: de, quiere decir elemento; deb, el primero de los elementos, el fuego; deba, una porción del elemento del fuego, una llama. (BORGES, 2004b, p. 85)

Além do método utilizado pelo bispo inglês, no qual se pode observar a tentativa de divisão da realidade em categorias arbitrárias, pode-se apontar nesse texto os alcances da teoria binarista:

Teóricamente, el número de sistemas de numeración es ilimitado. El más complejo (para uso de las divinidades y de los ángeles) registraría un número infinito de símbolos, uno para cada número entero; el más simple sólo requiere dos. Cero se escribe 0, uno 1, dos 10, tres 11, cuatro 100, cinco 101, seis 110, siete 111, ocho 1000... (BORGES, 2004b, p. 85)

A relação entre dois elementos e a arbitrariedade é evidente nesse fragmento do relato borgeano. Nesse sistema inaplicável é possível pensar em uma palavra como a soma de elementos significantes. É justamente essa a idéia que o narrador comenta quando diz que:

Las palabras del idioma analítico de John Wilkins no son torpes símbolos arbitrarios; cada una de las letras que las integran es significativa, como lo fueron las de la Sagrada Escritura para los cabalistas. Mauthner observa que los niños podrían aprender ese idioma sin saber que es artificioso; después en el colegio, descubrirán que es también una clave universal y una enciclopedia secreta. (BORGES, 2004b, p. 85)

Vê-se nestes pensamentos propostos pela ficção borgeana em “El idioma analítico de John Wilkins” duas vertentes. Uma está vinculada à possibilidade de criar linguagens a partir de sistemas binários e outra, inseparável da primeira e de sua consequência, ao fato de que o homem pode criar uma língua e, portanto, nomear as coisas que o rodeiam.

---

<sup>131</sup> Segundo Bulacio (1998, p. 143), este relato exhibe claramente a convicção borgeana da inadequação das palavras, pois se a palavra não dá conta da realidade, é possível fazer com ela o que se deseje, como no caso de John Wilkins, que cria um idioma abarcador de todos os pensamentos humanos e no qual cada palavra se define a si mesma.

Sobre a primeira afirmação, além do já observado no sistema idealizado por Wilkins, no texto borgeano podem ser observadas referências a outros projetos da mesma natureza. São os projetos de Descartes e Leibniz relacionados à criação de linguagens derivadas de sistemas de numeração, ou binária. Neste sentido, podemos ler em “El idioma analítico de John Wilkins”:

En el idioma universal que ideó Wilkins al promediar el siglo XVII, cada palabra se define a sí misma. Descartes, en una epístola fechada en noviembre de 1629, ya había anotado que mediante el sistema decimal de numeración, podemos aprender en un solo día a nombrar todas las cantidades hasta el infinito y a escribirlas en un idioma nuevo que es el de los guarismos; también había propuesto la formación de un idioma análogo, general, que organizara y abarcara todos los pensamientos humanos. John Wilkins, hacia 1664, acometió esa empresa (BORGES, 2004b, p. 84-85)

No mesmo sentido, e desta vez aludindo ao pensamento de Wilhelm Leibniz, o narrador borgeano diz que:

Teóricamente, el número de sistemas de numeración es ilimitado. El más complejo (para uso de las divinidades y de los ángeles) registraría un número infinito de símbolos, uno para cada número entero; el más simple sólo requiere dos. Cero se escribe 0, uno 1, dos 10, tres 11, cuatro 100, cinco 101, seis 110, siete 111, ocho 1000... Es invención de Leibniz, a quien estimularon (parece) los hexagramas enigmáticos del I King. (BORGES, 2004b, p. 85)

Deve ser destacado que quando se sugere a possibilidade de um homem criador de idiomas, este homem, este nomeador, dialoga com os nomeadores que surgirão dos homens que, em "Examen de la obra de Herbert Quain", optarão pelo sistema binário, enquanto que “los demiurgos y los dioses [optarán] por el infinito: infinitas historias, infinitamente ramificadas. (BORGES, 2007, p. 82).

O "Examen de la obra de Herbert Quain" e “El idioma analítico de John Wilkins”, além de ter em comum referências ao nomeador humano e aos sistemas binários de criação de linguagens, possuem outro elemento em comum: o diálogo com os contos “Pierre Menard, autor del Quijote” e “Funes el memorioso”.

Assim, no item que vincula os projetos de criar uma linguagem derivada de um sistema decimal ou binária, assinala-se uma curiosa enumeração realizada pelo narrador em “Pierre Menard, autor del Quijote”:



He dicho que la obra visible de Menard es fácilmente enumerable. Examinado con esmero su archivo particular, he verificado que consta de las piezas que siguen:

c) Una monografía sobre “ciertas conexiones o afinidades” del pensamiento de Descartes, de Leibniz y de John Wilkins (Nîmes, 1903). (BORGES, 2007, p. 42-43)

A intertextualidade borgeana, nesta enumeração de autores, parece evidente. A conexão entre Descartes, Leibniz e Wilkins, além de uma possível obra de Pierre Menard, é parte de uma teoria desenvolvida em um conto do mesmo Borges, “El idioma analítico de John Wilkins”.

“Funes el memorioso” é outro texto que dialoga com “Examen de la obra de Herbert Quain” e “El idioma analítico de John Wilkins”. Neste conto, entre outras questões (o problema da tradução, da propriedade e da originalidade da obra), encontramos o tema do nomeador a partir de seu caráter de humano, mas atingindo o nível de criação de entidades divinas. Em “Funes el memorioso” pode-se ver como a linguagem constrói ficções do mundo, simulacros do universo e se aproxima, assim, dessas histórias infinitas e ramificadas que os anjos e as divindades conseguem construir segundo afirma o narrador em “Examen de la obra de Herbert Quain”.

Embora a personagem de Funes seja apresentada como humana, a temática do além do humano se observa em frases como a que vê, segundo Ipuche, em Funes um “precursor de los superhombres, ‘un Zarathustra cimarrón y vernáculo’” (BORGES, 2007, p. 124). Talvez esta condição que faz de Irineo Funes alguém quase divino permita a este personagem criar um sistema de numeração que se encontra justamente na calçada oposta dos sistemas analíticos idealizados em Wilkins e em Quain.

Assim, o narrador de “Funes el memorioso” conta sobre este particular personagem:

Me dijo que hacia 1886 había discurrido un sistema original de numeración y que en muy pocos días había rebasado el veinticuatro mil [...]. Cada palabra tenía un signo particular, una especie de marca; las últimas eran muy complicadas... Yo traté de explicarle que esa rapsodia de voces inconexas era precisamente lo contrario de un sistema de numeración. Le dije que decir 365 era decir tres centenas, seis decenas, cinco unidades: análisis que no existe en los “números” *El Negro Timateo* [sic] o *manta de carne*. Funes no me entendió o no quiso entenderme. (BORGES, 2007, p. 132-133)

Vê-se que nesse sistema idealizado por Funes a palavra designa um número, mas outro número. Esse tipo de transgressão dos sistemas é observado com clareza também na classificação<sup>132</sup> dos animais da enciclopédia chinesa<sup>133</sup> em “El idioma analítico de John Wilkins”. Neste último relato pode-se ler:

Esas ambigüedades, redundancias y deficiencias recuerdan las que el doctor Franz Kuhn atribuye a cierta enciclopedia china que se titula *Emporio celestial de conocimientos benévolos*. En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen en (a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas. (BORGES, 2004b, p. 85-86)

Esta classificação, que segundo Michel Foucault (2005, p. 1) configura outro pensamento, um limite de nosso pensamento ou a impossibilidade de pensá-la<sup>134</sup>, é a que melhor exhibe um sistema analítico em que cada elemento é um término de um código que o significa e onde, como afirma Diego (2006, p.66), a oposição entre dois elementos (o zero e o um) possibilita multiplicar o número de sentidos. Em Funes, acrescenta o autor, pode ser lido o sistema inverso, pois na memória infalível de Funes um sistema arbitrário pode substituir outro analítico, ou seja, palavras por números.

Neste sentido, Diego (2006, p. 66) afirma:

Para la memoria de Funes no resulta necesario un sistema analítico ya que se encuentra imposibilitado de elaborar códigos; su sistema de signos no simula la realidad, sencillamente la reproduce. Borges plantea un mecanismo de reproducción de lo real que expone la arbitrariedad, pero no sólo aceptándola sino potenciándola al infinito.

---

<sup>132</sup> Segundo Molloy (1999, p. 179), as séries ou classificações borgeanas propõem ao leitor elementos ou termos que são ou parecem aleatórios e que não provêm, claramente, do anterior, ou seja, um elemento não é nem causa nem efeito do outro. Daí a série borgeana, “pode não ter sido, mas é”, embora seja uma série injustificada e incongruente. Na série borgeana, acrescenta Molloy (1999, p. 180), “El texto instaura una concatenación *casual* que solo sus palabras justifican y esa casualidad, en el momento de la lectura sucesiva, se vuelve encadenamiento *causal*”.

<sup>133</sup> Camurati (2005, p. 45) explica que neste fragmento de “El idioma analítico de John Wilkins”, Borges mistura um personagem real, o sinólogo alemão Franz Kuhn, com uma obra apócrifa, *Emporio celestial de conocimientos benévolos*.

<sup>134</sup> Camurati (2005, p. 46) refere que o texto de Borges provoca em Foucault sorrisos, perplexidade e desconfiança porque “El idioma analítico de John Wilkins”, seguramente tem a intenção imediata de causar risos, mas detrás desse primeiro propósito, também está o desejo de resisitir essa inquietude que ocasiona a heteróclita enumeração das tabelas de classificação para aceder ao conhecimento idealizado por John Wilkins.

No mundo de Funes<sup>135</sup>, não existem categorias como as de Wilkins, nem nomeadores humanos como em Quain, no mundo de Funes existe a possibilidade de classificar tudo através da percepção e da experiência:

Me dijo que hacia 1886 había discurrido un sistema original de numeración y que en muy pocos días había rebasado el veinticuatro mil. No lo había escrito, porque lo pensado una sola vez ya no podía borrársele. Su primer estímulo, creo, fue el desagrado de que los treinta y tres orientales requirieran dos signos y tres palabras, en lugar de una sola palabra y un solo signo. Aplicó luego ese disparatado principio a los otros números. En lugar de siete mil trece, decía (por ejemplo) *Máximo Pérez*; en lugar de siete mil catorce, *El Ferrocarril*; otros números eran *Luis Melián Lafinur*, *Olimar*, *azufre*, *los bastos*, *la ballena*, *el gas*, *la caldera*, *Napoléon*, *Agustín de Vedia*. En lugar de quinientos, decía *nueve*. (BORGES, 2007, p. 132-133)

Outro relato que traz à tona o fato de pensar a linguagem como sistema e a relação que dentro de tal sistema existe entre os nomes e as coisas é “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”. Neste relato não existe interferência entre sistemas binários baseados em números ou palavras, a linguagem em Tlön se consolida sobre um patamar onde existe um deslocamento de classes gramaticais. As coisas, ou seja, os substantivos, deixam de ter um papel central na sua relação com os objetos e esse papel é preenchido pelos adjetivos. O substantivo em Tlön não se define por ter substância, é definido por uma somatória de adjetivos. Em Tlön, o substantivo deixa de ser uma síntese de características que um dicionário indica e se torna uma adição de caracterizações, um grupo de particularidades, que é justamente a oposição de uma síntese.

En los [idiomas] del hemisferio boreal (de cuya Ursprache hay muy pocos datos en el Onceno Tomo) la célula primordial no es el verbo, sino el adjetivo monosilábico. El sustantivo se forma por acumulación de adjetivos. No se dice luna: se dice aéreo-claro sobre oscuro-redondo o anaranjado-tenue-del cielo o cualquier otra agregación. En el caso elegido la masa de adjetivos corresponde a un objeto real; el hecho es puramente fortuito. En la literatura de este hemisferio (como en el mundo subsistente de Meinong) abundan los objetos ideales, convocados y disueltos en un momento, según las necesidades poéticas. Los determina, a veces, la mera simultaneidad. Hay objetos compuestos de dos términos, uno de carácter visual y otro auditivo:

---

<sup>135</sup> Segundo Sarlo (1995, p. 75), Funes exhibe as dificuldades existentes ao momento de traduzir os elementos de um sistema de um código a outro. No conto, acrescenta a crítica, Funes acredita que a realidade e a linguagem são absolutamente análogas e que nada é perdido na passagem de um sistema a outro; já o narrador pensa o oposto e diz que traduzir significa deslocar ou divergir. Neste sentido, Sarlo (1995, p. 75) assinala que: “el realismo se apoya en la ilusión de que la representación directa (el intercambio de objetos por palabras) es posible y de que las palabras se adaptan bien a los requisitos de esa sustitución”.

el color del naciente y el remoto grito de un pájaro. Los hay de muchos: el sol y el agua contra el pecho del nadador, el vago rosa trémulo que se ve con los ojos cerrados, la sensación de quien se deja llevar por un río y también por el sueño. Esos objetos de segundo grado pueden combinarse con otros; el proceso, mediante ciertas abreviaturas, es prácticamente infinito. Hay poemas famosos compuestos de una sola enorme palabra. Esta palabra integra un objeto poético creado por el autor. El hecho de que nadie crea en la realidad de los sustantivos hace, paradójicamente, que sea interminable su número. Los idiomas del hemisferio boreal de Tlön poseen todos los nombres de las lenguas indoeuropeas y otros muchos más (BORGES, 2007, p. 23-24).

A linguagem desse planeta imaginário não entraria nas categorias antes descritas. Tlön não possui um sistema analítico nem sintético, a ele não se aplica o binarismo, nem outro sistema porque Tlön, mais do que possuir uma linguagem, está construído precisamente pela e na linguagem.

Segundo Sarlo (1995, p. 160), esse conto exhibe claramente o interesse de Borges pelas linguagens e pelos sistemas de representação artificiais, que definitivamente são mais “fascinantes” que as línguas naturais, uma vez que não possuem essa relação confusa com uma referência externa, o que possibilita que possam ser exatos. Sarlo (1995, p. 160-161) acrescenta que tal peculiaridade outorga aos idiomas artificiais uma supremacia sobre as línguas naturais:

Los lenguajes imaginarios son ejemplos del dispositivo lógico de la ficción borgeana, donde el único antídoto contra el caos de lo real es la práctica de la invención según las reglas. Los lenguajes del tipo Tlön no reflejan el mundo, sino una idea del mundo. Trabajan sobre una base filosófica y no empírica; establecen una relación de hegemonía sobre cualquier realidad a la que, en verdad, producen, y son inmunes al desorden de la experiencia. Más aún: configuran la percepción y por lo tanto, todo lo que puede conocerse del mundo.

Outra forma de abordar a temática dos modelos que vinculam coisas e palavras pode ser observada em “El informe de Brodie”. Nesse texto pode ser lido que os “Yahoos” possuem um idioma que, embora seja um sistema arbitrário, é sintético. Diz o narrador em “El informe de Brodie”:

El idioma es complejo. No se asemeja a ningún otro de los que yo tenga noticia. No podemos hablar de partes de la oración, ya que no hay oraciones. Cada palabra monosílaba corresponde a una idea general, que se define por

el contexto o por los visajes. La palabra *nrz*, por ejemplo, sugiere la dispersión o las manchas; puede significar el cielo estrellado, un leopardo, una bandada de aves, la viruela, lo salpicado, el acto de desparramar o la fuga que sigue a la derrota. *Hrl*, en cambio, indica lo apretado o lo denso; puede significar la tribu, un tronco, una piedra, un montón de piedras, el hecho de apilarlas, el congreso de los cuatro hechiceros, la unión carnal y un bosque. Pronunciada de otra manera o con otros visajes, cada palabra puede tener un sentido contrario. No nos maravillemos con exceso; en nuestra lengua, el verbo *to cleave* vale por hendir y adherir. (Borges, 2004b, p. 453)

As últimas linhas do fragmento equiparam nossos idiomas ao idioma dos *Yahoos*, e propõem, ao menos, três reflexões. A primeira, os nossos idiomas são altamente complexos; a segunda, a arbitrariedade é um elemento comum a um idioma *ficcionalizado* por Borges ou utilizado por Borges para ficcionalizar um idioma; e a terceira é que o homem, como criador de idiomas, está perto do nomeador divino referido por Crátilo. Esse mesmo nomeador que em “El informe de Brodie” repousa no poeta, quando a sua palavra é forte, é elevado à categoria de deus e por isso, segundo o narrador, qualquer um pode matá-lo:

Otra costumbre de la tribu son los poetas. A un hombre se le ocurre ordenar seis o siete palabras, por lo general enigmáticas. No puede contenerse y las dice a gritos, de pie, en el centro de un círculo que forman, tendidos en la tierra, los hechiceros y la plebe. Si el poema no excita, no pasa nada; si las palabras del poeta los sobrecogen, todos se apartan de él, en silencio, bajo el mandato de un horror sagrado [...]. Sienten que lo ha tocado el espíritu; nadie hablará con él ni lo mirará, ni siquiera su madre. Ya no es un hombre sino un dios y cualquiera puede matarlo. El poeta, si puede, busca refugio en los arenales del Norte. (BORGES, 2004b, p. 453)

O ser humano que se transforma em divindade através da palavra é outro aspecto comum nestes relatos. É o caso de Funes, de Wilkins, de Tlön e mais claramente do poeta em Brodie<sup>136</sup>. O homem que é quase deus nos primeiros relatos, o homem que “ya no es un hombre sino un dios” em Brodie. O que lembra do Sócrates platônico quando diz: “Crátilo dice la verdad al decir que las cosas tienen los nombres por naturaleza y que no cualquiera es artesano de nombre, sino solo aquel que mira hacia el nombre que cada cosa tiene por naturaleza y puede colocar su Forma en letras y sílabas” (PLATON, 2005, p. 102).

A idéia de Hermógenes permite um mediador humano, a sua imagem de linguagem é convencional, deixa formular códigos e sistemas analíticos. A outra idéia, de um primeiro

---

<sup>136</sup> Diego (2006, p. 67) refere que os sistemas encontrados em Funes, Wilkins, Tlön e Brodie procuram dar alguma resposta à impossibilidade barthesiana, à radical heterogeneidade que existe entre língua e mundo.

nomeador divino, a postura de Crátilo que postula uma relação natural entre coisa e objeto, possui uma consequência que a faz ilusória, fantasiosa, impraticável. Como diz Diego (2006, p. 67): “si los dioses han establecido una palabra para cada cosa, modificar la realidad es un modo de modificar la lengua; inversamente modificar la lengua es modificar la realidad. Esto, claro está, es una ilusión: un sistema que reproduzca exactamente la realidad”. Esta ilusão, ou como acrescenta o autor, essa inutilidade que Borges apresenta tão bem em parábolas, foi de certo modo adiantada por Platão quando seu Sócrates reflete que talvez não exista a necessidade de reproduzir absolutamente e exatamente tudo o que se imita para obter uma imagem, e que é preciso buscar uma adequação da mesma “y que no es necesario, si falta o se agrega algo, que deje de ser una imagen” (PLATON, 2005, p. 197), pois caso contrário “todo resultaria doble y no se podría decir entre ellos cuál es la cosa misma y cuál el nombre” (PLATON, 2005, p. 197).

É evidente que o traço arbitrário da linguagem não deixa lugar à representação da realidade e que só resta criar, como Borges o faz usando a literatura, diversas ficções da realidade. Quiçá Borges já tenha pensado no paradoxo de Platão quando, nos seus textos iniciais, escreve: “Insisto en el carácter inventivo que hay en cualquier lenguaje, y lo hago con intención. La lengua es edificadora de realidades. Las diversas disciplinas de la inteligencia han agenciado mundos propios y poseen un vocabulario privativo para detallarlos” (1993, p. 48). É possível que o escritor argentino também tenha já pensado no diálogo platônico quando escreve: “Palpamos un redondel, vemos un montoncito de luz, un cosquilleo nos alegra la boca, y mentimos que esas tres cosas heterogéneas son una sola y que se llama naranja. [...] Todo sustantivo es abreviatura” (BORGES, 2002, p. 47) ou quando medita que “El mundo aparential es complicadísimo y, el idioma sólo ha efectuado una parte muy chica de las combinaciones infatigables que podrían llevarse a cabo con él (BORGES, 2002, p. 49).

Mas también, no autor argentino, podemos ler:

Es una revelación cotejar el Don Quijote de Menard con el de Cervantes. Éste, por ejemplo, escribió (Don Quijote, primera parte, noveno capítulo):

... la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.

Redactada en el siglo diecisiete, redactada por el “ingenio lego” Cervantes, esa enumeración es un mero elogio retórico de la historia. Menard, en cambio, escribe:

... la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir. (BORGES, 2007, p. 52-53)

Assim, destas linhas de “Pierre Menard, autor del Quijote”, desprende-se que também a literatura borgeana permite uma aproximação à reflexão sobre essa impossibilidade topológica referida por Barthes, a esse projeto inexecutável e impraticável que é juntar uma ordem *pluri* (o real) com uma ordem *uni* (a linguagem) numa absoluta coincidência desde outra ótica. Nesse sentido, a escrita do autor argentino não só parece aproximar-se da reflexão sobre a impossibilidade topológica, como também resistir a essa resignação, a essa crença irrealizável. A busca de uma identidade total parece ter achado nos fragmentos de Menard um efêmero repouso, um instante de contemplação onde a desordem do mundo assume a forma da “prolixidade do real” que confere, por exemplo, o aleph borgeano.

### 3.4 A linguagem e a desconfiança borgeana

Pelo até aqui observado, podemos afirmar que na *segunda fase* de sua escrita, Borges explora a noção de linguagem a partir de um ponto de vista reflexivo, que abrange tanto pensamentos lingüísticos como filosóficos. E é dentro desse pensar sobre a linguagem onde surge a desconfiança borgeana num sistema, o lingüístico, que possa dar conta da realidade, que consiga dizer o mundo, que estabeleça entre uma palavra e uma coisa uma relação que não seja convencionada de antemão. Nesse sentido, nesse evidente posicionamento relativo à impossibilidade humana de dizer algo essencial sobre a realidade, nessa incapacidade de aceder ao mundo utilizando a linguagem, mero instrumento de construção de esquemas abstratos que é insuficiente para “expressar o universo” é que tentaremos estabelecer algumas breves<sup>137</sup> relações entre o escritor argentino e outros dois pensadores céticos da linguagem: Friedrich Nietzsche e Fritz Mauthner.

#### 3.4.1 Nietzsche em Borges

---

<sup>137</sup> A presença do pensamento de Nietzsche e Mauthner na ficção borgeana forma parte de um estudo que será realizado no decurso de meu doutorado. Neste capítulo serão desenvolvidas apenas algumas idéias dos filósofos alemães que podem ser reconhecidas na textualidade do escritor argentino, tanto nos seus escritos iniciais como nos posteriores ao ano 1928.

A presença da filosofia se manifesta abertamente na textualidade de Borges. E essa presença, que nos textos iniciais denotava uma ambivalência entre as possibilidades e a impossibilidade da linguagem, nos textos posteriores a 1928 apresenta uma clara alusão à sua ineficácia como meio de representação. É justamente nesse ponto, na desconfiança borgeana na linguagem, onde pode ser traçada uma vinculação com o pensamento ou a postura adotada frente à linguagem pelo filósofo Friedrich Nietzsche.

É importante esclarecer que os textos borgeanos que se referem diretamente à pessoa do filósofo são poucos e em geral não muito favoráveis às premissas de Nietzsche. Assim, podemos assinalar “Algunos pareceres de Nietzsche” (1940), primeiro texto publicado por Borges no jornal argentino *La Nación*:

Excepto Samuel Butler, ningún autor del siglo XIX es tan contemporáneo nuestro como Friedrich Nietzsche. Muy poco ha envejecido en su obra, salvo, quizás, esa veneración humanista por la antigüedad clásica que Bernard Shaw fue el primero en vituperar. También cierta lucidez en el corazón mismo de las polémicas, cierta delicadeza de la invectiva, que nuestra época parece haber olvidado. (BORGES, 2004b, p. 181-182)

Também no jornal *La Nación*, publica “El propósito de ‘Zarathustra’” (1944), texto onde o escritor argentino critica negativamente o conhecido livro de Nietzsche:

Muchas contrariedades presenta *Así habló Zarathustra*: una sintaxis de aficiones arcaicas y un vocabulario neológico, la máxima energía y la máxima vaguedad, la inextricable ambigüedad del sentido y la pompa de la dicción. Enseñar a los hombres la doctrina del Superhombre, enseñar a los hombres la doctrina del Eterno Retorno, son los dos propósitos capitales de ese «libro para todos y para nadie». La ejecución del primero es equívoca: ciertos pasajes (verbigracia, el que afirma que el hombre será al Superhombre lo que el mono es al hombre) parecen predecir una futura especie biológica; otros, un europeo que se abstiene del cristianismo. No menos problemático es el caso del segundo propósito. Según la doctrina del Retorno, la historia universal es interminable y periódica; renacerán en otro ciclo los hombres que ahora pueblan el orbe, repetirán los mismos actos y pronunciarán las mismas palabras; viviremos (y hemos vivido) un número infinito de veces. Nietzsche pondera la casi intolerable novedad de esa conjetura; su ponderación comporta un misterio, si consideramos que Nietzsche, autor de un libro sobre el pensamiento metafísico de los griegos, no pudo no saber que los estoicos y los pitagóricos ya habían enseñado el Retorno. (BORGES, 2004b, p. 208-209)



Também em “La doctrina de los ciclos”, texto do livro *Historia de la eternidad* (1936), observamos outra alusão borgeana ao filósofo alemão em tom crítico e mordaz:

Esa doctrina (que su más reciente inventor llama del Eterno Retorno) es formulable así:

“El número de todos los átomos que componen el mundo es, aunque desmesurado, finito, y sólo capaz como tal de un número finito (aunque desmesurado también) de permutaciones. En un tiempo infinito, el número de las permutaciones posibles debe ser alcanzado, y el universo tiene que repetirse. De nuevo nacerás de un vientre, de nuevo crecerá tu esqueleto, de nuevo arribará esta misma página a tus manos iguales, de nuevo cursarás todas las horas hasta la de tu muerte increíble”. Tal es el orden habitual de aquel argumento, desde el preludio insípido hasta el enorme desenlace amenazador. Es común atribuirlo a Nietzsche. (BORGES, 2004a, p. 385)

Embora na ficção borgeana pareça não haver concordância com o pensamento de Nietzsche, de certa forma podem ser traçados alguns paralelos no que respeita às idéias sobre a linguagem de ambos os escritores. Por exemplo, discorrendo sobre aspectos da escrita de Nietzsche e de Borges, Bulacio (1998, p. 49) aponta que ambos os autores coincidem no que concerne à insuficiência dos recursos intelectuais do homem para conceber o universo, bem como sobre a falta de exatidão entre a linguagem e a realidade. A autora assinala também outro aspecto comum entre o escritor argentino e o filósofo, vinculando conhecimento e lingüística. Neste sentido Bulacio (1998, p. 67) diz:

Parece imposible, tanto para Borges como para Nietzsche, separar el conocimiento de los mecanismos lingüísticos. Las teorías filosóficas y teológicas, incluso científicas - construidas con lenguaje y contando con las muy determinadas posibilidades del mismo - son una muestra de ello. Es el lenguaje el que organiza - y en esa medida crea nuestra imagen de la realidad.

Assim vemos como as idéias de Nietzsche também possuem estreita vinculação com a problemática da linguagem, idéias que podem ser lidas nas noções desenvolvidas em algumas ficções borgeanas<sup>138</sup>. Sobre a temática da linguagem, particularmente, deve ser mencionado com especial ênfase um ensaio de Nietzsche intitulado *Introdução teórica sobre a verdade e*

---

<sup>138</sup> Bulacio (1998, p. 53) alerta sobre algumas diferenças patentes que existem entre o escritor e o filósofo: “Borges, que se mueve en un universo lúdico en sentido metafísico, juega con los límites del lenguaje, con palabras que evocan, pero no representa; por su parte, Nietzsche denuncia estos límites como el autoengaño del sujeto que se refugia en lo ilusorio para olvidar que el lenguaje es sólo ‘un ejército de metáforas’”.

a mentira no sentido extramoral<sup>139</sup>. Nesse texto o filósofo alemão desenvolve uma teoria sobre a genealogia da linguagem que por momentos aproxima-se muito das conjecturas borgeanas que versam sobre a linguagem.

Em *Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, Nietzsche constata que a inteligência do homem não passa de uma farsa patética que o ser humano constrói para situar-se como centro do universo. Aqui radica o primeiro engano, a primeira ausência de verdade: o homem como centro. O orgulho humano seria pura ilusão e é motivado propositalmente para enganar-se acerca de sua própria existência carente de forças; a única força do homem seria a inteligência desenvolvida, primeiro, para conservar a vida, e segundo, para obter poder. Tanto poder como sobrevivência exigiriam do homem o exercício da dissimulação e do engano, situação que não é suportável indefinidamente. O homem, no intuito de prolongar seu fingir, celebraria um contrato social com seus congêneres e, por necessidade, estabeleceria o que seria concebido como verdade. A verdade assim pactuada é válida e obrigatória para os integrantes da sociedade que usam a linguagem para alcançar suas metas. A linguagem decide o que é verdade e o que é mentira (2001, p. 64-66).

As palavras dizem o que pode ser uma verdade exibindo seu lado utilitário e criando aparências que estão longe das pretendidas teorias que vêem uma relação natural entre coisas, as coisas do mundo e as palavras. Mas estas premissas nietzscheanas parecem ser explicadas na ficção borgeana em “Examen de metáforas” e traçam outro paralelo entre os escritores:

Nadie negará que esa nomenclatura es un grandioso alivio de nuestra cotidianidad. Pero su fin es tercamente práctico: es un prolijo mapa que nos orienta por las apariencias, es un santo y seña utilísimo que nuestra fantasía merecerá olvidar alguna vez. Para una consideración pensativa, nuestro lenguaje - quiero incluir en esta palabra todos los idiomas hablados - no es más que la realización de uno de tantos arreglamientos posibles. Sólo para el dualista son valederas su traza gramatical y sus distinciones. Ya para el idealista la antítesis entre la realidad del sustantivo y lo adjetivo de las cualidades no corrobora una esencial urgencia de su visión del ser: es una arbitrariedad que acepta a pesar suyo, como los jugadores en la ruleta aceptan al cero. Ninguna prohibición intelectual nos veda creer que allende nuestro lenguaje podrían surgir otros distintos que habrán de correlacionarse con él como el álgebra con la aritmética y las geometrías no euclidianas con la matemática antigua. (BORGES, 1994, p. 72)

---

<sup>139</sup> Seguindo Foucault, Sultana Wanhon (1995, p. 37) afirma que ainda que a história da consciência lingüística contemporânea não siga uma cronologia coerente, existe acordo entre os pensadores sobre o caráter iniciador de Nietzsche no que se conhece como a desconfiança contemporânea da linguagem ou crise do sentido ou da verdade.

Que a linguagem é só um jeito a mais de arrumar a realidade para os fins do homem é uma forma de afirmar que a palavra e a coisa não estão vinculadas e que o fato de dizer, não é dizer algo sobre os objetos que rodeiam o homem. No texto borgeano e no nietzscheano já não é possível dizer as coisas, já não é possível dizer nem a essência nem a verdade das coisas. Nesse sentido, Nietzsche não acredita ser possível uma “verdade em si” (considerada pelo filósofo pura metafísica). A verdade é produzida pelo homem que cria verdades conformes com sua conveniência. A realidade jamais pode superar a linguagem, pois tudo que o homem consegue captar da realidade é limitado por seu sistema *cognoscente* ou lingüístico. O filósofo diz que a palavra é *a representação sonora de uma excitação nervosa*, é um som que substitui um impulso fisiológico e que só pode designar relações entre pessoas entre si, e entre elas e as coisas, por meio da utilização de metáforas, metonímias e antropomorfismos. E a metáfora é dupla no caso da linguagem. Colocar uma excitação nervosa em uma imagem já é um procedimento metafórico, assim como transformar uma imagem em som articulado.

A metáfora, o procedimento metafórico, é, quiçá, outro dos pontos que aproximam Nietzsche e Borges. É na metáfora onde os autores conseguem derrubar a coerência do discurso metafísico, filosófico e científico. A impossibilidade da linguagem de dizer a verdade ou, em última instância, de dizer algo que seja essencial, é o grande problema a solucionar:

Las palabras abstractas (el vocabulario metafísico, por ejemplo) son una serie de balbucientes metáforas, mal desasidas de la corporeidad y donde acechan enconados prejuicios. Buscarle ausencias al idioma es como buscar espacio en el cielo. La inconfidencia con nosotros mismos después de una vileza, el ruidoso y amenazador ademán que muestran en la madrugada las calles, la sencillez del primer farol albriciando el confiado anochecer, son emociones que con certeza de sufrimiento sentimos y que sólo son indicables en una torpe desviación de paráfrasis. (BORGES, 1994, p. 72-73)

A respeito, Nietzsche (2001, pp. 67 - 68) também acrescenta, em *Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*, que com esse duplo jogo metafórico o homem se engana e acredita na possibilidade de apreender os objetos que tem ante si. O homem, como medida de todas as coisas, não é mais que um usuário de supostas leis naturais

que ele mesmo criou com conceitos. Sobre a atividade humana de nomear<sup>140</sup> as coisas sem conseguir apreendê-la, lemos em Borges:

Palpamos un redondel, vemos un montoncito de luz, un cosquilleo nos alegra la boca, y mentimos que esas tres cosas heterogéneas son una sola y que se llama naranja [...]. En lugar de contar frío, filoso, hiriente, inquebrantable, brillador, puntiagudo, enunciamos puñal; en sustitución de alejamiento del sol y profesión de sombra, decimos atardecer (BORGES, 1998, p. 47).

Sobre essa relação entre a coisa e a palavra, Nietzsche (2001, p. 68-71) afirma que a palavra se converte em conceito quando aprecia o fato original, a vivência única, e depois se faz extensiva aos acontecimentos que são similares, mas nunca idênticos. Esta forma de prescindir arbitrariamente das diferenças dos fenômenos é, justamente, a que debilita a pretendida força de representação que a linguagem pretende possuir. A realidade, as formas, a verdade, não passam de conceitos, não existem desvinculados da construção humana. Por isso, segundo Nietzsche, a verdade em si não existe, existe apenas uma convenção daquilo que é aceito como verdade. O homem se ilude quando esquece que a verdade é apenas essa convenção, quando acredita que possa existir uma essência da verdade. Segundo o autor o homem teria esquecido que as verdades são metáforas (assim como a linguagem é metafórica<sup>141</sup>) e, assim, pode mentir respeitando um padrão, pois a mentira segue uma norma obrigatória para todos. Como continua afirmando Nietzsche, o homem, utilizando a linguagem, constrói uma enorme e complexa estrutura conceitual sobre bases móveis e,

---

<sup>140</sup> A respeito, Nietzsche (2001, p. 76) afirma que os conceitos são obra da linguagem e não de um sujeito individual, e que a ciência e a filosofia trabalham com conceitos metafóricos, postulando novamente o tema do engano consciente. Neste sentido, o homem possuiria uma tendência a deixar-se enganar, enchendo-se de felicidade quando escuta relatos em que os personagens são mais humanos que os humanos mesmos na realidade (NIETZSCHE, 2001, p. 76).

<sup>141</sup> Sobre a história da metáfora em Borges, podemos assinalar um fragmento de seu ensaio “La metáfora” onde o autor argentino diz: “En el libro tercero de la *Retórica*, Aristóteles observó que toda metáfora surge de la intuición de una analogía entre cosas disímiles; Middleton Murry exige que la analogía sea real y que hasta entonces no haya sido notada (*Countries of the mind*, II, 4). Aristóteles, como se ve, funde la metáfora sobre las cosas y no sobre el lenguaje; los tropos conservados por Snorri son (o parecen) resultados de un proceso mental, que no percibe analogías sino que combina palabras; alguno puede impresionar (*cisne rojo, halcón de la sangre*), pero nada revelan o comunican. Son, para de alguna manera decirlo, objetos verbales, puros e independientes como un cristal o como un anillo de plata. Parejamente, el gramático Licofronte llamó león de la triple noche al dios Hércules porque la noche en que fue engendrado por Zeus duró como tres; la frase es memorable, allende la interpretación de los glosadores, pero no ejerce la función que prescribe Aristóteles. (BORGES, 2004a, p.382). Note-se que a metáfora aristotélica enuncia uma verdade metafísica ao traçar uma analogia entre coisas diferentes, ou entre a natureza dessas coisas diferentes. Este paralelismo aristotélico não está nos outros conceitos de metáforas que o texto borgeano enumera, o que pode sugerir que a metáfora aristotélica é a que resulta de impossível cumprimento, pois a metáfora repousa na linguagem e não nas coisas.

prescindindo do homem, não possui nada que possa ser identificado com caráter universal, como verdadeiro em si mesmo.

Não poderíamos, através do esquecimento nietzscheano, por exemplo, entender o enorme sofrimento de “Funes, el memorioso”, cuja memória assombrosa e infalível o priva de olvidar o caráter metafórico das verdades<sup>142</sup> e o converte em espectador de um mundo intoleravelmente preciso e em alguém que não consegue dormir pois “dormir é se distrair do mundo”? Funes, o homem que não pode esquecer nada, é por essa razão algo mais que um homem. E esse é um ponto que aproxima, neste conto, os pensamentos de Nietzsche e Borges. Nesse sentido, o narrador de Funes diz: “Pedro Leandro Ipuche ha escrito que Funes era un precursor de los superhombres, ‘un Zarathustra cimarrón y vernáculo’” (BORGES, 2004a, p. 485).

Resumindo, nas premissas de Nietzsche e na ficção de Borges podemos identificar críticas ao intelectualismo<sup>143</sup> e à metafísica<sup>144</sup>, segundo a qual existiria uma verdade essencial, algo que podia ser alcançado. E é justamente neste ponto que o estudo da linguagem é fundamental para entender a impossibilidade de alcançar a realidade com palavras. É nesta impossibilidade que Nietzsche e Borges trabalham para ver o que está oculto na linguagem, o que não é dito, pois o dito com linguagem é só metáfora (conceitos). As oposições verdade-mentira, realidade-intuição, sujeito-objeto são criadas pela linguagem, e a linguagem sempre é figurada; até pensar na linguagem é usar ou racionalizar metáforas para entender outras metáforas.

---

<sup>142</sup> Em “Funes” podemos observar que a memória divina do narrador supera todas as tentativas de classificação da realidade pela linguagem que se observaram neste capítulo. Nesse sentido podemos ler: “Locke, en el siglo XVII, postuló (y reprobó) un idioma imposible en el que cada cosa individual, cada piedra, cada pájaro y cada rama tuviera un nombre propio; Funes proyectó alguna vez un idioma análogo, pero lo desechó por parecerle demasiado general, demasiado ambiguo. En efecto, Funes no sólo recordaba cada hoja de cada árbol de cada monte, sino cada una de las veces que la había percibido o imaginado. Resolvió reducir cada una de sus jornadas pretéritas a unos setenta mil recuerdos, que definiría luego por cifras” (BORGES, 2004a, p. 489). Nesta passagem de “Funes” é pertinente traçar um paralelo com o texto sobre o idioma de Wilkins, pois em ambos casos se aponta a inutilidade de tais linguagens e se destaca a grandeza do ato criador: “Los dos proyectos que he indicado (un vocabulario infinito para la serie natural de los números, un inútil catálogo mental de todas las imágenes del recuerdo) son insensatos, pero revelan cierta balbuciente grandeza. Nos dejan vislumbrar o inferir el vertiginoso mundo de Funes. Éste, no lo olvidemos, era casi incapaz de ideas generales, platónicas. No sólo le costaba comprender que el símbolo genérico perro abarcara tantos individuos dispares de diversos tamaños y diversa forma; le molestaba que el perro de las tres y catorce (visto de perfil) tuviera el mismo nombre que el perro de las tres y cuarto (visto de frente)” (BORGES, 2004a, p. 489).

<sup>143</sup> “No hay ejercicio intelectual que no sea finalmente inútil. Una doctrina es al principio una descripción verosímil del universo; giran los años y es un mero capítulo - cuando no un párrafo o un nombre - de la historia de la filosofía” (BORGES, 2004a, p. 449) podemos ler em “Pierre Menard, autor del Quijote”.

<sup>144</sup> Sobre a metafísica em Borges podemos ler no ensaio “Examen de metáforas em *Inquisiciones* (1925)”: “Nuestro lenguaje, desde luego, es demasiado visivo y táctil. Las palabras abstractas (el vocabulario metafísico, por ejemplo) son una serie de balbucientes metáforas, mal desasidas de la corporeidad y donde acechan enconados prejuicios”. (BORGES, 1994, p.72-73)

### 3.4.2 Mauthner em Borges

A presença de Mauthner<sup>145</sup> em Borges, diferentemente de Nietzsche, é patente em ambos os períodos da sua escrita. Não só existem constantes referências diretas ao pensador alemão como também alusão a duas de suas obras: *Wörterbuch der Philosophie* (*Dicionário de Filosofia*) de 1910 e *Beiträge zu einer Kritik der Sprache* (*Contribuições a uma crítica da linguagem*) de 1923.

Nesse sentido, podemos mencionar “Indagación de la palabra” em *El idioma de los argentinos* (1928), um dos livros pertencentes ao primeiro período de escrita:

No hay que pensar en la ordenación de ideas afines. Son demasiadas las ordenaciones posibles para que alguna de ellas sea única. Todas las ideas son afines o pueden serlo. Los contrarios lógicos pueden ser palabras sinónimas para el arte: su clima, su temperatura emocional suele ser común. De esta no posibilidad de una clasificación psicológica no diré más: es desengaño que la organización (desorganización) alfabética de los diccionarios pone de manifiesto. Fritz Mauthner (*Wörterbuch der Philosophie*, volumen primero, páginas 379-401) lo prueba con lindísima sorna" (BORGES, 2002, p. 27)

Do tomo I das *Obras completas* (2004) de Borges, podemos mencionar a *Posdata a “Las Kenningar”*, em *Historia de la eternidad* (1936): “Mauthner observa que los árabes suelen derivar sus figuras de la relación padre-hijo. Así: padre de la mañana, el gallo; padre del merodeo, el lobo; hijo del arco, la flecha; padre de los pasos, la montaña” (BORGES,

---

<sup>145</sup> Segundo Ferrater Mora (1981, p. 2153), Fritz Mauthner nasce em Horice (Bohemia) em 1849, estuda Direito e Filosofia em Praga, muda-se para Berlin, onde escreve críticas literárias e novelas, logo para Friburgo e Meersburg, cidades onde escreve uma grande parte da sua obra filosófica, e morre em 1923. Para Ferrater Mora, o principal interesse de Mauthner foi a crítica da linguagem, tomando como base a língua comum, pois a linguagem é uma atividade social ou o resultado dessa atividade. O problema radica em que alguns filósofos, na visão de Mauthner, acreditam que a linguagem corresponde ao mundo, ou seja, que refere coisas reais, que a palavra denota uma realidade. No filósofo, este tipo de crença tem consequências devastadoras, porque edificam teorias sobre esta suposição e “povoam” o mundo com coisas inexistentes. A solução do filósofo alemão é purificar as línguas criticando-as e liberando-as da pretensão de conhecer as coisas (FERRATER MORA, 1981, p. 2154). O ceticismo de Mauthner também alcança a religião e a ciência, pois também neste âmbito não existe correspondência entre a linguagem e a realidade, sendo os enunciados, em todas as ordens, aceitáveis como verdadeiros quando estes correspondem aos usos sociais e estão corretamente ligados a normas lingüísticas (FERRATER MORA, 1981, p. 2153). Também sobre Mauthner, Ferrater Mora (1981, p. 2153) acrescenta que o filósofo alemão: “adopta un punto de vista nominalista – las palabras son signos que se usan para la comunicación - y convencionalista – lo que llamamos el ‘significado’ de un término se debe a una convención, la cual, obviamente, no es resultado de un acuerdo deliberado entre los miembros de una comunidad, sino del desarrollo de los usos en el trato social e inter-individual”.

2004a, p. 380); e em “La doctrina de los ciclos”, texto pertencente ao livro *Historia de la eternidad* (1936)<sup>146</sup>:

Escribió Nietzsche: No anhelar distantes venturas y favores y bendiciones, sino vivir de modo que queramos volver a vivir, y así por toda la eternidad. Mauthner objeta que atribuir la menor influencia moral, vale decir práctica, a la tesis del eterno retorno, es negar la tesis - pues equivale a imaginar que algo puede acontecer de otro modo. Nietzsche respondería que la formulación del regreso eterno y su dilatada influencia moral (vale decir práctica) y las cavilaciones de Mauthner y su refutación de las cavilaciones de Mauthner, son otros tantos necesarios momentos de la historia mundial, obra de las agitaciones atómicas. Con derecho podría repetir lo que ya dejó escrito: Basta que la doctrina de la repetición circular sea probable o posible. La imagen de un mera posibilidad nos puede estremecer y rehacer. ¡Cuánto no ha obrado la posibilidad de penas eternas! Y en otro lugar: En el instante en que se presenta esa idea, varían todos los colores - y hay otra historia. (BORGES, 2004a, p. 389-390)

Também no primeiro tomo das *Obras Completas* observamos, no Prólogo de *Artificios* (1944), uma referência aos autores mais lidos por Borges: “Schopenhauer, De Quincey, Stevenson, Mauthner, Shaw, Chesterton, Léon Bloy, forman el censo heterogéneo de los autores que continuamente releo” (BORGES, 2004a, p. 483); e em “Notas” de *Discusión*, quiçá, o texto com mais alusões ao filósofo alemão. Assim, dentro de “Notas” observamos três escritos que se referem a Fritz Mauthner. O primeiro é “Edward Kasner and James Newman: Mathematics and the Imagination (Simon and Schuster)”, em que o autor argentino diz:

Revisando la biblioteca, veo con admiración que las obras que más he releído y abrumado de notas manuscritas son el *Diccionario de filosofía* de Mauthner, la *Historia biográfica de la Filosofía* de Lewes, la *Historia de la guerra de 1914 - 118* de Liddell Hart, la *Vida de Samuel Johnson* de Boswell y la psicología de Gustav Spiller: *The Mind of Man*, 1902. (BORGES, 2004a, p. 276)

---

<sup>146</sup> Três anos após a referência a Mauthner em “La doctrina de los ciclos”, em 1939 aparece publicado no número 59 da revista *Sur* outro texto de Borges que alude ao pensador alemão, “La biblioteca total”. Este ensaio borgeano alude à idéia de Marco Túlio Cícero de colocar em um saco caracteres de ouro e as 21 letras do alfabeto para obter os Anais de Ênio: “Deussen y Mauthner hablan de una bolsa de letras y no dicen que éstas son de oro; no es imposible que el ilustre bibliógrafo haya donado el oro y haya retirado la bolsa. (BORGES, 1999, p. 25). Também na revista *Sur*, no número 209-210 de marzo-abril de 1952 podemos observar um ensaio que diz: “Yo pasaba los días leyendo a Mauthner o elaborando áridos y avaros poemas de la secta, de la equivocación ultraísta” (BORGES apud BÁEZ, 2001).

O segundo texto é “Gerald Heard: Pain, Sex and Time (Cassell)”. Neste escrito em que Borges critica as omissões nietzscheanas dos atributos anatômicos e psicológicos da espécie humana futura, do super-homem, podemos ler:

En el tercer volumen de su admirable *Wörterbuch der Philosophie*. Parece que los animales no tienen sino oscuros presentimientos de la sucesión temporal y de la duración. En cambio, el hombre, cuando es además un psicólogo de la nueva escuela, puede diferenciar en el tiempo dos impresiones que sólo estén separadas por 1/500 de segundo. (BORGES, 2004a, p. 278)

Por último, no terceiro texto, “Gilbert Waterhouse: A short History of German Literature”, Borges escreve:

La tradicional exclusión de Schopenhauer y de Fritz Mauthner me indigna, pero no me sorprende ya: el horror de la palabra *filosofía* impide que los críticos reconozcan, en el *Woerterbuch* de uno y en los *Parerga und Paralipomena* de otro, los más inagotables y agradables libros de ensayos de la literatura alemana. (BORGES, 2004a, p. 278)

No Tomo II das *Obras Completas*, encontramos novas referências ao pensador alemão. Assim em “El idioma analítico de John Wilkins” em *Otras inquisiciones* (1952) podemos observar:

Las palabras del idioma analítico de John Wilkins no son torpes símbolos arbitrarios; cada una de las letras que las integran es significativa, como lo fueron las de la Sagrada Escritura para los cabalistas. Mauthner observa que los niños podrían aprender ese idioma sin saber que es artificioso; después en el colegio, descubrirían que es también una clave universal y una enciclopedia secreta. (BORGES, 2004b, p. 85)

E em “Historia de los ecos de un nombre”<sup>147</sup> em *Otras inquisiciones* (1952):

---

<sup>147</sup> É interessante assinalar que neste texto observamos um fragmento que diz: “Antes de examinar estas misteriosas palabras, quizá no huelgue recordar que para el pensamiento mágico, o primitivo, los nombres no son símbolos arbitrarios sino parte vital de lo que definen” (BORGES, 2004b, p. 128), e que nos remete a uma nota de rodapé onde se faz uma referência ao *Crátilo* de Platão: “Uno de los diálogos platónicos, el *Crátilo*, discute y parece negar una conexión necesaria de las palabras y las cosas” (BORGES, 2004b, p. 128).



El salvaje oculta su nombre para que a este no lo sometan a operaciones mágicas, que podrían matar, enloquecer o esclavizar a su poseedor. En los conceptos de calumnia y de injuria perdura esta superstición, o su sombra; no toleramos que al sonido de nuestro nombre se vinculen ciertas palabras. Mauthner ha analizado y ha fustigado este hábito mental. (BORGES, 2004b, p. 128)

No Tomo III das *Obras Completas*, existe um escrito, “Ars Magna”, dentro do livro *Atlas* (1984), que refere: “Mauhtner observa que un diccionario de la rima es también una máquina de pensar” (BORGES, 2004c, p. 438). No mesmo sentido que o texto anterior, no tomo IV das *Obras Completas*, em “La máquina de pensar de Raimundo Lulio” do livro *Textos Cautivos* (1986), o escritor argentino afirma que: “Como instrumento de investigación filosófica, la máquina de pensar es absurda. No lo sería, en cambio, como instrumento literario y poético. (Agudamente anota Fritz Mauhtner - *Wörterbuch der Philosophie* - que un diccionario de la rima es una especie de máquina de pensar)” (BORGES, 2004d, p. 438).

Além da vasta enumeração de alusões a Fritz Maunher nos escritos borgeanos, a relação entre o autor argentino e o filósofo alemão pode ser lida em diversos críticos e estudiosos de Jorge Luis Borges. Existe unanimidade sobre o fato de que Borges, estando em Genebra, tinha como uma das leituras preferidas para melhorar seu alemão a do dicionário de filosofia de Fritz Mauthner<sup>148</sup>. Assim, Williamson (2006, p. 81) afirma que uma vez que o idioma alemão esteve firme, Borges começou a ler e re-ler Schopenhauer<sup>149</sup>, mas que uma das leituras preferidas do autor argentino era o dicionário de Mauthner que estava composto por uma coletânea de ensaios sobre diversos temas, tais como a alma, a mente ou a consciência. Por sua parte Pauls (2004, p. 79), explicando como Borges cultua o que é “menor”, o que é marginal, para mudar o eixo e a perspectiva e ter uma leitura diferenciada do “maior”, desvia-se do ortodoxo, da leitura dos “grandes”. Assim, Borges troca Leopoldo Lugones por Enrique Banchs, José Ingenieros por Macedonio Fernández, Hobbes e Locke por Berkeley e Wilkins, e assim os grandes sistemas enfraquecem minados pelos pensamentos laterais de filósofos como Fritz Mauthner. Também Barrenechea (2000, p. 86) opina que, sendo conhecida a preocupação do autor argentino sobre o fazer literário e sobre a metafísica, não é difícil

---

<sup>148</sup> Panesi (2000, p. 132) opina que o idioma alemão é a chave que permite a Borges entrar nas discussões sobre filosofia da linguagem, que tinham como epicentro a cidade de Viena, fato que, tempo depois, lhe daria vantagens sobre os escritores *criollos* ou hispânicos. Segundo Panesi, Borges consegue acompanhar estas discussões graças à leitura de um fervoroso discípulo de Schopenhauer, Fritz Mauthner.

<sup>149</sup> Diana Cavallaro (2006, p. 33) diz que se o escritor argentino tivesse que escolher só um filósofo, esse seria Schopenhauer. E a respeito Cavallaro transcreve as seguintes palavras de Borges: “Si el enigma del universo puede formularse en palabras creo que esas palabras están en su obra [de Schopenhauer]” (BORGES apud CAVALLARO, 2006, p. 33).

entender que, seguindo a Mauthner e o nominalismo inglês, Borges sintia um claro receio pela linguagem<sup>150</sup>. Também Barrenechea (2000, p. 87) entende que Borges sente como escritor que as experiências são inefáveis, pois não é possível traduzir com palavras comuns a todos o singular de cada indivíduo e de cada circunstância. Nesse ponto a autora cita as palavras de Borges quando opina que as línguas são simplificações de uma realidade que sempre as ultrapassa e que só podem ser justificadas por um fim prático (BORGES apud BERRENECHEA, 2000, p. 87).

Sobre a teoria de Mauthner, Echavarría<sup>151</sup> (2006, p. 92) afirma que o filósofo vê na linguagem um sistema arbitrário de símbolos que não tem nada parecido com a realidade, e que sua natureza metafórica leva, inevitavelmente, a falsificar essa realidade<sup>152</sup>. E acrescenta Echavarría (2006, p. 96) que, para Mauthner, a linguagem não possui realidade, nem existência objetiva além de quem a usa, ou seja: “El lenguaje no es [...] una herramienta, no es en absoluto objeto alguno, no es otra cosa que uso. El lenguaje es el uso del lenguaje” (MAUTHNER apud ECHAVARRÍA, 2006, p. 96).

Ver a realidade como algo que o homem falsifica é uma idéia que também pode ser observada na ficção borgeana. Basta apontar alguns fragmentos de “Acerca de Unamuno, poeta” em *Inquisiciones* para deduzir que, no entendimento de Borges, existe uma manipulação<sup>153</sup> do homem ao momento de designar a realidade:

---

<sup>150</sup> Barrenechea (2000, p. 86), observa que a desconfiança borgeana sobre a linguagem também aparece de forma humorística nos textos do autor argentino. Nesse sentido dá o exemplo de “El idioma de los argentinos” onde Borges equipara o idioma a uma criação diabólica: “Sabemos que no el desocupado jardinero Adán, sino el Diablo -esa pifiadora culebra, ese inventor de la equivocación y de la aventura, ese carozo del azar, ese eclipse de ángel- fue el que bautizó las cosas del mundo. Sabemos que el lenguaje es como la luna y tiene su hemisferio de sombra” (BORGES, 2002, p. 159)

<sup>151</sup> Para Echavarría (2006, p. 94-95), o ceticismo de Mauthner e a crença de que toda linguagem é metafórica o colocam dentro da linha especulativa de pensamento sobre a linguagem que floresce no século XIX e chega até a “atualidade”, sendo também o filósofo alemão, pela sua posição frente à crença na limitação dos sentidos do ser humano (os sentidos provêm uma imagem distorcida das coisas), um seguidor do empirismo.

<sup>152</sup> Ducrot (2005, p. 114) alerta, sobre as idéias dos “filósofos da linguagem”, que se definem dentro dos parâmetros da investigação analítica e que são seguidoras de Moore, Russell e Wittgenstein. Assim, estes pensadores (seria o caso de Mauthner) postulam que quase tudo escrito em matéria de filosofia é falso ou carente de sentido, pois nessa atividade existe uma utilização errada da linguagem cotidiana onde não se analisam os termos utilizados para apresentar os problemas filosóficos. Neste sentido, deveria ser estudado o significado de palavras como “bom”, “mau”, ou “dever”. Para Ducrot (2005, p. 114-115), alguns destes pensadores acreditam que o problema dos filósofos está em que a inconsistência da linguagem é levada sem crítica nenhuma para a pesquisa filosófica, ou seja, a linguagem ordinária é deficiente e os filósofos não notaram tal situação. Também existem outros pensadores, como os da Escola de Oxford, que não discutem especificamente a linguagem, mas a forma como o filósofo a utiliza. Estes filósofos situam o problema da filosofia tradicional no fato de ter dado às palavras funções para as quais não as destina a linguagem ordinária, por exemplo, dizer “isto é bom” como descrição de um objeto (DUCROT, 2005, p. 115-116).

<sup>153</sup> Neste mesmo sentido, em “Palabrerías para versos”, ensaio de *El tamaño de mi esperanza* (1926), podemos observar uma referência a essa manipulação humana no intuito de inventar termos para designar a realidade: “El lenguaje es un ordenamiento eficaz de esa enigmática abundancia del mundo. Dicho sea con otras palabras: Los sustantivos se los inventamos a la realidad” (BORGES, 1993, p. 46).

Mucho debe mentir un hombre para poder ser verídico y muchos son los embustes inútiles que han de escapársele antes de conseguir una palabra que informa la verdad. Eso por causas numerosas. Todo vocablo abstracto fue signo antaño de una cosa palpable, signo rehecho y levantado por una imagen paulatina. Añadid a esa bastardía las diferentes connotaciones que asumen en cada espíritu las palabras, la ineficacia en que las entorpece el abuso y el hecho de que muchas emociones o aspectos de emoción han sido en más de veinte siglos de ocupación literaria ya definitivamente fijados. (BORGES, 1994, p. 114)

Também em “Indagación de la palabra” podemos observar uma alusão direta às imprecisões da linguagem e à impossibilidade de fugir da mesma:

Como se ve, ni éste [Spinoza] con su metafísica geometrizada, ni aquél [Lulio] con su alfabeto traducible en palabras y éstas en oraciones, consiguió eludir el lenguaje. Ambos alimentaron de él sus sistemas. Sólo pueden soslayarlo los ángeles que conversan por especies inteligibles: es decir, por representaciones directas y sin misterio alguno verbal.  
¿Y nosotros, los nunca ángeles, los verbales, los que  
*en este bajo, relativo suelo*  
escribimos, los que sotopensamos que ascender a letras de molde es la máxima realidad de las experiencias? Que la resignación -virtud a que debemos resignarnos sea con nosotros. Ella sería nuestro destino: hacernos a la sintaxis, a su concatenación traicionera, a la imprecisión, a los talveces, a los demasiados énfasis, a los peros, al hemisferio de mentira y de sombra en nuestro decir. (BORGES, 2002, p. 25-26)

Já sobre as palavras, Mauthner vê o sentido das mesmas no passado compartilhado dos homens ao momento de usá-las. Neste comentário vemos a “socialização” da linguagem onde memórias particulares se tornam comunitárias e servem aos fins da comunicação, embora esta comunicação não seja eficaz ao momento de transmitir pensamentos e emoções: “Las palabras solamente tienen un sentido para aquel que ya posee su contenido de representaciones; y de la misma manera, la gramática de una lengua es comprensible por completo para aquel que no la necesita porque entiende la lengua” (MAUTHNER apud ECHAVARRÍA, 2006, p. 98).

Sobre estas afirmações de Mauthner, que vê uma espécie de eficiência da linguagem no uso compartilhado da mesma, podem ser traçados alguns paralelos com um fragmento do prólogo a “El infome de Brodie” onde podemos ler que: “Cada lenguaje es una tradición, cada palabra un símbolo compartido, es baladí lo que un innovador es capaz de alterar; recordemos

la obra espléndida pero no pocas veces ilegible de un Mallarmé o de un Joyce”. (BORGES, 2004b, p. 400). Também em “El Aleph” observamos esse traço comum da linguagem: “Todo lenguaje es un alfabeto de símbolos cuyo ejercicio presupone un pasado que los interlocutores comparten; ¿cómo transmitir a los otros el infinito Aleph, que mi temerosa memoria apenas abarca?” (BORGES, 2004a, p. 624).

Compartilhar ou evocar uma memória comum aludida pelas palavras, significa que as mesmas não podem dar nenhum tipo de segurança para os falantes, pois a ambigüidade dos termos e a subjetividade das pessoas fazem com que a linguagem seja uma mera ferramenta de evocação de sentimentos e estados de ânimo. Esta última particularidade da linguagem, na ótica de Mauthner, impediria que a mesma pudesse fazer algum tipo de afirmação sobre a realidade<sup>154</sup>, sendo então, como afirma o filósofo alemão “un hermoso medio artístico, pero una miserable herramienta del conocer” (MAUTHNER apud ECHAVARRÍA, 2006, p. 98).

Mauthner, segundo Camurati (2005, p. 71), também se posiciona sobre as possibilidades de criar um idioma universal<sup>155</sup> como os casos do esperanto (de Zamenhof) ou do volapük (de Scheleyer) e observa que tal tentativa carece de sentido devido à falta de atitude da linguagem para expressar ou conhecer<sup>156</sup> as infinitas formas da realidade. Esta idéia do filósofo alemão pode ser observada em vários fragmentos da obra borgeana que aludem às diferenças existentes entre a realidade (o pluridimensional) e a linguagem (o unidimensional). Assim, no epílogo de *Historia de La noche* (1977) Borges interroga sobre a impossibilidade

---

<sup>154</sup> Echavarria (2006, p. 101-102) salienta duas questões que unem Borges e Mauthner no que concerne à relação linguagem e realidade. A primeira é a coincidência sobre a idéia de ver a linguagem como um sistema arbitrário de símbolos que o homem usa para criar estruturas que ele acredita serem reflexo da realidade, mas que são tão falsas e arbitrárias como o sistema que as cria: a linguagem. A segunda é a idéia de que a linguagem só pode aludir ao que o homem sente e que só pode transmitir usando imagens associativas que compartilha com os outros homens. Diz Borges (1994, p. 127) em “Acerca de Unamuno, poeta”: “La realidad es como esa imagen nuestra que surge en todos los espejos, simulacro que por nosotros existe, que con nosotros viene, gesticula y se va, pero en cuya busca basta ir, para dar siempre con él”.

<sup>155</sup> Tanto Borges como Mauthner, segundo Camurati (2005, p. 66- 67), coincidem no fato de descreer ou duvidar de um idioma baseado numa classificação ou catálogo universal, pois é impossível catalogar a realidade, entre outras coisas, acrescenta a autora citando Mauthner, porque o criador não foi um “registrador”. A respeito, e sobre Borges, Sarlo (2007, p. 208) afirma que: “Las clasificaciones de Borges no organizan sus objetos; más bien los pulverizan, mostrando la imposibilidad de cualquier sistema. Por eso le gustaron siempre las máquinas lógicas y las lenguas artificiales que multiplican las divisiones hasta que el principio mismo que las divisiones quieren imponer, el de un orden captable de inmediato, se destruya por la proliferación de clases, subclases, géneros, subgéneros y especies. Las taxonomías que le gustan a Borges no ordenan nada porque son excesivas. Muestran la locura del orden, no su eficacia. La literatura tiene algo que decir frente a este desorden del orden: la perfección que Borges exige siempre de los argumentos (tanto en sus cuentos como en sus ensayos) introduce un orden estético que, probablemente, sea el único confiable”.

<sup>156</sup> Camurati (2005, p. 62) também alerta sobre o empirismo radical de Mauthner, pois este não só afirma que todo conhecimento começa com a experiência, como também que aquele tem suas raízes na experiência sensorial, ou seja, o intelecto não está separado da fala e o mesmo é idêntico à linguagem dos falantes. Segundo a crítica, estes pensamentos derivam em um empirismo que proclama que “no hay nada en el lenguaje que no haya estado previamente en los sentidos, y de que el lenguaje en sí puede ser entendido en sus propios términos”.

de representar o mundo através da linguagem: “Whitehead ha denunciado la falacia del diccionario perfecto: suponer que para cada cosa hay una palabra. Trabajamos a tientas. El universo es fluido y cambiante; el lenguaje, rígido” (BORGES, 2004c, p. 202).

Esta idéia de um universo que constantemente muda e que não pode ser atingido por uma linguagem que é linear e rígida também aparece em “El Idioma Analítico de John Wilkins”, quando o narrador do texto cita Chesterton e diz que: “El hombre sabe que hay en el alma tintes más desconcertantes, más innumerables y más anónimos que los colores de una selva otoñal...cree, sin embargo, que esos tintes, en todas sus fusiones y conversiones, son representables con precisión por un mecanismo arbitrario de gruñidos y de chillidos” (BORGES, 2004b, p. 86-87). Também em “El Aleph” esta idéia da linearidade da linguagem aparece claramente quando o narrador pronuncia: “Lo que vieron mis ojos fue simultáneo: lo que transcribiré sucesivo, porque el lenguaje lo es” (BORGES, 2004a, p. 25).

Assim a problemática da relação entre palavras e coisas, ou entre a linguagem e a realidade, está dissolvida em várias vertentes: a representação do universo, a linearidade da linguagem, as ordens *pluri* e unidimensionais, as imprecisões, incorreções e a natureza metafórica da língua, a utilização artística das possibilidades da língua. E é justamente esta última a que permite a construção de um universo ficcional, a que possibilita fazer literatura filosofando e filosofar fazendo literatura, porque como diz Borges (2004, p. 47) em “Magias parciales del Quijote”, “as invenções da filosofia não são menos fantásticas que as da arte”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente trabalho tentamos realizar um panorama das diversas formas como a reflexão sobre a linguagem aparece em grande parte da obra de Jorge Luis Borges. Para atingir tal objetivo, dividimos a produção escrita do autor argentino em três grandes períodos ou blocos metodológicos.

O primeiro destes períodos, denominado *textos iniciais*, abarca os anos 1918 a 1925 e em linhas gerais observamos a abordagem de uma pluralidade de temáticas vinculadas aos movimentos de vanguarda e poucas aproximações ao estudo da linguagem e ao tratamento da cidade de Buenos Aires como centro de sua escrita. Destacamos destes anos, em linhas gerais, que a ausência de referências específicas ao tratamento ficcional da problemática da análise da linguagem não significa que o jovem Borges não tenha uma posição sobre tal questão. Deste particular, assinalamos que a estadia do escritor argentino em Genebra e o contato com os pensamentos de filósofos como Fritz Mauthner e sua crítica da linguagem são determinantes para a formação de uma visão muito particular sobre o tema.

O segundo período, chamado de *primeira etapa de escrita borgeana*, abarca os anos 1925 a 1928 e se caracteriza pela produção de textos com traços regionalistas, por um lado, mas também pela escrita de textos cujo centro ou tema aborda principalmente as premissas de correntes de pensamento que refletem sobre a linguagem. Estes textos, que já se caracterizam pela profundidade da reflexão, são o patamar filosófico, como no caso de “La encrucijada de Berkeley”, são também lingüísticos, como no caso de “El idioma de los argentinos”, que determina a textualidade borgeana das décadas posteriores.

O terceiro período, indicado como *a segunda etapa de escrita borgeana*, refere-se à textualidade em prosa do escritor argentino, posterior a 1930. Em vários dos escritos desta etapa, “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, “El idioma analítico de John Wilkins”, “Pierre Menard, autor del Quijote”, “Funes, o memorioso”, se exhibe a maneira como Borges, através de seus narradores, concebe a linguagem de um ponto de vista universal, para todas as línguas, filosófico, com argumentos e sustentações de sua ficção na linguagem, e cético, descrendo na linguagem como representação da realidade.

Como primeira medida, nestas considerações finais, devemos assinalar o absoluto fracasso derivado do fato de dividir os textos borgeanos em três grandes blocos de estudo. Embora em alguns críticos como Link (2003), Franco (1998) e Bulacio (1998) seja sugerido,

na textualidade borgeana, um divisor de águas entre os textos da juventude e os textos do escritor maduro, neste trabalho não chegamos a tal conclusão. Quiçá tal separação possa ser observada em outras temáticas da ficção borgeana, mas no campo da análise da visão sobre a linguagem do escritor argentino essa divisão resulta impraticável.

As particularidades emergentes do estudo da visão sobre a linguagem em Borges se comunicam entre os períodos de forma tal que a tarefa de tentar uma classificação das visões borgeanas sobre a linguagem é tão dificultosa como a de John Wilkins ao querer classificar a realidade. O ceticismo borgeano, nascido nos anos passados em Genebra, parece marcar toda a escrita posterior, e as idéias que postulam uma visão crítica das possibilidades representativas da linguagem se disseminam nos ensaios e contos que versam sobre esta última independentemente do período em que são escritos.

Talvez possa ser realizada uma divisão em um aspecto que se vincula à linguagem em Borges. É na oralidade *criolla* trazida à literatura dos primeiros anos de escrita borgeana e na defesa da forma e do uso do idioma espanhol falado na Argentina, observando-se um declínio quase absoluto de tais questões na temática literária no segundo período de escrita em Borges. Temas que em um segundo momento de reflexão podem ser vistos com um caráter amplo, deixam de ser um rastro perdido e passam a ser pegadas evidentes. A defesa do *idioma argentino* é a defesa de todos os idiomas, e a defesa contra o preconceito lingüístico das nações dominadas pelo colonialismo que não suporta que seus súditos contaminem o idioma da pátria mãe.

A outra questão está na oralidade que Borges também defendeu como parte da língua argentina. Os escritos em que a fala se aproximava muito da escrita são evidentes na etapa 1925-1928. Em tal período, se comparado com a escrita posterior, devemos, sim, afirmar que mudanças podem ser notadas e então concordamos com separar o inseparável. Talvez com o passar do tempo tenham deixado de faltar letras ou sílabas nos textos de Borges, mas esse é um fato supérfluo em uma visão muito mais ampla sobre as possibilidades e funções da linguagem. Depois de tudo, o mesmo Borges (2004, p. 394) em “Um lector”, em *Elogio de la sombra* (1969), reconhece o fato de não ter-se dedicado a um estudo lingüístico aprofundado da língua, mas isso não diminui sua “paixão” pela linguagem:

No habré sido un filólogo,  
no habré inquirido las declinaciones, los modos, la laboriosa  
mutación de las letras,  
la *de* que se endurece en *te*,  
la equivalencia de la *ge* y de la *ka*,

pero a lo largo de mis años he profesado  
la pasión del lenguaje.

É sobre essa paixão do escritor argentino e sobre sua visão ficcional sobre o estudo da linguagem que os três capítulos deste trabalho repousam.

No primeiro capítulo, “Borges e seus textos inaugurais”, apontamos algumas questões vinculadas à passagem do autor argentino pela Europa e seu fugaz envolvimento com o “ultraísmo”, assim como a luta deste movimento de vanguarda espanhol contra as premissas do modernismo. O ultraísmo chega à Argentina com Borges e se instala como um meio de resistência ao domínio do campo literário de Leopoldo Lugones, sinônimo de modernismo na Buenos Aires das primeiras décadas de 1900. O ultraísmo de Borges é bem acolhido pelas novas gerações de poetas portenhos, mas as premissas deste movimento desaparecem rapidamente na textualidade de Borges, quem surpreende pela ausência deste tipo de texto em suas primeiras publicações poéticas.

Também, no primeiro capítulo, referimos os problemas que Buenos Aires sofre pela excessiva chegada de imigrantes, as efervescências nacionalistas e as primeiras revoltas sociais causadas por socialistas, comunistas e anarquistas vindos da Europa. Neste contexto, o imigrante é visto como uma ameaça para a cidade moderna que, além dos problemas citados, está submersa numa crise de identidade e procura responder à pergunta que interroga o Ser do argentino: que é ser argentino? Problemática que alguns, como Lugones, tentam responder através do gaúcho mítico que surge das páginas do *Martín Fierro*.

Todas estas questões não escapam à reflexão do autor argentino, quem não tardará em elaborar uma complexa rede de elementos onde são tratados o tema do *ser nacional*, do *criollismo*, da Buenos Aires moderna, da língua da cidade, e, sobretudo, do espaço periférico da grande metrópole em formação, o arrabalde. Desde o arrabalde, desde a margem da cidade, Borges dá, nestes primeiros anos, os primeiros passos para a criação de sua poética do arrabalde, da sua Buenos Aires mitológica e de seu *criollismo* de vanguarda. A linguagem, paralelamente a esta criação, está presente em alguns poucos textos como objeto de estudo, mas já está presente no escritor argentino o germe das profundas reflexões que virão nas próximas décadas.

No segundo capítulo, “A primeira fase da escrita de Jorge Luis Borges”, abordamos alguns temas vinculados aos estudos lingüísticos do autor argentino, às profundas reflexões sobre a linguagem na sua ficção e à concretização de seu *criollismo* universal. Este último pode observar-se em várias particularidades de caráter lingüístico da escrita do período e na



forma como o autor trabalha a universalidade, que se sustenta no seu amplo conhecimento de biblioteca familiar, desde a margem de um país, embora em crescimento acelerado, que intelectualmente continua sendo periférico da Europa. Assim, existe toda uma preocupação pela problemática da língua argentina nos textos borgeanos, preocupação que se origina com as mudanças do idioma espanhol falado na Argentina, influenciadas pelos novos dialetos trazidos pelos imigrantes e pelos freqüentes ataques dos puristas idiomáticos que vêm no espanhol da Espanha a língua modelo, que deve ser aceita sem modificação alguma. Claro que a defesa da variante idiomática argentina não é gratuita em Borges. Os extensos ensaios defensores da língua pátria trazem à tona a língua da margem, que poeticamente vem a se juntar com a preocupação da fragilidade do ser nacional. Se a fala da margem é argentina, a margem pode também ser a Argentina, e dessa margem sairá um modelo de argentino quase tão utópico como o apresentado por Lugones. Acreditamos que quando Borges cria uma mitologia com a Buenos Aires da margem, com o bairro, com as ruas de chão e com os compadres como modelo de valor e de argentinidade, está dizendo para Lugones, e para qualquer outro escritor que queira fazer de uma personagem literária a essência do ser argentino, que esse projeto é impraticável pela heterogeneidade de um povo que se constrói com inúmeras vertentes. Assim, Borges, num mesmo plano, dá lugar a sua Buenos Aires mítica, à cidade que não é arranha-céu nem néon, mas casas baixas e pátios de bairro. Uma Buenos Aires que tem sua língua, uma língua que aproxima oralidade e escrita nos textos borgeanos, que tem seus personagens, os quais escuta Borges na sua infância, nas conversas de seu pai com Evaristo Carriego, que se sustenta na origem *criolla* das famílias tradicionais nos tempos em que o imigrante não era um problema. Esta cidade, este espaço criado pela ficção borgeana, este lugar particular, próprio, regional e autóctone, se mistura com a biblioteca borgeana e dá lugar ao *criollismo* universal, onde num mesmo fragmento borgeano convivem, por exemplo em “Después de las imágenes”, Lugones, Milton e Rosseti.

E a universalidade do período não atinge só a crença de que a literatura argentina pode ser toda a literatura do ocidente. A universalidade borgeana vai até a linguagem e a analisa além do fenômeno lingüístico. A linguagem já não é a fala da margem de Buenos Aires nem um fenômeno atormentado pelos estrangeiros e julgado pela coroa espanhola. A linguagem, nesta primeira etapa de escrita borgeana, é objeto de análise profunda, de um olhar filosófico, de um posicionamento reflexivo que vai além da linguagem comunicação. Nestes anos, a problemática das possibilidades representativas da linguagem é tratada com uma ótica dupla que pode parecer contraditória, mas em Borges muita coisa é paradoxal. Nesta etapa, o ensaio

Borgeano aponta as possibilidades de organizar o mundo com linguagem e de experimentar as sensações mediante linguagem, mas essa linguagem sensível, como a define Bulacio (1998), convive com uma outra linguagem, que aos objetivos representativos é ineficaz e ambígua. E é neste último comentário que surgem com mais força as experiências recolhidas pelo jovem Borges na sua passagem por Genebra e na adoção das premissas de céticos da linguagem como Fritz Mauthner.

Neste sentido, a possibilidade de ser eficaz e de não sê-lo, concomitantemente, não impede a linguagem de um substrato lógico ao momento de ser pensada como objeto de reflexão nos textos do autor argentino. E isso se deve a que este aparente contra-senso pode ser explicado como resultante do entendimento de que, embora a linguagem não seja completa ao momento de comunicar ou de representar algo, ela é o meio mais eficiente que o ser humano possui para alcançar um entendimento ordenado.

Desta forma, a convivência de elementos, a priori, contrários, permite uma dupla interpretação lingüística nos textos de Borges deste primeiro período: a linguagem descreve e ordena o mundo, mas este procedimento é ilusório, aparente e incompleto ao momento de pensar a relação língua-realidade. Nos anos posteriores à década de 1920 os textos do autor argentino irão diferenciando claramente estes extremos e a segunda postura, a que vê a incapacidade de comunicar realidades da linguagem, conduzirá as noções borgeanas.

Como foi acima citado, no terceiro capítulo, “Os escritos borgeanos posteriores a 1930”, as noções sobre a linguagem do período anterior deixam de ser enfatizadas quando se trata de vê-la como um instrumento organizador do mundo, mas se intensificam quando a linguagem é submetida à crítica e se instala a polêmica sobre seu alcance representativo e sua insuficiência. É neste terceiro capítulo onde a reflexão sobre a linguagem mais aproxima a ficção borgeana da filosofia e da lingüística. O pensamento e as letras, nesta etapa de escrita, possuem uma união tão estreita que por momentos pode parecer que, lendo Borges, estamos frente a um filósofo ou um lingüista, idéias que devem ser evitadas, pois Borges, ante tudo, é um escritor que trabalha com as possibilidades de pensar diversas teorias filosóficas e lingüísticas a partir de uma dimensão literária. Neste sentido, o autor argentino, sem ser um teórico, oferece um caminho onde o leitor pode percorrer temáticas lingüísticas ou filosóficas e se questionar sobre as idéias dos grandes personagens da história do pensamento sobre a linguagem.

Neste terceiro capítulo, observamos o ceticismo borgeano sobre as possibilidades representativas da linguagem e como o autor argentino utiliza tal insuficiência para montar

sua ficção. Borges, através de suas personagens, nos coloca frente à arbitrariedade da linguagem e à impossibilidade da pessoa de utilizar uma série regrada de estruturas lingüísticas para alcançar uma “verdadeira” descrição dos objetos que conformam seu mundo.

Assim, essa convivência de noções de eficácia e de ineficácia da linguagem, na escrita borgeana da década de 1920, que conforma um paradoxo que coloca em jogo dois extremos, em princípio, inconciliáveis, na segunda etapa é colocada sob forte suspeita e tenta ser superada em favor de uma impossibilidade inevitável de relacionar linguagem e mundo.

A linguagem e o mundo, ou seja, a palavra e a coisa, é tratada especialmente no terceiro capítulo, através da análise dos diversos períodos históricos do pensamento filosófico e lingüístico sobre a linguagem. Neste sentido, postulam-se, principalmente, as idéias platônicas, aristotélicas e saussureanas sobre a vinculação existente entre a linguagem e a realidade desde a ótica do estudo dos elementos da relação semiótica. Nome, idéia e coisa em *Crátilo* de Platão; palavra, coisa e conceito em *De interpretatione* em Aristóteles e significado e significante (e referente) em “Curso de lingüística geral” de Saussure são comparados com textos borgeanos que tratam as possibilidades de apreender, classificar ou representar a realidade usando a linguagem. Assim, apresentam-se as problemáticas derivadas dos sistemas binários e ternários em “Examen de la obra de Herbert Quian”, reflexões surgidas da inverossímil classificação de “El idioma analítico de John Wilkins”, pensamentos sobre a criação de mundos ficcionais com linguagens em “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” ou a possibilidade de reprodução da realidade em “Funes el memorioso”.

Também afirmamos a improcedência de dividir a visão borgeana sobre a linguagem e, além disso, a possibilidade de ler uma teoria lingüística ou filosófica na ficção borgeana quando o tema de texto é refletir sobre a linguagem, sem que isto signifique que o escritor argentino seja filósofo ou lingüista. “Não sou filósofo nem metafísico, senão um explorador das possibilidades literárias da filosofia”, diria Borges em entrevista a Maria Esther Vázquez em 1977, “e as possibilidades da lingüística”, acrescentaríamos. E essa exploração que paradoxalmente utiliza a linguagem para criar uma prosa reflexiva e profunda é a que denota o ceticismo borgeano ao momento de pensar a relação entre a nossa linguagem e o universo, a que nos convida a representá-lo em palavras. A ordem do *uni* e do *pluridimensional* que Barthes propõe e que só na utopia e na ilusão literária tentam ser relacionadas.

Para Borges a realidade é incompreensível, impenetrável, indecifrável, enfim, não representável através do uso das palavras, e neste sentido tal crença borgeana torna a linguagem num meio ineficaz que só pode tentar dizer as coisas, mas termina sempre por

*parafrasear o universo*. E dentro desta última tentativa, a que carrega a ilusão de representar a realidade, a que brinca com a postura *cratiliana* e a que repousa na idéia de Barthes que sobre o escritor quer crer que os signos não são arbitrários é que os narradores borgeanos procuram trabalhar dentro da ficção para alcançar o inalcançável. O narrador de Funes conta como cada palavra é uma coisa na boca de Irineo, o de Wilkins refere que cada categoria pretende ser um fragmento de realidade, o de Tlön, o mais ousado, sugere que a linguagem cria um novo universo que será o substituto do nosso mundo. Assim, acreditando na representação fiel do que “existe” pela palavra, o narrador borgeano utiliza suas hipóteses lingüísticas, filosóficas ou metafísicas, para, no difícil âmbito de pensar a linguagem, fazer realidades dentro da ficção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA ARGENTINA DE LAS LETRAS. *Diccionario del habla de los argentinos*. 1. ed. Buenos Aires: Espasa, 2004.

ALAZRAKI, Jaime. *La prosa narrativa de Jorge Luis Borges*. 3ª Ed. ampliada. Madrid: Gredos, 1983.

ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos: De Sarmiento a la Vanguardia*. Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina, 1997.

ARRIGUCCI J, Davi. “Da fama e da infâmia (Borges no contexto literário latino-americano)”. In: *Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade* v. 45, n. 1-4, São Paulo, 1984.

ASSUNÇÃO, Ronaldo. *A problemática do idioma dos argentinos em Borges*. In *An. 2. Congr. Bras. Hispanistas* Oct. 2002. Disponível em <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300052&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300052&script=sci_arttext)>. Acesso em 09 - 05 - 2008.

BAÉZ, Fernando. *Mauthner en Borges*. In *Especulo: Revista de Estudios Literarios*, ISSN 1139-3637, Nº. 19, 2001-2002. Disponível em <[http://www.ucm.es/info/especulo/numero19/borg\\_mau.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero19/borg_mau.html)>. Acesso em 05 - 09 - 2008

BARRENECHEA, Ana María. *La expresión de la irrealidad en la obra de Borges*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 2000.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martis Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. São Paulo: Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. *Crítica y verdad*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

\_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. *El grado cero de la escritura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

\_\_\_\_\_. *El placer del texto y Lección inaugural de la Cátedra de Semiología Literaria del College de France*. 7 Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

\_\_\_\_\_. *Le degré zero de l'écriture suivi de nouveaux essais critiques*. Paris: Ed. du Seuil, 1972.

BENJAMIN, Walter. “A capacidade mimética”. AXELOS, Kostas, et.al. In: *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. *Conceptos de filosofía de la historia*. La Plata: Terramar, 2007.

BEUCHOT, Mauricio. *Historia de la filosofía del lenguaje*. México: FCE, 2005.

- BORGES, Jorge Luis. *Borges en Sur*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Borges oral*. Buenos Aires: Emecé, 1982.
- \_\_\_\_\_. *El idioma de los argentinos*. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.
- \_\_\_\_\_. ; CLEMENTE, José E. *El lenguaje de Buenos Aires*. Buenos Aires: Emece, 1963.
- \_\_\_\_\_. ; GUERRERO, Margarita. *El Libro de los seres imaginarios*. Buenos Aires: Emecé, 1996.
- \_\_\_\_\_. *El tamaño de mi esperanza*. Buenos Aires: Seix Barral, 1993
- \_\_\_\_\_. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Inquisiciones*. Barcelona: Seix Barral, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. I. Buenos Aires: Emecé, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. II. Buenos Aires: Emecé, 2004b.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. III. Buenos Aires: Emecé, 2004c.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. T. IV. Buenos Aires: Emecé, 2004d.
- \_\_\_\_\_. *Textos recobrados: 1919-1929*. Buenos Aires: Emecé editores, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Textos recobrados: 1931-1955*. Buenos Aires: Emecé editores, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *Textos recobrados: 1956-1986*. Buenos Aires: Emecé editores, 2007c.
- BOYSSON, Bardies B. *¿Qué es el lenguaje?* FCE: México, 2007.
- BULACIO, Cristina (Comp.). *De laberintos y otros Borges*. Buenos Aires: Victoria Ocampo, 2004.
- \_\_\_\_\_. ; GRIMA, Donato. *Dos miradas sobre Borges*. Buenos Aires: Arte Gaglione, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Los escándalos de la razón en Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Victoria Ocampo, 2003.
- CAMURATI, Mireya. *Los "raros" de Borges*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- CAVALLARO, Diana. *Jorge Luis Borges: el tejedor de sueños*. Buenos Aires: Aguilar, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. *Diccionario de análisis del discurso*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

CISNEROS ESTUPIÑAN, Mireya; SILVA VILLENA, Omer. *Aproximación a las perspectivas teóricas que explican el lenguaje*. Pereira: Universidad Tecnológica de Pereira, 2007.

COLOMBO, María Elena. *Lenguaje: Una introducción al estudio psicológico de las habilidades humanas para significar*. Buenos Aires: proyecto Editorial, 2005.

DIAMOND, A. S. *Historia y orígenes del lenguaje*. Alianza Editorial: Madrid, 1974.

DÍAZ BLANCA, Lourdes. "El signo lingüístico: de la tríada clásica al binarismo". Escritos, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje. Número 29, enero-junio de 2004, p. 51 - 66

DIEGO, José Luis de. *La verdad sospechosa: Ensayos sobre literatura argentina y teoría literaria*. Buenos Aires: Al Margen, 2006.

DUCROT, Oswald. TODOROV, Tzvetan. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ECHAVARRÍA, Arturo. *Lengua y literatura de Borges*. Madrid: Iberoamericana, 2006.

ESTUPIÑAN, Mireya Cisneros; VILLENA, Omer Silva. *Perspectivas teóricas que explican el lenguaje*. Pereira: universidad Tecnológica de Pereira, 2007.

FARÍAS, Victor. *La metafísica del arrabal: El tamaño de mi esperanza, un libro desconocido de Jorge Luis Borges*. Madri: Anaya & Mario Muchnik, 1992.

FERRATER MORA, José. *Diccionario de Filosofía*. Barcelona: Alianza, 1981.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de Filosofía abreviado*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

FERRERAS, Norberto O. *A formação da sociedade Argentina contemporânea: Sociedade e trabalho entre 1880 e 1920*. In HISTÓRIA, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/his/v25n1/a08v25n1.pdf>>. Aceso em 05 - 09 - 2007.

FERRO, Roberto. *El lector apócrifo*. Buenos Aires: La flor, 1998a.

\_\_\_\_\_. *La ficción: un caso de sonambulismo teórico*. Buenos Aires: Biblos, 1998b.

FOFFANI, Enrique; MANCINI, Adrián. "Más allá del regionalismo: las transformaciones del paisaje". In: JITRIK, Noé. *Historia crítica de la literatura argentina. La narración gana la partida*. Volumen II. Buenos Aires: Emecé, 2000, p. 261-291.

FRITZEN, Celdon. *Entre o céu e a terra. Tempo e linguagem na ficção de Borges*. Dissertação apresentada no Curso de Pós- Graduação em Letras da UFSC, Florianópolis, 1993. orientador: Prof. Dr. Raúl Antelo

GREINER-MAI, Herbert. *Diccionario Akal de literatura general y comparada*. Madrid: Akal, 2006.

GOLOBOFF, Mario. Leer Borges. Buenos Aires: Catálogos, 2006.

HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (Orgs.). *Wilhelm von Humboldt: Linguagem, Literatura, Bildung*. Ed. Bilíngüe. Florianópolis: UFSC, 2006.

LINK, Daniel. *Cómo se lee y otras intervenciones críticas*. Buenos Aires, grupo Editorial Norma, 2003.

LUDMER, Josefina. "Os tons e os códigos em Borges". In: \_\_\_\_\_, *O gênero gauchesco. Um tratado sobre a pátria*. Chapecó: Argos, 2002, p. 200-213.

MANZONI, Celina. *Vanguardistas en su tinta: Documentos de la vanguardia en América Latina*. Buenos Aires: Corregidor, 2007.

MARCHESE, Angelo; FORRADELAS, Joaquín. *Diccionario de retórica, crítica y terminología literaria*. Barcelona: Ariel, 2007.

MATEOS, Zulma. *La filosofía en la obra de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Biblos, 1998.

MAYER, Marcos. *Biografía de grandes creadores: Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Agea, 2006.

\_\_\_\_\_. "Borges por Borges: Relecturas". In: JITRIK, Noé. *Historia crítica de la literatura argentina. La irrupción de la crítica*. Volumen 10. Buenos Aires: Emecé, 1999, p. 83-99.

MICELI, Sérgio. "Jorge Luis Borges: história social de um escritor nato" *Novos estudos CEBRAP* no.77 São Paulo Mar. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em 09 - 05 - 2008.

MOLLOY, Sylvia. *Las letras de Borges y otros ensayos*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2000.

MONTALDO, Graciela (Comp.). *Yrigoyen entre Borges y Arlt (1916 - 1930)*. Buenos Aires: Paradiso, 2006.

MONTOLIN, Pedro. *Borges considera que la tertulia madrileña de Cansinos-Assens significó su "punto de partida"*. Madrid: El País, 09/06/1985. In: <[http://www.elpais.com/articulo/madrid/CANSINOS\\_ASENS/\\_RAFAEL/BORGES/\\_JORGE\\_LUIS/\\_ESCRITOR/Borges/considera/tertulia/madrilena/Cansinos-Assens/significo/punto/partida/el\\_pepuespmad/19850609elpmad\\_4/Tes](http://www.elpais.com/articulo/madrid/CANSINOS_ASENS/_RAFAEL/BORGES/_JORGE_LUIS/_ESCRITOR/Borges/considera/tertulia/madrilena/Cansinos-Assens/significo/punto/partida/el_pepuespmad/19850609elpmad_4/Tes)>. Acesso em 25 - 02 - 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O livro do filósofo*. São Paulo: Moraes Ed., 1987.

O'DONNELL, Mario. *Historias argentinas: De la conquista al proceso*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

OLEA FRANCO, Rafael. *El otro Borges, el primer Borges*. México-Buenos Aires: El Colegio de México-Fondo de Cultura Económica, 1993.

PANESI, Jorge. *Críticas*. Buenos Aires: Norma, 2000.



PASTORMERLO, Sergio. *Borges crítico*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

PAULS, Alan. *El factor Borges*. Buenos Aires: Anagrama, 2007.

PÉREZ, Alberto Julián. *Modernismo, vanguardias, posmodernidad: Ensayos de literatura hispanoamericana*. Buenos Aires: Corregidor, 1995.

\_\_\_\_\_. *Poética de la prosa de Jorge Luis Borges: Hacia una crítica bakhtiniana de la literatura*. Madrid: Gredos, 1986.

PIMENTEL PINTO, Julio. *Borges, una poética de la memoria*. In: ROWE, William; CANEPARO, Claudio; LOUIS, Annick (Comp.). *Jorges Luis Borges*. Intervenciones sobre pensamiento y literatura. Buenos Aires: Paidós, 2000, p. 155-165.

PLATÓN. *Crátilo*. Buenos Aires: Lozada, 2005.

PROTÁGORAS. GEORGAS. *Fragmentos y testimonios*. Barcelona: Aguilar, 1980.

RODRIGUEZ MONEGAL, Emír. *Mário De Andrade / Borges. Um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Perspectiva, 1978. Disponible en <[www.archivodeprensa.edu.uy/r\\_monegal/pdfs/Andrade% 20Borges.pdf](http://www.archivodeprensa.edu.uy/r_monegal/pdfs/Andrade%20Borges.pdf)>. Acceso en 09 - 05 - 2008.

RUFINNELI, Jorge. *Borges y el ultraísmo*. Un caso de estética y política. *Cuadernos Americanos*, UNAM, México, mayo-junio, 1988, año II, Vol. 3, Num. 9, p. 155-174.

SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

\_\_\_\_\_. *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

\_\_\_\_\_. *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. 1ª ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre literatura argentina*. 1ª ed. Buenos Aires: siglo veintiuno editores, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TRASK, R.; MAYBLIN, Bill. *Lingüística para todos*. Barcelona: Paidós, 2006.

VÁZQUEZ, María Esther. *Borges. Sus días y su tiempo*. Buenos Aires: Victoria Ocampo, 2007.

VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

WAHNÓN, Sultana. *Lenguaje y literatura*. Barcelona: Octaedro, 1995.

WILLIAMSON, Edwin. *Borges: una vida*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.